



149
149

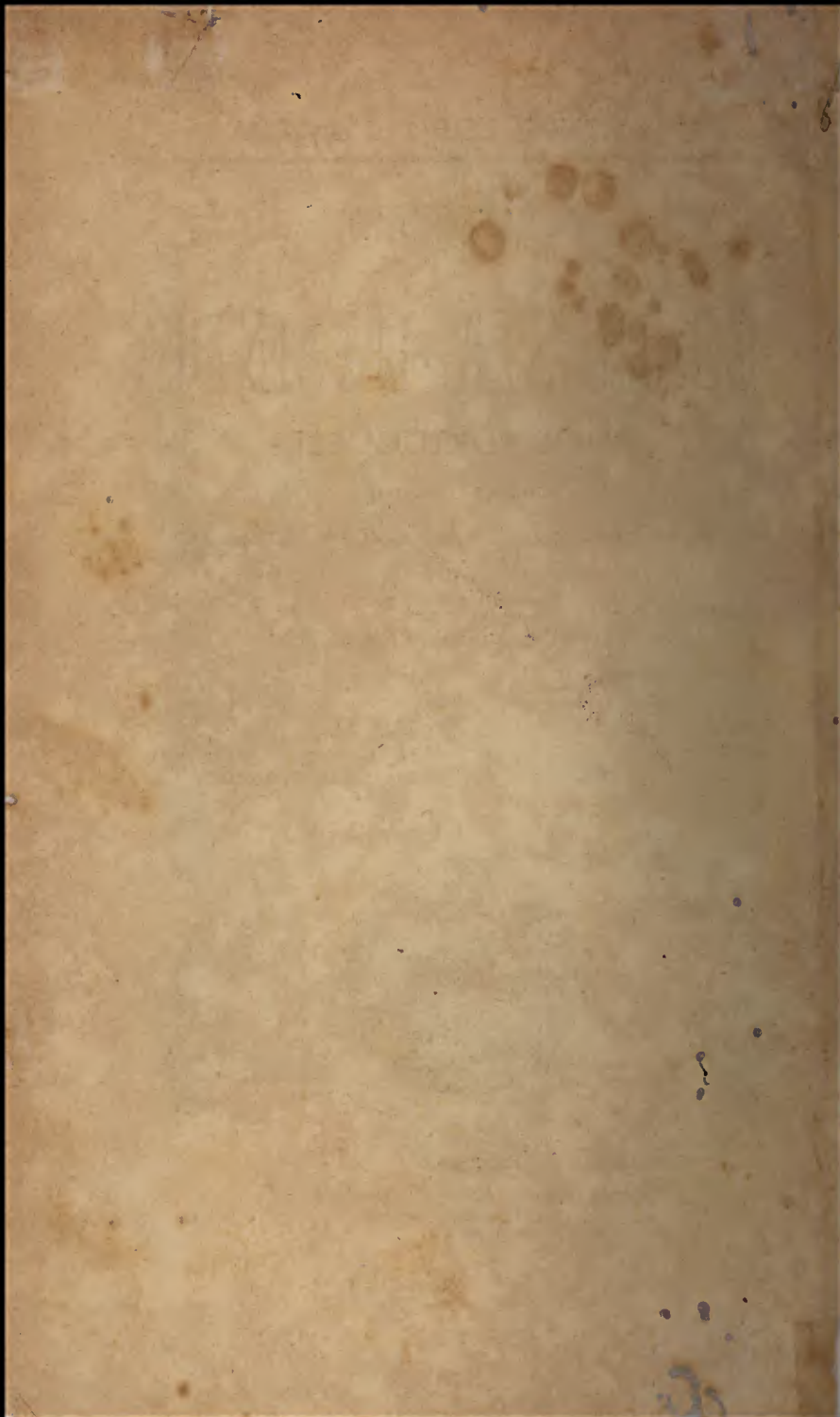


A Descoberta
e
Conquista da India
Pelos Portuguezes

1498

1898





12.0
ARTHUR LOBO D'AVILA

A DESCOBERTA
E
CONQUISTA DA INDIA
PELOS PORTUGUEZES

ROMANCE HISTORICO

Premiado no concurso litterario do «Diario de Noticias»

EDICAO ILLUSTRADA POR

E. CASANOVA, A. BRANDAO E PELO AUCTOR

Historista Ferraz
Bernardo

«Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria e fama
Como a sua, que o céu e a terra espanta.»

LUSIADAS—Canto V—XCIV.



LISECA

JOÃO ROMANO TORRES—EDITOR

Rua D. Pedro V, 84 a 83

1898

12.0

Typ. — Rua D. Pedro V, 84 a 88

809.8
A958a
V.L.P.
3560



SUMMARIO DOS CAPITULOS

I

A sucessão de D. João II

II

O embarque de Vasco da Gama

III

A bordo da não «S. Gabriel»

IV

A traição de Calecut

V

O regresso a Portugal

VI

O heroe na côrte de D. Manuel

VII

O coração de D. Vasco da Gama



VIII

O almirante do mar da India derrota a esquadra
do Samorim

IX

O voto do Cavalleiro de Christo

X

A conquista de Gôa

XI

A embaixatriz do Hidalção

XII

O Nayre em Lisboa

XIII

Morte d'Affonso d'Albuquerque

XIV

D. Vasco da Gama despede-se da India

XV

Da India ao Mosteiro dos Jeronymos



ADVERTENCIA

Escrevendo um romance historico para celebrar o descobrimento da India, julgámos dever abraçar o periodo que vae desde a morte de D. João II, e, prolongando-se pelo reinado de D. Manuel, termina no começo do reinado de D. João III. Assim pretendemos tornar conhecida a genése da descoberta da India, derivada das anteriores navegações portuguezas comprehendidas desde o tempo do glorioso infante D. Henrique, descoberta planejada por D. João II, e levada a effeito por D. Manuel, durante a governação do qual o nosso poder no Oriente tocou o seu zenith, começando a declinar nos ultimos tempos da gerencia do rei afortunado, substituindo-se ao Portugal navegante e conquistador, o Portugal estudioso, erudito e fanatico de D. João III.

Entretecemos o desenvolvimento do nosso romance na narrativa dos acontecimentos historicos, reproduzida dos chronistas do tempo, Damião de Goes, Gaspar Corrêa, Faria e Sousa e outros mais. Fizemos figurar os personagens historicos retratando-lhes os caracteres que ali vemos attribuir-lhes, e os que são filhos da nossa phantasia, o cavalleiro de Christo e D. Isabel, personificam o sentimento mais accentuado da epoca, *a fé*, manifestada nas duas paixões igualmente elevadas: o amor, e a dedicação á gloria da patria. Martinho, o centenario, esse não é filho da nossa imaginação; fomos buscal-o ao immortal poema de Camões, que no ancião do Restello personificou o espirito da classe então denominada *o terceiro estado*, o povo, adverso ás emprezas de além-



mar, que via ocasionarem pezados sacrificios de vidas e cabe-
daes, para que em grande parte contribuia, e produzir riquezas
loucamente gastas, que pouco ou nada lhe aproveitavam.

Resta-nos apenas explicar o nosso titulo :

A descoberta da India, realisada em grande parte pelo valor e
altissimos dotes de Vasco da Gama, foi um successo que deu a
Portugal a maior gloria, pela enorme influencia politica e econo-
mica que exerceu na situação da Europa d'esse tempo ; mas essa
gloria accentuou se, e cresceu ainda, com as nossas subsequentes
conquistas, com a criação d'esse verdadeiro imperio portuguez
no Oriente, que foi principalmente devida ao não menos illustre
Affonso d'Albuquerque.

Entendemos, pois, que era justo reunir no nosso titulo a ideia
d'esses dois factos, celebrando assim no conjuncto da gloria na-
cional os serviços de todos os que para ella concorreram, cha-
mando por isso ao nosso modesto trabalho :

«A descoberta e conquista da India pelos portuguezes.»



A DESCOBERTA E CONQUISTA DA INDIA

PELOS PORTUGUEZES

I

A sucessão de D. João II



MANUEL, o monarcha que o conceito popular havia de cognominar de *venturoso*, acabava de subir ao throno.

O principe D. Affonso, herdeiro de D. João II, morrera caindo d'um cavallo em Santarem, quando deante de seu pae corria á compita com D. João de Menezes. Então, o *principe perfeito*, afogando a sua dôr, tentou elevar a herdeiro do

throno D. Jorge, seu filho bastardô. Mas, por um lado, os manejos da rainha D. Leonor, sua esposa e prima, irmã de D. Manuel, as sympathias populares e da nobreza, preferindo um neto de D. Duarte a um *bastardo* do proprio monarcha, e por outro, as difficuldades da côrte de Roma na sua legitimação, obrigaram el-rei D. João II a redigir o celebre testamento, aberto no castello de Alvor por occasião da sua morte, em que legava ao primo a corôa de Portugal e confiava D. Jorge á sua protecção.

D. Manuel recolheu essa herança com a grandeza de animo que havia de fazer d'elle um grande rei, não impeccavel, como alguns chronistas pretendem, porque era homem, e como tal sujeito ás mil influencias da epoca de ambições moraes e materiaes que o reino atravessava, e que extraordinarios successos mais haviam ainda de desenvolver, mas que lhe dava a consciencia da grande missão que tinha a cumprir, e que, no momento de ser investido na realeza, como que se lhe accentuava em dois encargos principaes: tornar-se o pae do bastardo a quem não arrancára a corôa, é certo, mas cujo logar no throno em todo o caso occupava, e proseguir no emprehendimento das conquistas e navegações que, desde o reinado do grande mestre d'Aviz e devido á iniciativa de seu inclito filho, o infante D. Henrique, eram o fito dos reis portuguezes, e ainda pouco antes de fallecer faziam uma das grandes preoccupações de D. João II.

No momento em que principia esta narrativa, D. Manuel acabava de receber em Montemór-o-Novô as homenagens dos estados geraes que convocára, e os cumprimentos da côrte.

Em redor do paço, a multidão contente com a escolha do novo rei, que o clero, a nobreza e o povo *le-*



vantaram e juraram, segundo o dizer do tempo, lembra a feliz coincidência de elle ter nascido em dia do Corpo de Deus, resolvendo-se a crise do parto de D. Beatriz, esposa do infante D. Fernando, irmão de D. Affonso V, que durava havia tres dias, no momento em que passava a procissão, facto no qual as crenças religiosas do tempo tinham feito vêr milagre, deduzindo d'elle um feliz presagio.

Na morada régia, em volta do throno occupado pelo que ainda hontem era apenas o duque de Beja, está a nobreza, na maioria recém-chegada de Silves, em cuja sé foi depositar os restos mortaes do extincto monarcha, e na primeira fila os que D. João II, conjunctamente com aquelle, nomeou seus testamenteiros: Diogo Ortiz, bispo de Tanger, o dr. Fernão Rodrigues, deão da sé de Coimbra, frei João da Pova, seu confessor, D. Diogo d'Almeida, prior do Crato, D. Alvaro de Castro, vedor da fazenda, do seu conselho e seu camareiro, e finalmente o escrivão da fazenda, Pero d'Alçaçova.

A' sua frente acha-se D. Jorge, como elles vestido com o burel que representa o luto.

E' solemne o momento.

O prior do Crato, aio do infante, tomando-o pela mão, encaminha-se para os degrãos do throno e ambos ajoelham; mas el-rei ergue-se, e abraça-se com o régio orphão, com os soluços do qual confunde o seu choro.

Passados instantes, o prior do Crato, ajoelhado, com voz mal segura dirigiu-se a D. Manuel:

— Senhor! El-rei D. João II, vosso primo, que santa gloria haja, segundo me disse ao expirar, d'uma cousa ia muito contente d'este mundo, e de outra muito preocupado: contente, por saber quão bom rei e senhor em vós deixava a estes reinos; preocupado, pela



sorte d'este seu filho, que ante vós está como humilde vassalo. E por isso me mandou, que da sua parte vós dissesse, que, se julgaes dever-lhe alguma obrigação, pelos bens, honras e mercês, que vos fez em vida, esperava da vossa bondade e virtude que a reconheceis n'este orphão, que por seu mandó aqui vos trago, para ante vós da sua parte lhe recommendar, que em tudo vos guarde fé, lealdade e obediencia, como a seu rei e senhor que sois.



D. JOÃO II

D. Manuel, em extremo commovido, a custo pode responder entre lagrimas e soluços :

— Recebo a D. Jorge, como se meu filho fôra, e como tal o tenho e terei sempre, assim como cumprirei quanto el-rei D. João II, que santa gloria haja, me manda em seu testamento.

Um murmurio de approvação acolheu estas palavras do monarcha, e mais profundas, senão mais reveren-



tes e sinceras, fôram por tal motivo as cortezias com que a côrte começou a desfilhar ante o throno, beijando a mão a el-rei.

N'aquellas poucas palavras, D. Manuel, apesar da commoção que o dominava, revelára-se o fino politico á altura da situação, e o rei magnanimo, emprehendedor e dadivoso, que mais tarde se mostròu, como então convinha áquella pobreza, que só nos ultimos tempos do reinado do *principe perfeito* conseguira arran-



car-lhe larga copia de mercês, quando começou a sentir-se, por assim dizer, cansado da lucta que em Portugal, *segundo as passadas de Luiz XI*, sustentára para restringir os privilegios da nobreza, apoiando-se no *terceiro estado*.

D. Manuel, que não fôra propriamente o que se chama um pretendente militante á corôa, tendo-se conservado afastado e estranho ás instancias da rainha e dos seus partidarios a sua favor junto d'el-rei D. João II,

tambem não procedeu como os pretendentes que, em geral, esquecem as promessas feitas e os compromissos tomados, ou lhes demoram o cumprimento, quando se acham finalmente de posse da situação ambicionada.

Pelo contrario, mostrou-se desde logo rei trabalhador, attento aos negocios do estado, e exacto cumpridor da sua palavra. Assim o houvera sido em todo o decurso do seu reinado, ou não se visse compellido a faltar a tão bons principios, pela embriaguez da gloria e do poderio a que mais tarde ascendeu, que não haveria aqui e acolá, a empanar-lhe o brilho, essas manchas que representam injustiças e ingratições para com alguns dos seus mais illustres servidores, como o primeiro vice-rei da India, D. Francisco d'Almeida, e os heroes do Oriente, Duarte Pacheco e o grande Affonso d'Albuquerque.

Começou D. Manuel por dar moradia no paço a D. Jorge, que ali viveu até que el-rei casou, confirmando-o nas mercês de duque de Coimbra, senhor de Torres Vedras e de Montemór-o-Velho, investindo-o nos mestrados das ordens de S. Thiago e de Aviz, assim como confirmou as demais mercês concedidas pelo seu antecessor, mesmo aquellas que a cubiça e ambição irreverentes lhe tinham arrancado quando, já moribundo, quasi não via nem tinha alento para referendar os diplomas que lhe vinham trazer ao leito em que expirava.

Assim cumpridas estas obrigações para com a memoria do que lhe legára o reino, tratou D. Manuel de se inteirar dos planos de que, segundo era voz corrente, o *príncipe perfeito* secretamente se occupava, o sonho dourado das ambições portuguezas n'aquelle tempo,



as conquistas e descobertas na Africa e na Asia, e sobre todas, a d'esse paiz, que andava pintado nas imagi-
ções com as côres mais phantasticas e deslumbrantes :
a maravilhosa India !

Quando D. João II falleceu, o bispo de Tanger e o
prior do Crato, seus dedicados amigos, encerrando-
se n'uma sala junto da camara mortuaria, abriram um
pequeno cofre, cuja chave el-rei trazia sempre comsi-
go, e no qual, segundo constava, tinha guardado o res-
to do veneno com que se dizia ter mandado matar o
bispo de Evora, D. Garcia de Menezes, um dos com-
partes na conspiração do duque de Vizeu contra a vi-
da d'el-rei, e a quem este apunhalou em Setubal, man-
dando-o chamar ao palacio de Nuno da Cunha, onde
a côrte estava de passagem. Abrindo esse cofre, com o
fim de fazerem desaparecer tal recordação da nefasta
tragedia que maculára o reinado do *principe perfeito*,
volveram os olhos piedosamente agradecidos para o
céo, encontrando, em logar do veneno, um livro d'ora-
ções, um cilicio e umas disciplinas, as provas do arre-
pendimento pela morte violenta do parente conspira-
dor.

Um outro cofre, em que fôram encontrados papeis
do fallecido monarcha, foi entregue a D. Manuel, que,
transportando-se a Evora, e logo que poz em ordem
os negócios do coneco do seu reinado, os examinou
cuidadosamente, mandando a seguir chamar a Beja o
astrologo judeu Caçuto, ¹ a quem muito ouvia e con-
sultava nos estudos geographicos e astronomicos, para
que sempre tivera especial predilecção.

¹ Samuel Ben Zacuth, a quem por corrupção do nome chama-
vam. Caçuto.



Vamos assistir a essa primeira conferencia do novo monarcha com o sabio, seu antigo conselheiro. Mandado introduzir por D. Manuel na camara em que se achava, o hebreu encaminhou-se curvadó para el-rei, a quem beijou a mão.

— Sêde bemvindo mestre Caçuto!



D. MANUEL

— Dignou-se *vossa alteza* chamar-me; eis-me aqui prompto para o seu serviço...

Um sorriso deslizou dos labios de D. Manuel, comprehendendo a fina lisonja do israelita, que o tratava já por *alteza*, titulo pelo qual corria que el-rei ia trocar o de *senhoria*, com que até então os monarchas portuguezes se tinham contentado. E, como se quizesse retribuir largamente a cortezia, fazendo um signal ao pa-



gem que introduzira Caçuto, para que se retirasse, el-rei approximou-se da meza sobre a qual estava o cofre de D. João II, e batendo-lhe com a mão exclamou :

— Tenho aqui um thesouro, mestre Caçuto, e quanto ao uzo que d'elle hei de fazer, quero pedir-vos con-



VASCO DA GAMA

selho. E, sentando-se em uma cadeira de alto espaldar, indicou outra ao sabio, concluindo : assentae-vos !

— Como senhor ? na presença de vossa alteza !

Mas D. Manuel repetiu :

— Assentae-vos, assentae-vos, que, quando a sós se

acham o discipulo que pede conselho e o mestre que lh'o dá, é justo que este não esteja de pé. E como Caçuto se assentasse, conservando-se em respeitoso silencio, continuou :

— Segundo diz o povo, sois nigromante e feiticeiro; pois bem: adivinhae, se sois capaz, o que encerra este cofre !

O astuto judeu não deixou escapar o ensejo, que o acaso lhe deparava, para vibrar um golpe que ferisse profundamente o espirito do rei, susceptivel a credencias, como ainda os mais illustrados do tempo. Tão bem como D. Manuel, ou melhor ainda do que elle, sabia o astrologo que n'esse cofre estavam os papeis e apontamentos que D. João II guardava e colligia sobre o modo de tentar a descoberta da India. Sabia-o pelas confidencias de João Infante, o navegador estrangeiro que acompanhára Bartholomeu Dias na passagem do Cabo da Boa Esperança, e com quem el-rei fallecido muito conferenciava sobre novos emprehendimentos maritimos.

— Estará por acaso n'esse cofre, por mercê de Deus a vossa alteza, a boa estrella que ha de levar os portuguezes á India? -- interrogou o israelita.

E como D. Manuel se erguesse n'um movimento de assombro, não isento de desconfiança, recebeu Caçuto ter ido demasiado longe, e sagazmente accrescentou :

— Não sei que outro thesouro possa hoje existir para vossa alteza, cujas ambições de gloria ha tanto tempo conheço e admiro...

A lisonja, que assim afagava as aspirações do monarcha, chamando-lhe as idéas para o seu fito constante, levou-o a responder alegremente :

— Bem diz o povo, mestre Caçuto, que á noite, es-

tudando o discorrer das estrellas, aprendeis a adivinhar. Com effeito, n'este cofre estão todas as informações que el-rei D. João o II, que santa gloria haja, conseguiu obter do rei africano que, como sabeis, veio a Portugal e se fez christão, por mercê de Nosso Senhor, quando Diogo Cão e João Affonso d'Aveiro descobriram os reinos de Benim e do Congo, sobre esse famoso imperio do Prêste João das Indias...

— Sim, real senhor—obtemperou Caçuto, como tomando o fio das idéas de D. Manuel— desde ha tres seculos que na Europa consta, segundo se diz, de noticia trazida da Africa e da India, por um bispo que a Roma veio pedir auxilio a Eugenio III contra os infieis, existir lá para as bandas do Oriente esse imperio do Presbyter João, a que hoje chamamos, por corrupção de nome, Prêste João...

— Mas o que vós não sabeis, mestre Caçuto, é que n'este momento lá andam por esses longinquos paizes, enviados de el-rei D. João o II, que santa gloria haja, aos quaes deu carregamento de entregarem uma carta sua a esse principe com o qual desejava estabelecer amizade, para virem depois indicar o caminho que se deve seguir para chegar á India...

— Será possível?!—exclamou admirado o astrologo.

— Sim. Como vereis n'estes papeis, que ides levar para os estudar e me dar conselho, ha annos fez el-rei partir dois embaixadores para essa côrte do Oriente. Mas chegados a Jerusalem, não poderam proseguir no seu caminho, por não conhecerem a lingua dos arabes. Não desanimou el-rei, que santa gloria haja, enviando novamente com igual missão os seus dois moços de estribeira Gonçalo de Paiva e Pero da Covilhã, que bem conhecestes...

— Com effeito — respondeu o israelita, simulando desconhecer as secretas tentativas do *principe perfeito* — ha tempo bastante que se ausentaram da côrte, e correu voz, que el-rei os mandára a uma demorada viagem... Mas nada mais se soube...

— Por lá andam, e praza a Deus que possam cumprir as ordens que el-rei D. João o II lhes deu, para não regressarem a Portugal sem terem encontrado o caminho da India, e que lhes confirmou novamente quando vieram animal-o no seu proposito as informações do rei de Benim, tanto que lhes enviou cartas por dois hebreus mercadores, Rabbi Abrahão e José, que para o Cairo partiram, lembrando as muitas mercês que lhes faria se chegassem a trazer-lhe noticia segura de haverem encontrado o imperio do Prêste João.

— Deus fará a vossa alteza a mercê de elles regressarem, trazendo-lhe segura informação a tal respeito...

— Ah ! não me soffre o animo esperar pela sua volta... Já el-rei, que santa gloria haja, depois que Bartholomeu Dias e João Infante dobraram o Cabo das Tormentas, a que chamou da Boa Esperança, porque pelo mar esperava chegar á India, emquanto que aquelles seus mensageiros a procurariam por terra, para tentar tal descoberta, deu começo á construcção de tres náos que lá estão nos estaleiros do Tejo—Quero mandal-as acabar, e envia-las n'esta empreza, se o vosso conselho me disser o que devo fazer.

— Grande honra me faz assim vossa alteza...

— Maior será a mercê que vos farei, se com os vossos estudos me indicardes qual o caminho que devem seguir os nossos mareantes, para que seja coroada de feliz resultado esta empreza a que estou resolvido a consagrar toda a minha fazenda. Ide, e estudae madu-



ramente todas as noticias que el-rei D. João o II, que santa gloria haja, conseguiu obter de navegantes e mercadores estrangeiros vindos a Portugal, e pelo que a outros perguntou para Veneza, sobre o Oriente. Não vos apresseis. Ide, e que Deus Nosso Senhor vos inspire no conselho que voltareis a dar-me.

Beijou o israelita a mão que el-rei lhe estendia, e partiu levando para o seu retiro de Beja o cofre com os documentos do *prncipe perfeito*. Algum tempo depois voltava a Evora, a dar a D. Manuel o parecer que lhe pedira:

— Senhor!—disse o astrologo—com o muito cuidado que tomei no que vossa alteza tanto me encarregou, o que achei e tenho sabido, é que a provincia da India é muito longe d'esta nossa região, prolongada por vastos mares e terras, todas de gentes pretas; n'ellas ha grandes riquezas e mercadorias que correm por muitas partes do mundo, com muito perigo, primeiro que possam vir a esta nossa região. O que tenho bem estudado e por querer de Nosso Senhor concluindo que vossa alteza a descobrirá, e grande parte da India subjugará em muito breve tempo; porque Senhor! vosso planeta é grande sobre a divisa de vossa real pessoa, *a esphera*, em que se contem os céos e terra, que tudo Deus quererá trazer a vosso poder, e tudo acabará do que nunca concluiria el-rei, que santa gloria haja, ainda que todo o reino n'isso gastasse, porque esta missão a tinha Deus reservada para vossa alteza. E mais achei que a India descobrirão dois irmãos vossos naturaes, mas quem elles sejam eu não o alcanço. E pois que Deus assim o tem disposto. Elle os indicará. Pelo que tenho dito a vossa alteza toda a verdade, de que faço penhor a minha cabeça, sob o aprazimento de Nosso Senhor em cujo poder tudo está.



N'este pequeno discurso, que transcrevemos dos chronistas do tempo, o astrologo, o *estrolico*, como então lhe chamavam, traduzia o ponto mais adiantado dos conhecimentos geographicos d'então, e as idéas ao mesmo tempo mysticas, aventureiras e ambiciosas, que dominavam no espirito das primeiras classes da nação— Elle bem sabia que d'essa fórma o seu parecer seria grato a D. Manuel, que não precisava de ter lido nos apontamentos de D. João II a larga conta que os seus correspondentes de Veneza lhe davam da India e de suas grandes riquezas, dizendo-lhe que vinham a Alexandria ricas mercadorias e especiarias de que o turco auferia grandes lucros, e d'ahi corriam por trato de mercadores que as traziam a Veneza, que era o maior commercio que na republica se fazia, seguindo d'ali para todas as partes, como vinham nas galés venezianas para a Hespanha e Portugal, para se capacitar de que, como elles aconselhavam ao *principe perfeito*: «a descoberta da India era cousa para um grande principe emprender e n'isso aventurar todo o seu reino e poder, porque, querendo Nosso Senhor mostrar-lh'a e d'ella fazel-o senhor, seria exalçado em riqueza e poderio sobre todos os principes christãos e glorioso em tempos vindouros pela propagação da fé».

Bem sabia pois o astrologo israelita, que, no seu parecer, afagava as ambições do monarcha e as ideias da côrte. E' natural mesmo, que, entre os apontamentos de D. João II, encontrasse qualquer referencia á escolha de Vasco da Gama para dirigir o empreendimento, porque o *principe perfeito*, segundo escreve Garcia de Rezende na sua chronica, estudava inuito os homens do seu tempo, suas ideias e aptidões, tomando nota dos serviços e d'aquellas missões para que mais competen-



tes pareciam, e d'ahi a allusão semi-prophetica de Caçuto, de que a India seria descoberta *por dois irmãos*, os Gamas, introduzida na sua resposta a el-rei.

Muito animado ficou D. Manuel com a consulta do seu sabio mestre, e desde logo deu tal incremento aos preparativos da empreza a tentar, que deixou de ser um mysterio que el-rei ia mandar uma frota á descoberta da India e a breve trecho, o conselho regio era officialmente chamado, de surpresa, pela segunda vez, a sancionar com o seu voto, o que, aliás, estava já resolvido.

A sciencia, ou arte politica, ainda n'aquelle tempo não tinha inventado o grande principio das *maiorias*, que se diz ser hoje quem governa e dá a lei. N'esse tempo, ainda se avaliava em mais a qualidade dos votos do que o seu numero. No conselho de el-rei D. Manuel, a maioria dos votos, foi contraria a que se tentasse a descoberta da India, mas, segundo escreve Faria e Sousa ¹ as razões contrarias foram sustentadas por *menos vos pero mayores!*

A maioria, contraria ao projecto. representava no conselho de D. Manuel o sentir de grande parte da nação, da burguezia e do povo, que entendiam serem bastantes já as glorias e as conquistas obtidas na Africa a preço de muitas vidas e enormes despezas. Outro, porém, era o sentir da nobreza, que, cerceada, por D. João II em bastantes privilegios e origens de rendimentos, antevia na conquista da India largo campo para façanhas guerreiras, que seriam retribuidas pelo monarcha liberalmente, uma especie de emancipação para exercer o

¹ Faria e Souza - *Azia Portuguesa* v. 1.^a pag. 25.



governo em futuras capitánias, e os grandes thesouros orientaes como tributo de guerra que enriqueceria os vencedores.

D. Manuel ia, em grande parte, com estas ideias. Queria tentar a conquista da India, não só para augmentar a sua gloria, e para um dia accrescentar aos seus titulos os de *Senhor da navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India*, mas para economicamente tirar os resultados positivos d'essa navegação e d'es-



se commercio, como mostraremos no decorrer d'esta narrativa.

Portanto, poz no conselho o seu voto ao lado da minoria qualificada, e a descoberta da India foi, por assim dizer, oficialmente resolvida.

Desde logo se apressou a conclusão dos tres navios começados no tempo de D. João II, mandando elrei que se fizessem o mais fortes possivel, e, mal lançados ao mar, logo os marinheiros que tinham ido com

Bartholomeu Dias e João Infante na passagem do Cabo da Boa Esperança, foram empregados no seu apparelhar e artilhamento. E desde logo tambem se proveu ao seu carregamento, para que n'aquellas náos, que haviam de ir sulcar *mares nunca d'antes navegados*, embarcassem juntas a fé guerreira e conquistadora e a especulação mercantil.

Em cima, nas vélas, a cruz de Christo a desenhar-se vermelha sobre o alvamento das lonas; na coberta e no



PAULO DA GAMA

tombadilho, os *berços*, como então chamavam ás peças de artilheria; e em baixo, nos largos bojos dos navios, ao lado dos barris de polvora, os fardos de mercadorias e fazendas de toda a especie, que Gaspar Corrêa enumera minuciosamente nas suas *Lendas da India*: «as conservas, as aguas cheirosas, todas as cousas de botica para os doentes, e mestre e clérigo para os confessar, e muito dinheiro de ouro e prata, e pannos de ouro e seda, collares, cadeias e manilhas de prata

branca e dourada, bacias de mãos e gomis; e espadas, punhaes e traçados chãos e guarnecidos d'ouro e prata de feições, lanças, adagas, tudo guarnecido, para se poderem apresentar aos reis e senhores das terras a que aportassem... e de cada especiaria uma pouca»... E, segundo escreve ainda o mesmo chronista, ¹ mais ainda mandou el-rei comprar escravos que soubessem todas as linguas, que se podessem achar, e... *de todo o provimento que pareceu que cumpria se proveu com muita abastança dobradamente.*

Póde calcular-se qual o enthusiasmo que, nos antigos cavalleiros d'Africa e nos jovens guerreiros ambiciosos, despertaria uma empreza assim delineada, e que ambições convergiram para o seu commando superior.

Mas se, como é de suppôr, D. Manuel tinha já a sua escolha feita, em virtude das notas deixadas por D. João II, não o dizia, mostrando-se pelo contrario muito preocupado com tal assumpto, e pedindo a Deus que em tão melindrosa eleição o guiasse. E' o que dizem alguns dos chronistas do tempo, pretendendo que a escolha de Vasco da Gama, cavalleiro da casa d'el-rei e de nobre geração, homem prudente, valoroso e de bom conselho, foi o resultado d'uma subita inspiração do céu a D. Manuel, que fez que o futuro descobridor da India atravessasse a sala do paço d'Etremoz no momento em que el-rei celebrava conselho para assentar n'essa escolha.

Outros chronistas, como o conspicuo Damtão de Goes, pretendem que esse conselho se reunia para approvar a escolha já feita pelo monarcha.

¹ Gaspar Corrêa—*Lendas da India*, v. 1., parte I, pag. 11.

D'uma ou outra fórma, o que parece certo, é que n'essa occasião lhe foi commettida a capitania mór da armada que se aprestava, pois D. Manuel chamando-o, lhe disse:

—Folgaria que vos encarregasseis d'um serviço, em que tenho mister de vós, e que será trabalhoso.

Ao que Vasco da Gama, ajoelhando e beijando-lhe a mão, respondeu:

— Senhor! pago estou de todo e qualquer trabalho, pois que vossa alteza de mim se quer servir, o que farei enquanto me durar a vida.

Então el-rei levantou-se, e passando á sala em que iam servir o jantar, sentado já á mesa, lhe disse que desejava tomasse o commando da esquadra que em Lisboa se preparava, e partisse quanto antes; ao que o Gama respondeu que embarcaria quando lh'o ordenasse:

— Não tendes um irmão?

— Tenho tres, senhor! Um, moço ainda, outro que aprende para clérigo e outro mais velho, todos homens promptos para o serviço de vossa alteza.

— Chamae esse último para capitão de um dos navios, e vós escolhei das tres náos a que mais vos agrada, na qual arvorareis a minha bandeira.

N'um bello rasgo se revelou desde logo o grande character de Vasco da Gama, que, beijando novamente a mão a el-rei, disse:

— Senhor! não sou eu quem deve levar a bandeira, mas meu irmão Paulo da Gama, que é mais velho; elle a levará e eu irei debaixo do seu commando.

— Muito me agrada o que vos ouço, que é prova dos vossos sentimentos de obediencia, pelo que Deus vos abençoará, esperando eu bom serviço de quem assim é virtuoso... A vós escolhi, em vós confio, e a vós dou



o commando. Ordenae pois tudo como quizerdes, e escolhei capitão para o terceiro navio.

Mas no rosto de Vasco da Gama pairava certa tristeza; percebeu-a D. Manuel, que pareceu interrogalo com olhar prescrutador.

— Senbor! — disse então Vasco da Gama — meu irmão tem um processo pendente, por causa d'um ferimento que fez ao juiz de Setubal, e sem o vosso perdão não poderá embarcar...

— Por amor de vós lhe perdão, e pelo serviço que d'elle e de vós espero. Escrevei-lhe para que dê satisfação ao offendido, e para que logo parta sem detença. Entretanto providenciae em tudo que cumprir ao aprestamento dos navios, e escolhei os marcantes que mais vos agradarem e tudo disponde, porque tenho fé, que, com o favor de Deus, vós descobrireis a navegação da India. Peço ao Senhor que assim o haja por bem e para seu santo serviço, e a elle vos encommendae, que vosso trabalho por mim será bem galardoado.

Estava escolhido o futuro descobridor da India.





II

A partida de Vasco da Gama



AIOR finalmente o dia designado para largar do Tejo a armada que ia descobrir a India, sabbado 8 de julho de 1497, dia de Nossa Senhora.

O povo de Lisboa corria pelos campos que separavam a cidade do logar do Restello, em que ficava a capella da invocação de Santa Maria de Belem, mandada construir pelo infante D. Henrique, para n'ella os mareantes, que partiam para as descobertas maritimas, se prepararem como bons christãos, na hypothese da morte, facil de encontrar em tão arriscadas empresas, confessando-se e tomando os sacramentos.

Era por todos sabido, que d'essa capella sairiam em procissão os frades da ordem dos Jeronymos, a acompanhar Vasco da Gama e as guarnições dos navios da sua armada, e que el-rei D. Manuel viria ao Restello dizer-lhe o ultimo adeus, não se dando por satisfeito

com a despedida official que lhe fizera em Evora, entregando-lhe o estandarte com a cruz de Christo, destinado á não *S. Gabriel*, no acto de lhe serem apresentados por elle os capitães das duas outras náos, *S. Raphael*, e *S. Miguel*, Paulo da Gama e Nicoláo Coelho.

Estas náos, e a barca que as seguiria carregada com mantimentos, a cargo de Gonçalo Nunes, serviçal da casa de Vasco da Gama, balançavam-se no rio, não muito distante da praia.

N'ellas estavam apenas os homens indispensaveis para as guardar. Todo o resto das guarnições, que no seu total não excediam cento e sessenta homens, entre soldados e marinheiros, achava-se na capella do Restello, onde os capitães haviam passado a noite, velando ajoelhados deante do altar da Virgem.

Chegaram em luzida cavalgada el-rei e a côrte, para ali entrarem em pequenas embarcações que acompanhariam a armada até á barra.

Terminada a cerimonia religiosa, começaram a sair processionalmente da capella os monges, de cruz alçada, entoando canticos religiosos. Seguiam-se-lhes as guarnições dos navios com os seus chefes subalternos, e logo o que hoje chamariamos o seu estado maior: os capitães já mencionados, e no meio d'elles o capitão-mór; depois os pilotos, Pero d'Alemquer, que com Bartholomeu Dias passára o Cabo da Boa Esperança, João de Coimbra e Pedro Escobar. Vinham em seguida os escrivães dos navios, Diogo Dias, irmão d'aquelle navegador, Alvaro de Braga e João de Sá. Caminhavam após os linguas, e ao mesmo tempo pilotos, Fernando Martins de Lisboa e Martim Affonso, e por ultimo o confessor frei Pedro Cobilones, religioso da ordem da Santissima Trindade.



Seguiam depois el-rei e a côrte, e, fechando o prestito, mais frades dos Jeronymos.

Quando chegaram á beira-mar, aquelles que iam partir e tinham uma graduação, vieram beijar a mão de el-rei, e no fim de todos, os capitães das náos, sendo o ultimo Vasco da Gama, a quem el-rei ergueu, de ajoelhado que estava, e abraçou.

N'esse momento solemne, em que a commoção era geral, ergueu-se na multidão um murmurio de respeitosa admiração pelo nobre character do chefe da armada, vendo n'uma ascensão lenta a tremular ao vento e a destacar-se nitidamente do azul esplendido do céu, o estandarte com a grande cruz de Christo vermelha, que o monarcha entregára em Evora ao capitão-mór, até topetar na gavea do mastro grande da náos do commando de seu irmão, Paulo da Gama.

— Tendes um grande coração! Vasco da Gama! — disse-lhe D. Manuel. — Deus vos fará a mercê de serdes o descobridor da India...

Antes porém que o futuro heroe tivesse tempo de responder, uma nota extraordinariamente discordante quebrou o respeitoso silencio que se seguira ás palavras do rei:

— Oh! gloria de mandar! Oh! vã cubiça d'essa vaidade a que chamamos fama! não abriga decerto em seu coração Vasco da Gama. Grande coração tem na verdade! que bem mal arriscado vae n'esta empreza, que tantas mortes, perigos e tormentas, farão experimentar ao reino!

Todos se voltaram, e com espanto viram que taes palavras tinham sido proferidas por um ancião de veneravel aspecto, com longas barbas a alvejarem-lhe sobre o peito, e que apertava ainda entre as suas as mãos



d'um joven soldado de quem acabava de se despedir, abraçando-o repetidas vezes. Conseguiu elle desprender-se d'aquella carinhosa cadeia, que parecia querer impedil-o de deixar a patria, e vindo junto de Vasco da Gama, disse para el-rei:

— Perdoae, Senhor! áquelle veterano d'Africa, que agora falou mais como pae do que como soldado portuguez.

Vasco da Gama fixou esse joven soldado que já conhecia como dos mãos diligentes nos ultimos apréstos da armada, e, aproveitando o ensejo para partir, disse-lhe:

— Embarcae no meu batel, Ruy da Cunha, e vamos para as náos, se vós, senhor! — concluiu para el-rei — daes licença que partâmos...

D. Manuel respondeu-lhe com uma inclinação de cabeça affirmativa, emquanto insistentemente seguia com a vista o ancião que de tal modo falára, e a quem uma joven parecia arrastar em direcção á ermida do Restello, como para o furtar a mais dolorosas despedidas.

Vasco da Gama estava já de pé dentro da embarcação que o ia conduzir á náó *S. Gabriel*, na qual se viam distinctamente os marinheiros prompts a soltarem as vélas logo que o capitão-mór chegasse, esperando só a ordem para partir, que D. Manuel lhe dirigiu com um ultimo adeus, já tambem embarcado no batel real, dizendo-lhe:

— Ide com Deus e Nossa Senhora, que seu dia é hoje!

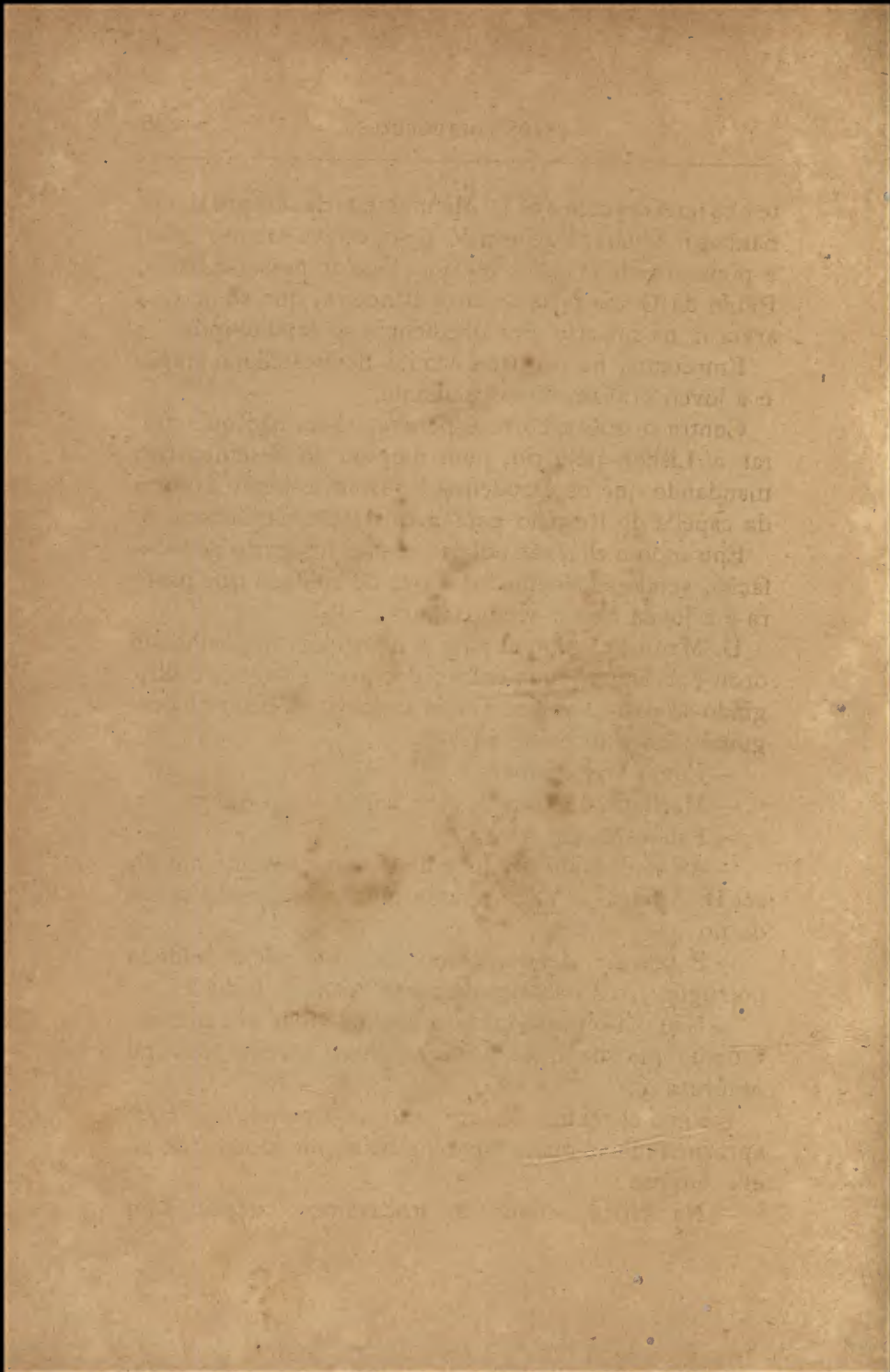
Poucos momentos depois, a mastreação das náos cobria-se de panno, e aspezadas naves, libertas da amarração, singravam direitas á barra com as vélas cheias. No rio, o batel real, seguido por outros em que ia a côr-





— Oh! gloria de mandar! Oh! vã cubiça d'essa vaidade
a que chamamos fama! (Pag. 31)





te e os musicos com que D. Manuel se fazia sempre acompanhar nos seus passeios pelo Tejo, estava sob os remos, e puderam ainda todos vêr que, logo ao passar a barra, Paulo da Gama fazia arriar a bandeira, que só deixára arvorar na sua não por obediencia ao capitão-mór.

Entretanto, na pequena ermida do Restello, o ancião e a joven oravam fervorosamente.

Contra o que a côrte esperava, el-rei não quiz voltar a Lisboa pelo rio, nem montou ao desembarcar, mandando que os escudeiros o fossem esperar á porta da capella do Restello para a qual se encaminhou.

Entrando n'ella, não poude occultar um gesto de satisfação, vendo ali ajoelhados o pae do soldado que partira e a joven que o acompanhava.

D. Manuel caminhou para o altar-mór, e ajoelhando orou por alguns momentos; depois ergueu-se, e dirigindo-se para o velho, que ia tambem a retirar-se perguntou-lhe com modo affavel:

— Como vos chamaes?

— Martinho da Cunha, para servir vossa alteza.

— Estivestes em Africa?

— Ás tomadas d'Arzilla e de Tanger assisti, com el-rei D. Affonso o V, que santa gloria haja, vosso grande tio...

— E porque, sendo, como sois, um velho soldado portuguez, vos não agrada a conquista da India?

— Não vol-o posso explicar senhor! mas um presentimento, me diz que não será ditoso o reino com tal empreza...

E como el-rei fizesse um gesto de espanto, o ancião, aproximando-se mais, disse-lhe baixo, de modo que só elle ouvisse:

— Na Africa, senhor! só trocavamos lançadas com



os mouros;... á India, vamos agora trocar fazendas... Não receei as conquistas de que só se pensava trazer bandeiras e trophéos,... receio esta de que se ambiciona trazer ouro em pó! Não tenho receio pela vida de meu filho, temo apenas que se lhe perca a alma e o coração, fazendo-se soldado soffrego de saques e despojos...

D. Manuel nada respondeu, ficando por momentos pensativo, emquantô pelo espirito lhe passava a ideia de que aquellas palavras do velho pareciam um echo dos votos que, no seu conselho, haviam sido contrarios á descoberta da India. Mas de subito, acudiram-lhe tambem á memoria as prophcias lisongeiras de Caçuto, e a sua fé ardente, fazendo o volver os olhos para o altar da Virgem, deu-lhe uma feliz inspiração.

—Deus que nos ouve permittirá que o vosso coração se engane em seus tristes vaticínios. Vós! Martinho da Cunha! vereis regressar Vasco da Gama coberto de gloria por ter descoberto a India, e vosso filho, como seu fiel e honrado companheiro, d'ella partilhará. Assim será para gloria minha e do reino, e assim o peço á Santa Virgem—concluiu el-rei caindo de joelhos e estendendo as mãos supplicantes para o altar—a quem faço voto de aqui erguer, em logar d'esta pobre capella, um grandioso mosteiro!





III

A bordo da não S. Gabriel



FORAM facéis os primeiros dias de navegação da armada. O caminho até ás ilhas de Cabo Verde, já bastante conhecido dos marítimos portuguezes, foi percorrido sem difficuldade; mas, d'ali para diante, até ao Cabo da Boa Esperança, começavam as incertezas, porque, menos frequentado, as notas das sondagens, os apontamentos dos ventos e correntes encontrados, e o numero de horas de sol, constituíam todos os elementos colligidos pelos companheiros de Bartholomeu Dias, e os unicos a que se podiam soccorrer. E do Cabo para diante, era então o desconhecido; era o descobridor entregando-se á Providencia e ao destino, confiando na sua boa estrella, que o levaria ao paiz ansiosamente procurado, como a que aos reis magos conduziu junto ao berço do Redemptor no humilde presépio de Bethlem.

Como áquelles reis magos, a fé, sobretudo, guiava Vasco da Gama; e bem cedo, na primeira crise que se lhe deparou, deu evidente prova d'isso, revelando ao mesmo tempo as suas grandes qualidades de chefe.

Nos primeiros dias da viagem, em que a derrota foi facil e o tempo bonançoso, a bordo da não S. Gabriel reinava a alegria, e os navios approximavam-se uns dos outros para trocarem fallas com o porta-voz.

A bonança dava folga aos marinheiros, na maioria companheiros de Bartholomeu Dias, para contarem aos soldados as suas passadas excursões maritimas.

Então Vasco da Gama, que, nos momentos de tranquillidade de espirito, era por indole fagueiro e communicativo, percorria satisfeito esses grupos, e dirigia a palavra aos marinheiros e soldados, sempre com o fito de lhês sustentar o animo. Elle bem antevia que nem tudo seriam rosas, e dias de relativo ocio, no caminho que tivesse por premio a descoberta da India.

Ruy da Cunha era dos inferiores com quem o capitão-mór mais tratava. Interrogára-o sobre a scena da praia do Restello, e ficára tendo pelo joven soldado ainda maior sympathia, quando soubera que ia á India com a nobre aspiração de pelos serviços prestados á patria conseguir as esporas de cavalleiro, e poder casar com a donzella que vimos na ermida de Belem, sua prima e pupila de seu pae, que a educára desde a morte d'um irmão fallecido nas guerras d'África.

Passado Cabo Verde, os navios correram para o mar, d'onde era o vento, por saberem os nautas que muito pelo mar entrava a costa, e encontrando-a, tornaram-se na volta do mar, e, como escreve Gaspar Corrêa: *indo pela bolina quanto podiam, correram muitos dias, e parecendo-lhes que já podiam dobrar, tornaram na*

*volta de terra, assi pela bolina contra o vento até tornarem haver vista na costa muito mais avante do que chegaram as cavavellas, que os mestres conheceram pelas sondas que tinham escriptas na viagem de Joan Infante e os dias que achavam de menos sol pelos relogios»*¹.

Mas então começaram os trabalhos e os perigos!

O mar tornou-se temeroso; dia e noite o vento soprava rijo, a temperatura era baixa, e quasi não havia seis horas de sol no dia. Durante um mez, soffrendo esta continua tormenta, fôram os navios forçados a correr contra o vento, até que fizeram volta á terra, pensando terem passado o Cabo; mas quando a aperceberam novamente, o desanimo entrou no coração dos pilotos, que pelas sondas reconheceram haverem passado muito ávante, o que desanimados vieram participar a Vasco da Gama:

— Não quiz Nosso Senhor que fossemos dobrados além da terra, que esta atravessa o mar e não tem cabo.

— Engañaes-vos — lhes respondeu o capitão-mór — que estudára as informações do astrologo Caçuto, — affirmo-vos que o cabo é aqui muito perto, e com outra volta que tornemos ao mar o dobraremos. E vendo a sua indecisão, concluiu em tom de commando:

— Voltemos pois ao mar. Ordenae a manobra e não exagereis os trabalhos, que para nos mettermos n'elles aqui estamos!

Mas Vasco da Gama bem percebia que a força moral das tripulações estava bastante quebrantada. Homens nimiamente crentes, em tudo viam manifestações da

¹ *Lendas da Índia*, por Gaspar Corrêa, tom. 1.º pag. 16.



vontade Divina. Se fazia bonança, era a Providencia que lhes dizia que caminhassem ávante; se as difficuldades e perigos sobrevinham, acreditavam logo que ella os estava convidando a renunciarem a empreza.

Por isso, o capitão-mór não tinha repouso nem socego. As noites, passava-as como os dias, sem dormir, no seu posto de commando, incutindo sempre animo na sua gente, vigiando as manobras que, segundo lhe parecia, mandava aos mestres que ordenassem com os seus apitos.

E assim se metteram ainda uma vez ao mar, cada dia mais temeroso com as cerrações, o vendaval desfeito e a escuridão assustadora do firmamento.

Adamastor recebia o audaz invasor dos seus domínios com a mais horrênda catadura.

O temor dos perigos e a faina incessante, fizeram cair doente uma grande parte das tripulações. Então, os que anteviam proxima a hora extrema, erguiam brados clamorosos pedindo misericordia, e maior era ainda o abatimento nos outros navios, porque da não S. Gabriel chegaram a ouvir-se os desesperados clamores e as supplicas aos chefes para que voltassem ao reino, abandonando a empreza tentada. Mas estes lhes respondiam que só o haviam de fazer quando o ordenasse o capitão-mór.

Vasco da Gama, ora, persuasivo e moderado, procurava incutir-lhes animo, ora, em arrebatamentos de colera, os continha em respeito, quando os via prêtes a tentarem algum acto de indisciplina.

Havia dois mezes que navegavam sob aquelle temporal desfeito, tendo já muitas vezes supplicado ao capitão-mór que voltasse á terra, quando uma noite Ruy da Cunha approximando-se de Vasco da Gama lhe disse:



— Senhor! a não faz cada vez mais agua, e os pilotos e mestres dizem que a sua perda é certa, se não voltarmos á terra para a reparar!

— Tambem vós? Ruy da Cunha!—interrompeu arrebataadamente o Gama—me aconselhaes a que volte á terra, e torne a Portugal deshonrado?

— Não por Deus! — exclamou com ardor o joven sol-



NÁO S. GABRIEL

— Nunca até hoje, capitão-mór! me ouvistes um lamento ou receio. Mas senhor! — continuou em tom respeitoso e como caíndo em si—lembrae-vos, não das vidas dos que ahí pedem misericórdia ao céo, mas de que partimos de Portugal para descobrir a India, e não para nos afundarmos no mar!

Vasco da Gama ficou um instante pensativo; depois, como quem cedia máo grado seu, ordenou-lhe:

— Ide chamar os mestres e pilotos !

Estes vieram logo, seguidos a certa distancia pela marinhagem, entre a qual correu a voz de que se ia voltar á terra. — Então, o capitão-mór que se achava encostado á amurada, dirigiu-lhes a palavra :

— Com o favor de Deus vamos fazer outra volta ! Mas—continuou, estendendo para elles a mão direita intimativamente—tomae tento em irdes bem de ló quanto poderdes, que por Deus tambem vos juro ! que se agora não dobræes o cabo, voltarei ao mar novamente e tantas vezes, quantas fôrem precisas até que o dobremos !

A manobra começou, e d'ahi a pouco era imitada pelos outros navios que seguiam o pharol da náó S. Gabriel.

D'ahi a dias, as tripulações ajoelhadas entoavam em côro a Salvé Rainha, dando graças por terem passado finalmente o Cabo, o que conheciam por estarem á vista de alterosos picos de terra, que pareciam tocar as nuvens, paizes desconhecidos para os quaes Vasco da Gama mandava navegar.

Desembarcaram ali os capitães com alguma gente escolhida, entre a qual ia Ruy da Cunha, e depois de jantarem em terra, por ordem do capitão-mór partiu em um pequeno barco, rio acima, Nicolau Coelho, á descoberta, voltando, depois de ter feito quatro leguas da barra para o interior, a dizer que não encontrara gente.

No dia immediato repetiram a exploração, e depois de navegarem mais de vinte leguas para o interior, sem descobrirem habitantes, regressaram ás náos que saíram a barra encaminhando-se outra vez para o mar.

Correndo depois ao longo da costa, com muito cuidado, e sempre sondando, entraram em varios rios não



encontrando nunca habitantes na suas margens. Assim navegando, como acalmasse o vento, até cair de todo e cambiar para outro quadrante, temendo que outro se levantasse de travessia, se fizeram na volta do mar em novembro, até perderem a terra de vista.

Sobrevieram, porém, novamente as tempestades, e, depois de reunido conselho em que foi resolvido buscar a terra para se abrigarem, em vão procuraram fazel o, por o tempo ser cada vez peor e temerem approximar-se de costas desconhecidas, não tendo a certeza de encontrarem porto em que fundeassem.

Voltou de novo o desanimo ás tripulações com o crescer das continuas tempestades, chegando o mestre e o piloto a pedirem a Vasco da Gama que arribasse, e correndo a costa buscasse abrigo no rio em que primeiro tinham entrado. Mas elle lhes respondeu energicamente :

— Não faleis em tal, que ao sair a barra de Lisboa, fiz voto a Deus de não tornar atraz um só palmo de caminho! E não m'ó torneis a repetir, que lançarei pela borda fóra quem ousar ainda pedil-o!

O tempo cresceu então cada vez mais.

Novamente as náos começaram a fazer agua, o que juntava ao trabalho das manobras a incessante faina de dar á bomba para as exgotar. Os lamentos e as préces erguiam-se constantemente para o céo, emquanto os capitães das outras náos eram assaltados com identico pedido para que arribassem. A tempestade chegou ao seu auge. Os trovões ribombavam incutindo o panico nos mais animosos; as vagas eram de tal altura que faziam com que os navios se perdessem de vista; a escuridão do horisonte, assustadora! O maior cuidado dos capitães, estava em manobrem de fórma que se



não afastassem uns dos outros, conforme as indicações recebidas de Vasco da Gama.

Tornou-se tão imminente o perigo, que o instinto da conservação prevaleceu em uma parte da tripulação da náó S. Gabriel, sobre o respeito e temor sustentados pela disciplina de ferro que Vasco da Gama mantinha a bordo: tramou-se uma sublevação, mas d'ella teve conhecimento Ruy da Cunha, que immediatamente veio prevenir o capitão-mór:

— Senhor! Os mestres e pilotos, feitos com a marinhagem, projectam prender-vos por traição e aos que vos são mais dedicados, para depois arribarem e voltarem a Portugal, indo lançar-se aos pés d'el-rei que contam lhes perdoará!

Vasco da Gama ia romper n'um gesto irado, quando, por entre o sibilar do vento, se ouviu o porta-voz de Nicolau Coelho falando para o capitão-mór:

— Arribae, senhor! arribae, que assim m'ó pedem estes desgraçados; arribae, antes que desesperados nos matem ou prendam para depois o poderem fazer.

Conhecia bem Vasco da Gama a coragem de Nicolau Coelho, para perceber que taes palavras não eram uma supplica, mas apenas um meio astucioso de lhe participar que a sua tripulação pretendia levantar-se contra elle, para arribar.

— O mesmo querem fazer os da náó «S. Gabriel» — disse baixo para Ruy da Cunha — e depois, empunhando o porta-voz, bradou para Nicolau Coelho:

— Socegae-os, que haverei conselho com os mestres e pilotos d'este navio, e se resolver arribar vós farei signal.

Ordenou então que se reunissem para tal fim, logo que o tempo abonançasse alguma cousa, e lhes permitisse



abandonarem por um momento a manobra. — Tendo dado esta ordem, que a tripulação conheceu com grande contentamento, voltou-se para Ruy da Cunha :

— Ide esperar-me na minha camara.

Como se o tempo escutasse os rogos das afflictas tripulações, pouco depois começou a abançar.

Vasco da Gama, que alguns momentos tinha estado encerrado com Ruy, convocou então os mestres e pilotos, e a marinhagem, anciosa pela arribada que bem sabia elles iam aconselhar, não notou que o joven soldado dissimuladamente transmittia aos da militança as ordens que o capitão-mór lhe dera.

Entretanto, Vasco da Gama dizia aos que convocára :

— Não sou tão valente que não tema como vós a morte, nem coração tenho tão duro, que me não commovam vossos lamentos, esquecendo que a Deus tenho que dar conta das vossas almas! Trabalhae, pois, para nos salvarmos, que, se o tempo ainda carregar, vos prometto que arribarei... Mas para minha desculpa ante el-rei, cumpre que assigneis um auto das razões porque arribaremos.

Alegres e satisfeitos, todos se mostraram promptos a fazel-o, ao que Vasco da Gama observou que bastava que fossem passando pela camara, onde já estava o escrivão, aquelles que entendiam da navegação.

Então, á medida que entravam na camara, pelos fieis ao capitão-mór eram agarrados e postos a ferros. No momento em que todos os conspiradores acabavam de ser presos, Vasco da Gama encaminhou-se para a coberta, ordenando que todos o seguissem. Chegado ali perguntou :

— Ruy da Cunha ? Onde está Ruy da Cunha ?

— Eis-me aqui senhor ! venho de cumprir as vossas ordens, como vêdes— respondeu o joven soldado, mostrando-lhe um braço de confuso de papeis e objectos diversos: as notas e cadernos de sondagens, e todos os rudimentares e grosseiros instrumentos de que os mestres e pilotos se serviam para determinarem a navegação.

O futuro descobridor da India deu alguns passos, e, tomando quanto Ruy da Cunha lhe apresentava, caminhou para a amurada, e tudo lançou ao mar ! Depois, voltando-se para os conspiradores aterrados, e para a tripulação, disse-lhes com voz segura :

— Gentes ! olhae que não tendes mestre, nem piloto, nem quem vos ensine o caminho de hoje em diante, pois estes presos irão debaixo da coberta até voltarem a Portugal, se antes não morrerem. Só Deus é mestre e piloto ! que nos ha de encaminhar e salvar, por sua misericordia se o merecermos, e senão, que seja feita a sua vontade. A Elle vos encommenda, e a mim ninguém de hoje em diante me diga que arribe, porque sei certo, que se não achar noticia do que venho buscar, a Portugal não tornarei !

O acto de arrojo do capitão-mór e as palavras energicas e decididas que o acompanharam, simultaneamente aterraram e infundiram confiança nos desanimados conspiradores, pois agora estava n'aquelle homem resolute posta toda a esperança de tornarem a vêr a patria.

N'um movimento geral, caíram todos de joelhos, e arrastando os peizados ferros que os prendiam abraçaram-se-lhe ás pernas, pedindo-lhe perdão, e explicando que se tinham ousado pensar em o prender, era para d'essa fórma provarem a el-rei quanto elle tinha sido contrario á arribada.



Accedendo aos rogos dos que lhe eram fieis, em vez de os mandar para a coberta, permittiu que ficassem presos nos seus camarotés, com expressa determinação aos pilotos de não intervirem no rumo a seguir, consentindo apenas em os empregar nas manobras. Em seguida Vasco da Gama mandou arribar ás outras náos, e quando esteve á falla bradou para os capitães :

— Em ferros tenho meus mestres e pilotos, e em ferros os levarei ao reino, e para que não cuidem que hei mister do seu saber, todos os papeis e petrechos da arte de navegar deitei ao mar, pois só em Deus confio para me levar ao meu destino ; e pois que já tenho os meus seguros, fazei aos vossos o que vos parecer.

Exultaram Paulo da Gama e Nicolau Celho, vendo como o procedimento do capitão-mór se impunha ás suas tripulações, que, mostrando-se arrependidas dos seus projectos, prometteram solemnemente acompanhar a náo de Vasco da Gama, por maiores que fossem os perigos a arrostar.





IV

A traição de Calecut



ão tardou a Providência como que a galardoar a cega confiança com que Vasco da Gama se lhe entregava.

As tempestades foram abrandando, tornando-se a navegação menos árdua, e permettindo ás tripulações, sem tamanha fadiga, o trabalho das bombas para exgotarem os navios, que faziam muita agua, anciando o capitão-mór por encontrar terra em que os podesse reparar.

No começo de novembro, com grande alegria, descobriram emfim novas costas, de que se approximaram, encontrando primeiro uma bahia, a que deram o nome de Santa Helena.

Aqui, pediu um dos companheiros de Vasco da Gama, chamado Fernão Velloso, de espirito alegre e curioso, para ir a terra e reconhecer os naturaes. Assim fez, e, internando-se, dois dias esteve no meio d'elles,

sendo muito bem acolhido e tratado. Ao voltar para bordo, acompanhado por muitos negros, que vinham armados, um singular engano fez com que se travasse um conflicto. Velloso adiantou-se, correndo, para mais depressa chegar á praia, e de bordo dos navios, vendo-o em carreira, seguido por indigenas armados, supozeram que fugia perseguido, e logo o capitão-mór, mandando desembarcar gente armada, se dispôz a de-



PADRÃO ERGUIDO NA VIAGEM DA DESCOBERTA

fendel-o. Os naturaes, recebidos, a tiro de bésta, defenderam-se tambem, e n'esta briga, como se a honra de verter o primeiro sangue lhe estivesse reservada, foi Vasco da Gama accommettido pelos negros e ferido em uma perna, e mais grave se teria tornado o perigo se Ruy da Cunha, á frente de outros companheiros, não puzesse em fuga os negros, ficando tambem ferido.

— Olhae, Ruy da Cunha — lhe dizia o capitão-mór



d'ali a dias, no momento de novamente se fazer de vé-la—que é preciso ser mais prudente. . . Arriscastes por mim a vida, e grato vos estou; mas que contas daria de vós a vosso pae e á vossa noiva, se tivésseis morrido para me defender?

— Bem estava, porque morria como bom soldado, defendendo o seu capitão. A culpa foi minha, que com a maldita pressa dei logar á rixa — observou Fernão Velloso; e concluiu: — a mim, capitão-mór, deveis recommendar mais prudencia, e para o futuro a haverei.

Pouco depois, em um domingo, dia de Santa Catharina, chegaram á aguada de S. Braz, e ali estiveram alguns dias, queimando n'essa occasião o navio em que iam os mantimentos, por já não ser necessario ¹, não se demorando mais para evitar novas rixas com os indigenas, e partindo em 8 dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, chegavam dias depois á vista das ilhas da Cruz, onde Bartholomeu Dias puzera o seu ultimo padrão. D'ahi seguiu a armada até ao rio dos Infantes, descoberto por João Infante, e bordejando sempre á vista da costa, e vendo que ella era muito povoada, mandou o capitão-mór dar fundo em um rio em que entraram, chamado rio do Cobre, no qual fez aguada, communicando com os naturaes que se mostraram muito affaveis, trazendo-lhes mantimentos, fructas e aves a troco de varias fazendas que Vasco da Gama lhes mandou dar, entretendo-se a pedir-lhes noticias da terra e das costas seguintes, servindo para isso de interprete Martim Affonso, que conhecia diversos dialectos africanos.

¹ *Chronica d'el-rei D. Manuel*—por Damião de Goes—vol. 1.º, pag. 73.



Muito animado ficou Vasco da Gama com as informações que esses indígenas lhe deram, e das quaes concluiu que ia no verdadeiro caminho da India.

D'ali partiu em 15 de janeiro, e dez dias depois chegava á foz de um grande rio, cujas margens se cobriam de opulenta vegetação, e em cujas aguas navegavam pequenos barcos de novo formato, as almadias orientaes, conduzindo indígenas da mesma feição dos encontrados no rio do Cobre, mas trajando pannos e sedas como os que a Lisboa vinham, trazidos pelos negociantes arabes e turcos, e conhecidos como productos indianos. Eram signaes evidentes de que a India estava proxima, com o que muito exultaram os navegadores.

N'este rio, a que Vasco da Gama poz o nome de rio da Misericordia, se demorou a armada bastante tempo, procedendo a concertos nas náos *S. Gabriel* e *S. Raphael*, queimando a *S. Miguel*¹ em que ia Nicolau Coelho, não só por se achar extremamente arruinada, mas porque, para o numero dos tripulantes, muito dizimados pela morte, bastavam agora aquellas duas. Aproveitou habilmente o capitão-mór esta pequena estação, não só para estabelecer relações e commercio com os naturaes, fazendo-lhes dádivas de mercadorias e presentes d'armas, contarias e outros artigos que muito apreciavam, e em especial os cascaveis, mas para incutir novo animo no espirito das tripulações, com a perspectiva da proxima descoberta da India, e das honras e mercês que, por tal feito, a todos esperavam em Portugal.

N'estas boas disposições, sendo 24 de fevereiro, se

¹ *Lendas da India*, por Gaspar Corrêa, vol. 1.º pag. 29.

preparou a armada a voltar ao mar e proseguir sua derrota. Antes de levantar ferro, mandou Vasco da Gama desembarcar toda a gente disponível, e solememente ergueram na entrada do rio um dos padrões que levavam a bordo, e no qual se lia :

Do senhorio de Portugal, reino dos christãos.

Emquanto alguns artifices trabalhavam na collocação do monumento, a gente da manobra e de guerra, de joelhos, respondia ás préces dos frades confesores da armada, dando graças a Deus por até ali os ter conduzido, e pedindo-lhe para os levar á India e tornar a Portugal a salvamento. Os canticos erguiam-se rythmados com o desdobrar das ondas pelo areal, e com o bater, cadenciado dos piques e alviões a perfurarem a rocha em que se ergueria o padrão.

Quando o trabalho concluiu e as rezas emmudeceram, Ruy da Cunha, que parecia ser o espirito bom collocado pela Providencia ao lado de Vasco da Gama, percebendo que elle ia fallar ás gentes, approximou-se e disse-lhe baixo :

— Senhor! porque não aproveitaes tão feliz momento mandado por Deus, para perdoardes aos que estão em ferros ?

— Boas idéas tendes sempre, Ruy da Cunha! Essa tinha eu tambem em meu coração !

Voltando-se então para as tripulações, a cuja frente se achavam os capitães, e depois os mestres e pilotos algemados, lhes disse :

— Tudo o que é passado vos perdão, para que tenhaes esperança em Nosso Senhor a quem aprouve livrar-nos de tantos perigos, e nos levará á India que



já está proxima. Só para que el-rei conheça os muitos perigos e trabalhos que passastes, e castigos que soffrestes, os ferros, que agora vos tiro, vos porei quando á sua presença vos levar, e assim maiores serão as honras e mercês que vos fará!

— Amen! Amen!—responderam os tripulantes, n'um côro estrepitoso.—Assim o queira Deus por sua grande misericordia!

Momentos depois as duas náos, a que a armada se achava reduzida, levantavam ferro, e desfraldando as vélas aproavam ao mar, seguindo depois o caminho que em breve as levaria a Moçambique.

Com os navios concertados, excellente tempo e feliz navegação, mais augmentou a alegria em que iam as tripulações o facto de encontrarem uma véla que vinha do mar para a terra, o que lhes demonstrou estarem proximas de paizes de navegantes.

Logo Vasco da Gama mandou arribar e chegar á falla com essa embarcação, o que não conseguiram por se ter afastado, receiosa das desconhecidas náos.

Ordenou então o capitão-mór que se approximassem da costa o mais perto possivel, e seguindo-a, em breve descobriram uma ponta e uma grande enseada em que estava fundeado um zambuco, embarcação indigena. D'ahi a pouco era trazido a bordo da não S. Gabriel, ante Vasco da Gama, um mouro, que não conseguira fugir, como os demais do zambuco, em uma almadia que lançaram ao mar ao approximar-se o batel partido das náos. Trajava o mouro uma camisa de seda branca e um panno sobraçado, de côres vistosas; na cabeça uma especie de carapuça de côres differentes, bordada a ouro, e argolas nas orelhas.

Foi o indigena presenteado e bem tratado, mostran-



do-se affavel, apesar de vêr aprisionado o zambuco que os seus companheiros tinham abandonado, dando a Vasco da Gama todas as informações que lhe pediu por intermedio dos linguas, indicando-lhe o caminho que devia seguir, e que o levaria a Cambaya, onde lhe dizia que havia grande trato e negocio. E depois, na navegação, deu provas da sua lealdade, com o aviso passe afastarem dos baixos de Sofala, nos quaes teriam batido se não fôra tal prevenção.

Alargando-se um pouco para o mar, novamente encontraram uma embarcação indigena, com a qual o mouro falou, e vindo os seus tripulantes a bordo, e sendo banqueteados, prometteram que seguindo as náos o seu zambuco chegariam a Cambaya sem perigo dos muitos baixos, que tornavam arriscada a navegação d'aquellas paragens para navios de alto bordo.

Assim navegando de conserva com o zambuco, a que Vasco da Gama fez dar um pharol que seguiam durante a noite, ao fim de vinte dias de navegação, pelos fins de março de 1498, chegaram a Moçambique. O xéque de Moçambique, então subdito do rei de Quiloa, depois de ter enviado os presentes de fructas e outros productos do paiz ao capitão-mór, pelo mouro que fizera desembarcar, não acreditando, como este lhe affirmára, que as gentes chegadas fossem christãos, quiz vê-las, e no dia immediato veio a bordo em uma especie de jangada construida sobre duas almadias, na qual, descansando em coxins forrados de seda, se assentava.

Foi o xéque bem recebido, mas informando-se de que os portuguezes iam para negociar, e comprar com ouro e prata, cravo, pimenta e outras especiarias, cubiou os seus valores, planeando trahil-os e roubar as náos. Recebidos os presentes do capitão, e tendo de-



sembarcado na companhia do mouro, por este se informou do numero de combatentes que havia a bordo d'ellas e das armas de que dispunham, e pelo mouro mandou pedir a Vasco da Gama que viesse a terra, trazendo os doentes consigo para ali se restabelecerem. O mouro, porém, que suspeitava dos máos designios do xéque, deu parte ao capitão-mór das suas desconfianças. Desejando evitar conflictos n'estes primeiros passos dados na proximidade da India, limitou-se o capitão-mór a responder que não podia desembarcar, e depois de mandar embarcações bem armadas a fazer agua, sob as ordens de Nicolau Coelho, em cuja companhia ia tambem Ruy da Cunha, mandou levantar ferro ás náos, e fôram fundear na ilha despovoada de Moçambique, a que deram o nome de S. Jorge, tendo préviamente ali feito erguer um altar e celebrar a missa, esperando entretanto que o xéque, o quem enviára alguns degredados que a bordo vinham, lhe mandasse o piloto promettido.

Mas não respondendo elle, e sendo o vento de feição, partiram em demanda de Quilba, em que não poderam entrar por o vento ser contrario, e correndo ao longo da costa aportaram a Mombaça, onde a sua vinda era já conhecida por noticias mandadas pelo xéque.

Pretenderam os naturaes novamente dar cabo da expedição christã, fornecendo-lhe pilotos que ãzessem varar as náos ao entrarem no porto, o que já tinham planeado se tocassem em Quiloa. Mas aqui, para exemplo, Vasco da Gama, mandou *pingar* um dos pilotos enviados pelo rei, e este confessou a traição projectada.

Não quiz mais o capitão-mór tratar com o rei, e enviando-lhe um dos degredados que levava com destino a ficarem nas terras descobertas, para de futuro darem



informações ás novas armadas que chegassem do reino, partiu de Mombaça, e navegando ao longo da costa aportou á grande cidade de Melinde, em que finalmente havia de encontrar o primeiro potentado oriental que sinceramente o acolhesse, em domingo de Paschoa, dia festivo pelo qual reinava a bordo grande alegria.

Segundo dizem alguns chronistas, o velho rei de Melinde, que era muito supersticioso, tendo noticia da chegada d'uma armada desconhecida, consultou um feiticheiro para saber se das relações que com esses estrangeiros travasse viria boa ou má fortuna ao seu reino; e tendo-lhe sido vaticinado que de tal commercio haveria venturas, nas melhores disposições recebeu os christãos.

Começou por lhes enviar presentes de fructos e mais productos da terra, e não podendo por sua avançada idade ir a bordo, ali mandou seu filho mais velho, que já por vezes governára o reino, o qual foi recebido por Vasco da Gama com todas as honras.

Em sua companhia desembarcaram Nicolau Coelho e outros cavalleiros, que da parte do capitão-mór fôram saudar el-rei, emquanto elle não ia pessoalmente fazelo como enviado de D. Manuel.

Não quiz o capitão-mór ficar atraz do rei de Melinde nas provas de confiança que lhe dava, e assim recusou guardar com refens, emquanto os portuguezes estivessem em terra, o nobre caciz que lhe mandára, reenviando-o com a dádiva d'uma rica bacia de prata, entregando-lhe tambem uns prisioneiros que fizera em um zambuco tomado pouco antes de chegar a Melinde, de gente de Mombaça, que contra o rei andava levantada.

Ajustado o dia para a recepção de Vasco da Gama,





— Ajoelhae, Ruy da Cunha ! (Pag. 84)

Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is arranged in several paragraphs and is difficult to decipher due to its low contrast and the texture of the paper.



partiu o enviado de D. Manuel de bordo com seu irmão Paulo da Gama, em seu batel, acompanhados de numerosos cavalleiros, armados e trajando ricamente.

Com Vasco da Gama ia Ruy da Cunha, a quem o capitão-mór déra o encargo de mandar as salvas d'artilheria dos berços e bombardeiros que para esse fim levavam, e ordeñar os toques de trombetas e atabales com que, no final da recepção, fariam signal ás náos para salvarem por seu turno.

Das pôpas dos bateis pendiam para o mar ricas alcifas que forravam as camaras improvisadas, nas quaes, em bellas cadeiras de velludo carmezim, se assentavam os capitães.

Fôra ajustado que se encontrariam com o rei de Melinde á beira-mar, mas este, logo que os bateis se aproximaram, fez-se conduzir a bordo d'aquelle em que estava Vasco da Gama, e para o qual seu irmão passou mal percebeu o designio do rei. Ambos com grande reverencia receberam o monarcha asiatico, e por nobre instancia do capitão-mór, foi Paulo da Gama o primeiro que por via de interprete lhe disse:

— Grande rei! tamanha honra nos fazes n'este momento, que de hoje em diante te ficamos obrigados como teus proprios vassalos, se com el-rei de Portugal nosso senhor, queres assentar paz e amisade como verdadeiro irmão!

Ao que el-rei respondeu:

— Deus sabe que isso tenho assentado em meu coração de dia e de noite e sempre; e quero e muito me apraz d'hoje para o futuro, emquanto vivo fôr, ser verdadeiro irmão do vosso rei de Portugal, e assim o affirmo pela minha fé!

Quizeram então os capitães, dobrando o joelho, bei-

jar-lhe a mão, o que o rei de Melinde não consentiu, erguendo-os e abraçando-os, enquanto a multidão em terra soltava gritos festivos, a que as guarnições correspondiam bradando :

— Boa viagem ! Boa viagem ! Nosso Senhor seja louvado.

Ruy da Cunha mandou tocar as trombetas e atabales, e ante os orientaes admirados a artilheria começou a troar.

Quando acabou a salva, Vasco da Gama tomou d'um estojo, que Fernão Velloso lhe apresentou, uma rica espada de guarnições d'ouro esmaltado, uma lança de ferro dourado e uma adaga com bainha de setim vermelho bordado a ouro, que outros cavalheiros lhe trouxeram, e depondo-as nas mãos d'el-rei disse :

— A offerta d'armas é o maior signal de verdadeira amizade e irmandade ; o que nós agora vos fazemos em nome d'el rei D. Manuel, que é o maior rei do mundo ! que assim costuma proceder com os que toma por irmãos e amigos. E por firmeza da verdade lhes dá armas para com ellas o ajudarem e defenderem, pois com a espada se ganha a maior honra do mundo, que é a cavallaria, e quem quebra a amizade que acceta recebendo a espada, perde a sua honra. E portanto, senhor ! vos damos esta espada e armas em nome do nosso rei, e promettemos convosco guardar paz e servir-vos como irmão d'el-rei de Portugal, que como tal agora tomastéis.

— Prometto e juro novamente por minha lei — disse o interprete, traduzindo as palavras que o rei proferia — manter verdadeira amizade e paz com el-rei de Portugal, meu novo irmão, e em nada lhe faltar quebrando o que agora digo ante o meu povo, tendo por aben-



coada a amizade com tão grande rei como é o vosso!

As relações tão propiciamente estabelecidas com o rei de Melinde, sempre por elle e pelos seus successores foram sustentadas, sendo o mais fiel alliado de Portugal em futuras guerras com outros monarchas orientaes, especialmente com o traçoeiro rei de Calecut.

Quando, em fins de abril de 1498, Vasco da Gama partiu de Melinde, dirigindo-se a Calecut, as relações politicas e commerciaes com o reino de Melinde tinham sido por elle tão habilmente e tão seguramente cimentadas, captivando os personagens da côrte com attentões e presentes, e fazendo observar a maior disciplina ás tropas que desembarcavam, que as palavras do rei no momento em que as náos se faziam de véla foram:

— Nada falta a estes homens para tudo concluirem como quizerem. ¹

Completo contraste com o procedimento do rei de Melinde, havia de fazer a maneira por que os descobridores portuguezes foram tratados no reino de Calecut, e d'ella tirou mais tarde Vasco da Gama inteira satisfação.

Chegado a Calecut, da mesma fôrma que fizera em Melinde, não quiz o capitão-mór desembarcar sem para isso receber convite do rei. Enviou pois a terra o piloto mouro, e um degredado que se encontrou com um mercador de Tunis, chamado Monçaide, o qual falava hespanhol, e tendo este vindo a bordo, depois de bem recebido e presenteado, foi incumbido de acompanhar Fernão Martins e Ruy da Cunha, encarregados de irem

¹ Todas as palavras que pomos na bocca dos nossos personagens em situações historicas, são fielmente reproduzidas das descrições feitas pelos chronistas do tempo.



pedir a el-rei para receber em audiencia o capitão-mór, como embaixador de D. Manuel.

Dias depois, e tendo por indicação do rei vindo as as náos fundear no porto de Padarane, recebeu Vasco da Gama a visita do *catual*, especie de corregedor, que vinha buscal-o para o conduzir ao palacio do monarcha, distante algumas leguas no interior.

Mas a este tempo tinha já o mouro castelhano, Monçaide, avisado os portuguezes dos ardis e animosidades que os negociantes mouros, receiosos da concorrencia commercial dos europeus, haviam cimentado contra elles no espirito dos naturaes, e de como feitós com o proprio *catual* e o *gozil*, outra auctoridade que superintendia nas trocas das mercadorias estrangeiras pelos productos do paiz, cravo e pimenta, e a quem tinham subornado, planeavam matal-os e roubar os carregamentos das náos.

Não queriam pois os mais graduados da expedição que o capitão-mór se arriscasse desembarcando por convite do rei, temendo o que em terra lhe poderia succeder.

— Preciosos são vossos dias para toços nós—opinava Nicolau Coelho—enviae como embaixador qualquer outro, cuja vida possa perder-se sem risco para a empreza que el-rei vos encarregou!

— Eu irei em vosso logar, meu irmão—objectava o nobre Paulo da Gama—Não quizestes que o estandar-te se arvorasse na minha náos por ser eu mais velho? Por ser mais velho, não quizestes tambem que fosse o primeiro a falar ao rei de Melinde? Assim, cumpre tambem que seja o primeiro recebido por el-rei de Calcut...

— E eu irei na vossa companhia, na guarda que le-



vardes, se o capitão-mór o permite—acrescentou Ruy da Cunha, conhecendo a confiança que Vasco da Gama n'elle depositava, e esperando d'este modo resolvel-o a deixar ir em seu logar Paulo da Gama.

E as instancias redrobraram, na proporção da resistencia que o capitão-mór lhes oppunha. Por fim, converteram-se em uma especie de côro, em que todos lhe pediam que por cousa alguma do mundo se arriscasse em tal passo, pois cada vez o mouro castelhano lhes dava mais seguras provas das más intenções dos naturaes, e do character pouco leal do rei Calecut.

Vascô da Gama, commovido com taes demonstrações de affecto e dedicação que os seus companheiros lhe davam, pediu-lhes que o escutassem, e feito religioso silencio, disse :

— Senhor irmão, e meus amigos ! deveis saber que tanto que me embarquei n'esta viagem, logo ante Deus offereci minha alma e minha vida, pelo que vos digo em verdade, que ainda que agora estivesse na barra de Lisboa, a não entraria e por minhas mãos tomaria antes a morte, do que appareceria ante el-rei não lhe dando conta do que me encarregou. E portanto, eu irei a terra sem nada temer, porque tudo está na mão de Deus. — E isto vos digo e mando com todo o poder que tenho !

O tom energico e resolutivo com que o capitão-mór proferiu estas palavras, fizeram conhecer a todos que só lhes restava obedecer ás ordens do chefe que mandava. Nem mesmo Paulo da Gama se atreveu a fazer a a menor observação. Recollido á sua camara, fez Vasco da Gama os preparativos para desembarcar, pondo em ordem o rico presente que levava ao rei, escrevendo uma carta que lhe entregaria como do rei de Por-



tugal, e na qual poz o sello real. Depois, chamando seu irmão, Nicolau Coelho e os principaes da expedição, lhes fez minuciosas recommendações sobre quanto lhes cumpria observar se elle viesse a faltar, obrigando-os a prometterem-lhe que antes de o procurarem libertar, quando prisioneiro fosse, partiriam para o reino a dar parte a D. Manuel da descoberta da India.

— Assim o prometto como desejaes — lhe respondeu, sereno e resignado, Paulo da Gama.

— Sabei entretanto — accrescentou o capitão-mór — que não pretendo arriscar ao acaso a minha vida, e d'isso ahi tendes a prova! Lêde, para que todos ouçam — concluiu, estendendo a seu irmão a carta que acabava de escrever.

Paulo da Gama leu então esse documento, que era mais uma revelação de que no capitão-mór se reuniam todas as qualidades necessarias a um chefe, e a par da coragem e energia que arrosta os perigos, a sagacidade que procura evital-os e rodeal-os. N'aquella carta de que seria portador, Vasco da Gama apresentava-se a el-rei como simples e modesto mensageiro do chefe d'uma poderosa armada de cincoenta e duas náos, a maioria da qual ainda vinha distante, e que não podia desembarcar por lhe ter sido expressamente prohibido pelo poderoso rei que o enviava, pedindo-lhe que attendesse o mensageiro e com elle tratasse da paz e commercio a assentar, como se o proprio capitão-mór fôra.

Mais tranquillos ficaram todos com o emprego d'aquelle ardil, e procurando novamente decidir Vasco da Gama a que ao menos comsigo levasse forte escolta, elle lhes observou que não harmonisaria isso com o papel modesto que ia representar, e apenas consentiu em levar comsigo doze homens.



Quando todos saíram da camara, Ruy da Cunha, voltando atraz, disse-lhe :

Permittis, senhor ! que vos peça para ir comvosco ?

— Não Ruy, não ireis comigo ! — E como visse a sua surpresa, concluiu : — Já assim o esperava do vosso valor, e por isso mesmo, posto mais honroso vos destino. Ficareis a bordo Ruy da Cunha, — continuou em tom de commando, e tomando-lhe as mãos que apertou for-



PAÇO E ARMAS DE CINTRA

temente nas suas, concluiu fixando-o — e se eu não voltar de terra e a confusão aqui reinar, vós só tereis um cuidado : lembrar a todos as minhas ordens para que sem demora partam para o reino. Assim o jurae pela vossa honra !

— Assim o juro, — respondeu o joven soldado pretendendo occultar duas lagrimas que lhe correram pelas faces.



— Bem está! Agora abraçae-me e ide mandar que apromptem o batel.

D'ahi a dias, Ruy da Cunha, bem contra a sua vontade, e com o coração desesperado, era obrigado a cumprir o juramento que fizera ao capitão-mór. Este achava-se em terra preso e deitado com os seus companheiros pelo *catual* e pelo *gozil*, cujos manejos o rei de Calcut, que recebera o enviado amigavelmente, fazia não conhecer. João de Setubal, um dos homens com quem Vasco da Gama desembarcára, chegava a bordo mandado por este para dizer a Paulo da Gama que sem demora partisse para o reino, pois estava certo que ás chicanas sobre os pezos e as trocas das fazendas, com que as duas auctoridades o estavam retendo em terra, dissimulando a sua verdadeira prisão, pois o não deixavam embarcar, se seguiria o ataque ás náos para as roubar. Que mandasse portanto as novas fazendas pedidas, e de noite levantasse ferro.

Não quiz Paulo da Gama mandar para terra a nova remessa de mercadorias exigidas pelo *catual* e pelo *gozil*, limitando-se a escrever a seu irmão que os desenganasse de que, se immediatamente lhe não davam a liberdade, bombardearia a cidade e os navios que estavam no porto. E immediatamente reuniu o conselho dos chefes da expedição, a quem leu esta carta que todos approvaram, a despeito das instancias de Ruy da Cunha para que cumprissem as ordens do capitão-mór.

Passou-se o resto d'aquelle dia e a noite em cruel anciedade, preparando-se tudo para o combate. Ruy da Cunha, a quem muito custava cumprir a missão que o capitão-mór lhe déra, procurou Paulo da Gama e tudo lhe revelou, concluindo :

— Prendei-me e ponde-me a ferros, para que eu não



falte ao que jurei, combatendo para libertar vosso irmão como o coração me pede—mas como se repentimente o tocasse uma celeste inspiração: — Senhor! — exclamou para Paulo da Gama—tentae ainda um meio que o coração me lembra, antes de disparar o primeiro berço. Buscae cevar a cubiça d'esses perros mouros; enviae-lhes os refens com muitas honras e presentes, fazendo-lhes antever que mais se lhes dará logo que os nossos voltem a bordo. Tentae-o, por Deus vos peço!

Paulo da Gama assim o fez, e a cubiça do *catual* e do *gozil* de tal modo aguçadas, e por outro lado o receio da artilheria das náos, se mais demorassem os que retinham em terra havia días, resolveram-n'os a determinar a libertação do capitão-mór e dos seus companheiros.

Pouco depois Vasco da Gama regressava a bordo, sendo estrepitosa a alegria com que as tripulações o acolheram; e Ruy da Cunha levado em triumpho pela feliz lembrança que inspirára a Paulo da Gama.

O capitão-mór escreveu então a el-rei contando-lhe as traições de que fôra alvo por parte das suas auctoridades, depois das promessas e ajustes de paz e amizade que d'elle solemnemente recebera. Simulando achar-se muito irritado com os seus, respondeu o falso rei de Calecut, pedindo-lhe para novamente desembarcar, mas Vasco da Gama contestou-lhe que só o havia de fazer no dia em que ali voltasse para tomar vingança da sua traição, e logo mandou levantar ferro, ordem com que todos exultaram, pois no dizer dos mestres melhor era para voltar ao reino que as náos não fossem muito carregadas de fazendas, ao que o capitão-mór observou:



— Sim, grande mercê nos fez Deus, e assim nos leve ao reino, que dez quintaes só que levassemos de especiarias, bastariam para mostrar a el-rei D. Manuel que descobrimos a India.

Quando as náos, partindo de Calecut, se achavam ainda á vista da terra, poderam distinguir-se do seu bordo os formigueiros de *tones*, pequenas embarcações indigenas, com que os mouros planeavam accommettel-as, e que não se atreveram a seguir a armada no mar, em razão da borrasca que sobreveio. Menos ficou por isso pezando no animo do capitão-mór levar consigo presos os malabares ultimamente enviados com as estultas desculpas e convites do ardiloso Samorim.





V

O regresso a Portugal



NAVEGANDO com grandes calmarias, só em novembro chegaram á vista de Cananor, cujo rei os mouros tinham prendido indispôr contra os descobridores christãos, e que já estava tambem informado da sua vinda áquellas paragens por cartas em que o rei de Calcut, sincera ou fingidamente arrependido da maneira por que nos seus estados tinham sido tratados, lhe pedia para com elles o desculpar, e que travasse com o rei de Portugal amigaveis relações. Não deu pois o rei de Cananor ouvidos ás intrigas dos mouros, e resolvido a bem receber a armada, tinha até mandado almadias para o mar, afim de a o avisarem não passasse ávante durante a noite.

Logo que as náos estiveram á vïsta, fez partir a bordo d'um *paráo* um *nayre*, nobre da sua côrte, encarregado de pedir ao capitão-mór que não seguisse seu

rumo sem desembarcar e se avistar com elle, e com esta grande embarcação mandou muitas outras mais pequenas carregadas com refrescos de toda a especie, agua e lenha.

Depois, succederam-se outros mensageiros a informarem-se das fazendas que desejava, e que em Calcut não tinha chegado a embarcar, as quaes logo remetteu. Reconhecidos a estas amigaveis disposições, resolveram os capitães em conselho, por consulta do capitão-mór, que seria conveniente assentar paz e amizade com aquelle monarcha indiano, e desde logo lhe fôram mandados ricos presentes em cambio das suas offertas, indo para esse fim a terra Nicolau Coelho.

Foi este muito bem recebido, e tendo dito ao rei que os capitães não podiam desembarcar em terra para obedecerem ás instrucções que tinham, mostrou-se o monarcha pesaroso, affirmando que havia de arranjar meio para os ver sem faltarem ás ordens do seu rei, mandando desde logo construir para esse fim uma ponte com um pavilhão em que se encontrassem.

Apenas concluida a improvisada construcção, fez adornar o pavilhão com ricas sedas orientaes e dispol-o como uma sala em que os recebesse.

Aprazado o dia para a recepção, foi el-rei para ali esperar os capitães, e para mais ós honrar, mandou que fosse a bordo das náos buscar-os o seu primeiro magistrado, que Vasco da Gama convidou a entrar no seu batel.

Momentos depois, ao som da artilheria das náos que salvavam e das musicas que o rei trazia no seu sequito, os dois Gamas fôram recebidos com as maiores distincções pelo monarcha, que os fez assentar junto de si nos coxins que guarneciam o pavilhão, perguntando-



lhes logo com interesse qual d'elles fôra preso em Calecut.

— Foi este meu irmão — respondeu Paulo da Gama.

— Escreveu-me o Samorim—disse então o rei—pedindo-me para comvosco o desculpar, pois foi enganado a vosso respeito, do que se acha muito sentido e fará castigar quem o enganou.

— Senhor!—observou-lhe Vasco da Gama quando el-rei assim fizer, então conheceremos que fala verdade. Já nada d'isso nos lembra, mas tempo virá em que o rei de Calecut se ha de arrepender!

Houve um pequeno silencio, passado o qual Paulo da Gama fez dizer pelo interprete :

— Já sabeis senhor! quem somos, e para que viemos a estas regiões; temos visto que és rei leal e não fementido como o de Calecut, pelo que aqui estamos a vosso chamamento, e porque tanta bondade nos mostraes, folgaremos de comvosco assentar paz e amizade em nome de el-rei nosso senhor, que dure para sempre. E sendo assim, te serviremos como ao irmão do nosso rei, e te servirão quantos portuguezes de futuro a este reino vierem.

— Assim me daes a maior alegria que nunca pensei ter, e maior só a terei no dia em que voltarem a este porto navios do vosso rei com a sua resposta accetando a minha amizade.

— Senhor — replicou Paulo da Gama - a certeza de voltarem as nossas náos a este porto com a resposta do nosso rei, Deus só a poderá determinar, como fôr da sua vontade, porque estamos expostos aos perigos do mar em que andamos. Mas nós ambos te prometemos, que se outras vierem a estas paragens, tocarão n'este porto e te hão de trazer cartas do nosso rei, com



a firmeza da sua amisade que hoje te asseguramos em seu nome offerecendo-te como signal d'ella esta espada.

E entregou-lhe uma rica espada de empunhadura de ouro. Muito grato ficou o rei de Cananor a esta dádiva, e presenteando os capitães e mandando para bordo mais fazendas a troco de artigos europeus, pouco antes de partirem lhes fez entrega d'uma carta escripta em folha d'ouro para D. Manuel, renovando os seus protestos e juramentos de guardar paz e amisade ao seu novo irmão.

Partindo do porto de Cananor, em demandã novamente do reino de Melinde, a armada, acossada por máo tempo, não querendo voltar ao porto de que sairã, arribou á ilha de Angediva, assim chamada por corrupção das palavras *anche*, cinco, e *diva*, ilha, que tantas eram as d'aquelle archipelago, sendo aquella apenas habitada por uma especie de ermitão oriental, chamado *jogue*, a quem os capitães falaram e deram varios mantimentos; como faziam os navegantes indigenas que ali tocavam, e de cujas esmolas vivia.

Estando ahi abrigados, foram os navegadores portuguezes muito visitados por naturaes, em geral pescadores, que em suas almadias vinham da terra firme, distante uma legua da ilha, saindo na mór parte do proximo rio de Cintaccrá. Por estes, foi levada a noticia de se acharem ali, á proxima cidade de Gôa, distante algumas leguas apenas, e de que ao tempo era rei um mouro por nome Sabayo. Tentado pela conducta pacifica dos estrangeiros, e ambicionando, por meio d'algum ardil, tomar-lhes as náos, Sabayo enviou um judeu que de Granada viera ter a Gôa, depois de haver percorrido a Turquia e Méca, e do qual fizera seu capitão, com uma pequena flotilha de fustas, para as



— Com esta espada, que ficará sendo vossa... (Pag. 92)

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page. The text is arranged in several paragraphs and is mostly obscured by the paper's texture and color.



atacar depois de se ter orientado das suas forças. O judeu, passando a uma almadia, veio de noite espiar a armada, e na manhã seguinte voltou, fazendo signaes da cruz, para indicar que era christão, pedindo em hespanhol licença para subir a bordo.

Mas os pescadores indianos tinham já avisado o capitão-mór do ataque á traição que o judeu lhe preparava, indicando-lhe os ilhéos em que as fustas estavam escondidas; e Vasco da Gama, que tudo tinha disposto para se defender, dando ao espia de Sabayo licença para subir á náó, logo que elle transpoz o portaló, falou para a náó de Nicoláo Coelho, convidando-o a vir vêr o novo hospede recémchegado. Era o signal ajustado, e logo o capitão da náó veio com o seu batel cortar a retirada á embarcação do judeu, que foi posto a ferros e obrigado a confessar a traição premeditada.

— Senhor! senhor! perdoae-me, que eu vos entregarei as fustas com que me mandaram para vos atacar, — bradava elle ao ser açoitado.

O capitão-mór mandou suspender o castigo, e ao anoitecer, embarcando nos bateis da armada, levou tambem o judeu, que só queria já salvar a vida, e fez com que este, ao chegar perto dos seus companheiros, lhes gritasse:

— Sou eu, que trago commigo meus parentes!

Os bateis, em que vinham berços cujos morrões estavam já accesos, cercaram as fustas. — Então, Vasco da Gama, bradando: Por S. Thiago! e S. Jorge! deu começo ao ataque. Em breve, os orientaes, surprehendidos, lançando-se a nado, procuravam evitar a morte pelas armas brancas dos que os abordavam, e os tiros e as panellas de fogo que d'outros bateis lhes lançavam.

As fustas, abandonadas pelos seus defensores, foram



aprisionadas. Tremia o judeu pela vida, mas Vasco da Gama, cumprindo a palavra dada, mandou tirar-lhe os ferros, e tratando-o bem fez com que se lhe affeiçoasse, vindo de futuro a prestar grandes serviços a Portugal, por ser muito entendido nas cousas da India e do Oriente, serviços que D. Manuel recompensou largamente, dando-lhe tenças, rendas e fazendo-o cavalheiro da sua casa.

Infligida a dura lição ao traçoeiro rei de Goa, partiu o capitão-mór novamente em demanda de Melinde, onde chegou em 8 de janeiro de 1499.

A entrada no porto foi celebrada festivamente. Vasco da Gama mandou embandeirar as náos, e ao fundearem, as tripulações davam vivas e agradeciam a Deus o feliz regresso a caminho de Portugal, enquanto as trombetas soavam e troava a artilheria.

Bem conheciam os capitães como estes espectaculos feriam profundamente e favoravelmente o espirito dos orientaes, e por isso nunca deixavam de os impressionar por esta forma, e tambem correspondendo com dádivas e presentes aos que os recebiam amigavelmente, e com o ferro e com o fogo aos que pretendiam offendel-os ou trahil-os.

Grande, enorme empreendimento foi este da descoberta e conquista, lenta e successiva, da India; faz elle, nos seus principaes incidentes, que em muitos pontos são caracteristicos, excepção á regra geral de haver bons governados e máos governantes. No nosso dominio na India, póde dizer-se com justiça que as grandes qualidades e os grandes merecimentos residiram quasi sempre nos chefes supremos.

D'ahi para baixo, salvo honrosas excepções, reflectiam-se as paixões e vicios trazidos do estado em que o



reino se achava nas suas condições de politica interna: o interesse e a ambição pessoaes prevalecendo sobre as virtudes cívicas e a dedicação ao melhor resultado da colonisação da India. Mas é cedo ainda para traçarmos esse quadro nas suas linhas geraes.

Por agora, tudo são alegrias com a perspectiva do regresso á patria, e pelo extraordinario entusiasmo com que o rei de Melinde celebrou o regresso dos seus novos alliados christãos.

— Senhor! Tu nos ensinastes o bom caminho com que chegámos ao nosso destino, e encontrámos a terra que buscavamos — dizia-lhe Paulo da Gama, quando veio recebê-los á beira-mar, abraçando-os mal saltaram em terra — e porque tu, Senhor! nos deste este bem tamanho, nós e os que de nós descenderem para sempre te seremos na maior obrigação que nunca homens deveram a senhor!

Depois, longamente se entretiveram os capitães com o rei, que de todos os seus trabalhos e successos da viagem se informou. Por ultimo, para relatar o combate de Angediva, mandou o capitão-mór buscar o judeu. Quando elle concluiu a narrativa, el-rei voltando-se para Vasco da Gama, disse-lhe:

— Agora conheço que na verdade vós sois tão perfectos homens, que ditoso fôra por vos ter no meu reino para meu serviço e minha honra. Bem quizera que alguns de vós commigo ficassem.

— Senhor! não nos é possível. Só degredados trouxemos com ordem para os deixarmos nos reinos que visitassemos. — E' justo que todos, que igualmente se arriscaram no serviço d'el-rei de Portugal, voltem ao reino a receber o premio que lhes destina. Mas prometemos-vos — continuou Vasco da Gama, que enquanto

falava não podia esconder uma especie de tristeza por lhe não ser possível acceder aos desejos do rei, que eram tambem as suas vistas particulares de politico — que as armadas que de futuro visitarem ao vosso porto, trarão portuguezes que aqui fiquem.

— Assim o pedirei tambem a vosso rei e meu irmão na carta que para elle vos darei.

— Mas, Senhor! uma mercê vos rogamos — continuou o capitão-mór — deixae que estes pilotos que nos déstes, ou outros, se melhor vos parecer, nos acompanhem a Portugal. Com elles aprenderemos e comnosco aprenderão os nossos diversos systemas de navegar. Elles verão o nosso rei, e depois vos contarão quanto virem no nosso paiz.

— Assim seja — respondeu el-rei. — Quantos desejos o meu coração encerra vós pareceis que os adivinhaes! Porque, já tinha pensado em vos dar os melhores pilotos para vos reconduzirem á patria, e suas mulheres e seus filhos tomarei á minha guarda na sua ausencia, e por elles lhes respondo.

— E a tua palavra, Senhor! — affirmou Paulo da Gama — será por nós sustentada até á morte.

Passaram o resto do dia os capitães e cavalleiros que os acompanhavam com el-rei, que a todos deu ricos presentes, entregando a Vasco da Gama, com a carta escripta em folha d'ouro, um rico collar de perolas e pedrarias para D. Manuel, que em Lisboa foi avaliado em dez mil cruzados, e uma arca guarnecida de labores de prata contendo peças de seda riquissima, bordada a ouro, e varias joias para a rainha.

N'essa noite, tendo todos regressado ás náos, pois ninguem dormia em terra, já tarde bastante, attrahido pela belleza da noite, o capitão-mór passeiava no al-



teroso castello da *S. Gabriel* em que ficava a sua camara. A não balouçava lentamente, ao movimento do rolo do mar, que ao tocar-lhe o costado se abria em espumas prateadas e phosphorecentes.

Um luar magnifico illuminava o mar e a terra, desenhando suavemente sobre o acinzentado escuro do céu os recortados palmares que se estendiam até á beira-mar, e os contornos e rendilhados das casas e pagodes de Melinde, brancos de neve. Na atmospheria havia esse como aroma do Oriente, que se estende a muitas leguas pelo mar, parecendo que se navega em um jardim.

Vasco da Gama, no seu passeio, deteve-se alguns momentos encostado a uma das peças da bateria. Quando se voltou, deu com Ruy da Cunha que subira da coberta e se conservava parado junto á canna do leme.

— Vós aqui, Ruy da Cunha? Se fôra Francisco de Figueiredo, me não admirava, porque é poeta, e a noite está linda para os poetas fazerem versos ás estrellas e sonharem acordados. Mas elle dorme em seu beliche, e vós, que todo o dia andastes em terra, velaes ainda!...

— E' que tambem eu sonho, capitão-mór, apesar de não ser poeta...

— Ah! já adivinho! Desculpae o meu esquecimento... Não sois poeta, mas estaes namorado; sonhaes com a vossa noiva e com Lisboa, onde por mercê de Deus em breve voltaremos...

— Perdão, Senhor! mas estaes em erro.—Sonho, sim, mas só como vós sonhaes tambem...

— Eu! — exclamou admirado Vasco da Gama.

— Vós mesmo, capitão-mór!

— Mas com que julgaes que eu sonho?

— Sonhaes, agora e constantemente, com a vossa descoberta... Sonhaes com a India!

Vasco da Gama deu um passo para elle, e mais baixo, como se tivesse pejo do que ia dizer, receioso, como quem se vê descoberto nos mais intimos pensamentos, disse-lhe:

— Acertastes, Ruy da Cunha! A India é o meu pensamento constante!

— E agora que a descobristes, quererieis ficar n'ella para a guardar, para aqui estabelecer definitivamente a soberania de Portugal! Dizei: Não será isto tambem assim?

— Assim é na verdade — sois feiticeiro; ainda mais uma vez acertastes com os meus pensamentos...

— Pois bem, capitão-mór! uma mercê tenho a pedir-vos...

— Dizei...

— Tendes confiança em mim?

— Que pergunta, Ruy da Cunha; não vos tenho dado provas d'isso?

— Pois, senhor! se em mim confiaes, deixae-me ficar n'este reino de Melinde, e assim grande satisfação dareis ao rei que tão affeiçoado se mostra aos portuguezes. Eu procurarei tornar mais firmes e mais estreitas as suas relações e as dos seus vassallos com a nossa patria; eu disporei as cousas para que sejam bem recebidas por toda a India as armadas que aconselhareis a D. Manuel para do reino enviar com frequencia. Por ellas vos mandarei noticias seguras de quanto aqui se passar, para que estejaes informado do que se faz na vossa India, até que um dia volteis a vê-la, como espero!

B 1.60

Não podia Vasco da Gama dissimular quanto lhe agradava a proposta do joven soldado, mas apertando-lhe a mão agradecido, respondeu como a seu pezar:

— Tal não posso consentir, meu amigo ! Como disse a el-rei de Melinde, no regimento que me deu para



RAINHA D. LEONOR

(Segundo o retrato existente no convento da Madre Deus)

observar n'esta viagem, D. Manuel só me permite que alguns degredados deixe n'estes paizes. Deixar-vos, pois, seria faltar ás suas ordens, e ao mesmo tempo commetter uma grande injustiça.

— Como assim ?



— Quando todos vão regressar a Portugal e receber das mãos d'el-rei, nosso senhor, o premio dos seus serviços, vós que tanto tendes trabalhado, vós que no primeiro combate que travámos com o gentio, me salvastes de morte imminente; vós que em Calecut, com o vosso prudente conselho, promovestes a minha libertação; vós, que eu já teria armado cavalleiro, se não tencionasse antes pedir a D. Manuel que o faça por sua mão, serdes o unico a não ir receber o premio que tanto mereceis, representaria uma injustiça de que eu não quero ser auctor!

— E se por minha fé vos jurar, senhor!— respondeu Ruy da Cunha, commovido com as honrosas palavras do capitão-mór — que mais recompensado me julgarei se, accedendo ao meu pedido, me deixardes aqui ficar, porque, dissei, senhor! não é verdade que vós mesmo, se podesseis, aqui ficarieis agora?

— Assim é na verdade...

— E não julgaes tambem, que haja perigo em agora deixar estes paizes, sem que alguem aqui fique para contraminar os planos traiçoeiros que contra a influencia dos portuguezes, prepararão esses mouros que nos são hostis? e que tanto mal nos fizeram em Calecut? N'esse caso,—concluiu o heroico mancebo—nem el-rei poderá levar a mal que procedaes contra o regimento que vos deu, nem é menor a honra que me fareis, a mim, simples soldado!

Houve um momento de silencio. No céu, esplendido de luz serena, em tons furta-côres, como de madre-perola, a aurora começava a despontar, em quanto a luz e os véos da noite se sumiam no opposto horisonte. Vasco da Gama, estendendo a mão para o nascente, respondeu-lhe:



— Eis ali a vossa imagem, Ruy, a imagem da vossa mocidade, cheia de fé e de esperança; mas, sois christão mancebo! não esqueçaes pois a terceira virtude, não esqueçaes a caridade! Ali — continuou, indicando o lado opposto do céo — ali, vão a desapparecer as trevas da noite; ali, está a imagem do fim da vida, a imagem da velhice que só pede que lhe poupem as dôres. Eis ali representado vosso velho pae, que tanto se affligiu ao separar-se de vós, e que em seu coração receberia duro golpe, se fosseis o unico de quantos n'esta empreza Deus quiz conservar com vida, que não voltasse aos braços dos seus parentes.

As lagrimas correram pelas faces de Ruy da Cunha, que esteve momentos sem poder falar. Depois, em tom de inabalavel resolução, respondeu:

— Senhor! em meu coração está assente que ficarei em Melinde — Deus assim m'ó inspirou! Elle dará conforto e vida aos que em Portugal me esperam, até ao dia em que lá deverei tornar. — Se pois, capitão-mór! não quereis permittir que o faça, prendei-me, porque de contrario, desertarei para terra!

— Não, Ruy da Cunha! Com tal vileza se não deshonrará Vasco da Gama, que por filho vos quizera ter! Nobre mancebo! eu procurarei consolar os vossos, eu saberei dizer a el-rei quanto serviço lhe fazeis desterrando-vos aqui...

E como visse o clérigo João Figueira, que na coberta preparava o altar em que se ia celebrar a missa, que sempre na armada se resava ao partir novamente para o mar, chamou-o, e enquanto o frade subia as escadas para o castello de ré, o capitão-mór entrou no seu alojamento, saindo logo a cingir o cinturão com a espada, e encaminhando-se para o mancebo, disse-lhe:



—Soldado sois, Ruy da Cunha! mas cavalleiro no coração e nas acções... Frei João Figueira, amanhã, que é dia de S. Sebastião, levantaremos ferro, e vós pedireis a Deus na vossa missa que nos faça a mercê de nos levar a Portugal; — mas hoje, na missa d'alva, implorae-lhe que tenha sempre em sua santa guarda o cavalleiro de Christo que em Melinde ficára. Ajoelhae, Ruy da Cunha! com a graça de Deus, e em nome d'el-rei D. Manuel, nosso Senhor! vos faço cavalleiro!

E Vasco da Gama, desembainhando a espada, deu as tres pranchadas com que se conferia a honra da cavallaria no hombro do joven soldado, commovido e surprezo com a inesperada distincção.

— Amen! — proferiu o clerigo João Figueira.

— Erguei-vos, cavalleiro de Christo! — respondeu o capitão-mór abrindo os braços em que Ruy da Cunha se lançou.

No dia seguinte, enquanto a artilheria atroava os ares, e as náos desfraldavam as vélas para partirem, na praia, o velho rei de Melinde tendo ao seu lado o cavalleiro christão que no seu reino ficava, fazia acenos de saudosa despedida para os navios que levantavam ferro, e apertando as mãos do heroico portuguez, agradecia-lhe a grande satisfação que o capitão-mór lhe déra accedendo ao seu pedido, dizendo:

— Eu sou pobre para tanto pagar!





VI

O heroe da India na côrte de D. Manuel



A velha torre da igreja de Santa Maria de Cintra acaba de soar uma hora da noite. O paço está ainda illuminado, recortando a luz interior na escuridão nocturna a fórmula ogival das janelas gothicas. El-rei D. Manuel vae ceiar, e nas salas do palacio os cortezaes conversam, esperando a hora do monarcha se recolher aos seus aposentos.

Subitamente, um fidalgo da casa vem trazer a el-rei uma noticia que a todos sobressalta:

— Senhor! um maritimo, que diz chamar-se Arthur Rodrigues, pretende ser immediatamente recebido por vossa alteza, a quem diz trazer grande nova!

— Fazei-o entrar sem detença — respondeu D. Manuel, com o coração alvoroçado pela idéa de que poderia ser alguma noticia a respeito de Vasco da Gama, cujo destino o trazia em cuidado desde que recente-

mente entrára só no Tejo a náó *S. Raphael*, agora do commando de Nicoláo Coelho, que pensava encontrar já em Lisboa a do capitão-mór, de quem a tormenta o apartára nas alturas de Cabo Verde, e que não tornára mais a vêr. ¹

— Que nova me trazeis?—perguntou D. Manuel sem se poder conter, enquanto o marítimo lhe beijava a mão.

— Senhor! beijei a mão a vossa alteza pela grande mercê que me fará, pela grande nova que lhe trago: Ha quatro dias que larguei da Terceira, onde deixei a náó de Vasco da Gama que regressa da India. E para dar tal noticia a vossa alteza, parti em meu caravellão e ha pouco desembarquei em Cascaes, d'onde corri para aqui.

— Pela grande alegria que me daes com saber tão grande mercê que Deus Nosso Senhor me faz, cavalleiro ficæes sendo da minha casa! se tendes filho, será moço da minha camara, e ámanhã procurae o meu comprador que vos entregará cem cruzados. E vós senhores!—continuou el-rei erguendo-se e dirigindo-se aos fidalgos que o cercavam—segui-me a dar graças a Deus pela grande mercê concedida a este reino com a descoberta da India!

Toda a côrte, com el-rei na frente, foi ajoelhar-se na capella do paço dando graças ao Altissimo pelo regresso de Vasco da Gama.

¹ São diversissimas as fórmãs por que os antigos chronistas contam a chegada dos descobridores da India. Não ha dois que digam a mesma cousa. Seguimos a versão que nos parece mais provavel.



Depois, el-rei, voltando á sala, enquanto cejava, dirigiu ao marítimo ilhéu muitas perguntas sobre a chegada da náó do descobridor á ilha, a que elle não poude responder cabalmente, porque, mal tivera noticia de que era Vasco da Gama que ali vinha, partira logo para dar a boa nova em Lisboa, e só ouvira que a bordo vinha em artigos de morte o irmão do capitão-mór.

— E' tarde, senhores! — disse D. Manuel levantando-se da meza—ide descançar, que pouco tempo para isso tendes, pois de madrugada partirei para Lisboa a esperar o descobridor da Índia.

Entretanto, foram entrando a barra do Tejo outras embarcações das ilhas, confirmando á chegada de Vasco da Gama, que na Terceira se demorára para enterrar na egreja de S. Francisco seu nobre irmão Paulo da Gama, o qual desembarcára muito doente fallecendo em seguida.

A náó do capitão-mór vinha a caminho de Lisboa, navegando muito vagarosamente, pelo seu estado de ruina e grande quantidade de agua que fazia. A viagem, effectivamente, a partir de Melinde, como já contára Nicoláo Coelho, tivera dias de bastante trabalho. Felizmente o temeroso Cabo da Boa Esperança fôra passado com bonança, o que permittiu fazer n'aquellas arriscadas paragens, com mais socego e minucia, as uteis observações dos ventos e correntes, e as sondagens, de que tomára detalhada nota o clérigo João Figueira no caderno do roteiro, que por ordem do capitão-mór ia escrevendo.

E relatavam tambem que, tendo passado com felicidade o Cabo, Vasco da Gama, para agradecer a Deus tal beneficio, estando á vista de terra, chamára os mes-

tres e pilotos, e renovando o perdão que lhes déra, distribuirá por elles, e pelo resto da tripulação, todos os presentes recebidos do rei de Melinde.

Finalmente, a 29 d'agosto de 1499, a náó *capitaina* fundeava no Tejo, e com a sua artilheria salvava a cumprimentar o rei, que da Casa da Mina, depois denominada Casa da Índia, admirava o espectáculo magnífico do rio coalhado de embarcações festivamente empavezadas, que á barra tinham ido esperar o descobridor da Índia.

A natural satisfação que devia experimentar Vasco da Gama, dando fundo em Lisboa, depois d'uma ausencia de mais de dois annos, em que realisára tão immortal empreendimento, era profundamente perturbada pela enorme dôr que lhe causára a morte de seu irmão, e foram precisas reiteradas instancias dos fidalgos que a bordo primeiro correram a saudal-o, para o demover do proposito de se apresentar a el-rei coberto de rigoroso luto. N'aquelle magnanimo coração, o sentimento pela morte do irmão querido sobrelevava ao regoijo natural pelo grande feito que realisára.

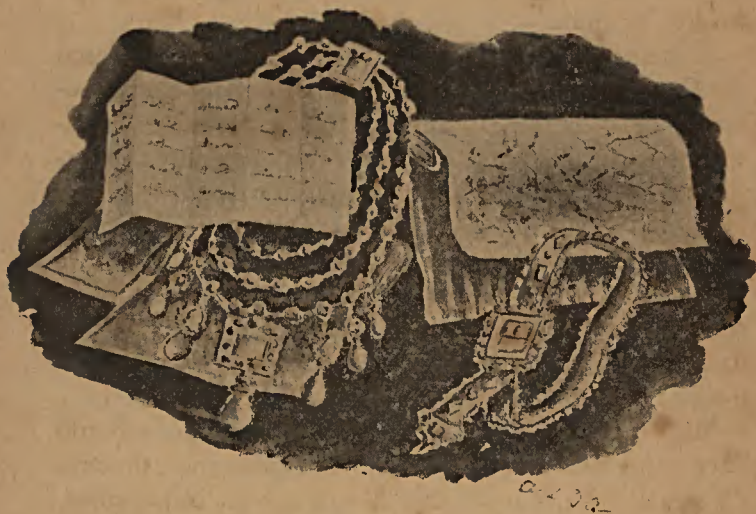
Mal a sua náó acabava de salvar, entrou a bordo Jorge de Vasconcellos, fidalgo dos principaes da casa do rei, que D. Manuel mandava a dar-lhe os pezames, e satisfeito esse encargo, com elle desembarcou o capitão-mór, saltando em terra defronte da Casa da Mina onde o esperava toda a côrte, tendo á frente o conde de Borba, e o bispo Calcadilha, encarregados de o acompanhar á presença d'el-rei.

Ajoelhou Vasco da Gama ante D. Manuel, e beijando-lhe a mão, disse :

— Senhor ! N'esta hora são acabados meus trabalhos, com grande satisfação minha, pois Nosso Senhor me

trouxe ante vossa alteza tendo cumprido o encargo que me deu!

- Sêde bem vindo, que ninguem tem com o vosso regresso maior satisfação do que eu—respondeu el-rei —e pois que Deus vos deu vida até aqui, como lhe pedistes, vol-a dará para de mim receberdes o premio que merece tão assignalado serviço como o que tendes



feito. Por amor de mim vos consolae da morte de vosso irmão, pois que a Nosso Senhor aprouve conservar-vos antes a vós, a quem eu tinha tudo confiado, em quem punha toda a minha esperança. Mas se elle morreu, para mim é como se vivo fôra, pois a quantos n'esta expedição deixaram a vida, para com suas memorias e descendentes serei grato, como para os que vivos tornaram.—O capitão-mór beijou-lhe novamente a

mão commovido, e D. Manuel concluiu: Vinde Vasco da Gama, a rainha nos espera, quero ter a honra de lhe apresentar o descobridor da India!

A' porta da Casa da Mina apinhava-se o povo que rompeu em vivas a el-rei e a Vasco da Gama.

Cavalgando ao lado de D. Manuel, e seguidos por luzido cortejo se dirigiram para o paço de Alcaçova.

Chegados ali, immediatamente foi o capitão-mór admitido á presença da rainha D. Leonor, que o saudou com as mais honrosas palavras, testemunhando pelo seu grande feito essa admiração que no decurso d'esta narrativa veremos accentuar.

—Ide para vossa casa repousar, Vasco da Gama—lhe disse D. Manuel, encerrando a audiencia—e voltae ámanhã para socegradamente me contardes vossos trabalhos, e tratarmos das cousas da India. Vou mandar que em vossos navios e seus carregamentos se não toque senão como vós ordenardes.

Retrou-se o descobridor da India, e seguido por grande cortejo de amigos entrou na sua morada em Lisboa. Quando, já bastante noite, finalmente o deixaram socegado, em vez de se entregar ao repouso que el-rei lhe recommendára, e que as visitas durante todo o dia lhe tinham interdito, Vasco da Gama trocou os trajos de festa que ainda trazia por outros de burel, que era o lucto da época, e envolto em longa capa saiu só e a pé, por um dos mais escusos postigos da sua habitação, dirigindo-se á Ribeira das Náos.

Parou ali alguns momentos, como a orientar-se, e tomando por uma estreita viella, seguiu-a até parar em frente de uma pequena casa de um andar apenas, sob cuja porta uma lanterna pendente de sua cadeia de ferro alumiaava um nicho com a imagem de Nossa Senhora.



— Deve ser aqui, segundo os signaes que Ruy me deu, — monologou Vasco da Gama, levantando e deixando cair a pezada aldrava da porta.

Momentos depois abriu-se uma janella, e um homem perguntou :

— Quem buscaes a esta hora da noite ?

— A vós mesmo, Martinho da Cunha !

— E quem sois, que vos não conheço a fala ?

— Um amigo de vosso filho Ruy da Cunha, que na Asia ficou e d'elle vos traz recado.

— Bemdita e louvada seja a Virgem, — exclamou junto de Martinho uma voz de mulher.

— Deus vos traga, amigo — accrescentou o velho — attendei que vou abrir-vos — concluiu fechando a janella.

Sentiu-se o ancião descer a escada e correr os ferrolhos, abrindo a porta ; e porque as trevas eram quasi completas, Martinho procurou a mão do visitante, dizendo-lhe :

— Sêde bemvindo a esta casa a que trazeis a unica alegria que podiamos ter : receber novas de Ruy. Deixae que vos conduza, que para correr a tranqueta não pude trazer a candeia.

Seguiram por um estreito corredor, ao fim do qual, por uma porta entreaberta, passava fraca luz. Martinho abriu a porta e entraram em uma pequena casa, a sala, decerto, da modesta morada. Corria ao longó da parede uma bancada de madeira escura, a que servia de costas um roda-pé d'azulejos. Um pezado armario de carvalho, com largas ferragens, um buffete sobre que ardia a candeia, e duas grandes cadeiras de braços de pau santo, com meias costas de couro e grandes pregos de latão, constituiam toda a mobilia que a guarneciam.



Entrando ali, Martinho voltou-se para a pessoa que conduzia, justamente no momento em que Vasco da Gama se desembuçava e tirava o barrete. Reconhecendo-o, ficou attonito :

— O capitão-mór !—exclamou o velho ; e logo pretendendo impedil-o de se descobrir: —Vós n'esta pobre casa senhor ! Vinde Izabel, vinde—exclamou em alta voz—é o senhor Vasco da Gama, que nos faz grande honra.

— Sim, meu amigo, sou eu que venho cumprir o que prometti a Ruy da Cunha : dizer aos seus que por graça de Deus o deixei com saude, e pedir-vos tambem, a vós seu pae, e a vós senhora—continuou saudando Izabel que n'esta occasião entrava—que perdoeis ao meu egoismo o ter accitado.o sacrificio do mais valente cavalleiro de quantos me acompanharam na descoberta da India !

— Cavalleiro !?—interrogou o velho surprezo.

— Com esta espada que ficará sendo vossa —olveu Vasco da Gama, tirando a espada do cinturão e pondo-a sobre o buffete—lhe conferi a honra da cavallaria, que ámanhã el-rei confirmará por meu pedido. Grande filho tendes! amigo,—continuou o capitão-mór em tom alegre e familiar, fingindo não perceber a commoção que impedia o velho e a donzella de dizerem palavra.

— Muito vos deve custar, bem o sei—proseguiu, accedendo finalmente ás instancias de Martinho para que se assentasse—que Ruy tenha ficado no Oriente; mas descançae, que a ausencia não será longa. Agora já saberão os nossos mareantes, pelos cadernos que fiz escrever a João Figueira, como hão de ir á India, assim como vão á Africa. E na primeira armada que el-rei



mandar, o nosso cavalleiro regressará. Entretanto, como prometti a Ruy, no que fôr possível o substituirei na companhia que vos hei de fazer...

Não poudé o velho ficar mais tempo silencioso a tantas provas de dedicação com que Vasco da Gama buscava indemnisa-l-o da ausencia do filho, e apertando-lhe as mãos agradecido, exclamou:

—E sois vós, senhor! que n'esta viagem perdestes vosso nobre irmão, que esqueceis as vossas dôres para só cuidar das nossas! Grande é o vosso coração, e bem digno do seu alto destino!

—«Pobre Paulo! — proferiu o heroe da India, a quem as palavras do velho foram avivar a saudade adormecida no seu peito com o bulicio da festiva chegada, e a preocupação de vir ali cumprir aquelle dever para com a familia de Ruy. E, n'uma expansão intima, como desabafando, concluiu: — grande mercê me fez Nosso Senhor deixando-me descobrir a India, mas levou-me o que eu mais amava n'este mundo! Seja feita a sua vontade!

Houve um momento de silencio. Vasco da Gama pensava decerto em seu irmão, e Martinho não se atrevia a romper a sua concentração; mas o capitão-mór, com o seu animo forte, para logo procurou afugentar a tristeza, dirigindo-se a Izabel em tom affavel:

—E vós, senhora! não me pedis noticias de vosso primo? Tel-o-heis por acaso esquecido? Ah! isso sim, matal-o-hia mais depressa do que as lanças dos mouros...

—Já tive a ventura de vos ouvir que ficou de saude e que breve voltará... Que mais poderei desejar, a par de tanta honra e favor que lhe concedestes?

—Ah! maiores foram os serviços que me prestou e



a el-rei, e maior do que todos é o que fica fazendo des-terrado em Melinde. Brilhante futuro o espera, senhora! Alegrae-vos, que é boa a estrella do vosso prometido! Ou muito me engana o coração, ou virá ainda a ser dos mais illustres cavalleiros de Portugal. A India! A India! Martinho da Cunha! em que peze ao vosso vaticinio ao partirmos do Restello, lembrac-vos? —contínuou sorrindo com bondade—será a melhor joia da corôa portugueza. . . Ha ali campo largo para se illustrarem no serviço da patria os seus mais valorosos servidores. Vosso filho será d'esses, estae certo!

E Vasco da Gama largamente narrou todas as provas de coragem e dedicação que Ruy lhe dera. Era alta noite quando se retirou, emprazando o ancião e a sobrinha para que o fossem ver a sua casa, dizendo ter a tratar com elles assumptos que a todos interessavam.

No dia seguinte, bastante cedo ainda, já o capitão-mór se achava no paço, e el-rei a quem isto constou, mandou-o logo entrar para a sua camara em que se estava vestindo :

— D. Vasco da Gama ! pouco repousastes ! . . .

— Beijo a mão a vossa alteza pela mercê com que acaba de me honrar—disse o heroe ajoelhando e agrade-cendo o titulo de *dom*, que o rei lhe conferira.

— Acompanhae-me a ouvir a missa, D. Vasco da Gama, e depois fallaremos da India.

Terminada a cerimonia religiosa, D. Manuel acompanhado pelo descobridor da India e seguido pela côrte, foi assentar-se em uma das grandes salas do paço.

— Agora, — disse el-rei, — podeis mandar vir á minha presença os vossos corajosos capitães, mestres e pilotos e os orientaes que comvosco trouxestes.



Inclinou-se D. Vasco da Gama, e saindo um instante, voltou seguido pelo numeroso grupo.

— Senhor! — disse apresentando a el-rei o capitão da não *S. Miguel*, — Nicoláo Coelho não foi somenos em trabalhos e serviços, e vossa alteza lhe fará as mercês que entender.

— Não, D. Vasco da Gama, vós é que haveis de indicar o premio que a cada um darei!

— Aquí tendes, senhor! os presentes e cartas que vos enviam os reis de Cananor e de Melinde, — continuou o capitão-mór entregando a D. Manuel as missivas escriptas em folha de ouro, enquanto Nicolau Coelho abria a arca trazida por marinheiros, d'onde logo tirou as joias e sedas enviadas para a rainha.

Mas, de repente, el-rei e a côrte, que attentamente examinavam as preciosas dádivas, voltaram-se admirados sentindo extranho ruido: dir-se-ia que uma procição de duendes ou almas penadas, arrastava cadeias pelas salas do paço approximando-se cada vez mais.

— São os prisioneiros!

— Prisioneiros! — exclamou D. Manuel admirado.

D. Vasco da Gama caminhára já para a porta da sala, a receber os mestres e pilotos algemados, e voltando com elles ante o monarcha, disse:

— Senhor! em um momento de fraqueza, d'essa que ás vezes quebranta o coração dos mais valentes, estes homens pensaram em arribar contra minha ordem e voltar a Portugal. Tive de assim os castigar, e fiz voto de ante vossa alteza os trazer em ferros. Mas perdoei-lhes em meu coração ha muito, porque do seu proposito se arrependeram, e foram tão valentes e tantos trabalhos passaram como os demais, e por isso só os

trago algemados a vossa alteza, para que seja maior a mercê que lhes faça e lhes confirme o perdão.

— Já estão perdoados, pois que vós os perdoastes, D. Vasco da Gama! e seu premio escolhereis, como para os seus companheiros!

Então D. Vasco da Gama por sua mão lhes foi tirando as algemas, e cada um em seguida ajoelhava beijando a mão do rei e da rainha, que chegára e se assentára junto de D. Manuel, e a quem logo o capitão-môr entregou o collar enviado pelo rei de Melinde.

— Agora, senhor! permitti que vos apresente os pilotos indios que a Portugal nos encaminharam, que muito desejam conhecer o nosso paiz, e alguns dos quaes espero que cedo pedirão as santas aguas do baptismo.

E depois de apresentar os orientaes que se prostraram ante os reis, e que faziam a admiração da côrte com os vistosos pannos e sedas que trajavam, o capitão-môr, tomou pela mão o judeu que planeára atacar por traição a armada:

— Este, senhor! em Angediva pretendeu accommetter-nos á falsa fé, por ordem de Sabayo, rei de Gôa! Mas sinceramente se arrependeu, e bons serviço nos prestou depois com seu muito saber das cousas do mar e do Oriente. Assentou já em tomar a nossa fé, e Gaspar das Indias se quer chamar, se vossa alteza o consentir.

— Eu serei seu padrinho de baptismo — respondeu D. Manuel.

— Cumpre tambem, senhor! que apresente a vossa alteza estes que representam os mais humildes dos meus companheiros, mas que suas vidas tanto arriscaram como os demais, e talvez mais ainda soffreram, com a



pezada faina da manobra e o trabalho das bombas, para que as náos se não afundassem.

E os rudes marinheiros que tinham carregado para ali as caixas com os presentes dos reis da India, foram por seu turno beijar a mão d'el-rei.

— E agora, senhor! só me resta um nome a dizer a vossa alteza, pois que os meus companheiros a quem Deus approuve conservar a vida já lhe apresentei, e dos mortos, vossa alteza me disse que se não esquece-



D. FRANCISCO D'ALMEIDA

rá. Esse nome é o de Ruy da Cunha, um dos que mais serviços prestaram, e que tanto comigo insistiu em ficar em Melinde, para melhor servir ainda vossa alteza. Assim faltei ao regimento que vossa alteza me deu, mas conveniencia grande havia em que junto d'aquelle rei, todo affeiçoado aos portuguezes, ficasse quem procure com o seu apoio espalhar por toda a India o conhecimento e respeito do nosso nome e do nosso paiz.

— Bem fizestes D. Vasco da Gama! E a recompen-



sa d'esse joven, que me recordo dever ser o filho do ancião que mal agourava a vossa partida do Restello, cumpre que seja maior para indemnisar seu velho pae da sua ausencia.

Não poude o capitão-mór esconder a satisfação que estas palavras do rei lhe causaram, e ajoelhando beijou-lhe a mão, dizendo :

-- Por elle e por sua familia, agradeço a vossa alteza.

—E agora D. Vasco da Gama, mandae que se pague á vossa gente como vos parecer. A vossos officiaes, mestre e pilotos, entregae livremente quanto da India trouxeram, e dar-lhe-heis mais dez arrateis de especiarías, a cada um. . .

— Que suas mulheres repartirão com suas comadres e amigas — accrescentou D. Vasco da Gama sorrindo. ¹

O heroe, principalmente satisfeito por vêr realisados os seus desejos de elevar os parentes de Ruy da Cunha, buscava embriagar-se com o regosijo geral em que todos se achavam, e assim contrabalançar as dolorosas recordações da morte do irmão querido, Paulo da Gama.

¹ — Este e todos os demais detalhes da apresentação dos companheiros de D. Vasco da Gama são fielmente reproduzidos das *Lendas da India*, já citadas.





VII

O coração de D. Vasco da Gama



STAMOS no fim do anno de 1501.

D. Vasco da Gama, honrado por D. Manuel ao regressar da sua descoberta com a nomeação de almirante do mar da Índia, e o privilegio de poder tomar o commando das esquadras que, d'accordo com elle, o rei faz partir cada anno, ainda que já lhe esteja capitão-mór designado, é a primeira auctoridade no reino em tudo que á Índia se refere.

O seu palacio tornou-se, por assim dizer, o quartel general das operações no Oriente, e quando as questões são resolvidos no conselho regio, já ali tiveram antecipadamente discussão e ficaram deliberadas.

Da sua morada fez D. Vasco da Gama uma especie de Índia em Lisboa: n'ella vivem todos os orientaes que consigo trouxe, e em uma dependencia do palacio fez que viessem habitar o pae de Ruy e Isabel.

Não se fala pois ali senão das cousas da Asia, não se pensa senão em cousas do Oriente e no cavalleiro que lá ficou. Taes são os assumptos permanentes das conversações com os indigênas, a quem o almirante fez visitar a Batalha, Alcobaça e outros monumentos do paiz, e que já vão falando portuguez, tendo-se alguns convertido ao christianismo.

Ali se reúne diariamente o enxame dos pretendentes de todas as gradações, que ambicionam as nomeações para o serviço na India, desde a capitania nas náos até aos cargos das feitorias, que se projecta estabelecer, nos diversos centros commerciaes d'aquelles reinos.

D. Vasco da Gama espera com anciedade o regresso da armada partida no anno anterior, sob o commando de Pedro Alvares Cabral, e as noticias que Ruy lhe mandará, pois comquanto, para contentar os seus, finja esperal-o na volta d'essas náos, está convencido de que o cavalleiro se deixará ainda ficar na India e assim o deseja; e tal é a forma por que a ideia da progressiva conquista d'aquelles paizes absorve o seu espirito, assim como o do rei e da côrte, que quando pouco depois de Pedro Alvares Cabral ter partido, entrou a barra do Tejo André Gonçalves, um dos mestres que, com Vasco da Gama, tinha ido na descoberta, e que este fizera nomear capitão de um navio da poderosa armada de Cabral, a dar a noticia da descoberta do Brazil que acabava de fazer, pouca sensação produziu este successo, e tão esquecido se pode dizer que estava já quando a armada regressou do Oriente, que não serviu para com justiça serem apreciados os serviços d'este tambem grande e modesto navegador, só porque na viagem da India não fôra assignalado o seu exito.



Todos queriam ver ali realisadas grandes façanhas ; e mais ainda, que as náos voltassem abarrotadas de riquezas — Tal era a expectativa a que dispuzera os espiritos o successo obtido por D. Vasco da Gama, e o balanço dado ás contas de receita e despeza da sua expedição, em que se achára que os carregamentos trazidos cubriam *setenta vezes* os gastos feitos !

E Pedro Alvares Cabral, que partira com uma poderosa armada de treze navios, com excellentes capitães, como Nicolau Coelho, Sancho de Tovar, Bartholomeu Dias, Simão de Miranda Azevedo, e outros igualmente afamados, todos muito bem pagos, levando grandes artilhamentos, munições de guerra, basto carregamento de coral e fazendas de toda a especie, voltava só com quatro náos, tendo perdido no Oriente muitos dos seus companheiros e alguns dos seus navios.

D. Vasco da Gama era um grande character, incapaz de publicamente depreciar os serviços d'um homem como o descobridor do Brazil. Se alguém buscou dar-lhe valor e fazer justiça á sua expedição, foi por certo o almirante ; mas no fôro intimo da sua consciencia julgou-a um insuccesso, e mais do que tudo lhe pezou no espirito que Pedro Alvares Cabral, dispondo de tamanhos recursos e alvo de segunda offensa de Samorim aos portuguezes, só muito ligeiro desforço tomasse.

A idéa de voltar á India, de tirar por suas mãos essa desforra, começou então a dominal-o constantemente.

Largas horas passava o almirante encerrado em uma sala toda cheia de recordações da India e da sua descoberta : armas, livros, as grosseiras cartas geographicas do tempo, a reler o extenso relatorio que Ruy da Cunha lhe enviára sobre quanto na India e em Melinde era passado desde que se tinham separado, até ao

5275



momento de Pedro Alvares Cabral partir para o reino. Havia ali detalhes que o grande descobridor, na sua lealdade de vassalo, só a D. Manuel quizera confiar.

Quiz el-rei conhecer o relatório enviado pelo cavalleiro, e como partisse para Cintra, a repousar uns dias dos negocios da governação, levou D. Vasco da Gama em sua companhia. N'aquelle pequeno compartimento do paço, contiguo á grande sala dos Cysnes, assentado n'aquelle mesma cadeira guarnecida de azulejos e cravada na parede, em que, segundo algumas versões, D. Sebastião se havia de assentar mais tarde, para ouvir a leitura dos immortaes *Luziadas*, feita por Camões, escutou D. Manuel essa minuciosa descripção de quanto se tinha passado no Oriente, e em especial do que succedera á expedição de Pedro Alvares Cabral.

Ruy da Cunha tivera o cuidado de fazer uma especie de resenha diaria dos acontecimentos, a começar na perda das quatro náos de Bartholomeu Dias, Simão de Pina, Vasco de Athayde e Gaspar de Lemos, logo ao dobrarem o Cabo da Boa Esperança; depois a estação nos reinos de Melinde e de Cananor, onde tinham sido entregues as cartas de D. Manuel; os fementidos protestos de paz e amisade do rei de Calecut, com quem o cavalleiro fôra antecipadamente ajustar a recepção do capitão-mór, as novas traições do Samorim, que rematou por deixar os mouros atacar a feitoria portugueza, ali estabelecida em virtude de ajustes feitos, sendo morto o feitor Ayres Corrêa, o bombardeamento da cidade e aprisionamento de náos carregadas, por Alvares Cabral; depois, a perseguição da sua armada, que tinha evitado a de Calecut, por o capitão-mór condescender com o pedido das guarnições para não arriscar em um combate naval os ricos carregamentos tomados; e fi-



nalmente, a paz e commercio tratados com o reino de Cochim, concluindo Ruy da Cunha por mostrar que cada vez se tornava mais necessaria a sua permanencia no Oriente, motivo por que não regressava com a armada, insistindo antes com D. Vasco da Gama para que voltasse á India.

— Bem vêdes, senhor! errado caminho é este que vão tomando os negocios da India. Se os portuguezes commecam a preferir as suas riquezas á gloria de a conquistarem, de avassallarem novos reinos; se as armadas que lá mandaes seguem este preceito de fugir ao inimigo para não arriscarem as prezas feitas, nunca na India viremos a dominar! E mais força daremos assim ás intrigas dos commerciantes mouros que nos odeiam, e que propalam que só lá vamos com a mira nas riquezas!

D. Manuel, pensativo e concentrado, nada respondeu. A sua consciencia dizia-lhe que era justo quanto o descobridor da India acabava de expôr, e que elle proprio tinha em grande parte concorrido para essa feição, accentuadamente commercial, que se ia dando ás expedições enviadas á India, pois até já se fallava em convidar os ricos negociantes do reino a armarem á sua custa náos que fossem sustentadas pela fazenda do rei, que então representava as finanças do estado.

— Máos signaes diviso, senhor! n'este caminho que vamos seguindo: um capitão-mór a obedecer ás imposições da sua gente para não combater, e os que para combater lá vão, ambicionando apenas logares rendosos nas feitorias que se criam. Bom é crear feitorias, senhor! mas depois de ter alevantado fortalezas, porque n'estas é que se ha de sustentar a nossa bandeira!

Com o seu grande tacto politico, esclarecido pelas minuciosas informações de Ruy da Cunha, o almiran-



te como que adivinhava o triste espectáculo que o nosso systema de dominar no Oriente havia de apresentar no futuro: essa ambição desregrada da maioria dos christãos que indispunha os naturaes, e que levou muitos capitães de praças a pedirem aos governadores e vice-reis medidas de rigor contra a sua propria gente; essa desordem e cubiça que veio a determinar deplo-ráveis conflictos entre os que na India exerciam o mando, como Affonso d'Albuquerque e D. Francisco d'Almeida, e os incipientes governantes da côrte.

Mas D. Vasco da Gama ainda n'aquelle tempo esperava que o erro seria emendado, e para isso estava disposto a trabalhar, voltando á India.

O tempo foi correndo. No Oriente estava a armada de João da Nova, que só para o anno voltaria, e nova expedição se preparava, na qual se dizia que Pedro Alvares Cabral iria novamente por capitão-mór.

Quando a esta versão se alludia em casa do Almirante, os olhares do velho Martinho e de sua sobrinha cravavam-se n'elle, como a perguntar-lhe se ainda n'aquella armada não partiria a cumprir a sua promessa de lhes trazer ao reino o desterrado filho e noivo. E o que mais pezava no coração de D. Vasco da Gama, era conhecer a resignação d'ambos, o silencio em que devoravam as suas saudades, não proferindo nunca uma palavra, um pedido a tal respeito, como quem reconhecia que o serviço que Ruy estava prestando ao descobridor da India, era a unica recompensa condigna da muita amizade com que os tratava e dos beneficios que, por sua influencia, tinham recebido, pois Martinho da Cunha fôra contemplado com uma boa tença, e sua sobrinha admittida como donzella da rainha, que em breve muito se lhe affeiçoára.



Quando pois se aprestou a nova armada, que levaria por missão principal castigar o Samorim das offensas que fizera a Portugal, deixando matar o feitor Ayres Corrêa, que, segundo os tratados de paz e amizade com elle celebrados, se estabelecera em Calecut, a voz geral pedia que o commando fosse dado ao almirante do mar da India, em cuja boa estrella todos confiavam. Mas D. Vasco da Gama, apesar dos seus de-



... a viração do mar impelliu para as praias aquelles destroços em chammas. (Pag. 124)

sejos secretos, conservava-se na maior reserva para não melindrar Pedro Alvares Cabral

Um dia, no paço, a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, disse ao descobridor da India :

— Se eu governasse, serieis vós o capitão da nova armada que vae partir, porque no mar vos fez Deus tanta mercê.

O almirante agradeceu beijando-lhe a mão, e bem

compreendeu que taes palavras traduziam tambem um pedido feito por amor de D. Isabel, que se não attrevia a directamente lh'o apresentar.

D. Manuel, tambem secretamente desejava que o almirante voltasse á India, mas não queria igualmente desconsiderar o descobridor do Brazil. Buscou pois um meio indirecto de o fazer desistir do commando, dividindo a armada, que era de dez náos, em duas capitánias-móres, uma das quaes seria dada a Vicente Sodré, com a missão de ficar na India e conter em respeito o Samorim. Pedro Alvares Cabral era um servidor leal, despido de vaidades, e comprehendendo o desejo do rei em satisfazer a voz publica, que pedia que fosse dado o seu logar ao almirante, offereceu a sua demissão.

Logo que isto se deu, e D. Vasco da Gama o não podia já melindrar, foi ter com el-rei, e lembrando-lhe o privilegio que lhe concedera de poder tomar o commando de qualquer frota que partisse para o Oriente, declarou querer assumir o d'aquella, que se aprestava sob as suas indicações, e que tinha por fim castigar o rei de Calecut.

Quando isto constou, o regosijo foi geral, e d'ali a pouco o almirante do mar da India deixava o Tejo com a poderosa armada composta não só das dez náos já mencionadas, mas augmentada com mais cinco caravellas, ficando ainda a aprestarem-se em Lisboa outras cinco náos, que, sob o commando de Estevão da Gama, primo do almirante, dentro em pouco se lhe iriam reunir.

Da possante armada com que o descobridor da India se ia fazer novamente ao mar, era, por assim dizer, o seu immediato, Vicente Sodré, seu tio, que ia na não capitania S. Jeronymo.



Com estes grandes elementos guerreiros, e gente de sua confiança, partiu o almirante do mar da Índia para os seus dominios a castigar o traiçoeiro rei de Callicut. Oitocentos homens de combate guarneciam as náos e caravellas.





VIII

O almirante do mar da India derrota a esquadra do Samorim



PARTIU a armada de Lisboa em dia de Nossa Senhora de Março, sendo como de costume celebrada antes a missa, vindo el-rei despedir-se com toda a côrte do almirante.

D. Vasco da Gama, dirigindo-se pela segunda vez á India, ia disposto a seguir as indicações de Ruy da Cunha, que lhe dizia ser necessario assentar definitivamente no Oriente o prestígio do nome portuguez com a submissão completa do Samorim, e d'alguns outros potentados mais ou menos claramente hostis aos portuguezes.

Aportou primeiro a grande armada á Guiné, e fallecendo ali de febres Fernão d'Athouguia, capitão da não *Leitoa*, deu o almirante o commando d'este grande navio a Pero de Aguiar, e para a não que deixava nomeou Pero de Mendonça, fidalgo da sua confiança.



Como succedera a Pedro Alvares Cabral, o tempo, que ao sairem novamente ao mar encontraram, levou-os ás costas do Brazil, e d'ali correram para o Cabo de Santo Agostinho, e d'este para o da Boa Esperança.

Batidos pela tempestade n'estas paragens, foram os navios dispersos, ficando sómente com o almirante duas náos e tres caravellas. Seguindo para Moçambique, que D. Vasco da Gama tinha dado aos seus capitães como ponto de reunião no caso de se apartarem, encontrou mais uma náo e duas navetas. Do resto da armada, nas proximidades de Sofala, naufragou a náo de Pero de Mendonça.

Reunida novamente a esquadra, partiu o almirante de Moçambique, dirigindo-se a Quiloa, onde começou a dar execução ao energico plano que levava, fazendo tributario a Portugal o seu rei, em castigo das traições que commettera.

De Quiloa seguiu para Melinde, onde deu fundo em 18 de agosto de 1502. Já ali constava, por embarcações indigenas partidas d'aquelle reino, a vinda da grande armada portugueza trazendo por chefe o descobridor da India, havendo por isso festiva recepção preparada pelo rei de Melinde, seu grande amigo.

Batia o coração de D. Vasco da Gama ao approximar-se da sua náo o batel empavezado em que vinha o rei descançando sobre os ricos coxins e tapetes, que pendiam da embarcação e mergulhavam no mar, não vendo ao seu lado Ruy da Cunha. A morte, que facilmente victimava os europeus n'aquelles climas doentios, teria cortado ao alvorecer a carreira do corajoso cavalleiro? Seria essa a triste nova que elle ia receber do rei, e o luto, em vez da alegria, estar-lhe-ia reservado para levar ao pae e á noiva do seu dedicado amigo?

Mas dentro em breve o seu espirito socegou, e mais augmentou o seu reconhecimento para com o joven cavalleiro. Ruy da Cunha não vinha ali, porque não se achava n'aquelle momento em Melinde. Proseguindo na sua verdadeira tarefa de missionario do prestigio de Portugal no Oriente, partira para o reino de Cou-lão, o mais rico de todos os da India na producção de especiarias, a decidir a rainha a assentar paz e commercio com D. Manuel, deixando ali estabelecer feitoria.

Exultou o almirante com estas noticias, e depois de se demorar alguns dias em Melinde, assistindo aos festejos com que o rei celebrou a vinda dos seus alliados, e com elle conferenciar largamente sobre os negocios da India, partiu dirigindo-se a Dabul e Gôa, que nas suas informações Ruy da Cunha indicára como devendo ser no futuro a séde mais conveniente para o estabelecimento dos portuguezes, e cuja conquista o almirante quizera tentar, se antes não julgasse necessario bater o Samorim. No dia immediato á sua partida de Melinde, teve D. Vasco da Gama a satisfação de se encontrar com a armada do commando do seu parente, Estevão da Gama, que em Lisboa ficára a apromptar, sendo a junção das duas armadas saudada com salvas d'artilheria e vivas soltados pelas tripulações, ao som das trombetas e atabales.

Seguiu a esquadra approximando-se de terra nas alturas de Dabul, e entrando em o rio a que os natu-raes chamavam Onor, atacou Estevão da Gama, por ordem do almirante, com uma esquadilha de bateis, o corsario indio Timoja, pirata hostile aos portuguezes, mas que a Portugal veio a servir mais tarde. Conhecida esta escaramuça em Batalalá, onde a esquadra se



dispunha a fundear, pretenderam os mouros impedir-a de o fazer, recebendo-a com descargas de bombardinhas de uma bateria improvisada sobre um morro, que ao rio ficava sobranceiro. Mas Estevão da Gama, com as pequenas embarcações, forçou a entrada do rio, vindo alguns mouros ao seu encontro a pedir paz.

Levados a bordo da náó do almirante lhe reiteráram o pedido, a que accedeu, depois de lhes ter feito sentir o errado caminho que haviam seguido recebendo os portuguezes hostilmente.

A caminho novamente para Cananor, a esquadra, tendo sido obrigada a fundear na enseada de Morabia, para reparar um desastre occorrido a náó *Esmeralda*, de Pero Affonso d'Aguiar, cujo mastro grande caiu com o tempo, vindo as lanças que estavam na gavea matar alguns homens, encontraram ali muitas náós de commercio de Calecut, que o almirante aprisionou mandando-as destruir.

Tão valiosos eram os seus carregamentos, que muitos dos capitães portuguezes ousaram imitar para com D. Vasco da Gama o proceder dos mestres e pilotos de Pedro Alvares Cabral, vindo pedir-lhe que attendesse á supplica do rico mouro que as commandava, e que pelo seu resgate e das fazendas offerencia carregar de pimenta todos os navios da armada.

—Senhores e amigos!—lhes respondeu o almirante—bem vejo o que dizeis, mas todo o que cubiça a fazenda do seu inimigo e não a sua morte, erra contra a sua honra e vida, porque o que o seu inimigo poupa ás mãos lhe morre. Calecut muito nos tem offendido e merece que lhe façâmos todo mal; se, com o engodo dos resgates soltássemos estes mouros, ficiâmos infamados por todas estas partes, por vendermos a hon-



ra por fazendas, e Calecut sem temor cada dia nos offenderia mais. Portanto, a quanto fôr de Calecut farei todo o mal que poder!

E ás náos inimigas, abarrotadas de preciosas fazenda, mandou lançar fogo, seguindo para Cananor depois de ter exercido esta represália.

Recebeu o rei de Cananor solemnemente os portuguezes, com grandes festas, fazendo-lhe o almirante entrega dos presentes e da carta de D. Manuel, firmando-se novas e mais vastas relações commerciaes entre os dois reinos. Aqui houve D. Vasco da Gama noticia da approximação da armada de Calecut, e apesar das instancias do rei, pedindo-lhe que evitasse de se encontrar com ella, reuniu logo os capitães, para assentar no plano da guerra que estava disposto a fazer no mar a todos os potentados do Oriente, com excepção de Cananor, Cochim, Melinde e Coulão, ficando na expectativa quanto a este ultimo reino até que Ruy da Cunha d'ali regressasse, e podesse saber se assentara paz e commercio com a rainha.

Mas a noticia das represálias exercidas já em Onor e Baticalá, fizera com que de Calecut fugissem todos os navios de guerra e de commercio, e mais uma vez o Samorim pretendeu, com palliativos e protestos de amizade, illudir o almirante, a quem enviou como embaixador um brahmane que, para chegar a bordo a salvo, se disfarçou em frade.

Conhecia já Vasco da Gama este systema caviloso do rei de Calecut, a quem estava disposto a inflingir severa lição, e não se deteve a dar ouvidos aos seus pretendidos arrependimentos, mandando prender o seu enviado. Não vendo regressar o supposto monge, novo mensageiro enviou o Samorim, com tentadoras promessas



de largos resgates por todos os seus subditos aprisionados. A resposta do almirante, a quem a lembrança da morte dos portuguezes da feitoria, e em especial da do proprio feitor Ayres Corrêa, pareceu mais se avivar ainda com este empenho do Samorim em garantir as vidas dos seus subditos, foi ordenar que todas as náos se approximassem o mais que fosse possivel da cidade e a bombardeassem. Destruida em grande parte a cida-



de, novamente saiu o almirante para o mar, por constatar que se approximavam navios de Calecut, e encontrando varias náos e zambucos, aprisionou-os, e parte das tripulações, que depois de castigadas enviou ao rei com o mensageiro que lhe mandára.

Com os navios tomados seguiu para Cananor por sua ordem Vicente Sodré, a quem tinha nomeado para o substituir na capitania-mór quando regressasse a Portugal, e partiu com o resto da armada para Co-

chim, onde esperava encontrar finalmente Ruy da Cunha e aguardar o ensejo favorável para atacar a esquadra do Samorim.

O rei do Cochim era dos aliados fieis de Portugal. Recebeu pois com todas as demonstrações de amisade e respeito o representante de D. Manuel, que bem reconheceu nas praticas que com elle teve, como seria decisiva para o prestigio dos portuguezes a completa derrota do rei de Calecut, cujas vinganças os demais reis da India temiam.

Se o fortalecimento do poder lusitano no Oriente muito preocupava o almirante, no respeitante á submissão dos seus potentados, nem por isso cuidava menos do estreitamento das relações commerciaes, por saber que d'ahi vinham os resultados praticos e as vantagens economicas a que D. Manuel e todos no reino visavam, encarando os negocios da India.

D. Vasco da Gama conhecia o seu paiz e a côrte, avaliava bem o seu tempo e os homens que então influíam no reino, e não queria que as suas glorias, como as de Pedro Alvares Cabral, fossem esquecidas, ou menos consideradas, só porque d'ellas não resultava a satisfação da cubiça com que no reino se aquilatavam os successos do Oriente.

Exultou pois ao receber em Cochim a mensagem da rainha de Coulão, offerecendo assentar paz e commercio com Portugal, em virtude da habil propaganda feita junto d'ella por Ruy da Cunha, mostrando-lhe as vantagens que aos orientaes resultariam de trocarem os productos da India pelas fazendas e moedas dos portuguezes. Junta com a mensagem da rainha vinha uma carta do cavalleiro, annunciando ao almirante que o viria abraçar logo que o tratado fosse concluido, e na



qual o prevenia de que, sendo ella suzerana do rei de Cochim, convinha mostrar ostensivamente difficuldade em com ella assentar paz e commercio, sem que para isso o rei dêsse consentimento. Assim fez o almirante, e, como habil diplomata que era, negociou por fórma que, realisando o tratado com a rainha de Couião, simulou fazel-o por comprazer com o soberano de Cochim de quem era parenta, quando os intimos desejos d'este eram antes de reservar só para si o exclusivo dos tratos commerciaes com os portuguezes no seu reino e estados suzeranos.

Acabava o almirantê esta negociação, quando em grande segredo foi prevenido pelo rei de Cochim de que, segundo os seus espiões o informavam, o rei de Calecut, para tirar desforra do bombardeamento da cidade, reforçara a sua armada com grande numero de nãos poderosas, zambucos, fustas a remos, e muita artilheria, tendo assim reunido a maior esquadra que até então se vira n'aquelles mares, e que dividida em dois corpos, sob o commando dos seus melhores capitães, o Cogecacemo e o Cojambar, para ali se dirigia a atacar os portuguezes.

Regosijou-se o almirante com a noticia, do que ficou admirado o rei de Cochim, que esperava vel-o aterra-do com a imminecia da derrota.

— Pela vida d'el-rei D. Manuel, meu irmão— insistiu elle com o descobridor da India—vos peço que partaes, e eviteis de vos encontrar com os de Calecut. Carregados como estão vossos navios, não podereis combater com vantagem. Attentae que mais de sessenta são os navios que vos procuram, tão bem artilhados como os vossos e commandados por grandes capitães, como são o Cojecacemo, e ainda mais o Cojambar, que, se-



gundo me informam os meus espias, veio a toda a pressa de Meca para offerecer ao rei de Calecut o seu serviço, fazendo-se forte de que vos aprisionará e vos levará em ferros ao Samorim.

— Senhor! — respondeu-lhe D. Vasco da Gama — muito vos agradeço o interesse que por nós tomaes, mas esta armada estava para partir sob o commando de Pedro Alvares Cabral, a quem o Samorim offendeu, e eu não hesitei em tomar o seu lugar para castigar essa offensa. Confio em Deus que para bater a armada de Calecut, me bastarão essas caravellas que ahi vêdes, e por sua honra mais estimará el-rei D. Manuel que eu assim cumpra, do que se lhe levasse a salvamento as náos, ainda que fossem carregadas d'ouro, quanto mais de especiarias e drogas. E eu antes morrerei cem vezes, do que faltarei em cumprir o que devo a el-rei meu senhor!

— Eu vos dei o meu parecer, almirante! fazei agora vós o que julgaes ser vossa obrigação.

— Vou sair para o mar — continuou D. Vasco da Gama erguendo-se e despedindo-se do rei — para que o vosso porto não soffra as consequencias d'uma batalha naval; mandarei chamar a Cananor Vicente Sodré, para que venha com suas náos reunir-se á minha armada, e juntos buscaremos a de Calecut, se antes não tiver vindo a mim. E se Deus nos fizer mercê da victoria, estae certo senhor! que por estes tempos mais chegados, nada tereis que receiar das vinganças do Samorim. Demais, Vicente Sodré cá ficará n'estes mares com uma armada, para vos sustentar e defender.

D'ahi a pouco, a artilheria das náos troava saudando ao levantar ferro o rei de Cochim, que pode vêr da



beira-mar, onde viera despedir-se do almirante, a sua figura magestosa que do alto castello de pôpa da não *Garrida*, lhe fazia um ultimo adeus.

Desferraram-se os largos pannos deixando ver a cruz de Christo vermelha, e os navios obedeceram ás manobras mandadas pelos capitães, approando ao mar. A' sua frente, galgando por sobre as ondas, coberta com quanto panno tinha, adiantava-se a mais veleira da caravellas da armada. Era o aviso do almirante que partia a chamar o seu logar-tenente, Vicente Sodré.

No coração de D. Vasco da Gama, repleto de alegria por emfim se ir medir com a esquadra do Samorim, só havia um pezar : não ter ainda chegado Ruy da Cunha, não poder cumprir a missão que se impuzera de o fazer regressar a Portugal. Prevendo a hypothese de encontrar a morte na lucta que se ia travar, escreveu uma carta em que lhe dava quasi ordem de o fazer, e que lhe seria entregue se viesse a faltar.

Tão rapida andou a caravella portugueza, que, passados seis dias, as forças navaes de Vicente Sodré reuniam-se ás do almirante ; e este, que ficára pairando nas alturas de Cochim, partiu então a buscar a esquadra do Samorim, depois de ter celebrado conselho com os capitães e assentado o plano do combate.

Vicente Sodré, com algumas caravellas e navios, foi encarregado de correr ao longo da costa destruindo quantas embarcações de Calecut encontrasse ; mais ao mar, navegavam o resto dos navios da armada e bastantes náos.

Assim correram alguns dias. Certa manhã, finalmente, o horisonte cobriu-se de vélas, parecendo um bando de aves que voassem rentes com o mar, tão numerosa era a esquadra de Calecut.



Duas leguas, pelo menos, separavam ainda as armadas inimigas, e enquanto as transpoz ordenou o almirante as ultimas disposições do ataque, da não de Pedro Raphael em que se achava.

Foi-se encurtando cada vez mais essa distancia, e dentro em breve começou a ouvir-se o alarido feito pelos mouros, regosijando-se antecipadamente com a victoria, que tinham por certa, tão superior em numero era a sua armada aos poucos navios portuguezes. Em dois esquadrões navegavam as forças do rei de Calecut, e no que mais se adiantava, commandado pelo audaz Cojambar, havia mais de cem navios de diversas lotações.

N'aquelle momento solemne em que estava por instantes o embate dos inimigos, e em que todos os olhos e atenções se fixavam nos movimentos dos navios da mourama, um tiro soou no mar, pela pôpa das náos portuguezas, logo seguido por outros, e todos voltando-se distinguiram com espanto, a pouca distancia já, uma embarcação indigena que, salvando, arvorava a bandeira das quinas, navegando para a não do almirante. D'ali a pouco, D. Vasco da Gama exultava de alegria, distinguindo á prôa da embarcação a figura d'um cavalleiro coberto de reluzente armadura. Era Ruy da Cunha que, chegado a Cochim, se não contivera, querendo partilhar com os seus a sorte da lucta em que iam entrar contra a armada em Samorim.

— Deus vos traga, Ruy da Cunha! — lhe disse o almirante apertando-o nos braços, sem tirar a vista dos primeiros navios inimigos que vinham chegando ao alcance das peças: — Vou receber-vos como se fosseis el-rei D. Manuel, nosso senhor! — e voltando-se para o capitão da não: — Por S. Thiago e S. Jorge! aos de



Calecut, Pero d'Aguiar! Mandae descarregar toda a artilheria!

O capitão deu a ordem. A *Garrida* estremeceu sobre as ondas, um estampido medonho echoou pelo mar, e a náó almirante envolvendo-se em fumo, enviou uma descarga geral por cada bordo ás duas linhas inimigas, que navegavam pretendendo collocar a armada portugueza entre dois fogos.

Então, como se só esperassem o signal do almirante, rompeu o fogo em todos os navios, varrendo o mar do enxame de fustas e paráos, que navegavam á frente das náos *capitainas* dos mouros. Nos navios portuguezes, as descargas succediam-se constantemente, pois o almirante, para mais rapidez, fizera metter as cargas inteiras das peças em saccos.

Assim que a náó do Cojambar chegou á altura da *Garrida*, o almirante, Pero Raphael e Ruy da Cunha, tendo todos o mesmo pensamento, correram ás peças mais proximas fazendo elles proprios as pontarias. Troaram os canhões, e logo a seguir romperam gritos de alegria a bordo, e vivas da tripulação, vendo cair o mastro da náó inimiga, arrombando-lhe a amurada.

— Deus seja louvado! — exclamou o almirante — que mais lhe custará agora a manobrar!

E logo a seguir, Pero Raphael mandando nova bandida geral dos dois bordos da *Garrida*, apanhava a náó do Cojambar em cheio pela pôpa, arrombando-a extraordinariamente, e matando-lhe muita gente, percebendo-se grande confusão a seu bordo.

Mas o damno causado d'ali a pouco aos mouros pelos navios que seguiam a *Garrida*, á medida que as linhas dos navios inimigos avançavam, era geral, e o mar via-se já coalhado de destroços a que se agarrar-



vam os naufragos das embarcações que se iam emborcando. Depois, os navios que seguiam estas, topando nos que sossobravam, detinham-se, embaraçavam-se nos seus destroços, juntando-se, confundindo-se, e offercendo assim excellentes alvos ás balas sem cessar despejadas pelos navios christãos, que levantavam as vélas nos palancos e descarregavam toda a artilheria.

O vento, refrescando, ia arrojando para o mar os navios que mal podiam navegar. Vicente Sodré, que se approximára com a sua divisão, largou as vélas da sua náó, correndo em seguimento das caravellas para as sustentar na arremettida que iam fazer contra o segundo esquadrão de Calecut, commandado pelo Cojecacemo. Destemido, embora visse como o seu companheiro fôra recebido, o capitão mouro caminhava resolutos para os navios portuguezes, pretendendo seguir nova tactica e abalroal-os, por vêr como no combate a distancia a nossa artilheria era superior. Mas Vicente Sodré, não se desviando uma linha do rumo que levava, e seguido pelos navios de Ruy Lourenço Ravasco e de Vasco Fernandes Tinoco, endireitou com o navio almirante mouro, e despejando-lhe a artilheria, em breve a desconcertaram completamente, não obstante os danos que tambem soffreram, principalmente o navio de Tinoco.

As vélas dos navios portuguezes, que manobravam habilmente entre as duas linhas, confusas já, das divisões inimigas, viam-se cravados de fréchas arremessadas pelos mouros, tão proximos d'elles passavam para lhe despejar as bandadas, cujo effeito, assim a tão curta distancia, era assombroso! Então, á proporção que a desordem se ia declarando nas forças inimigas, o almirante ordenava ás caravellas, que mais facilmente ma-





— E que me quereis senhor? (Pag. 131)

Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is mirrored and difficult to decipher.



nobravam, para se metterem por entre a esquadra de Calecut, e, disparando a artilheria de ambos os bordos, fazerem os tiros grossos ao lume d'agua, para metter os navios no fundo, emquanto com os berços e os falcões lhes varressem o convez, dizimando as tripulações.

E as carávellas, executando estas ordens, percorriam a linha dos navios inimigos, e chegando ao seu extremo, em novo bordo repetiam o ataque, muito arriscado para os soldados portuguezes, pela proximidade a que tinham de passar dos mouros, que os alcançavam com as suas fréchas.

A lucta, que começára de madrugada, continuava encarniçadamente, e o sol já ia indicando o meio dia. O vento, começando então a escassear, e dificultando as manobras dos navios portuguezes, mas impedindo tambem a deserção e fuga do combate que muitas das náos e embarcações de Calecut começavam a operar, resolveu o almirante a determinar a completa derrota do inimigo, ordenando a abordagem. Todos os navios da armada, por ordem sua, lançaram ao mar os seus bateis, guarnecidos cada um com vinte homens, e armados de falcões e berços, com ordem de se aproximarem das náos inimigas, fazendo-lhes descargas incessantes, até chegarem junto d'ellas e as abordarem, protegidos n'este ataque pela artilheria grossa das náos christãs, que não parava de fazer fogo sobre os navios inimigos. Logo que os bateis os abordavam, os bombardeiros, abandonando a artilheria, entravam n'elles, e depois de rechaçarem os seus defensores á arma branca, com marrões de que iam munidos arrombavam os costados dos navios, fazendo-os afundar, e passando de novo ás suas embarcações varejavam, com a artilheria miuda e atirando-lhes panellas de fogo, os mou-



ros que se lançavam á agua, para se não afogarem dentro dos navios que se iam submergindo. ¹

Então, declarou-se a debandada por parte dos navios da armada vencida que ainda podiam navegar. Muitos tinham desaparecido no abysmo das ondas, muitos tambem, inteiramente arruinados, e sem tripulações, discorriam ao sabor do mar, já em completa calmaria. Estes permittiu o almirante que fossem postos a saque, e valiosos despojos foram recolhidos pelos vencedores.

Dentro em pouco, levantando novamente a viração do mar, mandou o almirante fazer o signal de reunir, içando a bandeira na quadra, disparando um tiro de berço, e seguindo as náos, navios e caravellas as suas ordens, toda a armada portugueza, dando graças a Deus pela victoria, se fez na volta de Cananor.

Da sua náó, Vicente Sodré, empunhando o portavoz, bradou ao almirante :

— Não é bem que passemos por Calecut sem lhe mostrarmos alguma cousa das bodas que ficam feitas; dae-me licença para voltar aos mouros, a tomar algum signal que leve a Calecut.

Concedida a licença pedida, o logar-tenente do almirante mandou largar todo o panno aos navios da sua divisão, e, perseguindo os mais atrazados da esquadra fugitiva, aprisionou algumas náos e zambucos, que trouxeram a reboque. Quando os vencedoreõs chegaram ás alturas de Calecut, lançaram fogo aos navios apri-

¹ Tudo quanto referimos vem descripto nas paginas das *Lendas da India*, onde Gaspar Corrêa conta a batalha naval em que D. Vasco da Gama derrotou a esquadra do Samorim.—*Lendas da India*, V. 1.º pag. 33o e seguintes.



sionados, e, largando-os, a viração do mar impelliu para as praias aquelles destroços em chammas.

Da terra, a mourama, em confusão e grita espantosa, pretendia alcançar os navios portuguezes com a sua artilheria. Mandou por isso o almiranté que a esquadra se approximasse correndo a costa, que em breve foi varrida pelo fogo dos seus navios. E assim rematou D. Vasco da Gama a grande batalha naval em que destruiu completamente a maior armada que o rei de Calecut tinha até ali reunido, tirando a desforra das traições do Samorim, e cumprindo a missão que se impuzera ao tomar o lugar de Pedro Alvares Cabral.





IX

O voto do Cavalleiro de Christo



NOTICIA da victoria alcançada pela armada christã sobre a do mais poderoso rei indiano correu logo por todo o Industão, augmentando o prestigio do nome portuguez, e firmando a auctoridade da bandeira das Quinas n'aquellas regiões.

Esta circumstancia, que assegurava por algum tempo a quietação do falso rei de Calecut, nas suas constantes intrigas e traçoeiros attentados contra o dominio que Portugal pretendia estabelecer no Oriente, induziu o almirante a voltar quanto antes ao reino, porque não eram por então necessarios nos mares da India tantos navios, e porque, como era natural, ardia no desejo de informar D. Manuel da fórmula completa porque vingára o morticínio dos portuguezes da feitoria de Calecut e as demais offensas do Samorim.

Por estes mesmos principios, contava D. Vasco da



Gama, que, partindo quanto antes, lhe seria mais facil realisar o segundo intento com que viera á India, isto é, fazer regressar a Lisboa Ruy da Cunha, que a familia anciosamente esperava. Mas, sempre que pensava em se explicar com elle claramente a tal respeito, tremia e hesitava o almirante, mais emocionado do que se achára ao entrar em lucta com a esquadra do Samorim, porque todas as vezes que indirectamente fazia allusão ao proposito em que mostrava achar-se de, na chegada ao reino, o apresentar a D. Manuel como o mais dedicado dos seus servidores na India, o cavalleiro mudava logo de conversação, e pela sua parte, sem o dizer claramente, procurava insinuar que não era ainda chegado o momento de regressar a Portugal, porque muito havia que fazer no Oriente. O almirante fugia então a uma explicação clara com elle, perdendo-se o seu espirito em hesitações e receios a tal respeito.

Ruy da Cunha creára-se uma situação especial entre todos os portuguezes que n'aquelles paizes serviam a patria. O seu primeiro sacrificio ficando só em Melinde, quando a volta dos seus companheiros ao reino era bastante problematica, e por isso mais problematica ainda a vinda de novas armadas, aquella dedicação que lhe podia ter occasionado um eterno desterro da patria e da familia; o prestigio que adquirira junto do rei de Melinde e dos outros monarchas do Industão; o valor dos serviços que por isso prestára; o desinteresse com que, sendo o primeiro nos trabalhos e nos perigos, se conservava afastado de todas as intrigas, com que os melhores cavalleiros pretendiam obter as mais rendosas collocações, as capitánias e as feitorias; aquella como que independencia em que por isso estava quanto á



auctoridade dos superiores, e mais do que tudo ainda, a especie de paixão que contrahira pelos negocios e pelo dominio do Oricnte, faziam hesitar D. Vasco da Gama quando pensava em impôr-lhe como ordem que o acompanhasse na volta a Portugal.

Chegou, porém, o momento em que foi necessaria uma explicação a tal respeito. Estava por dias a partida do almirante, e tudo se achava disposto para a armada levantar ferro de Cochim, depois das grandes festas com que o rei celebrára a victoria dos portuguezes.

D. Vasco da Gama tinha discutido largamente com Ruy da Cunha as cousas da India, e assentado, segundo o seu parecer, em tudo que devia deixar ordenado e disposto. Era uma forma de lhe mostrar que podia acompanhal-o ao reino, sem que na India se deixasse de ir procedendo segundo o que elle pensava ser mais util para o fortalecimento da administração portugueza.

Só depois d'isso o almirante convocára o conselho dos seus capitães, para com elles assentar o que tinha planeado.

Uma das disposições, indicadas pelo cavalleiro, era que, pedida auctorisação ao rei de Cochim, ali se guardasse uma parte da artilheria dos navios, não só para menos carregados voltarem ao reino, mas para ser como que o início de um arsenal a que facilmente se recorresse, reforçando as armadas com navios indigenas devidamente artilhados, no caso de inesperadamente ser necessario tornar a guerrear o Samorim. Obtida a licença do rei de Cochim, tudo se dispoz para o desembarque da artilheria, que se devia realisar sem que a população da cidade dêsse por isso, e o almirante, por indicação de Ruy da Cunha, cujo principio era que se devia mostrar a maior confiança nos orientaes, mas de-



confiar sempre d'elles, determinára que as peças fossem enterradas em um campo que se tinha pedido a el-rei para fechar com um muro, formando-se ali um recinto em que pernoitariam os portuguezes, e cuja porta o rei mandaria todas as noites fechar guardando a chave.

Accedeu o monarcha, lisongeadado com a idéa de que os portuguezes se confiavam á sua guarda, enquanto



O VOTO DO CAVALLEIRO

na realidade se obtinha o resultado de ficarem guardando a sua artilheria, o seu arsenal em embryão.

O desembarque das peças foi determinado para se fazer alta noite, e entretanto procedia-se ao arrolamento da gente que ficaria em Cochim, destinada ás diversas feitorias da India. Ao anoitecer, os escrivães vieram trazer ao almirante os roes da gente que se tinha voluntariamente arrolado. Lançou-lhes a vista, e não pou-

de dissimular a impressão que recebeu vendo na primeira linha o nome do cavalleiro.

— Como se arrolou Ruy da Cunha, se ainda hoje não veio a bordo, pois anda por minha ordem a correr os navios escolhendo a artilheria que ha de ficar em terra?—perguntou o almirante vendo inutilisado o meio que empregára para desviar o seu amigo na occasião do arrolamento.

— Senhor!— respondeu o escrivão—de ha muito tinhamos ordem sua para o pôr na cabeça do rol.

— Mas onde pretende o cavalleiro ficar, na feitoria, ou a bordo d'algum navio?

— Não o disse, almirante, mas apenas que vós lhe destinareis o serviço que melhor vos parecer.

— Bem está— respondeu D. Vasco da Gama despedindo os escrivães.

Noite velha, como estava ordenado, Ruy da Cunha, tendo ás suas ordens muitos bombardeiros e marinheiros, dirigia na praia o desembarque da artilheria. Quarenta e duas peças, perto de outros tantos falcões e ainda maior numero de berços, assim como muitos reparos e pelouros, foram carregados para o alto da povoação, e ali enterrados na grande valla aberta para esse fim. Ia adiantado o trabalho, quando, por entre a escuridão, se distinguio um grupo de cavalleiros que chegava, e logo um adiantando-se chamou por Ruy da Cunha.

— Eis-me aqui, almirante — respondeu o cavalleiro reconhecendo a voz de D. Vasco da Gama.

— Venho aqui procurar-vos, Ruy da Cunha! não para observar o serviço que estaes fazendo, mas para vos poder falar sem testemunhas, que muito apensionado me vejo a bordo, pois que amanhã pela tarde com o favor de Deus partiremos...



— E que me quereis senhor ? Tendes novas ordens a dar-me ?—perguntou o cavalleiro, dissimulando, pois demasiado suspeitava o que ali trazia o almirante.

— Ordens não tenho a dar-vos, mas sim um pedido a fazer-vos — e como se tivesse receio das objecções do seu amigo concluiu logo — tenho a pedir-vos que desistaes do arrolamento, e que volteis comigo ao reino.

— E' impossivel senhor !

— Impossivel ?! Mas não sabeis Ruy da Cunha, que eu parti de Portugal promettendo a el-rei D. Manuel que venceria o Samorim, e a vosso pae que vos levaria comigo ? Quereis obrigar-me a faltar ao amigo, a mim que não faltei ao rei ?

— Meu pae é bom portuguez, senhor ! e mais contente ficará quando souber que vos não acompanhei, para melhor cumprir o serviço d'el-rei.

— Por Deus ! attendei cavalleiro, que muito se deve ao serviço d'el-rei, mas que alguma cousa se deve tambem á familia ! Bastante tendes vós servido D. Manuel ; é justo que descanceis um pouco junto de vossos parentes ; não vos falta vida larga, nem faltarão armadas em que volteis á India.

— Como me não faltarão um dia para voltar a Portugal, quando o puder fazer . . .

— E o que vos impede agora ?—perguntou D. Vasco da Gama, em cujo espirito acordou uma suspeita, que já ás vezes lhe occorrera, vendo o enthusiasmo com que Ruy falava da vida do Oriente, que parecia ter-se tornado para elle uma necessidade—acaso alguma belldade da côrte da rainha de Coulão, d'essas que me tendes pintado com tão lindas côres, vos terá feito esquecer a fé promettida a vossa prima ?



— Estae tranquillo senhor ! que tal peccado me não peza na consciencia. Antes por não faltar á minha fé, aqui tenho de ficar . . .

— Como assim ?— interrogou o almirante surprezo. — Tereis por acaso feito algum voto, cavalleiro ?

— Acertastes senhor !— respondeu Ruy da Cunha enleiado, como quem confessa uma culpa.

— Pobre Martinho ! pobre Isabel ! como vos hei de eu consolar ! — proferiu o almirante, fallando comsigo mesmo, como quem reconhecia ser-lhe impossivel arrancar o seu amigo d'aquelles paizes.

Desde que se tratava d'um compromisso da fé, tomado pelo cavalleiro, não era elle almirante, tambem cavalleiro, que podia fazer-lhe já a menor instancia.

— Contae-me o que fizestes, Ruy ; dizei-me como e porque vos obrigastes, meu amigo !— continuou D. Vasco da Gama tristemente, como quem deplora uma resolução, que não pensa já contrariar. E dando-lhe o braço, afastou-se mais com elle do sitio em que os bombardeiros e marinheiros trabalhavam.

No silencio da noite, apenas se ouvia o ruído das pás de ferro enchendo-se de terra, e a terra cahindo na cova em que ficava sepultado o arsenal christão, e ao longe, o bramir do mar, desenrolando as suas ondas pelo areal da costa.

A certa distancia o almirante parou, dizendo :

— Falae-me agora Ruy, mas como se em vez do vosso capitão e do vosso amigo, eu fôra o vosso confessor . . .

— Assim o farei, senhor ! e vós que descobristes a India, não me ficareis por certo querendo mal . . . Sentis esta bulha da terra que vae cobrindo os canhões portuguezes ? Pois bem : essa terra parece cahir-me



pezadamente sobre o coração; atormenta-me, como se fosse o cadaver d'um amigo que ali se estivesse sepultando... E quereis saber porquê? Porque apesar da vossa grande descoberta, apesar das vossas grandes victorias, ali está a realidade do que é ainda o dominio portuguez na India: canhões que se escondem ri'uma covã, porque não ha fortalezas em que os assestemos...

Fez-se um silencio apoz estas palavras do cavalleiro.

O almirante nada respondeu, e bem comprehendeu o seu interlocutor que elle reconhecia a verdade do que lhe dizia; por isso proseguiu:

—Vós sois o descobridor da India, e foi tambem uma especie de voto, que vos deu animo e perseverança para não desanimar na difficil empreza. Se, como eu, tivessesis tido occasião de estudar que grande imperio ahi se está offerecendo a quem souber conquistalo; se soubessesis como se me confrange o coração, ao pensar n'estas nossas mesquinhas feitorias, concedidas pelo favor dos reis indús, quando com a espada podiamos talhar largo dominio e erguer baluartes, quantos votos com o meu não terieis feito, quantas vezes não terieis jurado só voltar a Portugal, no dia em que el-rei nosso senhor tiver realmente o dominio da India, como dizem seus titulos, e aqui não fôr, como na verdade é—concluiu em voz cada vez mais baixa, aproximando-se do almirante e falando-lhe quasi ao ouvido--um hospede supportado, mas não um soberano temido!

—O que ambicionaes então, cavalleiro?

—Para além, almirante!—proseguiu Ruy, estendendo o braço na direcção do norte—quasi a meio d'essa costa que ámanhã ides correr navegando para



Portugal, existe Gôa, em poder d'um antigo pirata, que já pretendeu atacar-nos. Ali está o reino que um dia deveremos conquistar, por que d'ali facilmente se avassalará o interior, em que ha localidades como Damão e Diu, que devem tambem cair em nosso poder! Pela sua situação central entre os reinos de Cochim, Calecut e Cananor, e o mais distante nosso fiel alliado reino de Melinde, Gôa é o ponto escolhido decerto pelo destino para um dia ser a séde do dominio portuguez no Oriente. Se vós não tivésseis trazido o encargo de castigar o Samorim, eu ter-vos-hia pedido que fosseis conquistar o reino do mouro Sabayo, que, deveis recordar-vos, na vossa primeira viagem pensou em tomar-vos as náos. Voltae á Índia com esse proposito, D. Vasco da Gama! vinde conquistar Gôa, e então poderei regressar ao reino comvosco, tendo cumprido o meu voto de só ali tornar quando esse reino fôr portuguez!

Começava a alvorecer, e o almirante e Ruy distinguiram um vulto que para ali caminhava. Era um bombardeiro que vinha participear-lhes que a cova estava tapada.

— Voltemos a bordo, Ruy da Cunha! Eu tenho de partir, e vós tendes que ficar; bem o comprehendo agora. Se os meus navios não estivessem tão cançados do mar e do combate com a armada de Calecut, se não tivesse já, por ajuste com o rei de Cochim, desembarcado tanta artilheria, é possível que, indo além das ordens que el-rei nosso senhor me deu, intentasse a conquista de Gôa, só para vêr cumprido o voto que fizestes e vos levar a Portugal. Mas se eu á Índia não voltar para tal fim, não faltam capitães a D. Manuel para seguir vosso conselho, como lhe direi.

Na tarde do dia que então despontava, a armada fez-se de véla, e pela segunda vez D. Vasco da Gama partiu para o reino, deixando no Oriente o seu dedicado amigo.

A estrella do almirante do mar da India parecia cada vez mais fulgarante, dando-lhe sorte propicia : tão feliz foi o seu regresso a Portugal, a trazer a nova da sua victoria sobre o rei de Calecut, que, tocando apenas em Melinde, d'aquelle reino veio directamente a Lisboa.





X

A conquista de Góa



ãõ decorridos sete annos depois que o almirante regressou pela segunda vez da India, e apesar das suas promessas ainda se não realisou a conquista de Goa, ainda Ruy da Cunha não pode ver cumprido o seu voto. E tem sido um longo periodo de soffrimentos intimos para o heroico cãvalleiro, esse largo espaço de tempo em que no dominio portuguez se foi accentuando cada vez mais a politica de ambição e cubiça da cõrte e dos politicos de Lisboa, mais desejosos de riquezas do que de assegurarem o poder, de Portugal no Oriente.

D. Vasco da Gama, embora muito honrado por el-rei, mas combatido pelos aulicos da cõrte na sua pretensão a ser elevado a conde, e a reconstituir o dominio de seus antepassados no senhorio da villa de Sines, sua terra natal, que el-rei lhe doara por carta de pro-



messa, teve, não obstante, de se retrahir na influencia que desejava exercer nos negocios da India, para que fossem seguidos os planos de Ruy da Cunha, e antes de tudo se tratasse da conquista de Goa, e de ali fundar um verdadeiro reino portuguez. O caracter do al-



AFFONSO D'ALBUQUERQUE

mirante, incompativel com os manejos e intrigas que via predominarem na direcção d'aquelles negocios, assim lh'o impoz.

O modo de vêr de Ruy da Cunha, partilhado por D. Vasco da Gama, não era com effeito o mesmo dos am-

biciosos que predominavam na côrte, e dos cavalleiros que, deixando as guerras d'Africa, que não davam lugar a ricos saques, preferiam ir combater na India e voltarêm em breve ricos. O que, pois, lhes convinha, eram pequenos e breves conflictos constantes e sem termo, conservando aberta a mina dos despojos a explorar; era o continuado aprisionamento dos valiosos carregamentos das náos de commercio da mourama, não a conquista definitiva d'um reino para Portugal e o estabelecimento regular do commercio entre essa colonia e a metropole.

Contar a historia do dominio portuguez durante esses sete annos, é ter de desenvolver um verdadeiro sudario do mais obnoxio proceder politico, da mais desbragada ambição, difficilmente compensada pelas victorias, sempre aliáz, obtidas pelas nossas armas sobre os infieis do Oriente, e pelo contraste dos actos de honrada dedicação e valor de alguns portuguezes de boa tempera, como Duarte Pacheco, D. Francisco d'Almeida e o grande Affonso d'Albuquerque.

N'esses actos e n'essas victorias, se resume toda a compensação que Ruy da Cunha tem encontrado ao seu padecer de sete annos, vendo os portuguezes crear na grande descoberta de D. Vasco da Gama uma India tão differente da que elle sonhára; e, forçado, pelo seu voto, a assistir a esse repellente espectaculo de voracidade e desregramento politico, de intrigas, discórdias e rivalidades entre os portuguezes, o cavalleiro envelheceu prematuramente, o heroe entusiasta foi tomado por um desalento moral, que só passa no momento em que veste a armadura e cinge a espada para combater.

A não ser n'essas occasiões, foge por habito dos



centros em que se reúnem os guerreiros portuguezes, desgostado com as praticas em que a indisciplina discute as ordens do chefes, e a rapacidade de piratas calcula o valor dos saques feitos e a realisar, e divagando solitario pelas montanhas e florestas d'aquelle phantastico paiz, encontra na magestade da natureza a pura realidade da India que elle quizera ver lusitana.

Uma esperança, comtudo, tem ultimamente vindo alental-o: Entre as armadas que todos os annos chegam do reino, succederam-se, depois da do almirante, a de Vicente Sodré, as dos Albuquerque e a de Lopo Soares, seguindo-se então o governo do primeiro vice-rei da India, D. Francisco d'Almeida.

Ruy da Cunha teve pois occasião de travar intimo conhecimento com Affonso d'Albuquerque, e de conhecer a honradez, a integridade e o heroismo d'aquella nobre excepção de desinteresse e dedicação á patria, no meio da dissolução de costumes proverbial nos guerreiros portuguezes. Communicando-lhe as suas ideias e planos quanto á conquista de Goa, teve a satisfação de os vêr por elle partilhados; e, embarcando na sua armada, tanto quanto lhes foi-possivel, procuraram realisal-os. Mas o vice-rei D. Francisco d'Almeida, comquanto fosse tambem um honrado e valoroso capitão, como o demonstrou nas victorias repetidas que alcançou sobre o Samorim e os rumes, fazendo tributarias Quilôa, Mombaça, e outras cidades da India, chegando a fundar algumas fortalezas portuguezas, estabelecendo muitas feitorias e obtendo dos rajahs e reis do Industão a construcção de casas nos estabelecimentos que a Portugal eram concedidos, tinha, não obstante, um outro modo de encarar as cousas do Oriente: Não queria a sua conquista, mas apenas obter pa-

ra Portugal o seu commercio. Era a fórma mais prompta de satisfazer as ambições do governo do reino, que aquilatava o merito dos governadores da India pelo valor das riquezas que de lá mandavam. Nem por isso deixou o primeiro vice-rei, apesar de lá perder seu heroico filho, D. Lourenço d'Almeida, morto em Chaul combatendo os rumes, de cair no desagrado de D. Manuel e da côrte, que com tantas distincções e honras o tinham despedido de Portugal.

Mais poderam do que os seus grandes serviços as intrigas movidas na côrte pelos descontentamentos dos seus capitães, a cuja voracidade punha obstaculos com actos de rigor, como foi o de fazer apalpar, na presença das tropas, um cavalleiro da casa de D. Manuel, Fernão Menezes, mandando-lhe tirar da braguilha dos calções fios de perolas que ali escondera, e que tinha apprehendido aos vencidos de Mombaça, depois de o vice-rei ter dado ordem para acabar o saque.

Não deixou Ruy da Cunha de fazer conhecidas a D. Vasco da Gama as relações que travara com Affonso d'Albuquerque, pedindo-lhe para obter que elle viesse um dia á India como governador, pois decerto comprehendaria a conquista de Goa. E por isso exultou ao saber em Diu, onde se achava com os navios que ali tinham levado o vice-rei, que Affonso d'Albuquerque chegára a Cochim, vindo do reino para substituir D. Francisco d'Almeida.

Brilhava, emfim, a esperança de vêr realisados os seus ardentes desejos. Mas o grato acontecimento devia ainda custar-lhe uma ultima e acerba amargura: o assistir ás controversias e discussões de dois grandes capitães, igualmente honrados, de ambos os quaes era amigo, e a quem por igual respeitava: o vice-rei D.



Francisco d'Almeida, e o novo governador Affonso d'Albuquerque.

Queria este que o vice-rei lhe entregasse o governo, recusando-se aquelle a isso, irritado como estava pela ingratidão de D. Manuel e animosidade dos seus subordinados, e terrivelmente impressionado pela morte do filho querido.

Por isso, quando o vice-rei desembarcou em Cochim, abraçando varios cavalleiros que o esperavam, fez que não via Affonso de Albuquerque. Doeu-se este da desconsideração, e approximando-se lhe disse:

— Vêde-me, senhor! que aqui estou...

— Perdôe-me vossa mercê que o não via — respondeu o vice-rei tirando o barrete para o cumprimentar; e seguindo para a fortaleza.

Quando ali chegaram, o capitão, com as cerimoniaes do estylo, entregou as chaves ao vice-rei. Então Affonso de Albuquerque, collocando-se na sua frente, novamente se lhe dirigiu:

— Senhor! Deus seja muito louvado, que vos trouxe com saude e tanta honra, e tanto contentamento de vosso coração pelo vencimento dos rumes, que menos se não esperava de vossa senhoria, tão experimentado na honra das armas; e pois, que a Nosso Senhor aprouve realisar vossos desejos, e que segundo me dissetes ao despedir-me em Cananor, que no vosso regresso me entregaríeis a governança da India, que tenho por patente d'el-rei nosso Senhor, peço e da sua parte requeiro a vossa senhoria a queira cumprir como é obrigado.

Ao que D. Francisco d'Almeida respondeu agastado:

— Tempo ha para isso, que eu ainda nem sacudi o pó dos sapatos!

E entrou para a fortaleza, emquanto Affonso de Albuquerque encolerizado entregava a sua patente a Gaspar Pereira, secretario da India, para que a fosse notificar ao governador, e d'isso lhe dêsse documento com que se queixasse a el-rei. E logo se formaram partidos, uns pelo vice-rei, outros pelo novo governador nomeado, ateando-se mais as constantes dissensões e malquerenças entre os capitães portuguezes. A tal ponto chegou a discordia entre o vice-rei que não queria entregar a governança ao novo governador, discutindo os seus poderes, emquanto que este lhe pedia o respeito das ordens do monarcha, que n'ella acabaram por envolver o rei de Cochim, o qual fez saber ao vice-rei ter cartas de D. Manuel que lhe recommendava Affonso de Albuquerque como governador da India. Então subiu de ponto a colera do vice-rei, que acabou por enviar o novo governador preso para a fortaleza de Cananor, mandando um meirinho com artifices destruir a barraca de cannas e folhas que construira para habitar, respondendo ao rei de Cochim que só entregaria a governança quando chegassem as náos do reino com ordens directas de el-rei a tal respeito. E assim fez, passando-se ainda mezes até que em setembro chegou a Cananor uma armada de quinze náos, commandada pelo sobrinho de Affonso d'Albuquerque, o marechal D. Fernando Coutinho, que vinha com poderes superiores aos do vice-rei, e que dando logo a liberdade a seu tio o levou a Cochim, sendo recebido por D. Francisco de Almeida com as seguintes palavras:

— Senhor! Deus me fez muita mercê em vos trazer a tempo de vos entregar este meu cargo, que tantos trabalhos me tem dado, e vossa mercê da sua mão o entregará a quem quizer.



E tomando as chaves da fortaleza da mão do seu capitão as entregou ao marechal, dando-lhe também a patente de Affonso d'Albuquerque.

—Esse papel deveis entregar ao seu dono—lhe respondeu o marechal,—que el-rei o não mandou para vós, mas só para cumprirdes o que n'elle vos ordenava.

E continuando a discutir, ficaram mal avindos, a ponto de o marechal, para contrariar os desejos de D. Francisco d'Almeida e o demorar na Índia sob a sua auctoridade, mandar que primeiro carregasse e partisse para o reino a náó *Graça*, dizendo que assim era necessario por ser navio armado por mercador, e ter de se cumprir o contracto com elle feito.

Tal era o quadro deploravel que, pelos erros e inconsequencias da politica de Portugal, apresentava o dominio portuguez na Índia.

Mas emfim, se, durante o dilatado governo de Affonso d'Albuquerque, as dissensões entre os portuguezes não terminaram, se a politica do reino não foi de menos ambição e mais tino, se as intrigas da côrte não abrandaram, chegando por fim a attingir o heroico governador, levando D. Manuel a usar com elle a maior injustiça e ingratição, os feitos gloriosos d'esse grande capitão tudo resgatam, na fórmula épica por que a sua espada talhou finalmente um imperio portuguez no Oriente.

Ruy da Cunha muito tinha esperado, mas teve a satisfação de vêr o seu voto cumprido além de todas as esperanças, e de ao lado de Affonso d'Albuquerque combater para a sua realisação.

Logo que o vice-rei D. Francisco d'Almeida partiu, não para Portugal, como esperava, mas para ir encon-

trar a morte no combate que travou com os rumes na Aguada, pretendendo vingar a morte de seu filho, livrando-o talvez a sorte d'este modo de maiores dis-sabores ao chegar a Lisboa, Affonso d'Albuquerque começou sem demora a desenvolver essa grande actividade guerreira de que jámais affrouxou até á hora da morte.

Convencido da vantagem de conquistar o reino de Goa, o melhor da India para se assentar o nosso dominio pelas excellentes praças fortificadas que já possuia, e pela sua riqueza e situação geographica, quizera o governador tental-a desde logo, se não reconhecesse a obediencia que devia ás ordens de D. Manuel, que enviára a grande armada do marechal D. Fernando Coutinho expressamente para se inflingir novo castigo ao rei de Calecut. Assim fizeram pois.

Mas quando vencido, o Samorim mais uma vez pediu a paz, Affonso d'Albuquerque pensou logo em tentar a conquista de Goa.

Apezar de ferido no ataque de Calecut, em que fôra obrigado a combater rijamente no ataque ao palacio do rei, imprudentemente investido pelo marechal seu sobrinho, que ahí encontrou a morte, instigado por Ruy da Cunha, e feita a paz com o Samorim, ia tentar aquella empreza, quando teve de se dispôr a seguir para Ormuz, de cuja conquista se occupava no momento em que novas ordens do reino o mandaram seguir para a India, a tomar o seu governo, e onde deixára Duarte de Lemos, que lhe enviava agora apressadamente Vasco da Silveira em um navio a pedir reforços. Teve, pois, de novamente addiar o commettimento do reino de Goa, em cujo governo o Hidalcão succedera a seu pae o antigo corsario Sabayo, e fazen-



do-se de véla com toda a armada partiu para o Estreito.

Mas no livro do destino estava escripto que chegára a hora da conquista de Gôa. Com a sua grande armada composta de vinte náos, um bargantim, duas galés e varios navios, todos com capitães experimentados, como seu sobrinho D. Antonio de Noronha, D. João de Lima, Fernão Peres d'Andrade, Martim Coelho, Jorge da Silveira, Pero d'Ornellas, Francisco de Ta-



O SAMORIM

vora e muitos mais fidalgos e cavalleiros, levando um total de mil e duzentos homens, navegava Affonso d'Albuquerque para Ormuz, quando nas alturas do rio de Onor veio ao seu encontro Timoja, o alliado dos portuguezes, que, por instrucções de Ruy da Cunha, vigiava o reino de Goa, avisando o governador de que era excellente o ensejo para facilmente o conquistar, porque o Hidalcão se achava ausente para o interior com a maior parte do seu exercito, occupado em guer-



rear os povos fronteiriços de Balagate. Entendeu o famoso capitão não dever perder a occasião que se lhe offercia de poder tomar Goa sem grande dispendio de forças, o que lhe permitiria seguir depois para Ormuz, e confirmando-se a previsão de Timoja, pequena e pouco duradoura foi a resistencia que offereceram as forças Hoidalção, entrando Affonso d'Albuquerque na cidade e sendo-lhe entregues as chaves do castello pelos notaveis da mesma. E logo o governador, querendo accentuar aquella feição semi-pacifica da conquista, mandou arautos com trombetas lançar o pregão de que, sob pena de morte, ninguem tomasse coisa alguma, ou fizesse o menor damno aos mouros e gentios da cidade, porque eram já vassallos d'el-rei de Portugal.

— Não vos illudaes, senhor! — lhe disse Ruy da Cunha — pensando que está conquistada Goa. O Hoidalção é valente guerreiro, e não tardará em vir atacarnos para retomar a cidade. O reino de Goa é joia rica de mais para assim facilmente deixar arrebatado pelos inimigos.

E não tardaram em cumprir-se as previsões do decano dos cavalleiros portuguezes da Índia.

Tão facil foi a primeira posse de Goa, tão difficil e porfiada foi a guerra que Affonso d'Albuquerque teve de sustentar para a retomar segunda vez e definitivamente, porque, tão encarniçada foi a lucta com o Hoidalção, tão poderoso foi o exercito com que correu a defender os seus estados invadidos, que os portuguezes chegaram a ter de abandonar por algum tempo a conquista feita, até que do reino chegasse nova armada com reforços.

A conquista de Goa tomou então proporções épicas, dignas do premio destinado ao vencedor.



Foi uma campanha encarniçada que se prolongou por muitos mezes, alternando-se o fragor das batalhas e escaramuças com a fome, a sede e as privações dos cêrcos persistentes e dos porfiados assaltos.

Affonso d'Albuquerque e Ruy da Cunha puderam gloriar-se, porque jámais na Índia se tinha sustentado uma guerra d'aquellas proporções. Com mais de quarenta mil homens de pé, e oito mil de cavallo, entrára o Hidalcão por Banestarim a assentar os seus arraiaes. Dispondo assim d'um exercito tão superior aos portuguezes, entendeu o rei de Goa que o governador facilmente accetaria a paz e lhe devolveria o seu reino, e assim lh'o mandou propôr por João Machado, portuguez que se achava ao seu serviço, antigo degredado que D. Vasco da Gama deixára no reino de Melinde. Mas Affonso d'Albuquerque soberbamente lhe respondeu :

— Dizei ao Hidalcão que esta cidade é d'el-rei meu senhor, e que a tomei porque n'ella deu seu pae Sabayo guarida e protecção a turcos do Soldão, fugidos de Diu, onde os tinha desbaratado o vice-rei da India D. Francisco d'Almeida, combinando-se com elles para juntos irem atacar os portuguezes. E assim tomada, a fogo e a sangue a defenderei, que nunca os portuguezes largaram o que uma vez conquistaram ; e, se quer assentar pazes, antes para isso terá de entregar todas as terras de Goa a el-rei de Portugal !

Então se encarniçou a lucta, em que Affonso d'Albuquerque se immortalizou, acabando por conquistar a admiração do seu proprio competidor, que, no mais acceso da guerra, quando, tendo sido o grande capitão forçado a deixar a cidade e a recolher-se aos seus navios, luctando com a fome, porfiava nos ataques quo-



tidianos sem desamparar a preza, apesar dos protestos da sua gente para que se fosse refazer a Cochim, teve o rasgo de lhe mandar offerecer mantimentos. Mas Affonso d'Albuquerque, recambiando a embarcação carregada d'arroz, que o rei inimigo lhe mandára, disse ao gentio que a commandava :

— Mouro ! torna-te, e dize ao Haldcão que, pois que estamos em guerra, commigo não fará pazes até que eu torne a tomar Goa ; que os mantimentos que me offerece os não comeremos senão dentro dos seus muros, e que no mar em que estamos nos bastam o pão e vinho que ainda temos em abundancia !

E não duvidou o governador de assim se fazer forte, quando nos seus navios se luctava com a fome !

Se era difficil a situação dos portuguezes, nem por isso o Haldcão deixava de ter sérias apprehensões quanto ao resultado final da guerra. Comprehendia que tinha na sua frente um adversario incapaz de desanimar, e nas suas longas praticas com João Machado, informando-se do grande poder de el-rei de Portugal, convencera-se de que, logo que lhe constasse aquelle estado de cousas, mandaria novas armadas ao governador da India, e calculava bem o que Affonso de Albuquerque seria capaz de fazer com taes reforços, quando com os recursos limitados de que dispunha n'aquelle momento ia sustentando atravez de todas as difficuldades, a preço de todos os sacrificios e privações, um apertado bloqueio que interdizia ao reino de Goa todo o commercio maritimo, o que importava a sua ruina.

Por isso, tendo-se passado mais algum tempo em diarios combates e refregas, e sabendo que eram cada vez mais apertadas as circumstancias dos sitiantes, fal-



tos de todos os recursos, acabando de morrer a bordo do navio de Affonso d'Albuquerque, na sua propria camara, seu sobrinho, o valoroso capitão D. Antonio de Noronha, por não haver remedios com que se tratasse da doença que o accomettera, resolveu o Hidalcão fazer novas e mais vantajosas propostas de paz, mandando um parlamentar a offerecer ao governador portuguez a cedencia do rio de Cintacora, com todas as suas terras, que rendiam mil pardãos d'ouro, e para as despezas da armada cincoenta mil outros pardãos d'ouro, querendo apenas a troco d'isso que lhe entregasse o indio Timoja, alliado dos portuguezes.

Indignado com tal proposta, respondeu Affonso d'Albuquerque ao mensageiro :

— Quando eu fosse amigo do Hidalcão, teria poder para mais lhe dar do que elle a mim, porque sou o senhor do mar, e até se quizer lhe posso tapar a barra d'este rio em que nem a propria agua entrará. Não quero Cintacora, mas sim Goa, de cujo rendimento o indemnizarei largamente ; e quanto a entregar-lhe o meu alliado Timoja, o não farei, nem mesmo a troco do seu reino todo que me offereça, porque os portuguezes sabem guardar fé aos seus amigos e aos inimigos com quem fazem pazes ; e a prova d'isso lhe darei logo que conquistar Goa, de que nomearei gozil o mouro Cojebequi, capitão que foi do Samorim, mas com quem hoje estou em paz, e que aqui tenho a bordo !

Continuaram, pois, as hostilidades.

Todo o inverno e a primavera passou a armada portugueza no rio de Goa, recebendo escassos mantimentos, e muito damnificada pelo fogo das tranqueiras, que o Hidalcão fizera construir nas margens, e que inces-



santemente atacavam as náos. Chegando o mez de agosto, e não apparecendo a armada que esperava do reino, Affonso d'Albuquerque reconheceu a inadiavel necessidade de ir a Angediva, o porto mais proximo, reparar os seus navios. Expediu pois Timoja adiante com as suas embarcações a buscar mantimentos que lhe viria trazer áquelle porto, e em dia de Nossa Senhora fez-se de véla, com extraordinaria satisfação dos bloqueados, que emfim se viam libertos.

Mas a sua alegria tinha de ser de pouca duração. Logo depois de deixarem Goa, a meio caminho de Angediva, avistaram os portuguezes cinco náos, que cuidando serem os rumes, se dispunham a atacar, e mandando Antonio Raposo, capitão do navio *Ferros*, o mais veleiro da armada, reconhecel-as, viu o capitão que não fazia o signal de serem rumes, voltando em breve a participar-lhe que era uma armada que, sob o commando de Diogo Mendes de Vasconcellos, vinha do reino para conquistar Malaca. Juntas seguiram pois as duas armadas para Angediva, e pela tarde do dia em que fundearam chegou Timoja com a sua esquadilha carregada de mantimentos, sendo logo entregue ao antigo corsario a carta d'el-rei D. Manuel de que o capitão-mór era portador, e na qual lhe agradecia os serviços feitos a Portugal.

De Angediva seguiram para Cananor, onde o governador esperava encontrar outras náos, que, sob o commando de Duarte de Lemos deviam vir de Sacotorá. Ali e em Cochim pensava em concertar os seus navios, contando que entretanto chegasse uma outra armada de sete náos, tendo por capitão-mór Gonçalo de Sequeira, que partira do reino ainda antes da de Mendes de Vasconcellos, o qual, se viera directamente á India,



fôra obrigado pelo tempo, porque o seu regimento lhe mandava dirigir-se primeiro a Malaca.

Reuniram-se pois todas estas forças, e convocando o conselho dos capitães, deu-lhes o governador a conhecer a sua intenção de voltar a atacar Gôa. Mas os capitães-móres das duas armadas, que traziam seus regimentos para campanhas especiaes, independentes do governo da India, segundo o deploravel systema da confusão de poderes seguido pela politica da metropole, tentaram oppôr-se.

— Essas instrucções eram boas, emquanto não che-gasseis onde eu estou, que sou governador da India— replicou irado Affonso d'Albuquerque. E mandou prender no castello o capitão-mór Diogo Mendes de Vasconcellos, quando foi avisado que de noite tencionava fazer-se de véla para Malaca.

Finalmente, conseguiu Albuquerque reunir vinte e oito navios de varias lotações, guarnecidos por mil e setecentos homens, e novamente voltou a Goa, de que estava ausente o Hidalcão, chamado á guerra das fronteiras. Em Goa, deixára o logar tenente Roçalcão, com mais de dez mil combatentes. Segundo estava assentado, Timoja, desembarcando, viria por terra com quatro mil soldados, fornecidos pelo rajah de Garçopa.

Não obstante, a má vontade de muitos capitães das armadas vindas de Portugal era manifesta, porque antes preferiam ir combater nas empresas que traziam prescriptas do reino, e sob a menos a rigorosa disciplina dos seus capitães-móres. Affonso d'Albuquerque entendeu então mostrar que, até certo ponto, ia transigir com elles, e reunindo o conselho disse que de facto eram tão superiores as forças que defendiam Goa, que, se não fôra o receio de mostrar medo aos indios, de-



sistiria da sua conquista ; e que assim lhe parecia que o melhor era entrarem apenas no rio, queimarem as náos que ali estivessem, e batendo a ribeira tornarem a embarcar e seguirem para Cambaya.

Approvaram logo os capitães este alvitre, e descansou Affonso d'Albuquerque, sabendo bem que, uma vez começada a lucta, se esqueceriam os cavalleiros de tudo o mais, para só ambicionarem concluir-a com a conquista de Goa. Assim succedeu com effeito.



Travada a peleja, que se prolongou por muitos dias, com a tenaz resistencia do grande exercito que defendia a cidade sob as ordens do Roçalcão e do Plutacão, caiu finalmente Goa em poder de Affonso d'Albuquerque, em 25 de novembro de 1510, dia de Santa Catharina.

Estava em fim cumprido o voto de Ruy da Cunha, que combatia ao lado de Affonso d'Albuquerque, atacando o castello em que se refugiára o Roçalcão, quan-

do um cavalleiro, Antonio Nogueira, lhe veio participar que a cidade era entrada pelos portuguezes. Logo a seguir, o Roçalção fugia abandonando a fortaleza, e d'ahi a pouco Affonso d'Albuquerque entrava a cavallo na cidade, apeando-se para de joelhos dar graças a Deus pela victoria. .

El-rei D. Manuel podia emfim com razão fazer-se preceder nas suas regias cavalgadas em Portugal, como usava, por dois batedores indios montados em elephantes, para affirmar o seu senhorio sobre a India !





XI

A embaixatriz do Hidalção



DEPOIS da conquista de Goa, Affonso d'Albuquerque não descansou nas suas emprezas; antes aquelle successo pareceu animal-o a dilatar o concebido plano de avassalar o Oriente, creando ahi, como de facto creou, um verdadeiro imperio portuguez. No anno seguinte tomou Malaca, campanha que lhe ia custando a vida, porque no regresso á India naufragou, andando o valente capitão dez dias perdido em uma jangada com os seus companheiros, até que foi recolhido pela náó de D. João de Lima, que regressava tambem de Malaca, tendo sido separados pela tempestade. Em seguida, avassalou o resto da ilha de Goa, ainda occupada por mouros em Banestarim. Depois, voltando novamente ao Estreito, seguiu até á cidade de Aden, que não pôde tomar por falta de material de guerra e de navios á escala vista. E a par das conqui-

tas, desenvolvia Affonso d'Albuquerque as suas grandes qualidades de politico e administrador, assentando o commercio e navegação das novas cidades avassaladas, e levantando fortalezas nos reinos com que realisava pazes, emquanto a outros ia combatendo. Não obstante esta ininterrompida série de victorias para Portugal, apesar de tão assignalados serviços, do valor de carregamentos que enviava para o reino e do seu excessivo desinteresse e honradez, na côrte, cujos influentes Albuquerque não incensava nem presenteava, começou a lavrar o descontentamento a seu respeito e a moverem-se intrigas contra o governador da India.

Como todos os homens de rija tempera e do seu valor, Affonso d'Albuquerque, que era a isempção e o desprendimento personificados, que morreu pobre, deixando por espólio alguns calções e murças esfarrapadas, emquanto repartia pelos seus capitães e enviava ao rei e á rainha as joias ricas com que o presenteavam os rajahs e soberanos do Oriente, Affonso d'Albuquerque possuía um coração que ora se expandia em movimentos de sentimento e ternura, ora dominado pela ira e pela colera, as mais das vezes justificadamente motivadas, se lançava nos excessos do rigor.

Aquelle mesmo governador que, vertendo lagrimas, acompanhava sempre á sepultura os restos mortaes dos seus capitães, e os abraçava no momento em que se obtinha a victoria, louvando-lhe e agradecendo-lhes os actos de valor, como se a elle fossem feitos e não ao rei e á nação, não hesitava em demittil-os dos seus commandos, enviando-os presos para o reino, e tel-os em ferros a bordo ou encarcerados nas fortalezas, quando se excediam nos actos de indisciplina.

Mas, sobretudo, o que mais provocava os seus arre-



batamentos, eram a voracidade para arrecadar riquezas á custa dos povos conquistados, e mais ainda, o entretenimento de relações por parte dos cavalleiros christãos com as mouras ou mulheres hindús. Durante o cerco de Goa tinham-se passado tão graves factos d'esta natureza, que Affonso d'Albuquerque, n'um momento de cego furor, commettera o excesso de mandar enforcar um cavalleiro, Ruy Dias, e castigar rigorosamente Francisco de Sá, Simão d'Andrade e Jorge Fogaça, surprehendidos em assalto nocturno á camara do leme da não do proprio governador, que d'ali mudára o seu alojamento, destinando-a expressamente a ter encerradas as mulheres indigenas, formosissimas, aprisionadas segundo o uso oriental, na cidade, pelo alliado dos portuguezes, o antigo Corsario Timoja, como grande valor a ser resgatado por occasião da paz.

Este acto de rigor havia de mais tarde dar motivo a grandes queixas e lamentos na côrte, junto de D. Manuel, contra o governador, e serviu desde logo na India para a maledicencia assacar aleivosas accusações á sua moralidade pessoal.

Ruy da Cunha tornára-se o mais dedicado amigo de Affonso de Albuquerque, pela conformidade de ideias que ambos tinham sobre os negocios do Oriente. Pela identidade das qualidades de valor, abnegação, desinteresse e dedicação ao serviço da patria, reciprocamente se estimavam e respeitavam. Ruy buscava sempre ser o mediano entre o austero e energico governador e os cavalleiros que lhe faziam opposição. Por isso mesmo, era com elle que Affonso de Albuquerque desabafava as suas queixas e os desgostos com que lhe iam minando a vida as intrigas da côrte, a que D. Manuel prestava ouvidos.



O cavalleiro, porém, não tinha podido obstar a que fosse justicado Ruy Dias. A ordem para a sua prisão e execução fôra transmittida pelo governador ao meirinho, n'um momento de ira, de que Ruy nem tivera conhecimento. Quando a conheceu e quiz intervir era já tarde, e a attitude de muitos capitães, que pretendiam sublevar as guarnições dos navios contra o governador, não permitia transigencias. Pelo contrario, teve de pôr-se ao seu lado sustentando-o nas medidas de energia para suffocar a revolta.

Pelo muito que n'elle confiava, Affonso d'Albuquerque, caindo em si, pezaroso do justiciamento de Ruy Dias, depois de escrever para o reino a pedir a D. Manuel muitos perdões do seu acto, para que taes factos deploraveis se não repetissem, exigindo novos castigos, encarregou o cavalleiro de exercer especial vigilancia sobre o encerramento das captivas indianas. Desagradava a missão a Ruy da Cunha, mas não pode recusar-se, aconselhando comtudo ao governador que mais valia ir permitindo o casamento das mulhêres indigenas com os portuguezes, uma vez que se fizessem christãs, porque assim se ia tambem desenvolvendo a colonisação portugueza.

Acceitou o governador o conselho, apesar das observações dos clérigos das armadas, que chamavam a estes casamentos feitos *segundo mandamento* d'Affonso d'Albuquerque, e não segundo mandamento da igreja.

Entre as captivas, distinguindo-se pela sua formosura e pelo respeito com que as demais lhe obedeciam, achava-se uma joven que as companheiras do carcere tratavam pelo simples nome de Sundorem. Com o conhecimento que tinha do viver e costumes orientaes, suspeitou logo Ruy da Cunha que era de alta estirpe



aquella captiva, tornando-se-lhe por isso mais duro o captiveiro, e na melhor boa fé teve para com ella attentões particulares, por saber toda a favoravel influencia que exerciam nas negociações da paz com os orientaes os bons tratamentos dados aos prisioneiros.

Mal pensava o bondoso cavalleiro que por suas mãos assim estava construindo a obra da propria desventura. O seu attencioso procedimento para com Sundorem, a insistencia com que por vezes lhe pediu que dissesse quem eram os seus parentes, para lhes fazer saber que era viva e breve voltaria aos seus braços, as praticas que com ella tinha sobre as cousas da India, e n que a joven se mostrava muito instruida e intelligente, revelando-se sympathica á alliança com os conquistadores portuguezes, foram ateando no coração da indiana paixão ardente pelo cavalleiro christão.

Por mais alheio que fosse a assumptos romanescos, por mais fiel que se conservasse á fé jurada, havia já tantos annos, a D. Isabel, ao deixar Portugal, Ruy da Cunha percebeu em breve os sentimentos que a captiva por elle nutria, e buscou atalhal-os com a separação.

Não estava ainda para breve a paz com o Hídalção. O valente guerreiro, rechaçado para fóra de Goa, não desanimava nas suas esperanças de a reconquistar, vindo constantemente, ou mandando capitães seus, accommetter os portuguezes. Na impossibilidade de se assentar uma paz definitiva, Ruy da Cunha fez com que em uma occasião de treguas Affonso d'Albuquerque propuzesse a troca de captivos. Combinada ella, na vespera o cavalleiro veiu contente prevenir a indiana :

— Alegrae-vos, Sundorem ! A'manhã por estas horas podereis abraçar vossos parentes.

Sem o estranhar, porque já lhe lia no coração, em

vez de se alegrar com a boa nova, viu-a debulhar-se em pranto.

— Que tendes, Sundorem?—interrogou-a, fingindo-se admirado.

— Tenho saudades do meu captiveiro, — respondeu ella entre lagrimas.

— Não vos comprehendo! Vós, a quem decerto a prisão se tornava mais dura do que ás vossas companheiras, pois que por muitas razões lhes sois superior; vós, a quem ellas respeitam e obedecem como a pessoa de alta estirpe, agora que ides trocar a reclusão, as privações e o afastamento dos amigos e parentes, pela vossa antiga situação, decerto feliz e ditosa, como é na India a existencia dos grandes, que saudades podeis ter d'estes dias de soffrimento?

— E quem vos diz, cavalleiro! que eu não tinha antes encontrado n'elles a felicidade? Para que havemos de estar dissimulando, se nem vós podeis enganar-me nem eu pude illudir-vos? Vós, cavalleiro christão, comprehendestes que era mais do que gratidão o sentimento que os vossos beneficios acordaram na minha alma; eu reconheço pela minha parte que lhe não quereis corresponder e que procuraes afastar-me. Por isso estaes contente e eu triste. . .

— Tendes razão, Sundorem. Estimo ver que assim usaes de franqueza comigo. Com o vosso bom juizo em breve reconhecereis como era loucura esse vosso sonho, devido, por certo, ao isolamento em que estivestes e que vae acabar. Na vossa lei, e da vossa estirpe, decerto bem mais elevada do que a minha, encontrareis um homem da vossa raça que vos fará feliz. . .

— Só Brahma, todo poderoso, sabe que sorte me



está reservada! Vós, cavalleiro, não suspeitaes como são capazes de soffrer pelo coração as mulheres da minha casta. Ha muito que habitaes a India, e tendes por certo conhecimento d'esse preceito que manda que a viuva se sacrifique em uma fogueira á memoria do marido. Tal é o amor entre nós para a mulher: um amor só na vida, primeiro e ultimo...

— O que deve fazer-vos ditosa não o encontrastes vós ainda certamente, e enganaes-vos se julgaes que o poderia motivar um homem d'outra raça, estranho á vossa fé...

— Sempre essa questão da fé! Sempre essa difficuldade da raça! Mas a fé não vos impede, a vós, christãos! de nos querer converter, porque julgaes melhor a vossa lei; a differença da casta não vos impede de vir conquistar os nossos paizes e de a cruzardes com a nossa, preparando assim as futuras gerações! Não busqueis pois falsos argumentos para me fazer ouvir a razão, que não é preciso...

— Bem o sei, Deus louvado! Por sensata vos tenho, Sundorem, e estou certo que sereis razoavel, e de que partireis querendo deixar-me não o remorso da consciencia mas a certeza da vossa sincera amizade...

— Sim! amanhã partirei, cavalleiro! tão impassivel como se aqui não deixasse o coração, tão feliz na apparencia como as minhas companheiras que aneiam por voltar aos braços dos que lhes são caros. Veremos se o tempo, que tudo consome, consome esta minha recordação. Se o não conseguir, se a sorte que um Joque um dia me predisse, de que eu seria poderosa, mas infeliz em amor, se cumprir, eu tornarei a vós, Ruy da Cunha, como escrava, e vós da minha sorte decidiréis... E agora nem mais uma palavra é necessario



que troquemos sobre tal assumpto. Vós podeis livremente estar alegre por me afastar, eu posso livremente chorar por se ter acabado este feliz captiveiro.

E a indiana, dizendo um adeus ao cavalleiro, afastou-se serena e impassivel para junto das suas companheiras. Ruy da Cunha não achou uma palavra para lhe responder. Aquella força de vontade que por agora se impunha á paixão, causava-lhe medo, recordando-



OS PAÇOS DA RIBEIRA

lhe o que um dia lhe dissera D. Vasco da Gama, suspeitando que elle estivesse preso na India pelo coração.

O cavalleiro esteve então quasi resolvido a partir para o reino. Goa estava conquistada, o seu voto cumprira-se, e dizia-lhe o coração que devia voltar á patria a escudar-se com os affectos da familia, e unindo o seu destino ao de D. Isabel, de todos os perigos que a paixão da formosa indiana lhe podesse trazer. Mas a sua



dedicação a Affonso d'Albuquerque levou-o a sacrificar-se mais uma vez.

Ia-se accentuando cada dia mais a ingratidão da côrte para com o valoroso capitão, que na India dilatava e fortalecia o dominio portuguez, e Ruy bem conhecia como n'aquelle organismo de ferro, insensivel ás fadigas da guerra, os desgostos e soffrimentos moraes exerciam uma acção destruidora. Amigo leal e dedicado, que procurava sempre confortal-o de taes dissabores, e a quem o grande capitão tratava como filho, entendeu que deixal-o seria uma crueldade. Demais, ainda recentemente, em parte para o compensar da ausência da familia, Affonso d'Albuquerque escrevera a D. Manuel largamente sobre os negocios da India, insistindo com elle em especial para que permitisse que do reino podessem vir mulheres portuguezas, que se unissem com os que ali serviam a patria, desenvolvendo a colonia e dando-lhe uma população genuinamente lusitana, que compensasse o cruzamento das raças. Assim poderia D. Isabel vir á India e casar com Ruy, que n'este sentido escreveu a D. Vasco da Gama e aos seus, desculpando-se por não regressar nas armadas que tinham já partido depois que se realisára a tomada de Goa.

Foi decorrendo o tempo ; realisaram-se pazes com o Hidalcão, que no começo do anno de 1514 andava em guerra com os reis de Bisnaga e de Narsinga, os quaes mandaram embaixadores a Affonso d'Albuquerque, com ricos presentes, que este, segundo o seu côstume, remetteu para D. Manuel, propondo-lhe paz e commercio mais estreitos ainda do que já tinham com os portuguezes, a troco do fornecimento de cavallos que precisavam para a guerra com aquelle rei. Affonso d'Albuquerque seguiu a sua politica habitual, procurando



tirar partido das rivalidades entre os potentados índios, respondendo ao rei de Bisnaga, que o Hidalcão, com quem estava em paz, lhe fizera vantajosas offertas para não fornecer cavallos aos seus inimigos, e que só a cendencia do porto de Batalá ou de Bracelor poderia justificar o deferimento do seu pedido.

Logo o Hidalcão, receiando que o rei de Bisnaga dêsse aos portuguezes alguma d'aquellas cidades, e assim fosse attendido no que desejava, fez propostas mais vantajosas a Affonso d'Albuquerque. No reino de Balagate, de que o Hidalcão tinha a corôa, havia uma constituição especial, ¹ que permittia ás mulheres o exercicio dos mais altos cargos do estado, compartilhando a mãe do Hidalcão o poder real com seu filho. Proseguindo as negociações, que Affonso d'Albuquerque ia demorando sem nada resolver, enquanto estudava para qual dos contrarios mais convinha a Portugal inclinar-se, correu em Goa que o Hidalcão, exasperado com as delongas, ia enviar uma especie de *ultimatum* ao governador pedindo-lhe uma resolução qualquer, mas immediata. Logo a seguir, porém, constou que a rainha mãe puzera o seu veto a tal determinação, e que, assumindo a direcção das negociações, mandaria a Goa uma embaixatriz da sua confiança.

D'ahi a pouco, seguida por grande sequito, chegava e era solemnemente recebida por Affonso de Albuquerque a enviada da mãe do Hidalcão, e n'ella reconheceu Ruy da Cunha, com sobresalto e receio, Sundorem, a sua antiga apaixonada, elevada ao fastigio do poder, personagem das mais poderosas e influentes no conselho da rainha de Balagate.

¹ *Lendas da India* por Gaspar Corrêa, vol. II, pag. 38.

Tão captivante se mostrou a formosa embaixatriz, tão conciliadora e affecta aos portuguezes, que a sua missão teve pleno exito. No dia em que as negociações terminaram, Sundorem fez prevenir Ruy da Cunha de que desejava falar-lhe antes de partir. Tinha sido tão correcta e discreta a attitude da embaixatriz para com elle, que o cavalleiro christão accorreu ao convite inteiramente socegado, convencido de que a indiana esquecera felizmente, entre as fascinações do poder, os seus devaneios de captiva. Em breve havia de reconhecer que a sua illusão era completa.

— Cavalleiro ! é chegado o momento de decidires do teu destino e do meu — disse a indiana a Ruy da Cunha, surprezo de a ver novamente dominada pela paixão que suppunha extincta.

— Pòdeis ainda pensar em taes devaneios, occupada como estaes com missão tão importante como a que vos trouxe a Goa, sênhora?

— Escuta-me com attenção, Ruy da Cunha. Talvez seja esta a ultima vez que nos encontramos, porque vaes decidir da minha felicidade ou da minha desventura para toda a vida... e quem sabe, se da tua tambem. Essa alta missão que me trouxe aqui, foi apenas um meio que busquei para de ti me approximar. Cumpri o que me aconselhastes ao separar-me de ti depois do meu captiveiro: Voltei á minha antiga situação, procurei nos affectos dos meus e na ambição das honras e do poder, na distracção do serviço do meu paiz, esquecer-te, e não me foi possível. Compreendi então que estava luctando contra o destino, que te trouxe decerto á India, cavalleiro christão: para te encontrares comigo... Se tanto aqui te tens demorado, se a paixão pelas cousas do Oriente te tem feito quasi es-



quecer o teu paiz e os teus, não será isto uma indicação clara que te dá a Providencia, de que o teu destino está na India e não em Portugal, que aqui, e não lá, é que has de encontrar a realisação dos teus sonhos de ambição e de gloria, junto de uma mulher que te ame?...

— Com as vossas palavras Ralivana, interrompeu-a o cavalleiro, tratando-a agora pelo nome da sua poderosa familia, estaes-me offendendo, e áquella que não conheceis; pois que unidos sempre pela mesma fé, embora os annos vão passando sem se realisar o nosso compromisso, mais viva é ella cada dia, porque se revigora com a ausencia e o sacrificio, feito a Deus e ao serviço do rei... Vós, orientaes, tendes uma fórma de comprehender a dedicação e o amor; nós, christãos, temos outra...

Ergueu-se a indiana arrebatadamente dos ricos coxins em que se achava assentada, na vistosa tenda do campo em que estabelecera os seus arraiaes de embaixatriz acompanhada de numeroso sequito:

— Pensarás tu por ventura, cavalleiro! em me ensinar o que seja o sacrificio? Vou mostrar-te se d'elle sou ou não capaz, tão capaz, pelo menos, como aquella a quem te dizes ligado pela tua palavra. Sabes hoje quem sou! Não t'ò disse quando me conheceste infeliz e captiva, porque te quiz antes offerecer o amor da prisioneira agradecida. Recusaste-o, aconselhando-me o seu esquecimento, e obedecendo-te, busquei-o em vão. Hoje venho offerecer-te mais gloria, mais honras e mais poder, do que nunca poderjas ter sonhado para ti e para o teu rei. Pelo seu serviço te tens sacrificado, para lhe augmentar a fama e os dominios no Oriente... Pois bem: une-te commigo, une o teu



destino ao da descendente da mais poderosa familia de rajahs que antigamente dominaram no Industão, e começando por ser o primeiro na côrte de Balagate, em breve o Hidalcão, que d'um degredado como João Machado fez seu capitão, te elevará a chefe dos seus exercitos, e cedo terás conquistado na India vastos dominios em que os antigos partidarios da minha familia te reconhecerão como senhor. Terás então para offerecer ao teu rei paizes como nunca sonhastes, dominios riquissimos que se alongam pelo interior d'esse Industão, de que julgas conhecer muito, mas de que apenas tens visto a beira mar...

— Ainda que fossem realisaveis tâes sonhos e phantasias, ainda que lhes desse abrigo no meu coração, mais pode n'elle a fé jurada, Ralivana!... O que me propões não o acceito, porque é impossivel... Eu sou christão...

— E o que vale isso? Pois não serás tu mesmo quem aconselhou Affonso de Albuquerque a que permittisse os casamentos dos seus cavalleiros e soldados com mulheres da India? Mas se é o serviço do teu Deus que mais présas do que o do teu rei, que maior lhe poderás prestar, do que converter á sua religião esses paizes que te offereço? Como penhor da minha palavra, serei a primeira a fazer-me christã, porque, tu bem o sabes, cavalleiro de Christo! só ha um Deus creador do mundo, arbitro do destino de todos as homens, um só e unico, para nós indios representado na nossa trindade Brahma, Vishnú e Siva, assim como o é na vossa trindade, que dizeis Santissima!

Ruy da Cunha ouvia com espanto e receio o animado discorrer da poderosa e apaixonadá indiana. Não sabia como rebater o seu intelligente discutir, de confundido que estava.



— Se taes são as tuas idéas, porque não buscas algum dós meus companheiros que tantos ha mais dignos do que eu. . . — Mas não pode concluir o que ia dizer, porque a embaixatriz com a sua pequenina mão energeticamente lhe tapou a bocca.

— Cala-te! não continues que me offendes e a ti mesmo . . Não se troca um cavalleiro e um coração como tu és, por um qualquer d'esse bando de aventureiros que ahi vem do teu paiz, nem eu sou mulher que possa amar na vida mais do que o homem que a sorte lhe destinára. . . Ou esse ou a morte, tal é o meu futuro. D'elle decidirás — continuou depois de breve pausa, erguendo-se para indicar ao cavalleiro que devia partir. — Ámanhã tornarei para Balagate, e enquanto estiveres na India aguardarei a tua resolução. No dia em que voltares a Portugal, ou n'aquelle em que aqui té ligares a outra mulher, n'esse dia, morrerei nas chammas, como a nossa lei manda que devem morrer as viúvas da minha casta.

— Seja assim — replicou o cavalleiro, satisfeito por ver terminada a audiencia com o annuncio d'uma resolução que, pela demora, facilmente poderia ser modificada por novos e imprevistos successos da vida da embaixatriz.

— Mas — continuou ella, como seguindo o fio das suas idéas — talvez mais cedo do que pensas venhas buscar-me, por teres a certeza de que á fé que tens guardado na India, te não correspondem já guardando a fé em Portugal!

— Longe vá o vosso agouro! — exclamou Ruy da Cunha, saudando-a entre pezaroso e offendido.

No dia immediato partia a embaixatriz, despedida com grandes honras por Affonso d'Albuquerque, dei-



xando o embaixador que a precedera encarregado de firmar as convenções já ajustadas.

Algum tempo depois, chegava do reino a armada do capitão-mór Christovão de Brito, e pela primeira vez, desde que estava na India, não recebeu o cavalleiro carta de D. Isabel. D. Vasco da Gama tambem pouco lhe escrevia sobre os negocios do Oriente, de que se mostrava retrahido e desgostoso pela ingratição da côrte para com Affonso d'Albuquerque.

Como que uma nuvem negra envolveu o coração de Ruy da Cunha, lembrando-se da triste prophecia da indiana.





XII

O nayre na côrte de D. Manuel



PODEROSA embaixatriz não revelára ao cavalleiro senão uma parte dos seus planos. Guardara bem escondido no seu pensamento quanto se referia aos meios que já tinha posto em pratica, afim de levar D. Isabel a desligal-o da sua palavra. D'elles vamos ter conhecimento, assistindo ao que entretanto se passava na côrte de Lisboa.

D. Manuel foi no decimo quinto seculo uma especie de precursor do typo de monarcha faustoso que mais tarde na França se havia de chamar o *rei sol*. E com bastante mais razão poderia ser comparado áquelle astro, porque, como escreve Francisco de Santa Maria, aos seus dominios serviam de fronteiras, d'uma parte o Oriente, da outra o Occidente.

O poder de Portugal e a sua preponderancia na Europa eram então extraordinarios, mercê do alcance



político e economico que, para o velho mundo, tivera a descoberta da India. Na ordem economica, esse acontecimento fizera de Lisboa o centro a que se dirigia agora todo o commercio oriental, com proveito das nações christãs e europeias, acabando com o monopolio que até então d'elle tinham os turcos do Levante. Na ordem politica, importava o abatimento do poder ottomano e dos sultões do Egypto, afastando o perigo constante, em que os estados da Europa até ahi se achavam, da invasão dos infieis. A passagem, emfim, do Cabo da Boa Esperança, a abertura d'aquelle caminho directo pelas aguas do mar para o coração da Asia veio dar ás sciencias da Europa enormes avanços, com os progressos que trouxe á navegação e á geographia.

A alliança de Portugal era, pois, buscada por todas as nações, e o maior poder politico que então dominava o mundo christão, o papado, considerava o reino lusitano como filho dilecto, a quem distinguia com favor especial.

N'estas circumstancias, as riquezas que vinham do Oriente permitiam a D. Manuel sustentar na sua côrte um esplendor condigno do papel proeminente que representava na Europa de então. O fausto desenvolvido pelo monarcha afortunado ficou tradicional e, em muitos pontos nem mesmo D. João V conseguiu seculos depois igualal-o, com as riquezas do Brazil.

A India dava para tudo, apesar de que nunca se achavam insufficientes os valores dos carregamentos com que os governadores mandavam as armadas abarrotadas; e d'essas riquezas fazia liberalmente o monarcha partilha, tanto ao divino como ao profano: Erguia os mosteiros sumptuosos como o dos Jeronymos, ordem da sua especial devoção, para a qual fundou ou-



tros conventos como o da Pena, o do Matto e o das Berlengas ; dotava largamente todas as ordens religiosas, e ao mesmo tempo erguia maravilhas d'arte, como a torre de S. Vicente de Belem ; mandava proseguir as obras da Batalha, acabando as capellas dos reis ; levantava as egrejas de Santo Antonio e da Conceição de Lisboa, e muitas mais por todo o reino ; construia os grandes armazens para as mercadorias da Índia, e os arsenaes fornecidos de armamento ; tinha sempre navios em construcção na Ribeira das Nãos ; e finalmente, edificára os sumptuosos paços da Ribeira, para onde se transferira dos antigos da Alcaçova.

Ahi se davam as brilhantes festas da côrte, porque D. Manuel repartia a sua vida entre os cuidados da governação e o gozo quotidiano dos festejos de toda a especie, desde as procissões e as cerimonias religiosas de grande apparato, até ás caçadas, os sarãos, as cavalhadas e torneios, e em particular as famosas digressões pelo Tejo das esquadrihas de bateis ricamente guarnecidos e empavezados, em que iam o rei e a côrte, bem como as musicas de que sempre se fazia acompanhar.

Vamos citar um facto que, por assim dizer, synthetisa a opulencia e liberalidade de que o rei *venturoso* usou n'este mundo : Dotado tambem pela natureza com soberbos dotes physicos, D. Manuel que, alias, a historia assevera ter sido rei de moralissimo procedimento, tinha predilecção especial pela riqueza, variedade de belleza dos trajos. Quasi não havia dia em que não vestisse esplendidos fatos novos, e da sua guarda roupa se vestiam á larga os fidalgos da sua casa. Quando falleceu, deixou disposto que tudo quanto n'ella existia fosse repartido pella alluvião de camaristas, fidalgos,



cavalleiros, escudeiros, e a quantidade era tal, que chegou para todos que viviam no paço e fóra d'elle, e ainda sobejaram esplendidos roupões, capas e opas riquissimas, para todas as egrejas do reino fazerem paramentos! segundo escreve na sua *Chronica* Damião de Goes.¹

A India dava para tudo!

Póde pois calcular-se como seriam esplendidas as festas com que D. Manuel obsequiava o principe indiano, parente do rei de Calecut, mandado por este á côrte de Lisboa em 1512, em seguida a ter negociado e assentado paz e commercio com Affonso d'Albuquerque.

Tão agradável se tornou ao nayre o viver na côrte portugueza, que durante cinco annos se conservou em Portugal, visitando quanto no paiz havia digno de menção, estudando a sua lingua, acabando por se converter ao christianismo, escolhendo-lhe o rei o nome de D. João da Cruz e fazendo-lhe mercê do habito de Christo, com a respectiva tença.

O nayre era aparentado com a poderosa familia de Ralivana, e estava prompto a seguir viagem para Portugal, precisamente na occasião em que a indiana saía do captiveiro em Goa. Então, concebeu ella um plano engenhoso, e por pedido seu, o nayre, entre os serviçoes que o acompanhavam, trouxe a Portugal um mouro da sua confiança.

Com as promessas de grande recompensa, se bem recesse a intriga de que o encarregava, lhe deu a missão de frequentar a casa de D. Vasco da Gama, de

¹ *Chronica de D. Manuel*, vol. II, pag. 643.



conseguir approximar-se de D. Isabel, e falando-lhe das cousas da India e de Ruy da Cunha, terminar pela revelação de existirem de ha muito relações amorosas entre o cavalleiro e a antiga captiva, e hoje poderosa mulher de estado, sendo este o motivo que na actualidade o prendia no Oriente.

Cumpriu o mouro quanto lhe tinham encarregado, o que se lhe tornou relativamente facil, pelo accesso que em casa de Vasco da Gama tinham quantos eram da India. Como era natural, foi enorme a impressão causada por taes confidencias no animo de D. Isabel. Entendeu ella dever guardar o maior segredo sobre a infidelidade do cavalleiro, para não apressar com um tal desgosto a morte de seu velho pae, e nem mesmo a D. Vasco da Gama disse cousa algum. Unicamente, deixou de se corresponder para a India com aquelle que suppunha tel-a esquecido. Por isso, esperando a todos os momentos que a intriga que urdira occasionasse a quebra do compromisso tomado ao partir de Portugal, Ralivana predissera a Ruy da Cunha que talvez em breve conhecesse que ali se iam esquecendo d'elle.

Assim tinha esfriado a affeição que os dois reciprocamente se votavam, dando a desconfiança de parte a parte, e a excessiva concentração do pezar, causa a que o tempo fosse decorrendo sem chegarem a uma explicação em que a verdade poderia ter sido conhecida.

Um acaso veio, porém, contrariar os planos da astuciosa indiana. Chegára o anno de 1517. Na côrte, lavravam, mais ateadas do que nunca, as accusações contra Affonso d'Albuquerque, e a sua substituição no governo da India por Lopo Soares, fidalgo que já fôra ao

Oriente em 1504, por capitão-mór em uma armada, foi decidida no conselho do rei, pelas instancias do barão do Alvito, e de outros seus amigos politicos, contrarios ao grande capitão, e desejosos de lhe tirarem o governo da India, antes que se accentuasse mais a especie de arrependimento da ingratição que para com elle usava, que se ia manifestando no espirito de D. Manuel. O mouro, ambicionando voltar á India a receber o premio dos seus serviços, e descansado quanto á impunidade do castigo das suas intrigas logo que se recolhesse á patria sob a protecção da indiana, instou com o nayre para que lhe obtivesse passagem na armada do novo governador, e resolvida a sua partida, animou-se a ir além da missão que lhe tinham commettido, principiando a instar com D. Isabel para que o fizesse portador d'um formal rompimento com o cavalleiro. Invoçando os seus sentimentos religiosos, lembrava-lhe o ardiloso mouro que naturalmente haveria já áquelle tempo Ruy da Cunha filhos da indiana, com a qual era justo que casasse, como tinham feito outros em identicas condições, por instancias de Affonso de Albuquerque.

Estranhou D. Isabel taes escrupulos e excessos de consciencia da parte do mouro, que fôra dos poucos orientaes que não tinham querido abraçar o christianismo, a suspeita da sua boa fé entrou-lhe no coração, e depois de incertezas e luctas travadas no seu espirito, resolveu informar-se, quanto possivel, com o proprio nayre, a respeito do proceder do cavalleiro na India. Delicado como era o assumpto a tratar, convinha esperar um ensejo favoravel, que só chegou por occasião d'uma festa da côrte a que vamos assistir.

E' vespera de Natal, dia dos mais celebrados por



el-rei D. Manuel erguera-se de madrugada, e saíra do paço a ir ouvir a missa d'alva á egreja da Conceição, e terminada ella, informou-se com o prior se alguma cousa faltava á sustentação do culto, deixando larga esmola para a fabrica da egreja. D'ali seguiu para a Casa da Supplicação a ouvir as petições dos presos, como sempre fazia á sexta-feira, e n'aquelle anno anticipava por cair o Natal n'esse dia.

Regressando ao paço da Ribeira, depois de ter almoçado, começou D. Manuel o despacho com o escrivão da puridade D. Antonio de Noronha, e os védores da fazenda, seguindo-se a audiencia publica, em que muita gente das tres classes, clero, nobreza e povo, foi indistinctamente recebida e attendida por el-rei, emquanto na sala contigua os seus cantores e musicos de cravo executavam o seu repertorio.

Encerrada a audiencia, começaram os verdadeiros festejos do dia: el-rei ia em grande apparatus merendar ao paço de Santos-o-Velho, e voltaria pelo rio á noite ao paço da Ribeira a consoar com toda a côrte, como era usança na noite de Natal.

N'aquelle tempo, todo o homem era cavalleiro e toda a dama era amazona; por isso, ia uma extraordinaria animação nos pateos e estrebarias do paço. Fidalgos, escudeiros, moços do monte e pagens, não deixavam o enxame de palafreiros, para que lhes preparassem os melhores cavallos e os mais ricos jaezes das cavallariças reaes.

Emfim, depois de larga demora, o cortejo organisou-se: A' frente, iam os batedores indios em elephantes, e a seguir, um caçador persa, enviado pelo rei de Ormuz, montando um cavallo d'aquelle paiz, e levando na anca uma onça, tambem offerecida pelo mesmo monarcha.

Vinha depois um grupo de trombeteiros e atabales, precedendo a guarda dos ginetes d'el-rei, composta dos mais notaveis cavalleiros da côrte, armados de lança, espada e adaga. Seguiam-se muitos moços do monte e da camara, pagens, os bobos portuguezes, e os cho-carreiros castelhanos, entretendo a algaravia do seu officio, a pedirem motes aos cavalleiros e ao povo apinhado nas ruas, jogando-lhes facecias e ditos espirituosos. Depois, vinha um grupo de cantores e instrumentistas mouriscos, acompanhando os seus canticos com o som dos tambureis, pandeiros e charamelas, e logo após os arautos, reis de armas e passavantes, precedendo a côrte que acompanhava a D. Manuel. El-rei cavalgava só, a pequena distancia das rainhas D. Maria, sua esposa, filha dos reis catholicos Fernando e Isabel, e D. Leonor, viuva de D. João II, com as quaes ia o joven infante D. João, successor da corôa. Seguiam-se as damas das rainhas, acompanhadas pelos mais qualificados fidalgos da côrte, entre elles o almirante do mar da India, o principe indiano D. João da Cruz, o marquez de Torres Novas, D. João de Lencastre, D. Rodrigo de Mello, o conde de Tentugal, D. Francisco de Portugal, o conde de Vimioso, e muitos mais, e fechando o cortejo, os homens de letras que frequentavam a côrte, Gil Vicente, Sá de Miranda, Garcia de Rezende, Diogo Mendes Visinho, astrologo afamado, e Thomaz de Torres, physico do paço, que conversava com frei Xinal, o professor de grammatica que ensinava no bairro dos Escolares de Lisboa, e que montava pacifica mula, insensivel ao estrepito das trombetas, atabales e charamellas do ultimo grupo de musicas, depois do qual novo troço de ginetes de el-rei fechava o cortejo.

De vez em quando, el-rei parava o cavallo, attendendo





D. VASCO DA GAMA



[The page contains extremely faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the document. The text is too light to transcribe accurately.]



a pretensão que um vassallo qualquer, saído das alas do povo, lhe dirigia, ajoelhando, e com a sua bondade proverbial, D. Manuel ou deferia logo o pedido, ou lhe respondia :

—Deixae-me pensar; vinde pela resposta á audiencia...

Quando o cortejo chegou ao paço de Santos-o-Velho, Duarte Foreiro, cavalleiro da casa de el-rei, que em recompensa de longos serviços recebera a mercê da guarda d'aquella morada régia, adiantando-se da porta em que esperava, ajoelhou, segurando o estribo a el-rei enquanto se apeava, e logo lhe beijou a mão, erguendo-se a precedel-o na entrada do palacio.

Assim que a côrte se espalhou pelas salas e jardins, os musicos e os cantores começaram a executar alegres composições, e uma alluvião de serviçaes da casa do rei entrou a percorrer os salões, servindo em grandes bandejas de prata ricamente trabalhadas e taças do mesmo genero, fructos verdes e seccos, doces de toda a especie, e preciosos vinhos.

D. Manuel e as rainhas, seguidos pelos mais elevados personagens da côrte, tinham descido aos jardins, e d'ali estavam admirando os navios da armada que se aprestava para levar á India o novo governador, Lopo Soares. Foi então que o nayre, proximo de quem se achava D. Isabel, vendo-a triste e pensativa, lhe disse :

—Deixae essa tristeza que ha tempo vos noto, senhora! e que tambem já tem notado D. Vasco da Gama; alegrae-vos que, naturalmente, n'esta armada, que ahi vêdes prestes a partir, voltará emfim a Portugal o vosso fiel cavalleiro, o meu bom amigo Ruy da Cunha... Nem eu sei como tanto se tem demorado na India, depois que a formosa Goa é portugueza...

—E' que vós não sabeis, D. João, que a India tem para meu primo os encantos d'um paraizo. . .

—Tambem um paraizo lhe deve parecer esta sua bella patria, em que tantas honras o esperam, e maior do que todas, a de se unir a vós, senhora! — respondeu o amavel principe oriental.

—Quem sabe se vos não enganaes? Quem vos assegura que, como nossa mãe Eva no paraizo terrestre, não terá achado o vosso amigo no seu paraizo da India alguma serpente tentadora? . . .

E D. Isabel não poude conter uma lagrima que lhe rolou pelas faces. Não escapou isso ao nayre, que andava de ha muito suspeitando, assim como o almirante, cujo palacio frequentava, que entre o cavalleiro e sua prima se déra qualquer desintelligencia.

A côrte tinha entretanto abandonado os jardins, e ouvia-se do lado opposto do palacio, atroando os ares alegremente, o concerto dos instrumentos marciaes, annunciando que, no largo terreiro fronteiro ao paço, os cavalleiros, com o rei á frente, começavam a jogar as cañás.

E logo se ouviram entusiasticos vivas a D. Manuel, celebrando a sua destreza n'aquella especie de torneio, em que levava a palma aos mais dextros cavalleiros.

—Não quereis vir admirar as proezas d'el-rei nosso senhor? — perguntou á dama da rainha o principe indiano.

—Sim, D. João da Cruz, vamos vêr jogar as cannas; mas um favor tenho a pedir-vos. . .

—Pedir não, mandar, senhora! em tudo que fôr do vosso serviço.

—Obrigado pela vossa cortezia, principe. Como amigo que sois, de Ruy da Cunha, e d'aquelles que D.



Vasco da Gama estima como parentes, vos peço que esta noite, quando el-rei consoar com a côrte, me procureis junto da rainha, para ouvirdes o que tenho a dizer-vos.

E n'essa noite, emquanto nas salas do paço da Ribeira, el-rêi dava de ceiar a todos os fidalgos presentes, mandando pelos moços da camara a consoada a casa d'aquelles que não tinham podido comparecer por qualquer motivo, D. Isabel narrou ao nayre tudo quanto lhe dissera o mouro seu serviçal haver-se passado na India entre Ruy da Cunha e a poderosa indiana sua parenta, obtendo d'elle a promessa de em breve apurar e esclarecer a verdade a tal respeito.

Logo o principe indiano suspeitou da existencia d'uma intriga urdida por Ralivana, cuja sagacidade e character apaixonado conhecia, e usando da sua auctoridade, e ameaçando com severo castigo o mouro que ella lhe recommendára, se lhe não revelasse a verdade, promettendo-lhe ao mesmo tempo immediato regresso á patria, guardando segredo das suas confidencias, obteve d'elle francas explicações. Então, cumprindo a sua palavra, guardou para si quanto averiguára, e só depois de ter partido a armada de Lopo Soares, levando a seu bordo o mouro, de tudo fez sciente D. Isabel, convencendo-a de como Ruy da Cunha era apenas victima innocente das intrigas de Ralivana. Quizera ella escrever logo ao cavalleiro, a pedir-lhe perdão da sua desconfiança, mas os navios que n'aquelle anno el-rei despachava para a India, já lá iam no mar, e tinha de aguardar a partida de nova armada no anno proximo. A sua vida tornou-se ainda mais tormentosa, do que estava sendo a que na India passava Ruy da Cunha, com o coração mortificado pela falta de noticias, pois

D. Vasco da Gama quasi nada lhe dizia, evitando de lhe relatar a ingratidão cada vez maior dos influentes da côrte para com Affonso d'Albuquerque, coroadada com a sua destituição do governo da Índia, que acabavam de arrancar a D. Manuel.





XIII

A morte de Affonso d'Albuquerque



UANDO, no ultimo anno do seu governo, Affonso d'Albuquerque, apesar da doença e desgostos que o iam consumindo, desenvolvendo uma actividade extraordinaria para o seu estado e para a sua idade, pois passava já dos setenta annos, percorria os diversos reinos da India, sobre que Portugal tinha dominio, como se tivesse o desejo de responder com serviços cada vez mais assignalados á ingratidão do rei e ás desconsiderações dos seus conselheiros, estando em Ormuz, um dia que o viam mais abatido, os capitães que o rodeavam tentaram animal-o, dizendo-lhe que D. Manuel acabaria por lhe fazer justiça. Nicolau Ferreira, um dos cavalleiros presentes, que assiduamente frequentára a côrte antes de vir para a India, e com quem o governador se entretinha mui-

tas vezes informando-se do que el-rei dizia a seu respeito, accrescentou :

— Mais de uma vez me disse el-rei, fallando de vossos serviços com satisfação e louvor, que era justo o mandar-vos regressar ao reino, e dar-vos descanso em um condado, assistindo-lhe com os vossos conselhos sobre as cousas da India. . .

Um triste e amargo sorriso animou o rosto do grande capitão, que trocou um olhar de intelligencia com os seus mais dedicados amigos, Pero d'Alpoim e Ruy da Cunha. N'esse sorriso lhes significava como era seguro o seu presentimento de que em breve lhe tirariam o governo da India, embora pretendessem disfarçar a desconsideração com as outras honras, a que era insensível a sua grande modestia. Morrer na India, e n'aquelle cargo, bem sabiam na côrte que era a unica recompensa que ambicionava, e que por isso mesmo lhe recusavam.

E assim, respondeu a Nicolau Ferreira :

— Não ha honra em Portugal que seja igual á governança da India. Póde em Portugal haver descanso do trabalho physico ; mas que dias posso eu ainda viver para o gosar ? E que maior recompensá poderia haver para mim, do que acabar os meus dias, que já serão poucos, n'estes trabalhos que são o que ainda me aviventam o espirito ?

E justamente no espirito, era que de Portugal mais o feriam. Enquanto o grande capitão, depois de passar os dias no trabalho incessante do governo, gastava as noites sem repousar, fazendo extensos relatorios para el-rei, dando-lhe conhecimento de quanto se passava no Oriente, e levando a sua minucia até ao ponto de o informar de cada peça d'artilheria que se inu-

tilisava, do reino correspondiam-lhe contrariando-lhe todas as suas propostas, e derogando quantas resoluções tomava.

Vieram, contra o que representára, mais navios do que até ali tripulados por marítimos da ilha de Corsega, gente indisciplinada, prompta sempre a revoltar-se e quasi permanentemente embriagada. Voltaram, providos nos logares mais importantes, os capitães que ao reino se tinham ido queixar do governador; e finalmente, desauctorisavam-n'o para com os monarchas da India, tratando com elles directamente pazes e convenções em contrario dos planos d'Affonso d'Albuquerque, ordenando-lhe depois que executasse aquillo que julgara inconveniente.

Assim tinha o rei d'Ormuz, Safardim, enviado um embaixador directamente á côrte de D. Manuel, que o attendeu e recambiou depois a Affonso d'Albuquerque para executar o que tinham ajustado. Embora queixando-se respeitosamente de tal facto, seguiu este para Ormuz a cumprir o que lhe era ordenado, e foi achar confirmado o quê expusera para Portugal sobre o estado d'aquelle reino: Safardim tinha sido morto, em seguida a uma revolução, e Affonso d'Albuquerque teve que combater os sublevados, matando o usurpador Turruxa, e de collocar no throno Raxamede, irmão do rei assassinado. Pela sua habilidade diplomatica, remedeiou ainda os erros dos que faziam concessões em Lisboa, sem conhecerem os negocios do Oriente, mandando ao novo rei que conservasse, sob sua responsabilidade, junto de si, os filhos de seu irmão, como seus successores eventuaes ao throno, se não governasse sabiamente; e illudindo a clausula consentida pelo governo de Portugal sobre os armamentos de Ormuz, fez

com que o rei só ficasse com artilheria miuda, e a grossa fosse para a fortaleza portugueza que se estava construindo. E assim correspondia, com a emenda e util remedio dos disparates e erros commettidos em Lisboa, ás desconsiderações que para si representavam.

Estes desacatos á auctoridade do venerando capitão, eram tanto mais deploraveis, porque concorriam para dar novas ousadias á indisciplina dos capitães, chegando ao ponto de, em Cananor, João Delgado, a quem não attendera as suas representações contra o governador da fortaleza, D. Garcia, attentar contra os dias de Affonso d'Albuquerque, fazendo que o cozinheiro mouro procurasse envenenal-o.

Ingratidões e desconsiderações do rei e da côrte, agravos por parte dos seus capitães, a morte pela traição ameaçando os seus cançados dias, taes eram as recompensas que Affonso d'Albuquerque, septuagenario, recebia dos seus aturados e valiosos serviços á patria e ao rei, serviços em que tantas vezes arriscara a vida. A obra da negra ingravidão coroou-se por fim, justamente quando, consumido pela doença e pelos dissabores, vinha perto o termo dos seus dias.

O que Nicolau Ferreira lhe dissera em Ormuz, sobre a intenção de D. Manuel o mandar regressar ao reino, não se lhe varreu mais da memoria, cahindo profundamente doente. Então reuniu os seus capitães e lhes disse :

— Senhores e nobres fidalgos ! eu estou n'este ponto que vêdes, e em minha consciencia julgo ter cumprido o meu dever para com Deus, e para com el-rei. E para que eu não falleça sem ter posto em ordem o que cumpre ao seu serviço, requeiro da parte d'el-rei nos-



so senhor a vossas mercês, que obedeçam na minha falta áquelle que eu tiver escolhido para me substituir. —E ao dizer assim, as lagrimas corriam pelas faces d'aquelle heroe, e com lagrimas e soluços lhe prometteram os cavalleiros, muitos dos quaes se tinham até ali insurgido contra ordens suas, fazer o que lhes pedia.

Logo a seguir nomeou Nicolau Ferreira, para ficar junto do rei de Ormuz, com trinta homens, na qualidade de guarda-mór do monarcha, dando-lhe tambem as funcções de tutor dos filhos do fallecido rei Safardim, o que era uma forma disfarçada de estabelecer a fñscalisação portugueza na politica e governança do reino d'Ormuz. Nomeou o seu parente, Pero d'Albuquerque, capitão da fortaleza, deixando-lhe feitor e alcaidemór escolhidos e quatrocentos homens da guarnição, dispondo minuciosamente a forma de fazer o commercio na feitoria e de cobrar as receitas para o rei de Portugal.

N'aquellas horas solemnes em que, depois de tudo ordenado, se dispunha a partir para Goa, Affonso d'Albuquerque, despedindo-se do seus subordinados, só tinha palavras de saudade e provas d'affecto para todos indistinctamente; e quando lhe rogavam que se não entregasse a tristes pensamentos, respondia;

— Eu não posso reter as lagrimas n'estas depedidas, que me parecem para sempre.

Então lhe replicavam que no reino havia de recobrar a saude quando lá voltasse, e que os premios e as honras viriam alegrar a sua velhice.

— Portugal é pequeno — observava-lhes o valente guerreiro — e os seus titulos e honras todos teem donos; mas vagos que todos estivessem, não valeriam metade

da governança da India. Nunca vereis governador seu que em Portugal valha a terça parte do que vale na India, e vós sabeis qual será a minha recompensa: se na India já está novo governador, vereis que o vamos encontrar de posse do governo sem eu lh'o ter entregue, porque não se nomeia em Lisboa um novo governador senão para desconsiderar o antigo. E ainda que o proprio rei lhe mande ter atenções para com o seu antecessor, a passagem do Cabo da Boa Esperança faz-lhe esquecer que Portugal existe. Eu bem sei que em Portugal tenho muitos contrarios, porque em Portugal nunca fiz offerendas a santos que não fossem el-rei, sua mulher e seus filhos! A elles unicamente, mandei sempre as primicias da India, no que bem sei que fiz erro, porque el-rei mais escutará as suas accusações contra mim, do que se recordará dos serviços em que vós tanto vos sacrificastes.

Como a confirmar os presentimentos de Affonso de Albuquerque, na travessia do golfo, perto de Melinde, encontraram uma náó que vinha de Dabul, que lhes deu a noticia de estar já em Goa um novo governador chegado do reino.

Esta nova mais aggravou o estado melindroso do grande capitão. Quando passaram á vista de Dabul, Affonso de Albuquerque, a quem os seus subordinados tantas vezes tinham desrespeitado, elle que o seu antecessor, o vice-rei D. Francisco de Almeida fizera prender, não lhe querendo entregar o governo da India para que estava nomeado, elle, o conquistador do reino de Goa, o fundador do verdadeiro imperio portuguez no Oriente, a quem o governo de Lisboa substituiu por um simples cavalleiro obscuro, sem a menor attenção para com o mais illustre dos servidores

de D. Manuel, deu o raro exemplo da mais completa modestia e obediencia, mandando arriar a sua bandeira, e passando sem ir a terra, para não ser saudado como governador que para aquella cidade ainda era.

Ao anoitecer, passou junto da náó uma fusta que vinha de Goa para Chaul, e chegando á fala deu mais noticias da armada que ali aportára do reino. Soube Affonso de Albuquerque que o novo governador Lopo Soares nomeára D. Goterre de Monroy novo capitão da fortaleza de Goa, e Simão da Silveira para a de Cananor, Alvaro Telles para a de Calecut e Diogo Mendes de Vasconcellos para a de Cochim.

Este ultimo tinha elle mandado para o reino sob prisão!

—Que vos parece?—disse Affonso de Albuquerque ao ouvir estas noticias, para Diogo Fernandes de Beja, que se achava na camara junto d'elle.—Boas novas são estas para mim, que os homens que mandei presos para Portugal e de quem me queixei, voltam mais honrados e engrandecidos do que nunca. Certamente grandes são os meus peccados para com el-rei. Pois estou mal com elle por amor dos homens; e mal com os homens por amor d'elle; só me cumpre acolher-me á egreja!

E erguendo as mãos ao céo concluiu:—Mais merecem as minhas culpas!

D'ahi a pouco, chamando Pero d'Alpoim, indicou-lhe certos vestidos que desejava lhe fosse buscar, e com os quaes declarou querer ser enterrado. Pero d'Alpoim, Ruy da Cunha, Diogo Fernandes de Beja e outros cavalleiros vestiram então a Affonso de Albuquerque, cujo estado de enfraquecimento era tal, que os fazia te-



mer que não chegasse com vida a Goa, de que estavam proximos, o habito de Santiago, de que era cavalleiro, composto de saio de damasco preto, por baixo do manto com a cruz desenhada, e a beca de velludo negro e o gorro do mesmo tecido, calçando-lhe por fim as esporas de ouro.

Nas mãos, que tantas vezes tinham empunhado a espada, agora estendida ao seu lado n'aquelle leito precursor do tumulo, Affonso d'Albuquerque sustentava um Crucifixo, a que orava fervorosamente. Assim chegou á barra de Goa, em que tantas vezes entrára saudado pelo troar das peças de artilheria e pelos sons das trombetas e atabales.

Junto do grande capitão, frei Domingos de Sousa, vigario geral, que elle mandára buscar em um bargantim mais veleiro do que a sua não, acabava de o confessar e de lhe dar a absolvição.

Então, fazendo um esforço supremo, Affonso d'Albuquerque quiz erguer-se para fixar pela derradeira vez os olhos na capital d'esse reino que elle conquistára para Portugal. Apoiado nos braços braços de Pedro d'Alpoim e de Ruy da Cunha, o guerreiro moribundo chegou até á porta da camara, e ali encostado, ficou por alguns momentos a orar com a vista pregada na ermida de Nossa Senhora da Serra, que designára para ser sepultado. Depois, voltando ao beliche, de novo tomou a cruz com a imagem do Redemptor na mão direita, e com a esquerda segurou a candeia dos moribundos, como quem antevia proximo o momento final.

Na camara, o soluçar dos cavalleiros ajoelhados alternava com as palavras do *miserere mei Deus*, rezado pelo heroe prestes a entrar na eternidade.

Pouco a pouco, a voz de Affonso d'Albuquerque ia-se sumindo, ao passo que era mais alto e convulso o choro dos guerreiros. Pôr fim, o credo, que elle dizia quasi imperceptivelmente, deixou de se ouvir, e a candeia fatal caiu-lhe da mão! Então aquelles homens cobertos de ferro, cingindo espadas e vertendo lagrimas, n'um mesmo movimento, precipitaram-se para o leito do grande capitão. As peças das armaduras que vestiam, chocando-se, produziram como que um ultimo som de guerra a despedir o heroe, que, na immobillidade serena da morte, parecia agora sorrir-lhes docemente. De novo, com um fragor de ferros batendo uns contra os outros, os cavalleiros christãos caíram de joelhos.

Affonso d'Albuquerque acabava de expirar.

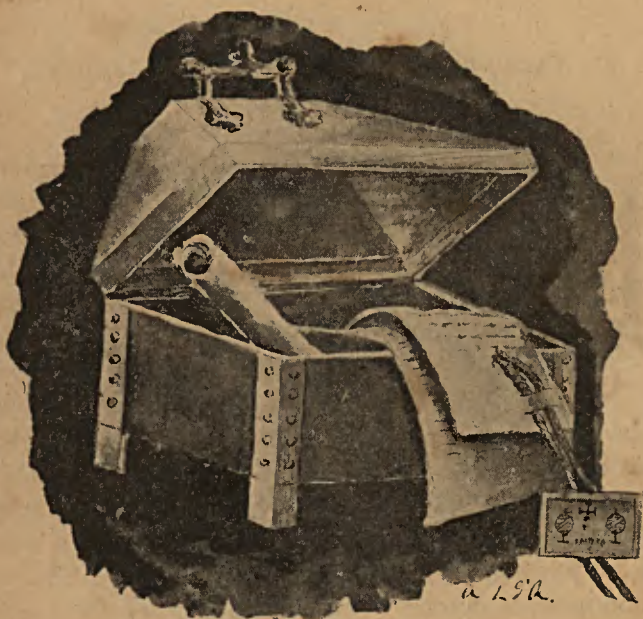
Estranho cortejo era o que no dia immediato seguia pelas ruas de Goa: os restos mortaes do seu grande conquistador, em uma especie de throno, eram levados aos hombros dos seus cavalleiros, como a percorrer pela ultima vez a sua cidade, em marcha funebre, e ao mesmo tempo triumphal, para o tumulo.

Nas ruas, fazia alas toda a guarnição, com tochas accezas, e por detraz dos soldados, os indios choravam em altos prantos aquelle a quem chamavam seu pae!

Dir-se-hia que o écho dos lamentos soltados pelo povo da India, atravessando esses mares que D. Vasco da Gama sulcára com as suas náos, chegava a Portugal, vindo acordar emfim no coração d'el-rei o sentimento da justiça para com Affonso d'Albuquerque: no momento em que o heroe era enterrado em Goa, D. Manuel escrevia-lhe que era sua intenção honral-o ainda com o cargo de vice-rei, e deixal-o acabar os seus dias na India, como tanto desejava.

Todas estas resoluções constavam de uma carta regia e outros diplomas sellados em pergaminho, que o rei em breve lhe enviaria guardados em um cofre especial.

Mas era tarde já para uma tal reparação, e D. Manuel teve de reconhecer os serviços do fundador do imperio portuguez no Oriente, em os seus descendentes, aos quaes fez valiosas mercês e concedeu grandes honras.





XIV

D. Vasco da Gama despede-se da India



DEPOIS da morte de Affonso d'Albuquerque, a quem amava como pae, admirava como heroe, e que lhe queria como filho, a vida de Ruy da Cunha na India tornou-se um verdadeiro tormento, e decerto teria regressado ao reino, se o viver então em Portugal se lhe não afigurasse mais penoso ainda. Parecia que uma existencia de dissabores e pezares lhe estava reservada em toda a parte, como premio da sua vida de trabalho incessante, e dedicação sem limites. Viver agora na India, era assistir á destruição, por assim dizer systematica, de quanto Affonso d'Albuquerque deixára posto em pratica, era vêr o derruir lento, mas persistente, da sua obra. Era vêr o progressivo desenvolvimento dos inconscientes planos do governo do reino, que foram arruinando o nosso poder no Oriente, lançando-nos em novas e continuadas



guerras com o rei de Calecut e outros potentados, e que por fim, na occasião em que D. Manuel desceu ao tumulo, se estava accentuando no governo de avareza de D. Duarte de Menezes, em que a India caminhava para a ruina a passos largos. Não poudesustar essa marcha decadente, a resolução de D. João III nomeando seu vice-rei D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, porque mezes apenas viveu este depois de chegar a Goa.

Ao mesmo tempo, para Ruy da Cunha, voltar ao reino, viver em Lisboa, era ir ser testemunha do tumultuar das intrigas da côrte, que tinham apressado os dias d'Affonso d'Albuquerque; era correr o risco de ter de recusar quaesquer recompensas, que, do rei e dos influentes, não queria hoje acceitar pelos serviços que fizera na India. Era, perspectiva ainda mais temerosa para a sua consciencia, fazer chegar a occasião de se unir a D. Isabel, quando agora o relativo descanso do serviço da patria, em que se achava, lhe tinha permitido avaliar com segurança o estado do seu coração, e n'elle achára apenas uma affeição d'amigo sincero para com ella, e não o amor ardente que correspondesse dignamente ao seu. Porque, tal era a sua situação presente: Haviam passado muitos annos desde que deixára Portugal. Ruy da Cunha partira joven; mais joven ainda, quasi creança, ficára em Lisboa D. Isabel. Ella podera conservar, por assim dizer, em um pensamento constante, e no coração unicamente, o culto d'esse affecto infantil. Ruy da Cunha pelo contrario, tinha como que envelhecido prematuramente nas fadigas do serviço da patria, e n'aquelle tracto difficil dos homens pervertidos, e da vida de lucta moral incessante do Oriente. A affeição que tinha a D. Isabel, conservára-

se no seu espirito, mais do que no seu coração, ao lado e a par da sua fé christã e do seu culto da patria.

Era como que um novo mysterio da sua crença, em que acreditava sem o profundar, sem o discutir, que engrandecia cada dia mais aos seus olhos pela prolongação da ausencia e do sacrificio, e que nada perdia em esplendor com a ideia, que aterroria um amante apaixonado, d'um hymineu que só viesse a santifical-o no declinar da vida. Quando, pois, a indiana pretendia arrebatá-lo o coração, achára-o fortemente salvaguardado por essa fé christã que opera prodigios; mas por isso mesmo, quando teve conhecimento de que D. Izabel podera duvidar da sua lealdade e da sua constancia, a solidez da sua crença soffreu um golpe irreparavel: aquella segunda religião estava como que profanada para sempre.

Por isso logo que, a seguir a armada que trouxera o novo governador Lopo Soares, chegaram do reino nos annos seguintes as de João da Silveira e de Antonio de Saldanha, trazendo-lhe extensas cartas de D. Isabel a pedir-lhe perdão das suas supeitas, fazendo-lhe os mais ardentes protestos do seu amor, rogando-lhe que voltasse a Portugal, o cavalleiro, nem teve coragem para deferir a esse pedido, nem para a illudir, e a resposta foi mais a de um sincero amigo do que a de um apaixonado. Consolava-o a reparação, mas não o fazia delirar. Longe porém, de se modificar ou enfraquecer, mais se exaltou com uma tal attitude o amor da formosa dama da rainha, que attingira a idade em que se acham completamente desenvolvidos todos os dotes physicos da mulher, e em que ella começa tambem, pode dizer-se, a pensar serenamente. Examinou a seu turno D. Isabel, profundamente, o estado do seu cora-



ção, e compreendeu que o amor de Ruy da Cunha era uma necessidade instante para a sua vida, mas conhecendo ao mesmo tempo que só agora chegava para si a hora dos verdadeiros sacrificios, e que d'ali em diante tinha que lutar para conseguir esse amor de que duvidára, como o cavalleiro luctára e se sacrificára por essa unica e verdadeira paixão sua: a gloria da patria!

Decorreram os annos, e tal foi a existencia dos dois: da parte de D. Isabel uma dedicação que nada desanimava, levando-a a insistentes pedidos a D. Vasco da Gama para que voltasse mais uma vez á India e d'ali trouxesse Ruy da Cunha; da parte d'este, o mësmo confirmar de uma amisade de amigo, que não renegava o seu voto, mas que não podia dar-lhe mais do que um affecto de tal natureza, e a quem o mesmo annuncio da volta possivel do almirante á India servia de pretexto para ali se ir demorando. Na bondade do seu coração, o cavalleiro hesitava tambem em deixar o Oriente receiando que á sua partida Ralivana cumprisse o protesto que lhe fizera, pondo termo aos seus dias. Ruy da Cunha nunca sentira amor por ella. Chegára mesmo a ter-lhe aversão, quando soubera das suas intrigas, e tendo-se encontrado com ella depois d'isso, em um visita que fizera ao Hidalção, acabára por ter dó d'aquella desgraçada, que, victima da paixão, abandonára o poder e as honrarias da sua alta posição para viver na reclusão e no retiro, entregue unicamente á recordação dolorosa e constante do seu amor sem esperanza.

Assim chegou o anno de 1521.

D. Manuel, o monarcha tão afortunado no decurso da vida, foi até por ventura afortunado em morrer um

tanto prematuramente, porque desapareceu do throno ainda em tempos de apparente prosperidade, em que a decadencia do nosso fastigio no Oriente era apenas vaticinada e presentida pelos espiritos mais argutos, que profundamente estudavam no presente os arcanos do futuro. Descido D. Manuel ao tumulo, succedeu-lhe seu filho D. João III. Com este príncipe, de indole e character diametralmente oppostos á paixão pelas conquistas guerreiras e pela gloria ostentada no poderio d'além-mar, havia de inaugurar-se uma epoca inteiramente diversa nos annaes da nação, e o Portugal navegante, conquistador e bastante liberal para aquelle tempo, tornar-se-hia o Portugal concentrado no estudo das sciencias e na administração quasi exclusiva do dominio continental, substituindo á dilatação da fé no Oriente a maior influencia dada ao poder da egreja na politica do reino. Em vez de fazer christãos os mouros, o novo Portugal submetteria os portuguezes já christãos á dura tutela da Companhia de Jesus. Tal era a compensação.

E os compromissos da situação passada liquidar-se-hiam em Africa por meio do abandono d'algumas cidades e praças já conquistadas; e na India, deixando correr á revelia os negocios na sua marcha para a decadencia. Mas, nos primeiros tempos do reinado de D. João III, Portugal como que seguia ainda com o movimento que lhe imprimira a orientação politica de D. Manuel. Na côrte corriam alto os protestos contra o governo que na India estava fazendo D. Duarte de Menezes, cuja avareza era por todos estygmatizada, e a quem se accusára de ter em proveito proprio amontoado as riquezas que deixára de enviar para o reino. Era preciso um pulso forte e honesto, que fosse pôr

em ordem as cousas da India, que d'alli remetteste preso o desconceituado governador, e que levantasse o prestigio do nome portuguez.

D. João III nomeou então vice-rei da India aquelle que a descobrira, e D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, chegou a Goa em setembro de 1554, munido de poderes verdadeiramente reaes, e rodeado por um fausto e uma grandeza como até ali nunca tinham ostentado os representantes do rei de Portugal.

Aquelle esplendor e aquella grandeza, porém tinham de ser de curta duração, e representavam bem o seu papel de ultimos clarões do sol do nosso fastigio no Oriente sumindo-se no occaso.

Mezes apenas viveu D. Vasco da Gama depois de chegado pela terceira vez á India, porque logo adoeceu, fallecendo em 24 de dezembro d'esse anno. No pouco tempo que governou, porém, usou largamente dos seus poderes, tentando reformar os abusos e desregramentos dos negocios publicos, destituindo governadores de varias praças, enviando para o reino, sob a guarda de seu irmão D. Luiz Menezes, o antigo governador.

Vamos assistir a um dos actos da sua administração rigorosa, que mais alvoroço causou em Goa, e que se prende com o proseguimento da nossa narrativa.

Havia poucos dias que o vice-rei desembarcára. Tinha-se aposentado na fortaleza, estabelecendo se ali desde logo o movimento do enorme pessoal que o acompanhava, e a grandeza da casa e estado que o cercavam. A fortaleza de Goa tornára-se uma miniatura do paço da Ribeira.

Era numerosa a cohorte de fidalgos e cavalleiros que do reino tinham chegado com D. Vasco da Gama, vin-



do entre elles seus dois filhos D. Paulo e D. Estevão. Veadores, porteiros de maça, pagens, escudeiros, moços de camara e duzentos guardas, armados de chuços dourados e vestindo a libré da casa do almirante do mar da India, compunhã a população d'aquella pequena côrte.

Toda essa gente se achava em alvoroço correndo pelos baluartes, a vêr a procissão formada pelos irmãos da misericordia de Goa, que, trazendo a imagem do Crucifixo á frente, se caminhava em canticos para a fortaleza.

Na sala do conselho, o vice-rei, visivelmente irritado, passeiava agitadamente por entre os personagens mais qualificados: o bispo, cavalleiros de varias ordens, e frades. Todos ali vinham vindo interceder para que elle não mandasse açoutar, como estava ordenado, as tres mulheres que a bordo das náos tinham sido descobertas em Moçambique, infringindo as ordens expressas que a tal respeito fizera apregoar ao partir de Lisboa. E os irmãos da misericordia vinham ali tambem procissionalmente implorar a sua clemencia.

Quando os viu chegar junto á porta da fortaleza, o vice-rei, não podendo conter-se, disse para Ruy da Cunha: — Chamae um pagem!

E logo que este chegou, ordenou-lhe:

— Ide dizer aos que ali chegaram, que partam sem detença a collocar no altar a imagem de Deus Nosso Senhor, que só depois os ouvirei.

Assim fizeram os irmãos da misericordia, e entretanto na sala reinava completo silencio. O vice-rei continuava passeiando a largos passos. De subito, parando na frente do bispo de Goa, disse-lhe:

— Bem quizera, veneravel prelado, acceder aos vos-

sos rogos, e aos de todos, para que perdoe a essas mulheres, mas não é possível. Se o fizesse, como o coração me pede, se assim deixasse sem castigo quem não attendeu ao que mandei apregoar quando partimos de Belem, mais animaria os homens a desobedecerem e a praticarem novas faltas. E eu vim á India com ordem expressa d'el-rei D. João, nosso senhor, para corrigir os desmandos e os abusos.

O bispo nada respondeu. De novo reinou o silencio, continuando o vice-rei o seu agitado passeio. D'ahi a pouco voltavam os irmãos da misericórdia, que fizeram a sua supplica, a que D. Vasco da Gama replicou :

— Não posso attender-vos, quando não attendi ao bispo de Goa, nem a estes fidalgos e cavalleiros, e agastado estou convosco, por terdes vindo procurar-me trazendo a imagem de Nosso Senhor, como se eu fôra homem sem fé, a quem seja preciso lembrar a piedade. Custa-me fazer castigar essas mulheres, mas é preciso repôr em ordem os negocios da India, a começar pelo respeito da auctoridade—concluiu o vice-rei, fazendo a todos um cumprimento, com que entenderam que a audiencia estava encerrada.

Todos sahiram. Ruy da Cunha ia tambem a retirar-se, mas o almirante fez-lhe signal para ficar. Então, quando estiveram sós, em tom pezaroso, disse ao cavalleiro :

— Ai ! Ruy da Cunha ! nem vós podeis calcular como estou arrependido por ter voltado á India, acceitando a missão que el-rei me deu. O meu coração, a minha idade, a minha quebrantada saúde, não estão já para estas luctas commigo mesmo. Desordenados sabia que andavam os negocios d'este reino, mas não os suppunha no estado em que os encontro. Bem m'ò dizieis

vós! Nunca pensei que tanto aqui se tivesse abusado, que tanto se tivesse explorado a fazenda do rei para os ambiciosos voltarem ricos a Portugal. E' preciso estabelecer agora um rigor de ferro! Se eu começasse por perdoar a essas desgraçadas, derogando as primeiras ordens severas que dei, estava perdida a minha auctoridade. . . Antes eu não tivesse vindo, Ruy da Cunha; mas vim, em grande parte, para vos levar a D.



— Isabel, exclamou o vice-rei. (Pag. 203)

Isabel, e praza a Deus que o possa fazer, e que me engane no presentimento que tenho de morrer aqui...

. — Afugentae tristes pensamentos, senhor! Se pôde ser-vos agradável a ideia de me levardes comvosco em fim para Portugal, estae contente porque assim o farei . .

— Obrigado—disse com visivel satisfação o almirante, apertando-lhe a mão. . .

— E quanto ao castigo d'essas desgraçadas, que vejo vos peza no coração, se o não podeis perdoar, attenuae-o...

— Não é possível, Ruy da Cunha... Bem vos comprehendo; tambem vós, com a bondade que vos é natural, quereis empregar os vossos esforços para que o faça. A nenhum pedido attenderia com mais satisfação, porque não esqueço vossos grandes serviços, e tanta amizade e dedicação que vos devo... Mas já hontem foi apregoado o castigo... D'aqui a pouco deve cumprir-se...

E como a confirmar as palavras do vice-rei, soaram junto á fortaleza as trombetas dos arautos, e logo as seguiu a voz d'um pregoeiro bradando:

— Justiça d'el-rei nosso senhor! manda açoutar estas mulheres, porque não tiveram temor de sua justiça, passando á India contra sua defeza!

O almirante e o cavalleiro approximaram-se da janella, e viram o cortejo dos meirinhos e officiaes de justiça, que partia com as rés para serem castigadas no pelourinho de Goa.

— Tem de ser! Tem de ser!—repetiu o vice-rei dolorosamente.

N'aquelle momento, sem prévio annuncio, um cavalleiro entrou precipitadamente na sala, caindo de joelhos logo que D. Vasco da Gama se voltou, e escondendo o rosto nas mãos começou a chorar convulsamente.

— Quem sois e o que desejaes?—perguntou colerico o vice-rei—Como entraes aqui sem vos annunciardes?

— Piedade, senhor! Piedade!—respondeu uma voz que fez estremecer D. Vasco da Gama, o qual se approximou repetindo:

— Quem sois que vos não conheço, cavalleiro?

— Uma desgraçada que merece como essas miseras o vosso castigo! Perdoae-lhes, ou castigae-me tambem a mim!

E o cavalleiro, sempre de joelhos, ergueu o rosto banhado em lagrimas, e tirando o gorro que ainda conservava, soltaram-se-lhe longos e formosos cabellos de mulher.

— Isabel!—exclamou o vice-rei, parecendo-lhe que o chão se abria a seus pés, e deixando-se cair na magestosa cadeira em que presidia ao conselho, enquanto Ruy da Cunha, livido como um cadaver, tomado de vertigem, para não cair, se apoiava ao alto espaldar d'essa cadeira.

Passaram-se alguns momentos de silencio.

D. Vasco da Gama e Ruy da Cunha não podiam acreditar o que viam. Foi a voz da consciencia que emfim acòrdou o vice-rei, chamando-o á realidade. Erguendo-se de subito, exclamou:

— Sim, dizeis bem, senhora! ou castigar-vos, ou perdoar-lhes a ellas!— e precipitou-se para a janella.

N'aquelle momento, porém, ouviu-se de novo, já distante, o som das trombetas dos arautos, e o vozear longinquo da multidão: era a pena imposta que se consummava.

— É já tarde!— proferiu o almirante com tristeza; e vendo que o cavalleiro procurava separar-se de D. Isabel, que se lhe lançara nos braços, com a intenção de correr a levar o perdão do vice-rei, concluiu — Detende-vos, Ruy da Cunha! Detende-vos, que açoitadas já foram a estas horas. Deus me perdõe! que na minha ultima hora não me esquecerei de as indemnisar da injustiça que agora lhes faço. . .

Vagarosamente, o vice-rei caminhou para D. Isabel, a quem tomou as mãos, proseguindo:

— Porque eu não posso castigar-vos, minha filha! por maior que tenha sido a imprudencia que commettestes, por mais difficil que seja a situação em que todos nos vamos agora achar! Não posso castigar-vos, porque fui eu que ha bastantes annos accitei o primeiro sacrificio de Ruy, consentindo que ficasse em Melinde, e depois d'isso não tenho feito quanto devia para terminar a vossa separação.

— Estamos emfim juntos, senhor! Graças a Deus.

— Juntos sim, — continuou o vice-rei — mas juntos em Goa, onde é crime virem mulheres do reino; juntos sim, mas a troco dos perigos que passastes na viagem, disfarçada em cavalleiro, como aqui tereis de continuar até que siga para o reino a não de Francisco de Mendonça, a primeira a sair para Lisboa, e cuja partida vou apressar... Porque vós tendes agora de partir sem detença, Ruy da Cunha — continuou voltando-se para o cavalleiro.

— Cumprirei quanto ordenardes, senhor!

— Sim. É necessario que partaes ambos... Nem eu quero pensar nas inquietações do meu pobre Martinho, do vossa extremo pae! Que terá sido d'elle, Isabel! Que pensará do vosso desaparecimento?

— Socegae senhor! tudo deixei prevenido: quando a vossa armada saiu a barra, devia ser-lhe entregue uma carta minha contando-lhe que eu vinha comvosco á India...

Ficou então assente que D. Isabel, conservando o seu incognito sob o disfarce de cavalleiro, ficaria habitando com o vice-rei, e o acompanharia a Cochim, para onde ia partir em breves dias, não deixando o seu lado até ao momento de seguir para o reino com Ruy da Cunha. Mas outro era o destino fixado pela Providencia.

D'ahi a pouco, D. Vasco da Gama adoccia perigosamente em Cochim, onde teve de desenvolver rigor e energia que o incomodaram, e mais apressaram o termo dos seus dias, desejando obter de D. Duarte de Menezes documento em forma entregando-lhe o governo da India, e a reposição de grandes sommas nos cofres da fazenda real, para depois o mandar sob prisão para o reino.



... a enorme fogueira que se elevava na montanha... (Pag. 211)

D. Isabel tornou-se então a sua assidua enfermeira. Foi necessario fazer confidentes da verdade os filhos do vice-rei e o guardião de Santo Antonio, seu confessor, que, pelo estado grave do almirante, se não separavam do seu leito. Para melhor conciliar as difficuldades d'uma tal situação, D. Vasco da Gama fez-se transferir da fortaleza para as casas de Diogo Pereira, no terreiro da igreja, deixando ali todo o seu pessoal de

estado. Á sua nova residencia mandou chamar Lopo Vaz de Sampaio, capitão da fortaleza, e Affonso Mexia, védor da fazenda, que lhe prestaram juramento de cumprirem quanto deixasse ordenado, e ali foi reduzido a auto pelo secretario, até que, fallecido elle, lhes fosse entregue por seu filho D. Estevão da Gama um cofre em que estavam os diplomas indicando quem devia succeder-lhe no governo.

Feitas estas disposições, D. Vasco da Gama, presentindo a morte para breve, não cuidou mais do governo da India, concentrando-se na ultima consolação que lhe restava: a assistencia dos filhos, e d'aquelles que como taes estremecia. Largas horas, em que a estes pedia fossem reparar o cansaço das noites de vigilia, passava com o guardião de Santo Antonio a pôr em ordem as questões da sua consciencia.

Chegou a vespera do Natal, e o vice-rei quiz celebrar-a tomando os sacramentos da egreja. Logo que a cerimonia terminou, pediu a seus filhos que escutassem as suas ultimas disposições. Ordenou-lhes que apoz a sua morte partissem para o reino na náo de Francisco de Mendonça, levando todo o pessoal da sua casa que os quizesse acompanhar, pagando aos que ficassem os vencimentos fixados pelo rei. Que egualmente levassem para o reino todos os seus vestuarios ricos, para serem dados ás egrejas para as vestes do culto. Pediu-lhes que particularmente dessem cem mil réis, o que era quantia avultada para o tempo, a cada uma das mulheres que mandára açoutar, e se os não quizessem acceitar entregassem o dobro á Misericordia. Finalmente, dispoz que os seus restos mortaes fossem mais tarde transferidos para o reino.

Era noite fechada quando, muito fatigado, concluiu



a larga predica com que desenvolveu as suas finaes disposições. Então, mostrou desejo de ficar só com Ruy e D. Isabel. Retiraram-se D. Paulo, D. Estevão da Gama e o confessor. Logo que elles saíram, o vice-rei, tomando-lhes as mãos, disse-lhes :

— Acabo de fazer quanto em mim cabia para d'este mundo partir com a consciencia tranquilla, mas de vós meus filhos, agora depende que esse socego que ambiciono como christão seja completo. Peza na minha consciencia ter por tanto tempo estorvado a vossa união... Se quereis que eu morra tranquillo, consenti em que frei Antonio meu confessor, com quem tenho praticado a tal respeito, vos receba aqui junto do meu leito, e acceitae por vosso padrinho o almirante do mar da India moribundo, já que a sorte dispoz que o não fosse na côrte com toda a pompa, como vós mereceis Isabel, pelo carinho de filha que me tendes votado, e vós Ruy, meu fiel companheiro na descoberta da India, a quem eu me honrei de fazer cavalleiro.

Entre lagrimas responderam a dama e o cavalleiro em conformidade com a vontade do vice-rei.

N'essa noite, á hora em que as torres das egrejas de Cochim repicavam, chamando os fieis á missa do Natal, D. Isabel, vestindo pela unica vez na India os trajos femininos que o almirante secretamente mandára preparar, e Ruy da Cunha coberto com a armadura que tantas vezes o livrára da morte nas guerras do Oriente, foram casados pelo confessor do vice-rei.

D'ali a pouco, quando as trevas da noite começavam a ceder o logar no céu aos primeiros clarões do dia anniversario do nascimento do Redemptor, ás preces do hymeneu succedia-se a oração da agonia : D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, almirante do mar da

India, envolto no manto de cavalleiro de Christo, cujo rico trajo quizera que lhe vestissem para assistir á cerimonia nupcial, entrava na eternidade. Nos seus ultimos momentos a sua fé ardente de christão enlaçava-se com as brilhantes recordações do seu grande feito, e o vice-rei, ora pedia a Deus o perdão dos seus peccados, ora lhe agradecia tel-o escolhido para descobridor da India.





XV

Da India ao mosteiro dos Jeronymos



SOLO da India parecia agora queimar os pés d'aquelles a quem podemos ligar na designação de familia de D. Vasco da Gama.

Assim, cumpridos os ultimos deveres para com o vice-rei fallecido, e logo que os seus restos mortaes foram com toda a solemnidade depositados na capella mór da egreja de Santo Antonio, seus filhos partiram para Goa a cumprirem ali as suas finaes determinações, e pouco depois, com D. Isabel e Ruy da Cunha, embarcavam na náo do armador Duarte Tristão. Com ella seguia para o reino, em obediencia ás ordens deixadas pelo vice-rei, a náo Santa Catharina do Monte Sinay, commandada por D. Luiz de Menezes, que guardava a pessoa de seu irmão D. Duarte, e pelo prisioneiro respondia, não tendo sido possivel obstar a que o antigo governador embarcasse



na náó S. Jorge, do seu commando, em virtude de anteriores alvarás d'el-rei, que apresentára.

Estranhos designios da sorte: o governador deposto, accusado de prevaricações, que ali vinha sob a responsabilidade de seu honrado irmão, havia de chegar ao reino, e querendo desembarcar clandestinamente em Cezimbra, dizendo-se que para esconder as riquezas que da India trazia, era depois recebido por el-rei D. João III em Almeirim, e em seguida mettido em processo e enviado preso ao castello de Torres Vedras, para mais tarde ser perdoado e readmittido na sua capitania de Tanger. E' certo que, se grandes riquezas trouxe da India, nunca as ostentou. Seu irmão D. Luiz, exemplar de honradez e honestidade, que o vinha guardando, não devia tornar a ver a patria. Já perto da costa de Portugal, a sua náó, que o máu tempo afastára da de seu irmão, encontrou-se com a de um corsario francez, que a aprisionou, não tendo podido resistir por fazer muita agua. Annos depois, este corsario era preso por Diogo da Silveira, capitão-mór da costa de Portugal, e posto a tormentos confessava o desgraçado fim que dera a D. Luiz de Menezes e aos seus infelizes companheiros.

Emquanto estes successos se passavam, a náó do armador Duarte Tristão, tendo-se separado, por effeito da tempestade que os colhera ao partir de Moçambique, das náós dos Menezes, seguia a sua derrota para Portugal.

Tão ridente e cheia de esperanças tinha sido para os que ali vinham a ida para a India, quanto desolador e triste era este regresso.

Para Ruy da Cunha, principalmente, tornára-se elle um pezadelo constante em que o espectro da morte



parecia vil-o acompanhando, como ave sinistra que voando a par do navio seguisse a sua derrota.

D. Vasco da Gama, com quem elle viera de Portugal, Affonso d'Albuquerque, a personificação das glorias guerreiras, o descobridor e o conquistador d'aquelles paizes phantasticos, que tanto ambicionára para a patria, lá ficavam dormindo o somno da morte; e elle, voltando agora que o poderio luzitano ia perdendo o esplendor, parecia-lhe que a sua ambição de conquistar a India fôra uma utopia cujo arrojo a sorte assim castigava, um sonho de que esta realidade era o triste acordar.

Esta idéa da morte das suas aspirações, e de quantos lhe eram queridos, não lhe abandonava o espirito, e por isso terrivel foi a impressão que sentiu, quando, pouco depois de terem saído de Goa, uma fusta correndo com todo o panno veio ao encontro da náó, e o cavalleiro, reconhecendo um antigo escravo de Ralivana, ouviu da sua bocca estas palavras de despedida que a indiana lhe mandava:

— Quando fôres no mar á vista da serra de Gate, que sepára os dominios de Goa do reino de Bisnaga, olha pela ultima vez para a encosta de Balagate, e verás que, como tu, eu cumpro o meu voto!

Assim fez o cavalleiro, e poudes distinguir, com o coração atormentado por mais uma dôr, a enorme fogueira que se elevava na montanha, e na qual Ralivana buscara a morte como as viúvas da sua casta, reduzindo o coração a cinzas, para que enfim tivesse descansado da sua infeliz paixão.

Pela forma por que esse ultimo adeus da indiana fôra enviado ao cavalleiro, não poudes passar ignorado de D. Isabel, e um triste sorriso se lhe desenhou no rosto emquanto lhe dizia:



— Tenho dó d'essa infeliz, Ruy ! Amou-te talvez ainda mais do que eu ! Quem sabe se não era ella a companheira que a sorte te destinava, e se eu vim como um importuno recordar-te a tua promessa fazer-te infeliz e a ella...

— Que estranha lembrança essa, Isabel ! Como poderia eu jámais ligar-me a uma mulher de religião diferente ?

Mas D. Isabel não se illudia, percebendo bem que, se não fôra positivamente forçado pelo respeito da ultima vontade expressa por D. Vasco da Gama, que Ruy da Cunha se unira a ella, pelo menos, o facto d'essa união nada accrescentára á simples affeição de irmão, unica que havia muito francamente lhe confessára poder dar-lhe. Os desgostos, as desilluções, o derroir de todos os seus sonhos acalentados ao partir de Portugal, aquella insistencia da morte em derrubar successivamente os que lhe dedicavam affectos, iam tornando o coração do cavalleiro cada vez mais improprio para se animar com as alegrias da vida e os seus gozos, chamando-o irresistivelmente ao refugio da fé, á lembrança consoladora da vida futura.

No espirito de Ruy da Cunha, espirito da categoria, d'esses que, nos tempos presentes, chamamos, com ou sem razão, não procuraremos investigal-o, doentios ou desequilibrados, a fé christã e o amor patrio tinham sido o grande agente determinador de todas as suas acções. Todas as mais influencias eram no seu espirito secundarias. Destruida em grande parte, pelos acontecimentos, a integridade do seu sonho de heroe, com a morte de Albuquerque, do Gama e de D. Manuel, a trindade em que para elle estava encarnada a gloria portugueza no Oriente; escurecida esta, pela marcha

decadente, e para o seu espirito subtil claramente accentuada, do nosso poderio da India, a elle, cavalleiro christão, ficava-lhe unicamente o refugio da fé. Por isso, assim como os antigos prelados guerreiros depunham o báculo para empunharem a espada, no seu espirito havia muito que, indecisa ainda, começara comtudo a desenhar-se a ideia grata de se affastar do mun-



N'aquelle momento supremo, um estampido enorme atroou os ares... (Pag. 220)

do e de deixar para sempre a espada em descanso, vestindo o habito do monge.

Os ultimos acontecimentos tinham, porém, vindo afastar esses prenuncios d'um futuro que lhe sorria, tristemente sim, mas tanto quanto uma perspectiva terrestre podia ainda sorrir-lhe. Ruy da Cunha, não se arrependia de ter feito a vontade a D. Vasco da Gama moribundo, tornando-se o esposo de D. Isabel; mas

sentia que aceitára uma situação pouco em harmonia com o estado do seu espirito e do seu coração. E quanto mais se esforçava por illudir esta realidade, como era inhabil para fingir, mais a patenteava ao espirito sagaz da esposa, cujo estado de doença moral e physica mais penetrantes tornavam as suas faculdades perceptíveis.

N'esta lucta moral se iam passando os dias da longa e tormentosa viagem de regresso a Portugal, e essa lucta, e as estranhas e incommodas condições em que D. Isabel se achava, de tal modo lhe fôram contaminando a saude, que o cavalleiro começou a antevêr, agora com a dôr do irmão prestes a perder a irmã, a hypothese de novamente se poder realizar a sua mystica aspiração.

Na sua alma travavam lucta acirrada o egoismo do crente e a dedicação do amigo; e enquanto aquelle se consolava com a idéa de, viuvo, se abrigar á paz do claustro, esta levava-o a todos os extremos de cuidados para prolongar a existencia no mundo, d'essa esposa que bem conhecia só poder vir a amar condignamente no céo. E tudo era insistir com o capitão da náó para que, illudindo quanto pudesse os artigos do compromisso com o armador seu proprietario, o navio se demorasse o menos possivel nos portos, ou n'elles deixasse de tocar, na esperanza de que o clima de Portugal restauraria a profundamente contaminada saude do joven e pretendido cavalleiro, que passava os dias no maior desalento, estendido sobre uma dura maca, na coberta, enquanto o physico de bordo gastava em vão toda a sua sciencia, para o reanimar da extraordinaria consumpção physica e moral.

Chegaram finalmente aos Açores. A náó tinha de se



demorar ali uns dias, e Ruy da Cunha, insistiu com a esposa para que buscassem passagem em um navio a partir para Lisboa. Desembarcando, dizia-lhe pretendendo convencel-a, retomaria em terra, pois ninguem os conhecia, os trajos femininos, e acabar-se-hia aquella incommoda situação, mais incommoda ainda no seu estado de doença.

— Não, Ruy, deixa-me morrer cavalleiro disfarçado, como me tornei por amor de ti. E' a unica consolação que posso ter: expirar consummando o sacrificio imposto ao meu coração, que não soube amar-te como merecias, que chegou a duvidar do teu...

— Sempre esses funestos e injustos pensamentos Isabel! Varre-os por uma vez do teu espirito... Não foste tu que não soubeste amar-me; foi o meu coração que se embotou em mais de vinte annos de existencia apartada de todos amigos e parentes, quasi em contacto exclusivo com os semi-selvagens do Oriente... Tornei-me como elles semi-barbaro, e tal me acceitaste por esposo, e ainda mais, envelhecido prematuramente por esses annos de continuadas fadigas... Grande foi o teu sacrificio! Enorme foi esta prova de affecto que me déste, vindo arrancar-me á India com risco da tua vida...

Partiram finalmente dos Açores. Alguns dias mais, e estariam em Portugal, acabando-se aquelle supplicio de Ruy, temendo a cada instante vêr a esposa exhalar o ultimo suspiro, e ter por sepultura a profundidade do mar. Não era essa a jazida final que lhe estava reservada, não obstante o que, não passára ainda para o infelizmente cavalleiro o mais cruciante periodo d'aquelle funebre regressar á patria.

Apenas saidos dos Açores, desencadeou-se horrivel tempestade, como se o mar quizesse deixar-lhes uma



final e terrível recordação dos ultimos dias passados a bordo. Então, tocaram o seu auge os soffrimentos da desditosa D. Isabel, e o physico da náó, sempre ao seu lado, esperava a cada instante que a doença traria áquelle infeliz cavalleiro essa morte que, aliaz, estava ameaçando todos com a immينيا do naufragio. Assim correram com o temporal desfeito por uns poucos de dias. Uma noite, emfim, a tormenta começou a abrandár; a bonança foi-se estabelecendo, ás estrellas reapareceram a brilhar no céo, e para cumulo de ventura, ao romper do dia, o gageiro gritou annunciando terra á vista. D'ahi a pouco reconheciam a costa de Portugal nas proximidades de Liúboa. Mais aquella noite de tempestade, e a náó teria vindo despedaçar-se nos rochedos da patria.

O sol ia então subindo radiante no horizonte! A bordo tudo era alegria, todos davam graças a Deus por os ter trazido, depois de tantos perigos, a salvamento a Portugal. Exultava Ruy da Cunha, mal pensando que aquella satisfação daria a morte a D. Isabel, e para a animar e distrahir, o cavalleiro, olhando pela vigia da camara, reconhecia os logáres queridos da patria, e ia-os descrevendo á esposa:

— Ah! se quizesse erguer-te um momento, admirarias, como eu estou fazendo, á belleza da serra de Cintra, que vae sahindo de entre ondas de nevoa, illuminada por este magnifico sol, não menos bello que o da India...

— Sim! quero vel-a pela ultima vez, respondeu a enferma, fazendo um esforço inutil para se erguer.

— Pela ultima vez!... ia dizendo Ruy em tom levemente incredulo; mas não teve animo para continuar, tão dolorosa era expressáo que o rosto de D. Isabel assumira.





Momentos estiveram pae e filho abraçados. (Pag. 222)

Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is arranged in several paragraphs and is difficult to decipher due to its low contrast and orientation.



— Ai! não posso Ruy... A minha vida está a acabar... não chegarei a Lisboa... Approxima-te querido amigo, escuta a minha ultima vontade...

O cavalleiro, no auge da afflicção, ajoelhou junto do leito, e tomou-lhe as mãos, pretendendo ainda animal-a e illudir-se :

— Em Lisboa estaremos d'aqui a horas apenas, e no socego e conforto da nossa morada, e nos carinhos de meu bom pae, encontrarás a saude...

— Não percamos tempo em vãs esperanças... Deixa-me falar-te, Ruy, emquanto tenho forças para o fazer... D'aqui a algumas horas, chegaremos a Lisboa, é verdade... Mas eu chegarei morta, e tu serás livre! Vae á côrte, onde el-rei te honrará, como é devido ao mais antigo dos cavalleiros da India, e ali deverás escolher emfim, entre as mais virtuosas, a esposa que te faça feliz...

— Oh! não! Enganas-te Isabel! A minha vida no mundo está, como a tua, terminada, embora tu deixes a terra e eu continue sujeito ás suas miserias. Nem a Lisboa irei... No Restello embarquei para a India, ali me despedi da terra da patria, no Restello ficarei ao desembarcar...

— Não te comprehendo Ruy... Pensarás acaso em voltar para o Oriente?

— Oh! não, descança. Eu vou morrer para a India como para todo o resto da terra... De Portugal parti fazendo-te uma promessa, a Portugal volto fazendo-te outra: Se tu não viveres, como dizes, até chegarmos a Lisboa, eu desembarcarei no Restello e irei professar nos Jeronymos...

Um sorriso de ineffavel alegria, uma expressão de felicidade, que parecia não ser já sentimento d'esta vida,

tão puro, tão sereno, tão consolador era na sua expressão, illuminou o empallidecido rosto da moribunda.

— Ah! Sou feliz, Ruy... Reconheço agora que Deus não condemna o egoismo do meu amor, amor que irá além do tumulto, porque inspirou o pensamento que eu tanto buscava esconder-te: Sim! tu professarás, e nem mesmo os meus restos mortaes se afastarão de ti no mundo, até que a tua alma venha unir-se á minha no céo. Jura-me, Ruy, que me farás enterrar nos Jeronymos, e que virás todos os dias rezar sobre a minha sepultura—concluiu com voz já quasi imperceptivel.

— Assim o juro—respondeu a custo o cavalleiro.

— Bemdito sejas, Ruy... Graças, meu Deus, por tamanha felicidade.

E estas ultimas palavras quasi as não ouviu já o cavalleiro, tão attento se achava com o olhar fixo no rosto da esposa que uma serena morte ia já transformando.

N'aquelle momento supremo, um estampido enorme atroou os ares, o navio estremeceu sobre as mansas aguas do Tejo que ia sulcando, saudando com a sua artilheria a terra da patria, representada na bandeira que tremulava na formosa torre de S. Vicente de Belém. A'quella subita recordação dos combates, o espirito conturbado do cavalleiro, esquecendo o presente, volveu por um instante ao passado. Ergueu-se, e n'um movimento instinctivo, tomando a espada, ia a sair da camara, como se mais uma vez a voz dos canhões o chamasse a combater os navios da mourama. Mas foi rapida, como o fuzilar do relampago, aquella visão dos antigos tempos, e caindo em si, chamado á realidade, o cavalleiro exclamou:

— A India está conquistada, e quem sabe se talvez



já perdida... e d'esta espada que ha tantos annos me deu Vasco da Gama, só me deve agora ficar a cruz!

E o cavalleiro quebrou no joelho a folha da espada, atirando-a ás aguas do Tejo, e, conservando entre as mãos a empunhadura, em fórma de cruz, ricamente cinzelada, caiu de joelhos junto ao leito mortuario da esposa.



CLAUSTRO DOS JERONYMOS

No dia seguinte, pela tarde, desembarcavam no Restello os restos mortaes do cavalleiro fallecido ao chegar da India, e que, no cumprimento do seu dever, os monges da ordem de S. Jeronymo, vinham receber para sepultarem na cerca do mosteiro. Logo em seguida ao esquife, caminhavam cobertos de luto os filhos de Vasco da Gama, e entre elles um cavalleiro de reluzente armadura, que a multidão olhava com respeito.

e curiosidade, pois já correra que era Ruy da Cunha, o unico dos companheiros do descobridor da India que lá ficára, e que só agora, passados quasi trinta annos, voltava a Portugal.

O cortejo funebre ia deslizando lentamente, ao som das rezas entoadas pelos frades, quando de subito a multidão se afastou para deixar passar um velho, que veio abraçar-se ao cavalleiro. Era Martinho, já centenário, que emfim apertava nos seus braços o filho querido.

Parou o prestito funebre, e todos ficaram respeitosa-mente attentos, ante aquella expansão de amor paternal. Momentos estiveram pae e filho abraçados. Por fim o ancião, soltando-se dos seus braços, ficou alguns instantes a contemplal-o, e depois, com voz repassada de amargura exclamou :

— Eis-te emfim de volta da India, Ruy! mas não me enganou o coração ao partires... Funesta nos foi essa gloria que lá conquistaste! Partiste novo e cheio de esperanças, voltas envelhecido, trazendo comtigo a morte dos que mais amavas; voltas, para tu mesmo te ires enterrar em um claustro...

E n'um gesto de suprema colera, o centenario, estendendo o punho cerrado para os navios da nova armada prestes a largar para a India, proferiu a sua antiga objurgatoria :

— Oh! gloria de mandar! oh! vã cubiça d'essa vaidade a que chamamos fama!...

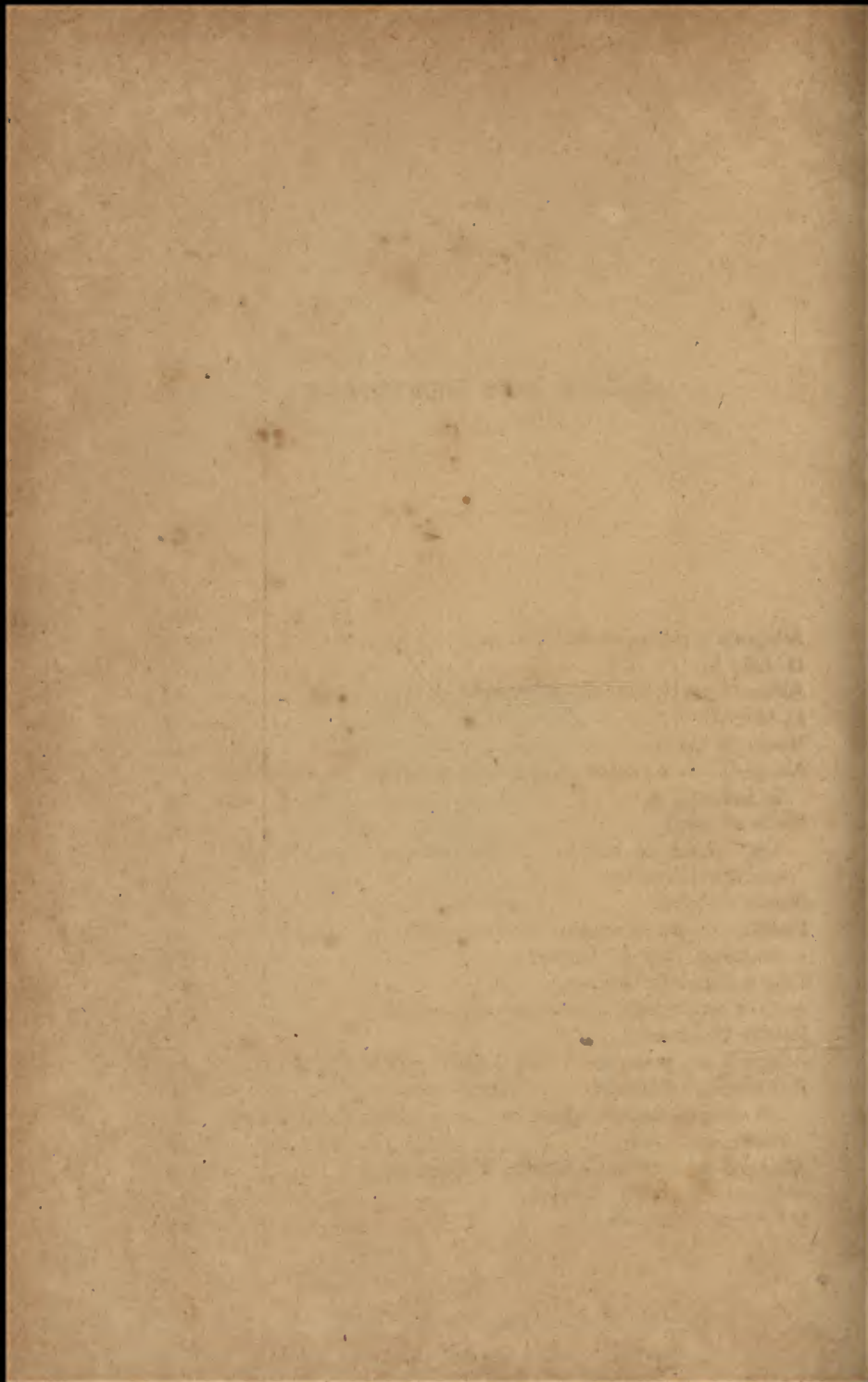
D'ahi a pouco o prestito funebre entrava no sumptuoso templo erguido por D. Manuel, e que D. João III fazia concluir para ali répousarem os restos mortaes do fundador, provisoriamente depositados na antiga igreja.



O templo dos Jeronymos, elevava já para o céu as altas columnas, sustentando as portentosas abobadas, e Ruy da Cunha entrando n'elle sentiu a alma expandir-se ante a magestosa construcção, e caindo de joelhos, exclamou:

— Eis emfim a realisação do meu sonho! Eis finalmente perpetuada na pedra, para os seculos futuros, a gloria de Vasco da Gama, a grandeza que eu sonhei na descoberta da India!





INDICE DAS GRAVURAS

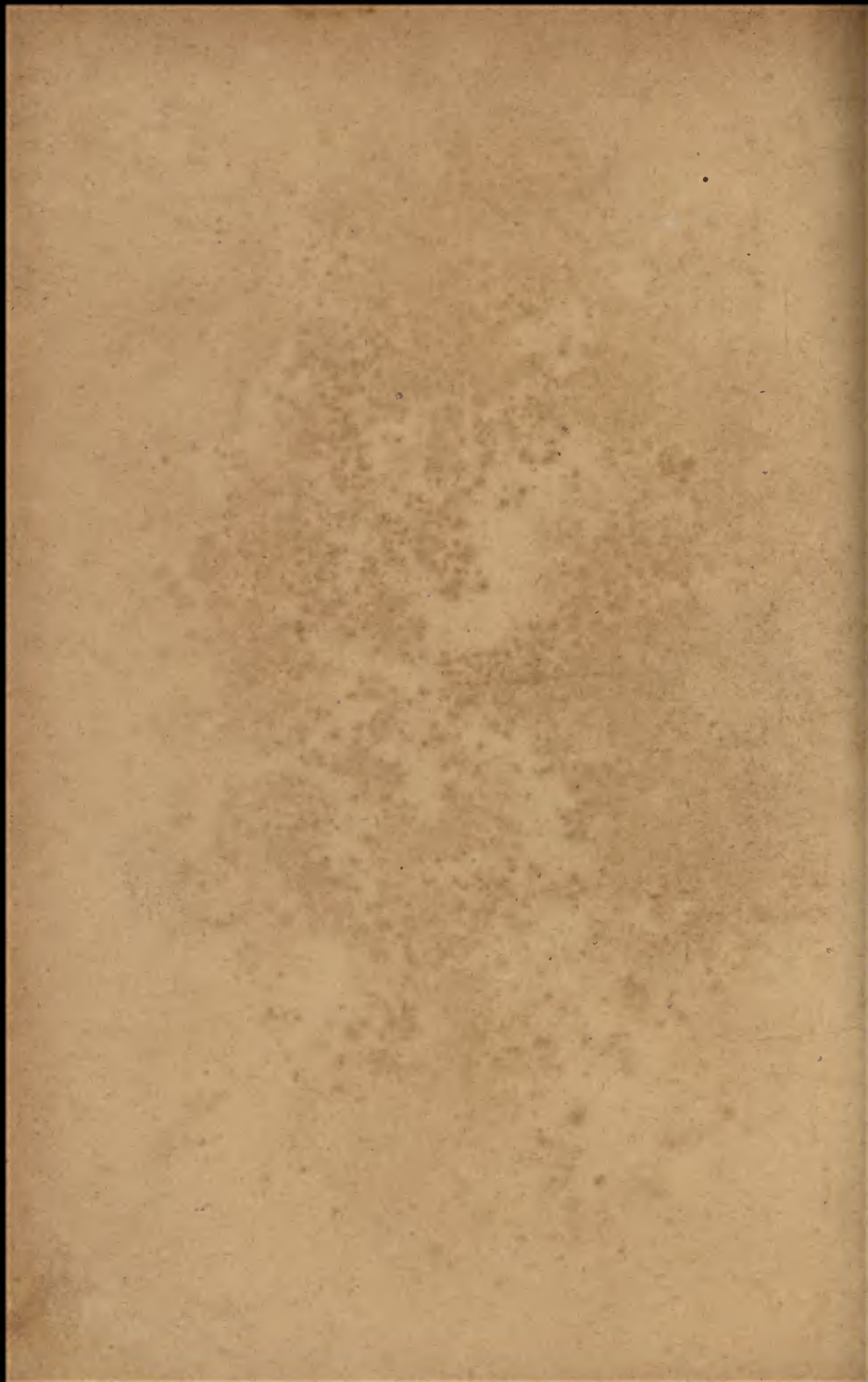
	Pag.
Allegoria á passagem do Cabo da Boa Esperança.....	9
D. João II... ..	12
Allegoria ao testamento de D. João II.....	13
D. Manoel.....	16
Vasco da Gama.....	17
Allegoria ao character guerreiro e mercantil da descoberta da India.....	24
Paulo da Gama.....	25
— Oh! gloria de mandar! Oh! vã cubiça d'essa vaidade a que chamamos fama!.....	33
Não S. Gabriel.....	41
Padrão erguido na viagem da descoberta.....	49
— Ajoelhae, Ruy da Cunha!.. ..	57
Paço e armas de Cintra.....	65
— Com esta espada que ficará sendo vossa.....	73
Rainha D. Leonor.....	81
Allegoria aos presentes enviados pelos reis do Oriente.....	89
D. Francisco d'Almeida, 1.º vice-rei da India.....	97
... A viração impelliu para o mar aquelles destroços em chammas.....	105
Allegoria ao voto do Cavalleiro de Christo.....	113
— E que me quereis senhor?.....	121
O voto do Cavalleiro.. ..	129

	Pag.
Affonso d'Albuquerque.	137
O Samorim	145
Brazões dos Albuquerque.	152
Os paços da Ribeira.	161
D. Vasco da Gama.	177
Allegoria ás mercês concedidas a Affonso d'Albuquerque.	192
— Isabel ! exclamou o vice-rei.	201
A enorme fogueira que se elévava na montanha	205
N'aquelle momento supremo um estampido enorme atroou os ares.	213
Momentos estiveram pae e filho abraçados.	217
Claustro dos Jeronymos	221



INDICE DOS CAPITULOS

	Pag.
Advertencia.....	7
I — A successão de D. João II.....	9
II — O embarque de Vasco da Gama.....	29
III — A bordo da náó «S. Gabriel».....	37
IV — A traição de Calecut.....	48
V — O regresso a Portugal.....	69
VI — O heroe da India na cõrte de D. Manoel.	85
VII — O coração de D. Vasco da Gama	99
VIII — O almirante do mar da India derrota a esquadra do Samorim.....	108
IX — O voto do Cavalleiro de Christo	126
X — A conquista de Goa.. ..	136
XI — A embaixatriz do Hídalção	154
XII — O Nayre em Lisboa.. ..	169
XIII — A morte de Affonso d'Albuquerque.....	183
XIV — D. Vasco da Gama despede-se da India.....	193
XV — Da India ao Mosteiro dos Jeronymos.	209



385



ARTHUR LOBO D'AVILA

OS

CARAMURÚS

ROMANCE HISTORICO

DA

DESCOBERTA E INDEPENDENCIA DO BRAZIL

- Così a l'egro fanciul porgiamo aspe'si•
- Di soave licor gli orli del vaso•
- Succli amari, ingannato intanto ei Leve•
- E da l'inganno suo vita riceve•.

TORQUATO TASSO — *Jerusalemme Liberata.*



LISBOA

JOÃO ROMANO TORRES — EDITOR

Rua D. Pedro V, 84 a 88

1900

ARTHUR LOBO D'AVILA

OS

CARAMURUS

ROMANÇO

DESGOVERNA E INDEPENDENCIA DO BRASIL

Publicado em 1914, este romance de Arthur Lobo d'Avila narra a luta pela independência do Brasil. O protagonista é um jovem brasileiro que se envolve em uma trama política que o leva a enfrentar os desafios da liberdade e da soberania nacional.



EDITORA
LIVRO DE ARTE - EDITOR
RUA DO THEATRO, 147



INDICE DOS CAPITULOS

PARTE I

A DESCOBERTA DE SANTA CRUZ

I

Na eira minhota

II

O caderno de Pero Vaz de Caminha

III

O protegido da rainha D. Leonor

IV

Na «volta» de Santa Cruz

V

Não tinha de ser

VI

O patriota

VII

O naufragio

VIII

Caramurú!

IX

A favorita do rei

X

O amor de Paraguaçu

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

PARTE I

A DESCOBERTA DE SANTA CRUZ

Os primeiros descobridores

O castelo de São Pedro de Coimbra

O progresso da terra de Coimbra

Os primeiros descobridores

Os primeiros descobridores

O castelo

O castelo

O castelo

A (avaliação do território)

Typ.—Rua D. Pedro V, 84 a 88



XI

Na corte de França

XII

As capitânicas do Brazil

XIII

Vingança e morte do Caramuru

PARTE II

A INDEPENDENCIA DO BRAZIL

I

A aprendizagem liberal

II

Em pleno Adriatico

III

A martyr napolitana

IV

No convento de Chellas

V

A fuga real para o Brazil

VI

Sonhos realizados

VII

O regresso a Portugal

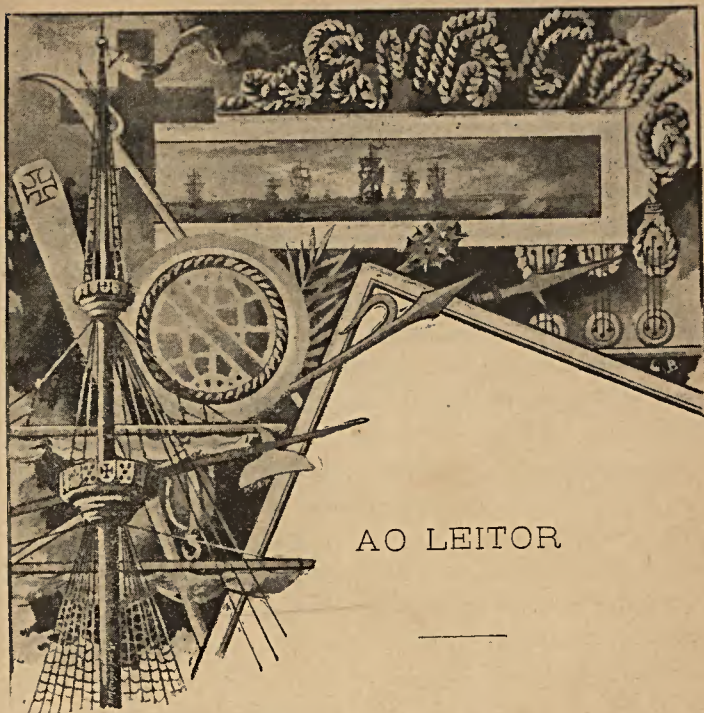
EPILOGO

Nas margens do Ipyranga





PEDRO ALVARES CABRAL



AO LEITOR



AUSARÁ, talvez, uma certa estranheza. que n'esta obra conjugassemos o descobrimento do Brazil com a sua emancipação; porque aquelle facto historico, é, pela grande maioria, considerado como uma gloria, e este, como um revez, na historia portugueza.

Fizemol-o, porém, muito propositadamente, e precisamente porque entendemos ser conveniente destruir no espirito popular essa errada theoria, e pareceu-nos ser momento azado, para o fazer, esta celebração festiva do quarto centenario da gloriosa descoberta da Terra de Santa Cruz por Pedro Alvares Cabral.

Segundo o nosso modo de vêr, e de encarar a missão historica

d'um povo, o valor e a significação d'um grande serviço prestado á humanidade, como é a civilisação e o desenvolvimento d'um rico paiz abençoado pela natureza, coroado pela sua emancipação, e pelo reconhecimento da sua maioridade, está, moral e philosophicamente, em uma altura por tal maneira elevada, que não póde resentir-se das beliscaduras que o facto d'essa independencia póde ter dado ao amor proprio nacional, mal entendido, graças aos principios da malfadada sciencia de Machiavel, que foi, é, e será sempre : a perniciosa politica, — e nada mais.

Foi essa politica, e mais nada, que, por uma negação absoluta da logica, levou as constituintes de 1820 a recusarem á grande colonia da America os direitos e regalias que pedia, ao passo que os gloriosos revolucionarios liberaes as queriam para Portugal. Mas a força e o movimento soberanos da revolução, que eram socialmente elevados e justos, passaram sobre essas pequeninas questiunculas entre figuras politicas, para consummarem o facto historico, inevitavel e logico, do advento simultaneo do regimen constitucional nos dois paizes.

O Brazil, que a monarchia portugueza buscára como refugio quando a espada de Napoleão ameaçava destruir o seu throno europeu, e que, por esse motivo, fôra elevado a todas as regalias de metropole, não podia rasoavelmente volver de novo á condição de colonia, justamente pelos votos dos liberaes, que pediam, ou antes, impunham, á realeza, a Carta, intimando-a a voltar a Portugal, já livre da invasão franceza.

Bastaria este facto, só por si, para justificar as pretensões do Brazil, quando n'esse paiz não houvesse todas as razões, sociaes e historicas, derivadas do seu desenvolvimento, da influencia que as idéas da grande revolução franceza tinham no Novo Mundo, e do exemplo das colonias inglezas e hespanholas da America, procurando e conseguindo a emancipação.

Portugal que descobrira, civilisára e desenvolvera o Brazil,

teve pois tambem a gloria de lhe transmittir o fogo sagrado da liberdade. D'ahi a sua independencia, que era fatal e logica, mais conveniente e mais gloriosa, do que a teimosia que se aconselhava nas constituintes, para ter peiado e atrophiado um grande paiz, jungido a outro muito mais pequeno, que lhe dera a existencia como sociedade culta, que o equiparára a si, e que fazendo-se irmão seu, embora mais velho, não podia com justiça continuar a consideral-o menor e tutelado.

Acima, pois, do despeito politico de occasião, o facto historico da independencia do Brazil é uma gloria humana, e social, para o paiz que o descobriu e desenvolveu. Muito maior alcance e valor, socialmente e historicamente, do que os protestos egoistas das côrtes de 1820, teem os factos do tronco monarchico portuguez desprender de si um ramo glorioso para constituir o imperialismo brasileiro; de Portugal e Brazil, passageiramente mal-avindos, se tornarem sinceramente irmãos e amigos; e de, materialmente, muito maior resultado auferir Portugal do Brazil independente, do que d'uma enorme colonia definhada pela falta de recursos d'uma pequena metropole.

Eis porquê, na nossa humilde opinião, a independencia do Brazil pode e deve ser invocada como titulo de gloria para Portugal, a par da sua descoberta.

A obra da independencia foi, pois, o digno e magestoso remate da não menos gloriosa tarefa da colonisação e desenvolvimento do Brazil, promovida pelos portuguezes, e começada alguns annos depois da assignalada descoberta de Alvares Cabral.

O primeiro portuguez colonizador da Terra de Santa Cruz foi Diogo Alvares, fidalgo minhoto, que o destino, atravez dos incidentes de uma vida altamente aventureosa, transformou em rei, pôde dizer-se, de tribus indias, com o nome de *Caramurú*! Honrado e requestado pelos reis de França, nunca o fidalgo minhoto

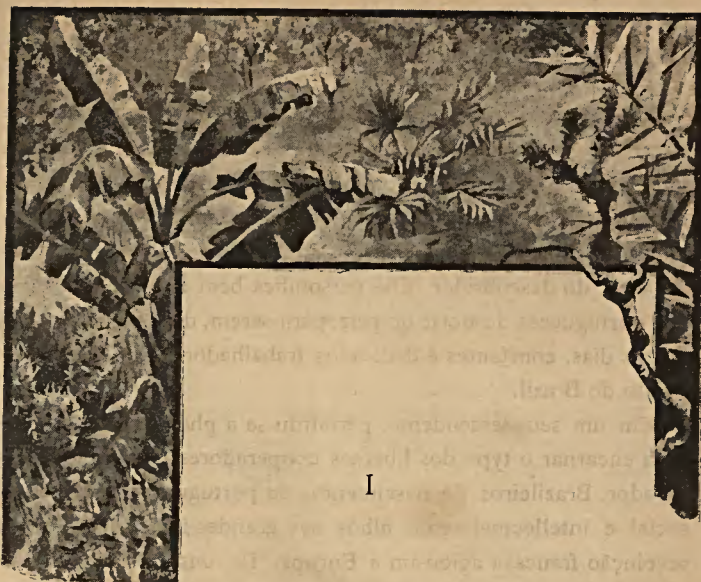
deixou de se conservar fiel vassallo da corôa portugueza, e de concorrer, com todo o seu poder sobre os indios, para alargar a força moral e material do dominio da sua patria no Brazil.

Este portuguez illustre, do qual descendem centenares de familias brasileiras, merece ser consagrado gloriosamente na historia a par do descobridor. Elle personifica bem essa predestinação dos portuguezes do norte do paiz, para serem, desde então até aos nossos dias, constantes e dedicados trabalhadores no desenvolvimento do Brazil.

Em um seu descendente, permittiu-se a phantasia do romancista encarnar o typo dos liberaes cooperadores do primeiro imperador. Brasileiros de nascimento, ou portuguezes, todos eram social e intellectualmente filhos das grandes ideias que desde a revolução franceza agitavam a Europa. De uns e de outros, não ha que dizer senão bem, quanto á forma por que realisaram a emancipação, que, pela força dos phenomenos sociaes e politicos, tinha fatalmente de se dar, e só se deu, quando as constituintes, cumprindo a missão que o destino lhes assignalara, de para elle concorrerem indirectamente com o seu egoismo, collocaram o filho de D. João VI na imperiosa necessidade, que até então lealmente evitára, de seguir o conselho que o rei seu pae lhe déra, com o ultimo abraço, ao despedir-se para regressar a Portugal :

— « Bem vejo que o Brazil não tardará a separar-se de Portugal. N'esse caso, se me não pudeses conservar a corôa, guarda-a para ti, e não a deixes cahir em mãos de aventureiros ».





I

Na eira minhota



OMPIA um dia calmoso de julho do anno de 1500.

Os *malhadores*, postados frente a frente, aguardavam o nascer do sol. Mal despontou no horisonte, os que olhavam para o Oriente descarregaram os malhos sobre a alta camada do centeio, e os do lado opposto imitaram-n'os, a compasso, fazendo *cantar a eira* muito ao longe, com o echo das pancadas, repetido pelas

quebradas dos montes.

Principiava a malhada, e esta, e as esfolhadas, e outras fainas agricolas, entrelaçadas de folgares, como as videiras no Minho se enroscam nos arvoredos, eram famosas no dominio de Santa Martha, perto de Ponte de Lima, residencia senhorial de D. João Telles, e ao mesmo tempo grande assento de lavoura minhota.

O palacio acastellado erguia-se a distancia sobre um monte, coberto da magnifica vegetação d'aquelle formosa provincia; e a estatura esbelta e elevada da torre de menagem, desenhando a sua sombra n'esse tapete de verdura, d'onde o castello emergia, vinha reflectir-se, como gracil figura de mulher, no espelho das aguas do poetico rio a que as hostes romanas chamaram Lethes, ou o rio do esquecimento, tal foi o receio de que, ao atravessal-o, a sua belleza lhes fizesse esquecer a patria distante.

Em outra eminencia ficava a eira, aberta aos ventos de todos os quadrantes, ampla, vastissima, lageada, propria ao mesmo tempo para receber os golpes dos malhos e dos mangoaes, sobre montes de massarocas de milho, e de espigas de trigo ou centeio, e para sobre ella dançarem formosas lavradeiras, ao som das violas e guitarras.

Isso, porém, seria á noite, na esfolhada com que terminaria a festança do dia, que era cheio, e agora começava.

Grande assistencia de visinhos d'ambos os sexos, com seus trajos pittorescos, seguia attenta a compita dos dois bandos de malhadores, que não interrompiam o pesado trabalho, na ancia de fazerem arriar de cançados os contrarios. — A eira cantava cada vez mais alto, o entusiasmo subia de ponto, cruzando-se os *apupos* proverbias do acto e os vivas inarticulados, que rompem n'uma aclamação estrondosa ao chegar um bando de gentis criadas, trazendo grandes cangirões do puro *verdasco*, mandado pelo senhor do dominio para reanimar as forças dos robustos batalhadores.

Houve um momento de armisticio, e os malhos descansaram enquanto os cangirões se esvasiavam; depois, a refréga seguiu com novo ardor, e só parou quando, pela volta do meio dia, o fidalgo, acompanhado pela familia e pelos visinhos illustres, convidados para a festa, lhes veio decretar o descanso, e ao mesmo tempo o assalto á refeição que os esperava nas cozinhas do castello, respondendo ao vivorio com que era recebido, com a phrase sacramental:



— Ide-vos a compôr os malhos!

— Viva o fidalgo! Viva o sr. D. João Telles! — repetiram novamente os camponezes em côro.

Depois, a um aceno do senhor, o rancho foi descendo para o valle, enquanto o grupo dos nobres ficava contemplando do alto da eira o colear d'aquella serpente vistosa, formada pelas côres variegadas dos trajos, por entre a verdura da encosta, até a vêr trepar á eminencia fronteira, e atravessar o eirado guardado de centenarias carvalheiras, sumindo-se pela alta porta do castello!

Brilhante era o acompanhamento de D. João Telles. Dir-se-hia um retalho da côrte de D. Manoel, cujo reinado venturoso começava por esse tempo, ostentando o fulgor das armaduras, o brilho das sedas e a magestade dos velludos, na scena formosa e condigna d'aquella paizagem do Minho. E' que no castello de Santa Martha havia festa cortezã, como na sua eira havia festa campestre.

A nobreza das redondezas fôra, mais uma vez, convocada para as suas salas, de altos tectos de carvalho lavrado, por um d'esses convites mysteriosos, com que D. João Telles, quebrando a reclusão em que vivia, com uma festa grandiosa celebrava o seu regosijo de velho portuguez de lei, quando a patria inscrevia na sua historia mais uma pagina gloriosa. Assim, o ultimo festejo realizado no castello de Santa Martha fôra destinado a celebrar a volta de Vasco da Gama da descoberta da India.

Eram difíceis n'aquelle tempo as communicações da provincia chamada de Entre-Douro e Minho com o sul do reino. Mas, a despeito d'isso, fazendo largas despesas com postilhões, D. João Telles lograva andar em dia com todos os grandes successos da côrte, e saber muito antes dos senhores seus visinhos as novas que então mais interessavam á nobreza, as das armadas navegadoras dos mares d'Africa e do Oriente, em que todos tinham parentes ou amigos.

Por isso, os fidalgos dos arredores, recebendo o con-



vite do nobre donatario de Santa Martha, em que mysteriosamente lhes dizia que a malhada do centeio e a esfolhada coincidiam com a celebração d'um novo regosijo nacional, ardiam na curiosidade de saber que noticias teria o castellão recebido da côrte.

Elle, porém, mostrára-se até então excessivamente mysterioso, respondendo com espirituosas evasivas ás discretas perguntas que a tal respeito os seus convidadinhos lhe dirigiam, e desanimado por esta reserva, D. Aleixo da Cunha, veterano como elle d'Affonso V, deu novo rumo ao dialogo que traziam travado:

— Famoso centeio tendes este anno! senhor D. João Telles, — disse, apontando para o chão da eira.

— Assim Deus que o mandou seja louvado! — replicou o castellão; e reparando n'este momento em uma camponeza, vestida de lucto, que não seguira o rancho, proseguiu: — Então, Maria? porque não foste com as tuas companheiras fazer as honras das cozinhas de Santa Martha aos malhadores?

— Ah! bem sabeis, senhor! que os folgares acabaram para mim, como para viuva...

— Coitada! — exclamou D. Aleixo, intervindo na conversa. — Sim! de ti se póde dizer a trova do poeta á *excellente senhora*: nem casada, nem solteira, não és donzella nem freira...

— Por minha desgraça! — exclamou a rapariga soluçando...

— Animo, rapariga! — tornou D. João Telles, carinhosamente, approximando-se da lavradeira e tomando-lhe a mão. — Tem esperança! que algum dia el-rei nosso senhor concederá o perdão de teu marido, o meu afilhado Ribeiro...

— Deus vos ouça, padrinho! e permita que não morra no degredo...

— Alegra-te, Maria! — e D. João Telles, fazendo uma pausa, e relanceando um olhar aos que o rodeavam, sorrindo com intenção, concluiu: — ainda hoje terás noticias d'elle por um seu companheiro de viagem!





— Vamos, Gaspar de Lemos, comece a vossa narrativa. (Pag. 28)



— Que dizeis?! — exclamou D. Aleixo attonito.

E, no auge da admiração, do grupo de fidalgos partiram repetidas perguntas.

— Pedro Alvares Cabral voltou ao Tejo?!

— Arribou a armada?!

— Recebestes novas de Lisboa?!

— Sim! Grandes noticias temos da côrte. As náos com que Pedro Alvares se dirigia á Índia não voltaram ao Tejo, mas soffreram grandes tempestades...

— Valha-me a Virgem! que meu filho vae na capitaina! — exclamou uma dama afflicta..

— Socegae, senhora! — apressou-se D. João Telles a dizer — que embora acoissados pelo temporal, chegaram os navios a porto e salvamento, com nova gloria para o reino!...

— Como assim?! — obtemperou D. Aleixo — se ha mezes apenas que Pedro Alvares Cabral sahiu para o Oriente?

— Nada mais vos posso dizer agora — redarguiu sorrindo o castellão. — Esperae até á noite, e ouvireis um recém-chegado do *outro mundo*, que tudo vos dirá...

— *Novo mundo!* chamam ás Indias Occidentaes descobertas por Colombo ha oito annos! Iria lá ter a armada de Cabral?!

— Esperae até á esfolhada — repetiu D. João — e tudo sabereis. Por agora, bem o vêdes — continuou, apontando para o terreiro do castello — a malhada ainda não terminou e reclama os seus direitos... Os malhadores ali voltam, para *enterrarem a velha*.

Com effeito, a turba dos camponезes, sahindo novamente do castello em alegre algazarra, atravessára o eirado, e descia o valle, dirigindo-se novamente para ali.

Da multidão partiam estrepitosos vivas, gargalhadas e apupos, alternados com altos gritos de lamentação, soltados sempre por uma unica e mesma voz.

— Ai! o *viuvo!* como vem desesperado — observou rindo uma fidalga.

— Não quer que lhe enterrem a sua velha; é da praxe, — ajuntou um cavalleiro.

— Eil-os que chegam — accrescentou D. Aleixo, no momento em que, tendo subido a encosta, sobre a eira surgiram os primeiros camponezes.

— Bravo! rapazes e raparigas! como vocês veem enfarruscados! — exclamou rindo o castellão. — Alegrome porque em Santa Martha seja rigorosamente observada a tradição, e que os malhadores, assaltando as cozinhas com valor, fossem recebidos com não menor coragem pelas cozinheiras.

— Assim foi, sr. D. João Telles! — respondeu o que entre o bando fazia o papel de viuvo; — estas cachopas fartaram-se de atirar pázadas de cinza para cima d'esses malhadores, antes que elles lograssem chegar aos tachos e ás caçarolas . . . E elles agora vingam-se em mim! Querem enterrar-me a velha! — concluiu em tom comicamente lamentoso, apontando para uma boneca de palha, estafermo como os judas queimados em sabado d'Alleluia, que os malhadores traziam estendida n'uma padiola. . .

— Pois não tens remedio senão conformar-te, — respondeu-lhe o castellão rindo.

— Enterre-se a velha! Enterre-se a velha! — gritou o rancho.

E os malhadores, proseguindo na praxe da usança, começaram a andar com a padiola em torno da eira, cada vez mats depressa, seguidos pelo viuvo, tropeçando e cahindo propositadamente, entre os proprios lamentos e a algazarra das chufas, risadas e apupos dos camponezes.

Dentro em breve, a correria tornou-se desesperada. O viuvo parecia fazer esforços inauditos por alcançar a padiola e arrebatá-la a velha empalhada. — Conseguiu o finalmente, e partindo á desfilada, com o estafermo sobre os hombros, seguido pelos malhadores, que o deixavam ganhar terreno, effectuou a ultima phase da velha uzança, trepando ao alto d'uma cerejeira, onde pendurou a velha em guiza de espantalho.

Então, elevou-se da eira um vivorio estrepitoso, entremado de bravos e applausos ao viuvo, que trium-



phante voltou ao eirado, trazendo na frente os malhadores, a quem, como a vencidos, impoz a pena de continuarem a malhar o centeio, tarefa que proseguiram a um gesto de D. João Telles, despedindo-se d'elles, emquanto dizia para os seus convidados :

— Voltemos ao castello, senhoras e senhores!—digamos adeus á eira, até á noite.

O grupo dos cortezãos afastou-se, retumbaram novamente as pancadas dos malhos, e as lavradeiras, rodeando o viuvo, começaram de entoar os seus alegres cantares.

A caminho do castello, o rancho dos convidados de D. João Telles foi-se fraccionando, ao sabor das conversas particulares travadas por diversos dos personagens que o compunham, e quando chegados ao valle, em cujo fundo corriam as mansas aguas do Lima, a meio da rustica ponte lançada sobre ellas, parou o ultimo par da nobre comitiva, — um moço cavalleiro de esbelta e attrahente figura, e uma donzella de peregrina belleza e sympathico aspecto : eram Diogo Alvares, mancebo e fidalgo de Vianna do Castello, e D. Anna Telles, sobrinha e pupilla do senhor de Santa Martha.

Houve um momento de silencio, que bem traduzia a difficuldade d'uma explicação necessaria :

— Estaes zangada ? — animou-se o mancebo a perguntar.

— Zangada não, mas comprehendereis que satisfeita tambem não posso estar . . .

— Porque razão, Anna ?

— Porque faltastes ao ajustado . . .

— Vim a Santa Martha a convite de vosso tio !

— Convidou-vos, para não faltar á cortezia, vindo a esta festa todas as suas relações de Vianna ; mas deveis ter-vos abtido de aproveitar o convite, para desvanecer as suspeitas de que nie cortejaes e eu vos correspondo . . .

— Mas que tem o senhor D. João Telles contra mim ?

— Nada que vos seja desairoso . . . O motivo, já volo

disse, franca e lealmente: pensa que a minha felicidade está em um casamento vantajoso, que ha muito tem em vista. . .

— Mas que devo fazer?!

— Deixar-me conduzir, como vos pedi, a empreza de o convencer, sem melindrar a sua auctoridade, de que nunca accitarei tal enlace.

— Prometteis-m'ó?

A donzella pareceu agastada com a pergunta, e depois de o fixar um instante concluiu com resolução:

— Só costume prometter uma vez! Já vos prometti. . .

— Perdoae-me, Anna, — começou o cavalleiro a dizer arrependido, e querendo tomar-lhe a mão; mas n'este momento ouviu-se a voz de D. João Telles, da testa da columna, chamando a sobrinha, que, depois de lhe responder, disse apressadamente a Diogo Alvares:

— Disfarçae quanto puderdes. . . A' noite, na eira, falaremos. . .

E afastou-se, a acudir ao chamamento do castellão, emquanto o mancebo, seguindo o conselho que lhe dera, acabava de atravessar a ponte, e fazendo um largo rodeio na matta, se foi juntar aos convidados por ella dispersos.





II

O caderno de Pero Vaz de Caminha



HEGOU enfim a noite anciosamente esperada por velhos e novos, por nobres e plebeus. Aos novos seduzia-os a perspectiva da escamisada, larga sessão, nocturna e livre, de paixões e namoros; aos velhos, o cumprimento da promessa de D. João Telles, de então lhes dar a saber as importantes novas chegadas da côrte; e a todos, a curiosidade de conhecerem esse mysterioso personagem que o castellão designára por: recém-chegado do outro mundo!

Por isso, quando a noite fechou de todo, a eira de Santa Martha regorgitava de gente.—A scena mudára de aspecto, mas nada perdera em belleza.—Pelo contrario. A luz brilhante, mas incommoda, do sol, que illuminára a malhada, era agora substituida por um luar formosissimo, que dava um encanto magico á pai-

zagem, de entre as meias tintas da qual destacava, por sua alvura, o lagedo da eira e o caiado das casas. Lá em baixo, entre as sombras indecisas do arvoredo do valle, o Lima, como uma serpente prateada, fazia resplandecer aqui e ali a corrente das suas aguas. E sobre a eminencia fronteira, o castello, illuminado em cheio pela suave mas intensa claridade da lua, parecia tomar proporções grandiosas e phantásticas, como se lentamente fossem crescendo para o céu, entre a perspectiva aerea de um horisonte de côr indecisa, mas extremamente suave, as suas torres e ameias.

Ao centro da eira, sobre o esbranquiçado lagedo, as camadas de centeio haviam cedido o logar a um alto monte de massarocas. Em torno, assentava-se uma extensa fileira de raparigas e rapazes, entregues á faina da esfolhada, e um espaço deixado em aberto, indicava os logares reservados para os escamisadores fidalgos, ainda entretidos no castello com as largas palestras que tinham seguido a merenda.

D. João Telles dera ordem para que não demorassem o concerto por sua causa, e assim, as violas e guitarras trinavam acompanhando os desafios poeticos, que se iam succedendo, emquanto ás massarocas se tiravam a camisa e as barbas.

Um serandeiro apaixonado, travado de razões poeticas, e incendiado de amor por uma cantadeira afamada pela inspiração, pelo timbre encantador da voz e pela galhardia com que sustentava longos torneios, dirigia-lhe uma quadra ao sabor das trovas do tempo :

Por que meu mal se dobrasse
Vos fez Deus formosa tanto,
Que não sei santo tão santo
Que peccar não desejasse.

E ella, requebrando a figura gentil, realçada com o trajar vistoso das lavradeiras de Santa Martha, com o grande lenço-chale de côres matizadas enlaçado na cabeça como um turbante, cahindo as pontas airoosamente pelas costas, o peito carregado de ouro brilhando so-

bre a camisa alvissima, e a saia de riscas em todas as côres, deixando vêr os pés calçados nas chinellas em bico, não demorou a replica :

Não é lei de humanidade
Nem consente descripção
Deixar homem liberdade
Por viver em sujeição.

Não faltaram applausos á conceituosa resposta, e o cantor, estimulado nos brios e na paixão, acudiu logo á deixa :

Ouço-vos chamar madoma
Porque amor em vós não cansa
E ouvi que sois tão mansa
Que qualquer homem vos toma.

Iam chegando n'este momento os convidados do castellão, mas na eira tudo estava suspenso dos labios dos dois contendores, e assim, a pupilla de D. João Telles, que foi das primeiras a chegar, pôde tomar assento para a esfolhada, enquanto Diogo Alvares, que a seguia, se assentava ao seu lado, no momento em que a cantadeira retorquia :

Sendo contra si esquivo
Contra si todos esquiva,
Ledo, forro, sempre viva
Quem se livra de captivo.

— Ouvis? — perguntou-lhe D. Anna sorrindo. — Segui o conselho d'esta quadra: vivei ledo e forro, em vez de vos captivardes...

Mas antes que o mancebo protestasse, o cantor replicou :

Vive mais morto que vivo
O livre que se captiva:
Ledo, forro, sempre viva
Quem se livra de captivo...

— Ahi tendes a resposta: captivo de amor por vós, não está em meu poder aforrar-me, e só de vós depende que eu não viva mais morto que vivo...

— De mim não, Diogo Alvares! Menina e moça, como se diz no romance, fiquei sem pae, e a sorte fez-me trocar a casa paterna pela de D. João Telles, meu tio. Segundo pae tem sido para mim, e não devo querer-lhe mal, por pensar em me assegurar o futuro, casando-me com um senhor de casa abastada...

— Mas a riqueza é-vos indifferente, como me tendes dito!

— Assim é... quanto a mim... mas não pensa do mesmo modo aquelle que da minha mão tem o direito de dispôr...

— Direito?!

— Ou antes, sou eu que, por gratidão e respeito, não ousou rebellar-me...

— Preferis sacrificar-vos e sacrificar-me?

— Não! Prefiro usar do meio, unico, para convencer D. João Telles...

— Qual?

— A brandura, a persuasão, o tempo. Ainda lhe não disse que repellia o seu projecto, mas ainda lhe não disse tambem que o accitava... Assim procuro ganhar tempo, ou para que abandone tal idéa, ou para que vós possaes declarar-vos abertamente, com probabilidades de resultado... Sabeis o que é preciso para captivar D. João Telles...

— Sei—replicou Diogo Alvares com amargo sorriso.

— A fortuna...

— Ou a gloria! — concluiu D. Anna, levemente reprehensiva, como defendendo o modo de vêr do tutor.

— Bem está—concluiu Diogo Alvares.—Uma ou outra alcançarei; só vos peço dois annos de espera, antes de accederdes á vontade de D. João Telles.

— Ah! vindes outra vez, a querer que vos repita a promessa já feita... Pareceis desconfiar de mim... — concluiu com desgosto...

Diogo Alvares ia protestar, mas n'esse momento alguma coisa de extraordinario lhe chamou a attenção. O tanger das guitarras e as canções tinham parado subitamente; o alegre bulicio da escamisada tornára-se

attento silencio e expectativa, vendo surgir da encosta e avançar na eira o grupo dos convidados, em animada discussão, como de grande acontecimento. E poucos momentos volvidos, ao chegar o castellão acompanhado por um cavalleiro de meia idade, quando a claridade da lua lhe deu em cheio no rosto, muitos lhe proferiram o nome no auge da admiração:

— Gaspar de Lemos!!

O caso não era para menor espanto e surpresa.

Esse que ahi chegava, acompanhado por D. João Telles, era um dos capitães da poderosa armada de treze navios, partida havia pouco do Tejo, com destino á India, e que todos suppunham a taes horas sulcando as ondas do antigamente chamado Mar Tenebroso.

— Eis o recém-chegado do outro mundo!—exclamou o castellão, com um sorriso de orgulhosa satisfação.— Depois, passado um instante de silencio, o rosto do velho companheiro d'armas do Principe Perfeito como que se illuminou com o entusiasmo das glorias presentes, e com as formosas recordações do passado, ao dirigir-se ao capitão da frota de Pedro Alvares Cabral:

— E' aqui, Gaspar de Lemos! perante esta assembléa de nobres e plebeus, mas todos igualmente portuguezes no coração, que vos desejo ouvir narrar a forma por que Deus, em sua infinita graça, levou aquella gloriosa bandeira de Portugal á descoberta da Terra de Santa Cruz! — e D. João Telles, assim dizendo, apontava para o grande estandarte branco, com a larga cruz vermelha de Christo, distinctivo dos capitães-móres das armadas, que fizera içar na torre do castello para celebrar a visita d'aquelle que Pedro Alvares Cabral enviára ao reino a participar a el-rei D. Manoel o importante descobrimento.

— Ouçâmos! Ouçâmos! — repetiram vozes diversas — emquanto o castellão indicava a Gaspar de Lemos que tomasse assento sobre um dos cestos vindimos, que, de boca para baixo, serviam de cadeira aos personagens mais qualificados, ao passo que a restante companhia

se accommodava á oriental, no chão, de pernas encruzadas.

Deslocou-se grande parte da assistencia, vindo formar roda ao grupo dos fidalgos, em cujo centro se achavam o castellão e Gaspar de Lemos, — e aquelle, vindo finalmente todos attentos e accommodados, dirigiu-se de novo ao capitão :

— Vamos, Gaspar de Lemos, comece a vossa narrativa.

— Fraco narrador sou, senhor D. João Telles! por isso melhor farei lendo as notas, que trago commigo, tomadas pelo escrivão da frota, Pero Vaz de Caminha, que sobre ellas escreveu uma carta a el-rei, da qual fui portador!

— Seja como dizeis!

Gaspar de Lemos, desabotoando o pellote, tirou d'um bolso interior um caderno, que desdobrou, começando a lêr :

— «Em 8 de março, depois de celebrada a Santa Missa na ermida do Restello, na qual prégou o bispo de Ceuta, fazendo o elogio do capitão-mór, foi este despedido á beira-mar por el-rei D. Manoel, que ali abençoou e aos capitães, embarcando-nos todos emquanto a frota salvava. Só no dia seguinte, por os ventos serem ponteiros, pudemos sair a barra. Deixando o Tejo, com rumo ás ilhas de Cabo Verde, ahi fizemos aguada, e depois fez-se a armada ao sudoeste para fugir ás calmas e mais facilmente dobrar o cabo da Boa Esperança.

«Em 24 d'Abril, porém, quando pelos calculos dos pilotos nos deviamos achar a seiscentas e sessenta leguas de S. Nicolau, viu-se o mar cheio de hervas. No dia seguinte appareceram gaivotas, e finalmente, pela tarde, havia terra á vista! percebendo-se um monte elevado e arredondado, encostado ao sul a uma serra mais baixa e tendo na base uma praia coberta d'arvoredo. Monte Paschoal lhe chamou o capitão-mór, por ser descoberto na Semana-Santa, e Terra de Vera Cruz ao paiz. Ao sol posto os navios lançavam ferro em bom

ancoradouro, a seis milhas de terra, approximadamente, e em dezenove braças d'agua.

«De madrugada navegámos para terra, indo na frente os navios que pediam menos fundo, sondando, até chegarmos a meia legua da praia, ancorando a armada em nove braças, na foz d'um rio, que Nicolau Coelho foi mandado a reconhecer. Quando entrou a barra, um grupo de selvagens, armados de arcos e settas, de côr acobreada e completamente nus, preparavam-se para a defeza.

«O capitão fez-lhes signal de que vinha com animo de paz, e a seu convite depuzeram as armas. Vindo á fala, não foi possivel entender-lhes a lingua, mas fez-se troca de presentes. Deu-lhes Coelho uma carapuça vermelha, o capuz de linho que elle mesmo levava e um chapéo preto, recebendo adornos de pennas que traziam na cabeça e um fio de contas, que pareciam perolas ordinarias. — Levantando-se vento rijo durante a noite, o capitão-mór, por conselho dos pilotos, mandou levantar ferro e navegar ao longo da costa em demanda d'um porto. Percorridas dez leguas, encontrou-se um, capaz de dar abrigo a navios de alto bordo, e depois do piloto Affonso Lopes ter ido sondar o ancoradouro, fundeou a armada, dando o capitão a este logar a denominação de *Porto Seguro*.

«Affonso Lopes, voltando das sondagens, trouxe dois indigenas, apanhados a pescar em uma canôa, moços de bella figura e feições agradaveis. — Vinha um armado de arco e settas, e no alto da cabeça trazia complicado ornamento de pennas amarellas, alto de dois pés, e solidamente fixado sobre o craneo rapado com uma especie de massame branco. — Tinha tambem o labio inferior furado, e passado atravez um pedaço d'osso branco do comprimento da palma da mão.

«Recebeu-os Alvares Cabral com certo apparatus que os impressionasse, — vestindo-se ricamente, cingindo o pescoço com um bello collar d'ouro, occupando uma cadeira magestosa, collocada, á falta de estrado, sobre um tapete, e em torno do qual fez tomar assento aos

seus officiaes. Era noite, e a scena foi abrilhantada com a luz de vellas.

«Trazidos os selvagens á presença do capitão-mór, não pareceram impressionados com a cerimonia, conservando-se silenciosos. — Passados instantes, um d'elles, fixando o collar, apontou para elle e para a terra, e o mesmo fez indicando um castiçal de prata. — Julgámos que assim indicava haver no paiz esses metaes, mas depois reconheceu-se que só o seu brilho lhes atrahira as atenções.—A custo provaram as iguarias e bebidas que lhes apresentavam; mas em compensação, um d'elles estendendo a mão para um rosario de contas brancas, que lhe mostraram com outros objectos, depois de o pôr ao pescoço, mettu-o na boca e comel-o-hia, se o deixassem, parecendo disposto a fazer o mesmo ao collar d'ouro do capitão-mór, para que apontava!

«Ordenou Alvares Cabral aos capitães Bartholomeu Dias e Nicolau Coelho, que desembarcassem na companhia dos dois selvagens, a quem foram deixadas as armas que traziam, e offerecidas camisas, barretes vermelhos, rosarios, cascaveis e campainhas, de que muito gostaram, indo tambem para ficar em terra, Affonso Ribeiro, vosso criado, sr. D. João Telles!

— Ai! O meu desgraçado marido! — exclamou afflicta a afillhada do castellão.

— Consola-te, rapariga! — acudiu o fidalgo—por teres noticias d'elle, e saberes que está em paiz de boa gente e mais proximo do que se ficasse nas Indias Orientaes, como era seu destino.

— Por certo! — confirmou Gaspar de Lemos.—Tão bem nos demos com as gentes do paiz descoberto por Alvares Cabral, que da armada até houve mancebos que desertaram para ficarem entre elles. — Já vêdes, cachopa! que não é muito pesado o degredo de vosso marido.

— Lá irão frequentes armadas, e qualquer dia ahi o tereis perdoado!

— O céo vos escute, sr. D. Aleixo!...

— Continuae, Gaspar de Lemos! se vos apraz...



— «Mal chegaram a terra, correram os selvagens pela praia, e, atravessando um regato, só pararam junto do sitio em que se achavam bastantes índios, nús e pintados de varias côres, aos quaes pareceram contar a sua aventura. Alguns se approximaram, que receberam presentes, e com elles se foi Affonso Ribeiro, a quem um ancião acolhia affavelmente. — Dentro em pouco, os índios vinham confiadamente trazer aos bateis, agua, fructas e outros productos do paiz, recebendo fazendas, cascaveis e rozarios. Entre elles muitos havia armados de arcos e setas, com altos adornos de pennas na cabeça, e mesmo pegadas por todo o corpo, parecendo chefes graduados. Homens e mulheres eram geralmente bem lançados e de estatura elegante, se bem que não muito avantajada, e todos em geral pintados, mas tendo o corpo guarnecido de côres e dezenhos differentes, e os beiços, o nariz e orelhas furadas e atravessadas por argolas e prégos d'osso ou de metal.

«Pela tarde d'esse dia, veio o capitão-mór, acompanhado pelos capitães, em bateis, navegar proximo á terra, mas não desembarcou, indo porém fazel-o em um ilhéu da bahia, escolhendo o lugar para no proximo domingo de Paschoa fazer celebrar a missa. Ahi mandou levantar um docel, e debaixo um altar, muito bem adornados, em que o sacrificio foi celebrado por frei Henrique, capellão-mór da armada, acompanhado pelos frades que iam nos navios. Junto do capitão-mór, circumdado pelos capitães, e pelas tripulações, hasteava-se a bandeira de Christo dada no Restello por el-rei D. Manoel. Terminada a missa, prégou frei Henrique agradecendo ao Altissimo o ter escolhido aquella armada portugueza para descobrir tão formoso paiz e n'elle deixar implantada a Cruz. Multidão de selvagens assistia attentá ás cerimonias religiosas, e terminada a missa, quando o sacerdote subiu ao improvisado pulpito, os índios approximaram-se mais, assentando-se na terra, e assim estiveram emquanto durou o sermão. Quando acabou a prédica, ergueram-se, e

fazendo resoar trombetas e buzinas, entregaram-se a danças e folguedos, expressando regosijo.

«Depois, o capitão-mór e os officiaes, entrando nos bateis, atravessaram o braço de mar que separava o ilhéu da terra firme, e n'esta vieram desembarcar. Os selvagens, embora armados, mettiam-se á agua, vindo ao encontro dos barcos, que ajudavam a avançar para a praia, e fazendo-se-lhes signal para que ali fossem depôr as armas, obedeciam promptamente, voltando desarmados a convidar os portuguezes a desembarcarem.

«Apenas alguns homens o fizeram, trazendo de terra grande quantidade de marisco, que na praia acharam.

«Pela tarde, reuniu Alvares Cabral a bordo da sua não o conselho dos capitães, consultando-os sobre a conveniencia de expedir um dos navios da armada para Portugal, a levar a el-rei a nova do descobrimento, o que foi unanimemente approved. Tambem se discutiu se conviria apprehender alguns indigenas para os enviar ao reino, mas foi geral opinião que não poderiam dar mais completas informações do paiz, do que dentro em breve o fariam os degredados que ali se deixassem, e que antes este acto de violencia podia causar má impressão nos selvagens, que tão docéis e amigos se mostravam dos descobridores. — Com effeito, nos dias que ainda ali estivemos, se foram elles acostumando cada vez mais a tratar com os portuguezes, e embora difficilmente se fizessem comprehender, vinham ao nosso encontro logo que desembarcavamos, depondo as armas a distancia ao menor signal, e ajudando-nos a fazer aguada, e a cortar madeiras, com que os carpinteiros, por ordem do capitão, construíram uma grande Cruz, que, antes de partir, ali desejava deixar erguida como padrão de fé e da descoberta realisada.

«Na vespera do dia fixado para esta cerimonia, o primeiro de maio, resolveu o capitão-mór dar aos selvagens um exemplo de respeito ao symbolo que ali deixaria, e, acompanhado por muitos cavalheiros e gentes das tripulações, desembarcou, dirigindo-se ao sitio em

que a Cruz se achava encostada a uma frondosa arvore. Chegados ali, todos se descobriram, e, ajoelhando, a beijaram respeitosamente, convidando depois os selvagens a que os imitassem, o que elles fizeram promptamente, com visivel respeito.



— Sois o mancebo que me fez entregar uma carta de D. João Telles? (Pag. 41)

«No dia seguinte, sexta-feira, 1.º de maio, estando tudo disposto para a cerimonia, desembarcaram as tripulações, indo procissionalmente, com o estandarte bento alçado na frente, e os frades cantando, arvorar



a Cruz em um logar escolhido, a dois tiros de bésta ao sul do rio.—No sopé, foram postas as armas de Portugal e a esphera, divisa d'el-rei D. Manoel. Armou-se um altar junto a ella, no qual frei Henrique celebrou a missa.

«Os indigenas, agrupados a pequena distancia, imitavam os portuguezes em todos os seus movimentos de devoção, ajoelhando quando elles o faziam.—A' missa, o capitão-mór e alguns cavalleiros receberam os Sacramentos.—Depois, tendo-se desparamentado e conservando apenas a alva, frei Henrique subiu a um pulpito, do qual prégou o Evangelho do dia e as vidas de S. Filippe e S. Thiago, que a igreja commemorava, observando-se, entretanto, que um indio de avançada idade, apontando, ora para o altar, ora para a Cruz, fallava aos seus, parecendo fazer-lhes uma pratica religiosa.

«Foram então distribuidas aos indigenas muitas das cruzinhas de chumbo que Nicolau Coelho trouxera, e que eram restos do provimento levado por Vasco da Gama na descoberta da India, lançando-as frei Henrique ao pescoço dos selvagens depois de os ter feito beijal-as; e para lhes infundir mais respeito ao sagrado symbolo, os portuguezes, desfilando a um e um, beijaram a Cruz grande que se acabava de erigir.

«Alvares Cabral suppõe ser a terra que descobriu uma grande ilha, da qual avistou costas por mais de vinte e cinco leguas.—Grande é a fertilidade do terreno, abundantes as agoas, temperado o clima, possante e viçosa a vegetação, doces e affaveis os seus naturaes.—Taes são as informações com que me enviou a el-rei, nosso senhor, seguindo o capitão-mór sua derrota para as Indias Orientaes, onde, como sabeis, o leva o encargo de castigar o Samorim, rei de Calecut, pelos aggravos feitos a Vasco da Gama.

—Famoso paiz deve ser esse que acabaes de nos descrever, Gaspar de Lemos! Bemdita seja a Providencia, que prosegue concedendo a Portugal a realisação das aspirações de gloria e poderio, que em seu

grande coração abrigava el-rei D. João o II, que Santa Gloria haja.

— Não menos ricas do que as Indias do Oriente mostram ser as do Occidente, a que pertencem estas terras agora descobertas por Alvares Cabral — accrescentou o velho cavalleiro D Aleixo.

— Sim! Não menos ricas de certo, e muito melhores quanto a naturaes. Ao passo que os orientaes são falsos e rebeldes connosco, estes indios das Terras de Santa Cruz parecem mansos e leaes no seu trato...

— Voltemos ao castello, — disse D. João Telles erguendo-se — que a noite avança e a ceia nos espera: Demais, estas raparigas e rapazes teem ainda muito milho a esfolhar, e muitos cantares que ouvir.

Como se apenas se esperasse esta auctorisação do fidalgo, para fechar o parenthesis aberto nos folguedos da escamisada com a leitura de Gaspar de Lemos, logo os instrumentos soaram, e o bulicio e a animação renasceram, ao passo que uma cantadeira erguia a voz de timbre argentino e requebrado:

S. João adormeceu
A' porta da sua tia,
Acorda, João, acorda,
Que já vem rompendo o dia.

Oh! meu S. João da Ponte,
Oh! meu bello marinheiro,
Levae-me na vossa barca .
P'ra ganhar muito dinheiro !

— Ah! — disse, ouvindo a trova, Diogo Alvares para a sobrinha do castellão, com quem conversava a meia voz — Gaspar de Lemos, com a narrativa do rico paiz descoberto por Alvares Cabral, e agora esta rapariga com as suas quadras, deram-me o conselho a seguir: partirei para a côrte, e de lá seguirei na primeira armada a buscar fortuna nas Indias do Occidente...

Duas horas durou ainda a esfolhada, e essas foram de certo as mais felizes, e ao mesmo tempo as mais anciosas, na vida e nos amores de Diogo Alvares e de D. Anna; duas horas de protestos, de juramentos, de esperanças, de illusões, emfim, como tudo isso quer dizer, na realidade da vida...





III

O protegido da rainha D. Leonor



Não tardou em ser de todos conhecida a resolução de Diogo Alvares, que vivia modestissimamente no seu pequeno solar proximo a Deuchriste, passando os dias em ociosidade fidalga, na contemplação dos choupos e salgueiros das margens do Lima, ou percorrendo em caçadas os arredores de Cardellas, Serlães, Barco do Porto e Villar, todas essas formosas povoações que, desde Ponte até Vianna, adornam as pittorescas margens do Lima.

A' semelhança do senhor Rameswood, heroe d'uma novella de Walter Scott, Diogo Alvares comprehendera finalmente que lhe era impossivel a vida parca entre as arruinadas paredes do seu pequeno castello, e que, como bom minhoto, tinha de ir correr mundo para ganhar a vida. Hesitára por vezes; o amor decidiu-o.

D. João Telles exultou quando isto soube.—Não que estimasse ver o joven fidalgo distanciar-se da sua pu-

pilla, a quem melhor do que ninguem sabia que elle fazia a côrte, mas porque em fim o via dar o passo que, por vezes, estivera para lhe aconselhar, o que só não fizera para d'esse modo não tomar um qualquer compromisso moral quanto ao futuro dos namorados. — Experimentado nas coisas da vida, e nos mysterios do coração humano, buscára conseguir o mesmo fim por uma fôrma indirecta, que havia sido o propôr á sobrinha um casamento vantajoso com um seu amigo de confiança.—Em sua consciencia, nunca pensára em tal, a sério.

Sincero e léal, como era, logo que viu conseguido o fim que se propunha, foi o primeiro a applaudir a resolução de Diogo Alvares, ao qual, como amigo, offereceu valiosas recommendações para pessoas da côrte.

Recusou, de começo, o mancebo, julgando taes movimentos de sympathy devidos ao desejo de quanto antes o vêr longe de Santa Martha, mas convenceram-n'o as razões da sobrinha de D. João Telles, com a qual o castellão tivera larga conferencia, expondo-lhe francamente que nada tinha contra a pessoa e caracter de Diogo Alvares, não se oppondo a que esperasse dois annos até vêr se elle alcançava uma situação que lhe permittisse pedil-a em casamento. D'esta fôrma, sem tomar compromissos directos com o mancebo, e dando tempo ao tempo, o senhor de Santa Martha achava-se bem comsigo mesmo, não contrariando os sentimentos da sua pupilla, e uzando discretamente do seu valimento para ajudar o pretendente, nas luctas da vida que ia tentar.

Diogo Alvares chegou pois a Lisboa trazendo, como a mais valiosa das recommendações, uma carta de D. João Telles para a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, que n'esse momento entregue, como sempre, aos sentimentos piedosos que no seu coração de mãe enlutada se casavam com as dolorosas recordações da morte desastrosa do seu filho querido, o principe D. Affonso, se achava toda entregue ao projecto da fundação do mosteiro da Madre de Deus, nos terrenos denominados

Horta das Conchas, em Xabregas, pertencentes ao solar de Alvaro da Cunha, e agora propriedade da sua viuva, D. Ignez, com quem a rainha andava tratando a compra.

Foi ali que Diogo Alvares foi encontrar a desditosa mãe, a quem o céu parecia enviar constantemente accentuadas coincidencias a lembrarem-lhe o filho que perdera, nos papeis importantes que gentis mancebos da idade d'elle vinham imprevisivelmente assumir nos factos capitaes da sua vida.

Assim, estando a rainha D. Leonor hesitante sobre a invocação que daria á casa religiosa que tencionava fundar, foi procurada por dois moços de singular gentileza, que, como diz a *Historia Serafica e Chronologica da Ordem de S. Francisco*, lhe offereceram uma imagem formosissima de Maria Santissima, para comprar, pedindo por ella tão avultado preço, que, apesar de muito agradada da obra, D. Leonor pediu uns dias para resolver. Deixaram os desconhecidos mancebos a imagem, e nunca mais appareceram a receber o preço.

E foi assim que a rainha teve, como aviso do céu, que a indicação enviada por via d'aquelles jovens, que lhe recordavam o filho, era de que a invocação do futuro convento devia ser da Madre de Deus.

D. Leonor, tendo pois ajustado a compra do palacio de Alvaro da Cunha, e solicitado do papa Julio II a licença apostolica para a fundação d'aquella nova casa religiosa, ia frequentes vezes visitar a propriedade, passando largas horas a contemplar da *Horta das Conchas* o espectáculo formoso do Tejo, cujo estuario magestoso se desenrolava a seus pés. — Diogo Alvares percorria os jardins, em busca d'algue[m] que lhe indicasse onde encontraria a rainha, quando, ao virar d'uma alameda, guarnecida de alto buxo, divisou a poucos passos uma religiosa encostada á varanda sobranceira ao rio.

Parecia embebida na contemplação do magnifico panorama, não dando pela sua presença.

— Minha madre! podereis dizer-me onde encontrar Sua Alteza?

A religiosa voltou-se ao ouvir estas palavras, e dando com os olhos no mancebo, pareceu tomada de vivíssima impressão, exclamando:

— Santo Deus! que similhaça! — mas logo, dominando-se, perguntou-lhe com voz affavel: — Procuraes a rainha D. Leonor?

— Senhora! sim.

— Sou eu! — concluiu, sorrindo doce e tristemente.

Diogo Alvares, mais impressionado ainda pela dolorosa e sympathica expressão d'aquelle rosto e d'aquella figura de mulher, do que pela consideração da sua alta gerarchia, approximou-se em silencio, e ajoelhando, beijou-lhe longamente as mãos, como se fôra a uma santa.

A mãe desditosa comprehendeu, melhor ainda do que a rainha, o sentimento d'esta reverente homenagem. Houve um momento em que o deixou estar a seus pés, contemplando-lhe em silencio o rosto; depois, com accento de grata melancholia, convidando-o a erguer-se, disse-lhe:

— Quanto me recordaes o meu filho! Muito vos pareceis com o vosso fallecido principe D. Affonso!

— Que Santa Gloria tem, senhora! porque está no céu como um anjo que era...

Duas lagrimas assomaram aos olhos da rainha, que por instantes chorou em silencio, fixando as agoas do Tejo, essas agoas que vinham lá da Ribeira de Santarem, onde se dera o tragico successo, e que d'hi a pouco se haviam de confundir na vastidão do mar, como as suas lagrimas desapareciam na immensidade da sua dôr, enorme, sempre a mesma, depois de tantos annos, se não era que o perpassar do tempo ainda a augmentava...

Por fim, o animo varonil de D. Leonor dominou a situação. Enxugando os olhos com um fino lenço de rendas, que tirou de sob a especie de habito de monja que trazia vestido, e que enganára Diogo Alvares, fez-lhe signal que o seguisse, e tomando assento em um banco de pedra, interrogou-o:



— Sois o mancebo que me fez entregar uma carta de D. João Telles?

— Deu-me a honra de me recommendar a Vossa Alteza...

— E quereis seguir na primeira armada para a Terra de Santa Cruz?

— Senhora! sim!

— Não vos custa deixar Portugal? vossos paes!... vossa familia?!

— Sou só no mundo, senhora!

— Sois feliz!—exclamou involuntariamente D. Leonor.—Estaes livre de pezares! Quando chegar a vossa hora, partireis do mundo sem saudades, como agora partireis por esse mar fóra...

— Pelo contrario, senhora! Aqui deixo caras e saudosas recordações... Deixo amigos, deixo aquella que um dia ha de commigo constituir familia... Mas a necessidade, o dever de manter alto o nome que herdei, levou-me a procurar, como os homens novos da minha criação, o futuro n'esse paiz que Portugal gloriosamente tem descoberto!

— Dizeis bem, Diogo Alvares! é não attenteis no que acabaes de me ouvir, expressão d'esta amargura que vive constantemente commigo, mas que não é, Deus me perdôe, o que a um futuro cavalleiro deve aconselhar a que foi rainha d'esta nobre terra, reservada pela Providencia a tão grandes destinos... Vós partilhareis d'elles, por certo...

— Assim me não falte a protecção de Vossa Alteza...

— Contae com ella, mancebo! Mesmo sem a recommendação de D. João Telles, a quem muito prézo, bastava que tanto vos parecesseis com o meu chorado Affonso, para em vosso interesse fazer quanto puder.

— Ser-vos-hei eternamente grato, senhora!—respondeu commovido Diogo Alvares,— e se não estivesseis tão distante de mim pelo nascimento, procuraria agradecer-vos, amando-vos como filho...

— Não é o nascimento, mancebo, que isso torna impossivel, mas sim haver logares no coração que só pó-

dem ser occupados pelos que a natureza creou para isso: nem vós poderieis querer-me como filho, nem eu vos poderia amar como mãe... O que a morte levou, ninguém mais o torna a dar.

— Ser-vos-hei eternamente grato e afeiçãoado, senhora.

— E com isso me fareis feliz, crêde, Diogo Alvares...

E porque na verdade a pobre mãe era feliz, entre-tendo-se com o joven que physicamente lhe recordava o filho que perdera, a tarde passou rapida, e só quando a noite chegou, é que D. Leonor percebeu quanto tempo durára a maior das audiencias que na sua vida concedera a alguem.

— Faz-se tarde, mancebo! e por certo os que me acompanham extranharão esta demora... E' que nunca, olhando para as aguas do Tejo, tão docemente me pareceu estar com aquelle que perdi... Que me importa o mais? Vinde commigo! Voltemos á cidade, e amanhã procura-me no paço d'Alcaçova. Quero apresentar-vos a el-rei D. Manoel meu irmão, e elle vos nomeará para a armada que se aprésta.

D'ahi a dias estava cumprida a promessa, e Diogo Alvares não desamparava a Ribeira das Náos, ponto de reunião de todos os maritimos d'aquelle tempo, e dos que pretendiam sel-o.

Um acontecimento importante era ali incessantemente discutido: constava que D. Manoel chamára de Sevilha, com urgencia, o celebre navegador florentino Americo Vespucio, que tendo sido empregado da grande casa commercial dos Medicis, a qual tinha importantissimo trafico com a Hespanha, e sendo por ella enviado, na qualidade de agente, a Cadiz, procedeu á liquidação de contas com o armador Juanoto Berardi, tambem de Florénça, e ao tempo *vecino* de Sevilha e amigo de Christovão Colombo.

Morrendo Berardi, em 1495, Vespucio acceitou o encargo de liquidar os seus negocios, e aproveitando



o édito do mez de abril de 1494, do rei Fernando o Catholico, que declarára livre, mediante certas clausulas, o commercio das Indias do Occidente, descobertas por Colombo, partiu em uma armada de commercio, em que iam tambem Juan Dias de Solis, Juan de la Costa, e de que, provavelmente, Vicente Ianez Pinson era o capitão-inór.

Por duas vezes, entre 1495 e 1499, Vespucio percorrerá as costas das Indias do Occidente, ganhando fama como maritimo conhecedor d'aquellas paragens e do seu commercio, motivo por que o rei de Portugal o escolheu para ir na armada que destinava a estudar a Terra de Vera Cruz, descoberta por Cabral.

Seduzido pelas vantajosas propostas do monarcha portuguez, e a despeito dos conselhos dos seus amigos, que lhe faziam notar a muita consideração em que o tinham os reis Catholicos, Vespucio chegou a Lisboa precisamente no momento em que estavam promptas a fazerem-se ao mar as tres caravellas mandadas apromptar pelo rei venturoso.

Sobresaltaram-se os brios dos capitães portuguezes, a quem a longa serie de proezas maritimas, desde as primeiras navegações dirigidas pelo infante D. Henrique, davam titulos indiscutíveis, tendo as recentes façanhas de Bartholomeu Dias, de Vasco da Gama e de Alvares Cabral, mostrado que em paiz algum havia navegadores mais sabidos e mais arrojados.

Levantaram-se protestos contra a outhorga do commando da armada a um estrangeiro, e por fim foi elle commettido a Gonçalo Coelho, indo Vespucio na qualidade de pratico.

Foi n'esta armada que embarcou Diogo Alvares.

A sorte, porém, havia escripto que a estrella do seu destino, que esperava encontrar radiante quando se mettesse ao mar, se converteria, pelo contrario, em signo funesto logo que se dispozesse a partir.

Havia tempo, que nas cartas de D. Anna encontrava passageiras allusões a soffrimentos physicos, e pedindo a D. João Telles informações a tal respeito, respondera-

lhe, evasivamente, que a saude da sua pupilla não era tão boa como antigamente, sendo possível que tivesse de vir á côrte para consultar algum *mestre*, como então se chamava aos clinicos.

Chegára o dia 13 de junho de 1501, e tendo-se despedido na vespera da rainha D. Leonor, contava Diogo Alvares deixar o Tejo, logo que a viração da tarde fosse propicia para a armada partir. Tudo se dispunha nas caravellas para levantarem ferro dentro em poucas horas, quando entrou a barra, e veio subindo o rio, um bergantim dos que frequentemente navegavam de Portugal para as costas da Hespanha e da proxima Africa.—A' medida que o bergantim se approximava, parecia a Diogo Alvares descobrir pessoa conhecida na figura de homem que se distinguia á prôa, e passados momentos, com alegria misturada de inquietação, reconhecia D. João Telles.—Fundeou o navio proximo das caravellas, e falando-se facilmente com o porta-voz, soube o mancebo que o castellão de Santa Martha aproveitára a partida do bergantim de Vianna do Castello, para mais commodamente trazer a sobrinha a Lisboa.

Diogo Alvares estava n'um verdadeiro tormento.

A disciplina não lhe permittia deixar a caravella prestes a soltar as vélas, e ao mesmo tempo D. Anna, segundo lhe dizia o fidalgo, não podia subir á tolda, doente como vinha na camara. Assim passaram algumas horas crueis.

Por fim, contra o que se previa, o vento fixou-se da barra, tornando difficil a sahida da armada, que o capitão-mór addiou para o dia seguinte.

As tripulações tiveram licença para desembarcar, e Diogo Alvares, saltando n'um batel, fez-se conduzir a bordo do bergantim.

Ao portaló veio D. João Telles abraçal-o, fazendo-lhe uma prevenção que o inquietou :

—Esperae um instante... Convém que previna Anna da vossa chegada... Está muito fraca...

—Mas que doença tem?—perguntou o mancebo apprehensivo.

— Não sei! Não o souberam dizer os physicos do Minho... Veremos se o descobrem os de Lisboa... Volto já...

E o fidalgo desceu a escotilha, deixando Diogo Alvares entregue aos seus tristes pensamentos.

Em que situação de dolorosa anciedade ia elle partir para uma longa viagem!

Passados momentos voltava D. João Telles :

— Pódeis descer... Espera-vos...

Diogo Alvares seguiu-o, e assomando á entrada do camarote em que D. Anna se achava deitada n'um beliche, teve de fazer um esforço violento sobre si mesmo, para conter a dolorosa impressão que a sua vista lhe causára, tamanha era a mudança que na formosa menina se operára, tão profundamente accusava a existencia d'uma doença grave, que a consumia... Sem poder articular palavra, Diogo Alvares beijou-lhe as mãos. Estavam de gelo...

— Ah! Felizmente ainda chegámos antes da partida da armada... Ainda te posso vêr uma vez... Dizer-te um ultimo adeus!

E D. Anna falava com um enthusiasmo, com uma paixão, que nunca uzára para com elle, e mais ainda na presença do tio. O mancebo confundia-se, e inquietava-se, percebendo-lhe a exaltação febril.

— Socega, minha querida Anna! A viagem combal-liu-te...

— Qual? Sinto-me melhor, mais forte... Fez-me bem o ar do mar... Se fosse contigo por esse oceano fóra, em poucos dias estaria curada ..

— Que lembrança!

— Não póde ser... bem o sei!... — exclamou com accento de profunda tristeza. — E' forçoso que nos separemos, por muito tempo talvez... Deus e a Virgem te protejam nos trabalhos que vaes passar, para dispôr o nosso futuro...

— Assim o espero, e já provas tive de que as tuas préces em meu favor teem sido attendidas... Encontrei na côrte uma dedicada protectora na rai-

nha D. Leonor, graças á vossa carta, sr. D. João Telles!...

— Não tanto á minha recommendação, como ao facto de muito terdes recordado a Sua Alteza o filho estremecido por quem chora.

— Li a carta em que narrou ao tio o vosso encontro, e enterneceu-me! Conheci quantas saudades a tua presença avivou na memoria da rainha, mas percebi tambem que, longe de te querer mal por isso, te ficou agradecida pelo muito que o conhecer-vos adoçou a sua dôr...

N'este momento, vieram avisar D. João Telles de que o esperava o batel, em que desejava ir a Lisboa antes de fazer desembarcar a doente.

O fidalgo despediu-se dos promettidos esposos, que ficaram sós.

— Ides habitar o palacio d'Alfama?

— Sim. Deve estar tudo disposto conforme o tio ordenou.

— Agrada-te a troca de Lisboa pelos campos do Minho?

— Ah! Não! A não ser a alegria de te ver ainda, de me despedir de ti, toda a minha ambição era antes só vir á côrte quando já fosse tua mulher, mulher do cavalleiro que a rainha ha de armar por sua mão, quando voltares d'esta viagem, em que ganharás honra e fama...

— Se o não conseguir, não será por me faltarem as préces e os votos de dois anjos: tu e D. Leonor... Bem os preciso, que por mim fracos merecimentos possuo...

— Tal não d'igas! que és ingrato contigo mesmo. Descendes de bom sangue; não farás menos do que fizeram teus antepassados. Como elles, és digno de partir d'estas praias do Restello, onde el-rei veio despedir Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral, d'estas praias a que os navegadores portuguezes voltam sempre com os navios carregados de riquezas, e as bandeiras mais cobertas de gloria... Como elles, tu voltarás senhor de um nome famoso!...

— Só para t'ò offerecer o desejo...

— Ah! com que satisfação e orgulho o acceitarei...

E D. Anna discorreu por muito tempo sobre projectos futuros, com extraordinaria imaginação, com uma verbosidade, com uma alegria febril que inquietava o mancebo. A sciencia estava longe então de conhecer n'estas particularidades os symptomas da terrivel doença que lhe minava a existencia. Diogo Alvares, sem mesmo possuir o saber dos clinicos do tempo, sentia-se, mau grado seu, inquieto, com aquella eloquencia, aquelle fogo, em que a excitação febril, combinando-se com a elevação do character, nobre e forte, da mulher do Minho, de todos os tempos, lhe revelavam a cada momento uma individualidade nova n'aquella que pensava conhecer intimamente.

Umaz vezes, D. Anna fallava-lhe, animando-o, aconselhando-o, como se fosse sua mãe; outras, era a noiva apaixonada fazendo-lhe os mais ardentés protestos e juramentos; outras, ainda, dir-se-hia que, n'uma especie de fugitiva apprehensão, de quem borda apenas uma teia de brilhantes illusões, a saudade a enternecia, e fazendo-a desesperar da felicidade na vida, a levava a ter sobre tudo esperanza e certeza de que haviam de ser unidos e felizes, n'uma outra existencia.

Assim passou o dia, dia que ficou memorável na existencia dramatica e accidentada de Diogo Alvares, sem que elle jámais pudesse dizer se fôra o mais feliz ou o mais lugubre de quantos passára n'este mundo.

Quando os dois amantes se despediram, as estrellas brilhavam já no céu: D. Anna, que dizia achar-se muito melhor, teve forças para se erguer e vir acompanhar Diogo Alvares, e quando pela ultima vez lhê apertou a mão, indicando-lhe uma estrella brilhantissima que fulgurava no escuro da abobada celeste, disse-lhe:

— Vês aquella estrella tão formosa? Seguir-te-ha nos mares que vaes percorrer! Olha para ella todas as noites: será como se olhasses para mim...

— Assim farei, juro-t'ò — disse a custo o mancebo;

e o coração apertou-se-lhe, ao lembrar-se que bastas vezes, pelas noites silenciosas do seu querido Minho, quando o coração se lhe apertava mais com as saudades dos entes estremecidos que perdera, se perguntára antes, se não seria o seu espirito que partindo da terra fôra accender mais um d'esses astros fulgurantes do céo...





IV

Na «volta» de Santa Cruz



ELA madrugada seguinte, estando o vento de feição, largou do Restello a pequena armada de tres caravellas, que, sob o commando de Gonçalo Coelho, el-rei de Portugal mandava a reconhecer a Terra de Santa Cruz, descoberta por Alvares Cabral, que n'aquelle momento ia a caminho da India.

Tomou a armada o rumo das Canárias, em que não tocou, dirigindo-se aos baixios de Pargos, perto da costa d'Africa, onde se forneceu de peixe salgado. Tres dias depois, continuava a sua derrota tocando no porto de Bezeguide ou Bezenique, um pouco a sudoeste de Cabo Verde, onde hoje está estabelecida a colonia franceza de Goré, para fazerem aguada. Partindo d'este porto, navegaram dois mezes, sendo mais de quarenta dias sob temporal desfeito, e tendo attingido, segundo os calculos de Vespuccio, cinco grãos de latitude ao sul do equador, encontraram enfim terra. Fundearam além do cabo depois

chamado de S. Roque, e tomaram posse do paiz em nome do rei de Portugal.

Mandaram embarcações á descoberta, que voltaram dizendo os tripulantes não terem visto habitantes, comquanto a terra devesse ser povoada. Repetiu-se o desembarque no dia seguinte, para fazerem agoada e lenha, e já então appareceram alguns selvagens nos cimos dos outeiros proximos da praia. Não accedendo, porém, aos convites dos portuguezes para se approximarem, deixaram estes nas margens varias mercadorias, entre ellas espelhos e campainhas, que lhes queriam offerecer, e embarcaram novamente. Mal se afastaram, desceram os indigenas das eminencias, vendo os navegantes do mar os signaes de alegria e admiração com que tomaram posse do seu thesouro.

Na manhã seguinte, as alturas appareceram guarnecidas de indios, que accenderam muitas fogueiras, como a chamarem a attenção dos navegadores para voltarem a terra. Assim fizeram, mas desembarcando, continuaram os indigenas a conservar-se a distancia, receiosos. Chamavam, porém, os portuguezes para que os seguissem ás suas habitações.

Offereceram-se dois marinheiros para correrem o risco de o fazer, e internaram-se levando algumas mercadorias, ficando ajustado que a armada esperaria por elles cinco dias. Tendo-se passado, porém, seis sem que voltassem, resolveram os portuguezes procural-os.

Achavam-se, como de costume, guarnecidas as eminencias por selvagens, que d'esta vez tinham trazido consigo suas mulheres, as quaes fizeram adiantar ao encontro dos portuguezes, como parlamentarias, o que parecia fazerem contra vontade. Para as animar, resolveram os portuguezes mandar um só homem a recebê-las, escolhendo para isso um moço de grande força e agilidade, voltando elles a embarcar. — Cercaram as indigenas o enviado, com grandes demonstrações de curiosidade, mas entretanto desceu d'um outeiro uma outra mulher, que, chegando por detraz d'elle, com um páo lhe descarregou violenta pancada

na cabeça, derrubando-o. Tomaram as outras immediatamente o infeliz, arrastando-o consigo, enquanto os indigenas, correndo á praia, disparavam as settas contra os bateis. — Tinham os portuguezes encalhado as embarcações em um banco d'areia proximo, e no primeiro momento, surprehendidos pela repentina aggressão, só cuidaram de as pôr a nado para se fazerem ao mar. — Mas logo, cobrando animo, responderam ao ataque disparando algumas espingardas contra os indios, que em confusão fugiram para os outeiros. Com elles foram as mulheres, arrastando o corpo do infeliz mancebo, e logo que alcançaram uma eminencia, com grandes signaes de regosijo o mutilaram, e accendendo uma fogueira ahi assaram pedaços de carne, que immediatamente comeram!

Queriam muitos portuguezes desembarcar e vingar a infeliz victima d'aquella horda de antropophagos, mas não o permittiu o capitão, como Vespucio conta na sua relação da viagem.

Partindo d'este logar, de funesta memoria, seguiram a costa mais alguns grãos para o sul, encontrando populações mais dignas de com ellas se travar relações.

Ahi se deteve a frota alguns dias, e tão amigavel trato tiveram os navegantes com os indigenas, que tres d'elles se offereceram para os acompanhar na sua navegação costeira, que tinha por fim estudar o paiz e as suas producções.

Em todos os pontos que tocavam, se mostravam os indigenas igualmente affaveis, recebendo os portuguezes da melhor fórma, trocando os productos da terra pelas mercadorias que lhes offerciam. Eram estes indios extremamente elegantes de constituição, fortes, e melhor pareceriam ainda, se não fossem os estranhos atavios de plumas que lhes ornavam a cabeça e traziam tambem pegados a varias partes do corpo, quasi todo pintado a côres. Nos beiços, nariz e orelhas, pendiam-lhes argolas e outros enfeites de osso. As mulheres só tinham as orelhas furadas, mas estas largamente, tra-

zendo como que compridos brincos d'osso que lhes chegavam aos hombros.

Não obstante, da observação dos seus costumes e das suas habitações, em que descobriram pedaços de carne pendurados, que de começo os portuguezes suppozeram ser de caça salgada, reconheceram que estes indios eram tambem antropophagos. E ás observações dos portuguezes contra tão horroroso alimento, responderam naturalmente: que não o havia para elles melhor, do que a carne dos inimigos mortos em combate.

Exceptuando esta repugnante circumstancia, tudo no paiz concorreria para captivar os portuguezes. Vegetação esplendida, rica de fructos e sementes de varias especies, aguas limpidissimas, flores das mais bellas formas e enebriantes aromas, aves de brilhante plumagem e harmoniosas vozes, tudo se conjugava para lembrar um paraizo terrestre n'esse abençoado torrão a que os portuguezes tinham chegado a 28 de Agosto, dando por esse motivo o nome de *Santo Agostinho* ao cabo que d'elle avançava para o mar.

Navegaram dobrando-o, depois de longa estada n'estas paragens, e em 4 de Outubro descobriram a embocadura do rio de *S. Francisco*, e no primeiro de Novembro uma formosa *bahia*, a que deram o nome de *Todos os Santos*.

Depois navegaram para o sul, e successivamente descobriram o *Cabo de S. Thomé* em 21 de Dezembro, e no 1.º do anno o porto a que chamaram *Rio de Janeiro*. Pelo mez adiante tinham descoberto mais o porto de *Angra dos Reis*, a *Ilha de S. Sebastião* e o *Rio de S. Vicente*. Mais para o sul ainda, descobriram o porto a que denominaram de *Cananea*, e aqui deixaram um degredado, que por algumas dezenas de annos viveu n'estas paragens, communicando com os navios portuguezes que ali tocavam.

O espirito aventureiro, a ancia de descobrir paizes, ardia em todos os corações. Dos que mais se entregavam a estes sonhos de gloria era Diogo Alvares, e as-



sim, constantemente incitava Vespucio a que aconselhasse o capitão-mór a devassar novos horisontes.

Deixando este ultimo porto em 15 de Fevereiro de 1502, entranharam-se no mar, para sudoeste, mais de quinhentas legoas.

Em 3 de Abril uma tempestade medonha obrigou-os a cassar todas as vélas, correndo em arvore secca por alguns dias. — As noites eram excessivamente longas n'estas paragens, chegando a durar 15 horas! O frio era rigorosissimo. — A 7 de Abril descobriram costas, ao longo das quaes navegaram, mas completamente deshabitadas. — O temporal crescia cada vez mais, ameaçando fazer naufragar os navios nas costas desertas, a temperatura dizimára já as tripulações, os viveres começaram a escassear. — N'estas criticas circumstancias, tendo feito promessas de missas e romarias, deu o capitão-mór ordem para mudar de rumo, tomando o de Portugal.

Segundo os calculos depois feitos pelos mais auctorisados geographos, estas horrorosas paragens, em que a armada de Gonçalo Coelho esteve prestes a perder-se, eram as costas da *Georgica Austral*.

Seguindo na *volta* de Portugal, o rumo de nordeste, e das costas africanas, em 10 de Maio chegavam ao porto de Serra Leoa. Ahi queimaram uma das caravellas; que já não podia navegar, partindo para os Açores, aonde tocavam quinze dias depois, e finalmente em 7 de Setembro davam fundo no Tejo, depois de perto de anno e meio de navegação.

A longa e trabalhosa viagem que a armada de Gonçalo Coelho acabava de fazer, não foi apreciada no reino como merecia, e este facto tornou-se muito sensivel para Diogo Alvares, não só porque interessava ao seu futuro, mas porque tendo-se ligado durante ella por estreita amisade com Vespucio, instruiu-se profundamente nos conhecimentos maritimos, commerciaes e politicos, em que o florentino era eminente, e conhecia o erro commettido pelo rei de Portugal.

Com effeito, n'esse tempo, D. Manoel, como os in-

fluentes na governação do reino, tinham todas as esperanças e atenções postas no fascinador Oriente, e julgavam dos resultados das emprezas maritimas segundo as riquezas de que as náos voltavam carregadas. Não alcançavam mais as suas vistas, por então, do que o resultado immediato.

Já não fizera grande bulha a descoberta de Santa Cruz por Alvares Cabral, e menos valor se ligou a esta segunda viagem a essas paragens, para as quaes tres caravellas haviam partido, e só duas voltavam, sem trazerem ouro e ricas especiarias, como vinham da India, e apenas o páo brazil, que, ainda assim, pelo seu valor, d'ahi a pouco havia de fazer substituir pelo seu nome o de Santa Cruz, primeiro dado pelo descobridor áquella terra.

Dias depois de Diogo Alvares ter chegado a Lisboa, achava-se com Vespucio na Ribeira das Náos, quando, no meio de grandes acclamações e regosijos, desembarcou João da Nova, que voltava da India com os navios da sua armada abarrotados de especiarias.

Um amargo sorriso deslisou no semblante do florentino :

— Ahi tendes, Diogo Alvares! como em Portugal se avaliam as navegações! Ah! D. Manoel receberá talvez ainda uma dura lição, como recebeu D. João, o II, que santa gloria haja, quando não confiou no que lhe assegurava Colombo...

— Tende esperança, Americo! Já fallei á rainha D. Leonor na relação da nossa viagem que estaes acabando para entregar a el-rei... Contei-lhe como, em vosso grande saber das coisas do mar e do que concluí das observações dos astros, feitas nas vossas viagens, estaes convencido que a terra descoberta por Colombo, é parte do mundo diversa da que habitamos e da Asia, e que, penetrando mais pelos mares terribes até aos quaes chegámos, se dará a volta a esse continente e se terá mais curto caminho para as Indias Orientaes...

— Sim! Iria jural-o! E se outra vez me metter ao



mar, será com navios, meios e regimento dado por el-rei para tentar tal empreza.

— Tenho fé que n'ella vos acompanharei. . .

— Sim? Contaes embarcar novamente? Nada me tendes dito, Diogo Alvares! de vossos negocios particulares. Que noticias tendes da saude da vossa prometida?

— Animadoras, graças a Deus! D'aqui a dias partirei para o Minho .. Só espero que tenhaes acabado o vosso relatorio para o lêr a D. Leonor, antes de ser entregue a el-rei.

— Vou para casa concluil-o.—Passae por lá ámanhã, cedo, e podereis leval-o á rainha vossa protectora. . .

E os dois amigos despediram-se e separaram-se, no momento em que se ouviam, já distantes, os echos dos vivas com que o povo saudava João da Nova e os capitães seus companheiros, que se dirigiam ao paço de Alcaçova, onde el-rei os esperava.

N'esse mesmo paço, d'ahi a dias, recebia D. Manoel, muito em particular, a Diogo Alvares, a fim de com elle se informar minuciosamente sobre o que Americo Vespucio sustentava no relatorio da sua viagem. — A leitura fizera impressão ao monarcha, e mais ainda o que lhe dissera a rainha sua irmã, espirito do mais largo alcance, educado nas profundas vistas politicas d'esse grande rei de quem fôra esposa.

— Qual é a vossa opinião? Diogo Alvares! — perguntava ao mancebo o rei venturoso. — Não achaes demasiada ousadia, esta de Vespucio, assegurando que na sua proxima viagem passará ao Levante, pelo sul?!

— Senhor! Novato como sou na arte da navegação, não me sinto com valor para discutir as affirmativas d'um marinheiro como Americo Vespucio. . . Mas o que posso assegurar a vossa alteza, é que durante a nossa longa derrota o vi sempre estudar, dia e noite, a terra, o mar e o céo, e sustentar que, do que observava, lhe vinha a convicção de que era um «Novo Mundo» o paiz descoberto por Colombo, e não como este pensa, uma parte da Asia. . .

— Sim, é o que sustenta no relatorio. . .

— Como teréis lido, senhor! Vespuccio diz que os auctores antigos affirmam que para lá da linha do equinocio, na direcção do sul, não ha mais terra firme, mas sómente o mar Atlantico. Ora, a verdade, senhor! é que nós encontrámos terra algumas centenas de legoas para o sul da linha, e essas terras são povoadas.

— Esse ponto é importante. . . Mas, paizes e gentes barbaras. . .

— Quem sabe? senhor! Não encontrámos, é certo, vestigios de n'elles haver metaes preciosos. Mas tanto como se os tivessem valerão, se por elles se poder fazer a passagem para oeste, e se n'elles se poderem refazer as armadas que, mesmo pelo Cabo da Boa Esperança, navegam para as Indias do Oriente. . .

D. Manoel pareceu bastante impressionado com estas palavras, e como se lhe acudisse uma idéa subita:

— Esperae — e começou procurando algum documento no monte de papeis que tinha na sua frente. — Deixae-me vêr o que diz João da Nova. . .

Um sorriso de desdem e despeito, que não escapou a el-rei, passou fugitivo no rosto de Diogo Alvares, que se conservou em silencio.

Entretanto, D. Manoel lia os relatorios dos dois navegadores, cotejando um com outro. Passados momentos, com visivel satisfação, se dirigiu a Diogo Alvares, sorrindo. . .

— Ah! vós não gostaes do castelhano. Não morro tambem de amores por elle, não, como não morre Vasco da Gama, nem Bartholomeu Dias, nem D. Francisco d'Almeida, e comtudo, todos reconhecemos que João da Nova é homem que sabe mandar uma náó. . .

— Quem duvida, senhor? Mas d'ahi a saber tanto como esses illustres navegadores, ou como Americo Vespuccio. . .

— Pois, ouvi, Diogo Alvares: João da Nova, no relatorio d'esta sua ultima viagem, faz affirmativas que confirmam a idéa que Vespuccio hoje tem, a mesma que

primitivamente tinha Colombo: afirma que as especiarias que se encontram nas Índias Orientaes, e de que traz os navios carregados, não são lá creadas, mas trazidas d'outros paizes do mundo, que se encontrarão navegando em volta pelo occidente! Recommenda que se siga a costa de Malaca, que fica já para o sul da linha do equinocio!

— Ah! tendes, senhor! -- exclamou Diogo Alvares, triumphante.



— Deixae-me vêr o que diz João da Nova... (Pag. 56)

D. Manoel, depois de reflectir por alguns instantes; ergueu-se, e dando a audiencia por terminada, despediu o mancebo com estas palavras:

— Estudarei o assumpto e avisarei os do meu conselho sobre quanto Vespuccio diz na relação da sua viagem, e está certo, Diogo Alvares, que se mandar nova armada, como propõe, e vós desejaes, haverá um navio de que ireis por capitão.

N'este momento entrava na sala a rainha D. Leonor,



que, ouvindo estas palavras, commovida se dirigiu a el-rei:

—Agradeço do coração a vossa alteza o favor que se dignou conceder a Diogo Alvares...

—E eu, senhora! como poderei agradecer-vos e a sua alteza a protecção com que me honram? — e o mancebo beijou successivamente as mãos a D. Manoel e á rainha sua irmã...

-- Agora, Diogo Alvares, podeis já partir para o Minho, a levar esta boa nova á vossa promettida, que graças a Deus vae muito melhor, como em carta me diz D. João Telles...

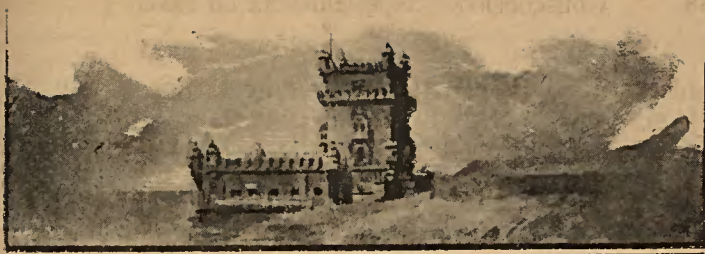
—Partirei ainda hoje, se el-rei não manda o contrario...

—Pois não partireis, Diogo Alvares! senão d'aqui por dias, e consolae-vos da demora, porque ireis na minha companhia...

—Como? senhor!

—Vou á Galliza visitar a casa do Bemaventurado Apostolo S. Thiago, mas antes de partir quero deixar resolvida a viagem que Vespuccio propõe; e quando nos separarmos no Minho, seguireis para o solar de Santa Martha, levando comvosco o alvará da vossa capitania. Ide agora com Deus!

Sem poder encontrar palavras que traduzissem a sua alegria, e as suas grandes esperanças no futuro, Diogo Alvares ajoelhou, agradecendo ao rei, e despedindo-se do monarcha e de D. Leonor, correu a annunciar ao navegador florentino a boa nova.



V

Não tinha de ser



LGUM tempo depois, D. Manoel partia de Lisboa para a sua piedosa romaria, tendo antes resolvido que se aprestasse uma nova armada para ir ás Terras de Santa Cruz, sob o commando de Gonçalo Coelho, indo Vespucio e Diogo Alvares por commandantes de dois d'esses navios, alguns dos quaes pertenciam ao estado, e outros eram de armadores, a quem fôra permittido encorporal-os na expedição.

Tudo sorria a Diogo Alvares, que, ao receber o alvará da sua nomeação, tivera a honra de ser armado cavalleiro pela rainha D. Leonor.

Apezar d'el-rei ir incognito, *aforrado*, como então se dizia, á sua romagem, era numeroso o sequito que o acompanhava, no qual se contava o bispo da Guarda, prior de Santa Cruz de Coimbra, a cujo mosteiro D. Manoel ia visitar a sepultura de Affonso Henriques, fundador da monarchia, D. Diogo Lobo, barão d'Alvito, D. Martinho de Castello Branco, D. Nuno Manoel,

guarda-mór d'el-rei, D. Antonio de Noronha, escrivão da puridade, e o marquez de Villa Real, além de outros cavalleiros, entre os quaes Diogo Alvares.

Fez-se paragem em Coimbra, onde el-rei se demorou visitando a sepultura do primeiro e glorioso rei de Portugal, em cujos degrãos ajoelhado orou por muito tempo, distribuindo depois muitas esmolos pelos necessitados da cidade, e ordenando a construcção d'um mausoléu mais grandioso, que hoje ali se admira. Seguiu depois o monarcha a Montemór-o-Velho, e a Aveiro, e d'aqui ao Porto a visitar a sepultura de S. Pantalião, que mandára construir como el-rei D. João II deixára ordenado no seu testamento.

Achava-se a comitiva régia n'esta cidade, da qual seguiria a Valença, passando depois á Galliza, e visitando no regresso alguns pontos do Minho, devendo D. Manoel hospedar-se nos solares d'alguns senhores, entre outros no de D. João Telles, em que assistiria ao casamento de Diogo Alvares com a sobrinha do castellão, quando toda esta risonha perspectiva se transformou no mais negro dos quadros.

Estando no Porto, veio ao encontro de Diogo Alvares um postilhão, que a toda a pressa se dirigia a Lisboa a chamal-o, porque o estado da saude de D. Anna repentinamente se aggravára pela fórma mais assustadora.

O moço cavalleiro teve apenas tempo de se despedir d'el-rei, que procurou animal-o com palavras de esperança:

— Ao Apostolo S. Thiago pedirei pela saude da vossa futura esposa, Diogo Alvares! e quando regressar da Galliza, espero que terá melhorado, e que assistirei ás vossas bodas.

— Deus o queira, como vossa alteza deseja; mas não sei que terrivel presentimento me peza no coração.

E o cavalleiro despediu-se do rei, dominado pela maior anciedade; saltou sobre o cavallo que o postilhão tinha á redea, junto á entrada da pousada real, e, seguido por este, partiu a toda a brida.



Assim percorreu a distancia que separa o Porto do Alto Minho, parando só para mudar de ginete. Depois de ter atravessado o Vizella, o Cávado e o Neiva, para encurtar caminho, cortando sempre a direito, na direcção da foz da Lima, chegava uma tarde sobre as margens d'este, poucas leguas distante de Santa Martha.— Seguiu por aquelles formosos campos tão seus conhecidos, que havia ainda pouco pareciam sorrir-lhe de longe e chamal-o para a realisação das mais risonhas esperanças da sua vida, e que por esta hora melancholica do entardecer, lhe davam uma tristeza infinita, como que a dispol-o para lugubre futuro.

Com um temor, com um receio que nunca sentira entre os mais iminentes perigos das tempestades que arrostára no mar, o mancebo ia-se approximando do solar de D. João Telles. Intimamente desanimado, e como se a esperança o tivesse já abandonado, deixára de esporear o cavallo, morto de fadiga, e este, moderando o andamento, caminhava agora a passo. E o cavalleiro, entregue aos seus lugubres pensamentos, deixava-o ir assim, tendo-lhe passado a ancia de chegar, e sendo substituida por uma cruel agonia intima, como por uma dolorosa lucidez, que a distancia lhe fazia já antever um quadro fatal que o esperava.

A luz crepuscular ia-se esbatendo cada vez mais, a cambiar para as trevas da noite, e já difficilmente deixava perceber as povoações, dispersas a alguns kilometros de distancia.— Faltava apenas uma centena de passos para alcançar uma volta do caminho da qual se veria o castello, quando repentinamente veio ferir os ouvidos do cavalleiro um echo sinistro, que parecia ir-lhe até ao coração como a lamina d'um punhal! Os sinos da capella do castello, cujo som tão bem conhecia, tinham começado a dobrar, tristemente, a finados!

Diogo Alvares, contrahindo o seu systema nervoso por uma commoção subita de terror, esticou as redeas do cavallo, que parou. Mas logo, n'uma reacção immediata, a exaltação, traduzida na anciedade, fizeram-n'o atacar violentamente os flancos do pobre animal, que

parecendo comprehender a angustia do cavalleiro, que lhe pedia um ultimo sacrificio, largou n'uma carreira desesperada. Então, por aquelles meandros e voltas do caminho, o correr desordenado do pobre moço, foi o d'um cavalleiro phantastico em sinistra ballada.

Cahia a noite, mas Diogo Alvares poude distinguir, fluctuando sobre o castello, a meia haste, como se fôra uma ave de máo agouro, a bandeira de D. João Telles: — e momentos depois, no meio d'aquella confusa angustia em que galopava a toda a brida, umas luzes, movendo-se lentamente, brilhando e desaparecendo, como fogos-fatuos, que o coração lhe fazia comprehender claramente: era um cortejo funebre, que atravessava o terreiro do castello, dirigindo-se á capella.

D'ahi a pouco, á entrada d'esse terreiro, um cavallo cahia extenuado acabando de passar a ponte levadiça; e o cavalleiro, prostrado com elle, erguia-se repentinamente, correndo como louco para a ermida, cuja porta, aberta de par em par, deixava vêr no interior illuminado uma eça erguida.

Diogo Alvares foi lançar-se, prostrado pela dôr, nos degrãos do catafalco, desafogando emfim em convulso pranto. O castellão, que ajoelhado orava a pequena distancia, reconhecendo-o, ergueu-se, como para o abraçar, mas o infeliz parecia tão estranho aos que o cercavam, tão exclusivamente entregue á sua dôr, que o fidalgo, respeitando-a, não o perturbou.

Assim decorreu muito tempo.

Por fim, D. João Telles acercou-se d'elle, e ajoelhando ao seu lado, abraçou-o, dizendo-lhe entre soluços:

— Coragem, Diogo Alvares!... Respeita a vontade de Deus.

O mancebo fixou-o dolorosamente, e apontando para a eça, a custo respondeu:

— Eis as bodas que me esperavam!... A vida acabou tambem para mim!...



VI

O patriota



DECORREU mais d'um anno sobre os successos que temos narrado, e pelos fins de 1503 ainda Diogo Alvares, completamente entregue ao lucto e á dôr, se obstinava no seu proposito de nada mais querer saber do mundo, acabando os seus dias retirado na solidão do seu modestissimo e arruinado solar minhoto.

Instancias de Vespucio, de D. João Telles, da rainha D. Leonor, do proprio monarcha, tudo fôra incapaz de conseguir que o cavalleiro desistisse da renuncia á capitania da não para que fôra nomeado; e a armada partira nos começos de maio, emquanto Diogo Alvares, inteiramente desinteressado dos projectos de gloria sua e da patria, que sonhára, e prezo constante da saudade e da tristeza, se comprazia em percorrer os logares em que fôra tão passageiramente

feliz, e que a todos os momentos lhe recordavam o ente adorado que perdera. O espirito atribulado, n'essa revolta do pensamento e do coração, ante o facto brutalmente natural da morte, que a todos surprehende, com que ninguem se conforma de começo, e a que só o passar do tempo traz um lenitivo, na perspectiva d'um fim identico, comprazia-se-lhe na frequencia d'esses logares, em que lhe parecia achar-se em contacto com o espirito da mulher amada.

Por uma tarde dos fins do anno de 1503, Diogo Alvares regressava da sua visita diaria ao tambem solitario e acabrunhado castellão de Santa Martha, e ao jazigo da desventurada D. Anna, quando, já proximo da sua casa de Deuchriste, sentiu tropel de cavallos, e dentro em pouco viu surgir da estrada real dois cavalleiros, cujo apparecimento foi logo seguido por estas exclamações:

— Vespucio!

— Diogo Alvares!

O afamado navegador apeou-se apressado, deixando o cavallo ao cuidado do escudeiro que o seguia, e correu para o amigo, que estreitou nos braços.

— Eis-vos de regresso, Americo Vespucio! graças a Deus!

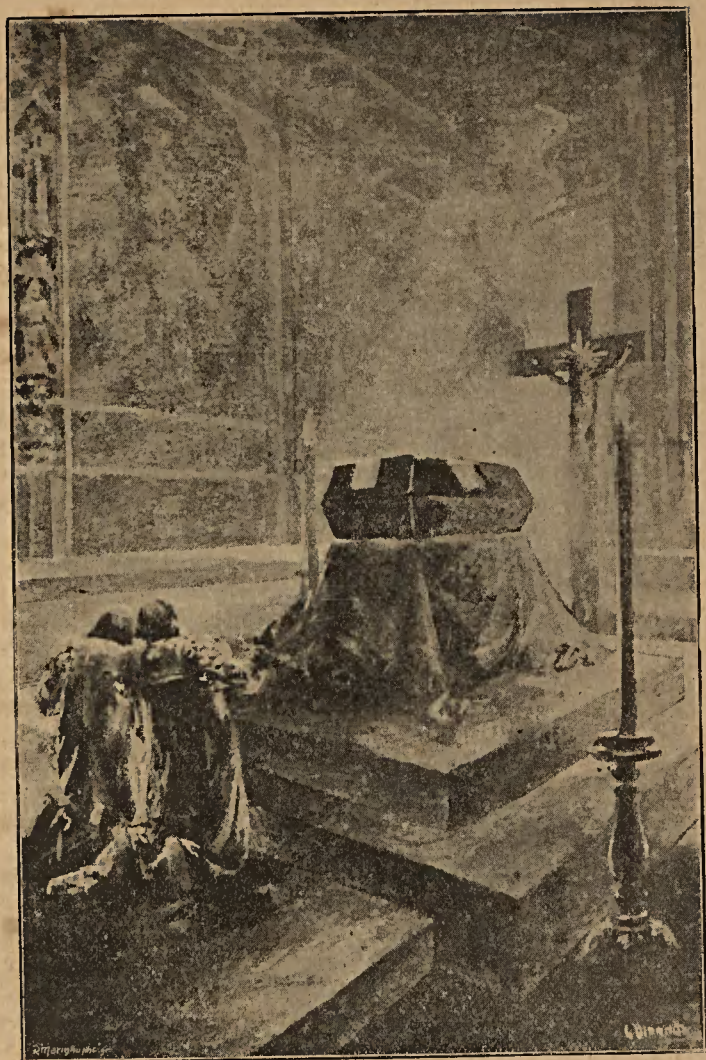
— Para vos encontrar cada vez mais triste, e mais abatido, Diogo Alvares! do que se tivésseis ido com-migo dizer ao mar as vossas dôres e afogal-as nas suas ondas...

— Fallaes como quem ama o oceano, que não morre... E' diverso amar um ente querido e vel-o arrebatoado pela morte... O mar, a que vós tanto que-reis, encontraes-lo sempre... Aquelles que a morte leva... não voltam mais...

— E a fé? e a esperanza? de que nos servem? cavalleiro! A mim, é a fé em Deus, que me esclarece as ideias com o que de novo me mostra na terra e no céu, que me anima a seguir pelos mares desconhecidos, á descoberta de novos paizes...

— Bem o sei...





— Eis as bodas que me esperavam!... (Pag. 62)

— É a esperança, que, no meio das tormentas, nos faz lutar para evitar o naufragio e chegar a salvamento.

— Convenho...

— Naufragastes uma vez nos escolhos da vida!... Mas quem vos diz que não podereis ainda chegar a bom porto? que não podereis ainda encontrar a felicidade na terra?

— Diz-m'ô o coração. . Sei que isso é impossível. . .

— Não ha impossiveis na vossa idade, mancebo! — replicou o florentino, com o accento de auctoridade que lhe davam os seus cabellos, que iam já encanecendo. . .

— Eis-nos chegados ao meu humilde solar — disse Diogo Alvares, sorrindo tristemente. — Desculpareis, Americo Vespucio! a pobre hospedagem que vou dar-vos.

— Bem quizera, apesar d'isso, prolongal-a, querido amigo! mas venho apenas para vos dizer algumas coisas importantes, e de madrugada partirei. . .

— Mas é impossível! . . .

— Pelo contrario. . . Não póde deixar de ser. . . Vou apressadamente a caminho de Hespanha!

— De Hespanha?!

Entravam n'este momento em uma sala terrea do arruinado castello de Deuchriste. Na lareira ardiam já os troncos de carvalho, a combater o frio de dezembro, e á luz da fogueira, o navegador viu o espanto que se pintára no rosto do seu amigo. Desviou involuntariamente os olhos dos seus, e, um tanto confuso, como quem lhe custava a confissão, explicou:

— Deixo o serviço de Portugal e volto para o de Fernando e Isabel de Castella. . .

Diogo Alvares, que, com um gesto, convidára o florentino a tomar assento em um escabello, junto d'uma grande mesa, e que o ia imitar, interrompeu o movimento, e indireitando a acabrunhada figura, ao passo que o rosto se lhe animava, vibrou riço golpe com o punho cerrado sobre a mesa, que gemeu:

— E' impossivel! Americo Vespuccio! Voltardes ao serviço de Castella?!

— Ah! Graças a Deus! — exclamou satisfeito Vespuccio. — No vosso coração arde ainda o amor da patria, sob o gelo amontoado pela dôr... Quando me tiverdes ouvido, abandonareis este retiro, e correreis á côrte, a servir Portugal, como eu o quizera servir, mas não posso, porque, para os vossos compatriotas, sou apenas o piloto florentino... o estrangeiro...

Diogo Alvares, concentrado, sentou-se, e attento replicou:

— Escuto-vos, Americo Vespuccio... Fallae!

— Para que bem avalieis o alcance das prevenções que vos quero fazer, no interesse d'este paiz, é preciso que vos relate a viagem em que não quizestes ir connosco.

— Alguma coisa tenho ouvido: fostes de Lisboa a Cabo Verde, e d'ahi navegastes para o sul, buscando terra na Serra Leoa...

— Convinha-me isso para mais facilmente dobrar o Cabo de Santo Agostinho... e ao capitão-mór, para ali mostrar ufano a sua armada de seis navios...

— Não perdeis ensejo de criticar Gonçalo Coelho...

— Com razão sempre. — Assim, queria demorar-se na Serra Leoa, mas não pudemos aguentar-nos, e seguimos para o sudoeste; passámos a linha em 10 de Agosto, e tendo navegado mais de quinhentas leguas para o sul, vimos distinctamente uma ilha no horisonte. E com o tempo, a capitaina bateu, e naufragou em umas rochas, perto d'ella.

— Salvaram-se, creio?

— Sim! Só o navio se perdeu. — Fui mandado a buscar um porto na ilha, e approximei-me até quatro leguas de distancia d'ella, mas o resto da armada tinha então desaparecido. — Só ao cabo de oito dias tornei a avistar uma caravella, para a qual me dirigi, e voltámos juntos á ilha, e depois de termos feito aguada e lenha, como o resto da frota não apparecia, navegá-

mos para a Bahia de Todos os Santos, onde nos devíamos encontrar no caso de nos termos separado.

— Que tempo gastastes ?

— Dezesete dias! Na Bahia nos demorámos dois mezes e quatro dias, e como os demais não apparecessem, julgámol-os perdidos, e continuámos sós a explorar a costa para o sul, como era nosso fim.

— Fostes mais além do que na passada viagem ?

— Sim. Communicámos com todos os portos já conhecidos, e, mais para o sul, chegámos a um cabo que dobrámos, apesar do frio que n'aquellas regiões fazia, e encontrámos um porto, em que nos demorámos cinco mezes. . .

— Cinco mezes?!

— Para carregarmos os navios com uma rica madeira que ali abunda, avermelhada, que serve para fazer tinta, e a que os naturaes chamam *brazil*. Tão rico nos pareceu este genero, que entendemos conveniente deixar ali fundada uma feitoria, como as que se vão estabelecendo nas Indias do Oriente,—e assim construímos uma pequena fortaleza, que armámos com doze peças tiradas dos navios, e lá deixámos vinte e quatro homens de guarnição. . .

— Grande serviço fizestes, na verdade! . . .

— Não pensam como vós na côrte—replicou Vespuccio, sorrindo ironica e tristemente.—Logo o perceberemos, quando a Lisboa chegámos, depois d'uma viagem de setenta e sete dias. . .

— Mas o que se passa?

— Ouvi, agora que estaes ao facto da nossa viagem!

— Dizei. . .

— Não me foi possível conseguir, como era meu designio, alcançar o caminho das Indias do Oriente dando a volta pelo mar do sul.—Entendo que esta gloria pertenceria de direito a Portugal, uma vez que mais utilisaria com isso do que Castella, por já possuir os dominios descobertos por Vasco da Gama. Mas na côrte de Lisboa não se cura d'isso, sem pensarem que a di-

visão do Oceano feita em 1493 pelo papa Alexandre VI, dando a Castella a posse das descobertas para o sul da linha estabelecida na bulla, incita Fernando e Isabel a estabelecerem relações e dominio nas paragens em que, aliaz, os portuguezes foram os primeiros a navegar. Eis a razão por que volto ao serviço de Castella. Em primeiro lugar, o empenho de realizar esse sonho grandioso de Colombo e hoje meu; depois, os meus proprios interesses: Vou para velho e estou pobre, apesar de ter arriscado tanto a vida no mar...

— Estaes então desligado de obrigações com el-rei D. Manoel?

— Sim! E só a vós, como amigo, falo, leal e francamente... Amanhã, no mar, seremos inimigos quasi: a minha obrigação será pugnar pelos interesses de Castella; a vossa, pelos de Portugal...

— Decerto....

— Quiz explicar-vos o meu procedimento... Que ha um caminho para o Oriente, pelo sul, é para mim ponto de fé... Gloria e proveito terá o reino que o descobrir... Eu vou tental-o por Castella... Previno-vos lealmente, já que na côrte me não escutaram; se tendes egual fé, procurae ser melhor ouvido do que eu, fazendo-o tentar pela vossa patria...

— Sim! tenho essa fé, e tental-o-hei, — exclamou Diogo Alvares, erguendo-se, como inspirado, e dirigindo-se a uma janella, que, aberta, deixava passar a claridade suave d'um luar de dezembro.

— Do coração desejo que sejaes vós o vencedor!

— Não sei! Mas ao menos, morrerei enpenhando-me n'isso! Vêdes aquella estrella? Vespucio! — disse Diogo Alvares, fazendo approximar o navegador da janella — é a estrella do meu destino, que brilha pallidamente ao pé da lua radiante! Mostrou-m'a aquella que perdi, na vespera de deixar o Tejo! E' a imagem da minha existencia, em que a felicidade só fugitivamente brilhou! Não deixo porém de a vêr todas as noites, como se fôra o espirito da minha desditosa Anna, a dizer-me



que o unico amor capaz de tomar o logar do seu, é o amor da patria...

— Ah! eis-vos, emfim! resurgido para a vida!

Quando o dia vinha rompendo, sahia do pequeno solar de Deuchriste o navegador florentino para continuar a sua jornada. Depois de ter caminhado um quarto de legua, parou em um ponto em que a estrada se dividia, e chamando o escudeiro, disse-lhe:

— Voltae por esse caminho á côrte, onde vos espera a rainha D. Leonor, e dizei a sua alteza que julgo ter desempenhado a missão que me deu, a seu contento...

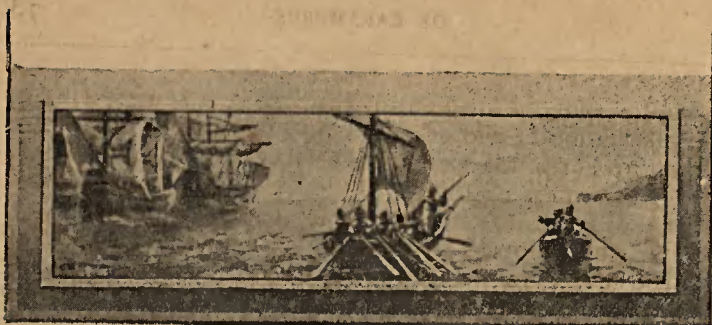
O escudeiro, como se já esperasse tal mensagem, saudou-o:

— Que Deus vos guie a Castella, e nas futuras navegações da vossa vida...

— Fortuna e venturas vos desejo tambem, amigo!

E os dois cavalleiros separaram-se, seguindo Americo Vespuccio para o norte e o escudeiro para o sul.





VII

C naufragio



DECORREU ainda algum tempo, em que no espirito de Diogo Alvares a irresolução predominou, sob o aspecto d'uma verdadeira lucta travada entre os seus sentimentos de portuguez, o ardor natural da juventude, e os do apaixonado, a quem, por uns certos phenomenos da vida, a desventura trouxera prematuramente a reflexão da idade projecta.

Que ia tentar? que ia fazer? perguntava-lhe esta segunda individualidade, em que a sua entidade se desdobrava. Se todas as ambições de fortuna e gloria tinham sido intimamente ligadas no seu pensamento á ideia de dourar uma existencia partilhada com aquella que perdera, que mais podia agora querer, se não tinha ambições pessoaes, do que passar o resto da vida na solidão dos logares que essa creatura habitára, visitando todos os dias a sua sepultura, simulando, tanto quanto lhe era possivel, uma união de todos os mo-

mentos, por via do pensamento, com o seu espirito, e, materialmente, não se arredando dos restos que d'esse querido ser ainda existiam na terra? Mas depois d'isto, acordavam os sentimentos do portuguez e do cavalleiro. E estes diziam-lhe: que as leis da cavallaria, que então representava socialmente a fôrma pratica da elevação dos sentimentos, consideravam fraco e pusila-



— Voltae por esse caminho á côrte... (Pag. 71)

nime aquelle a quem a dôr e o lucto fazia embainhar a espada e quebrar o escudo, e que as lanças mais valiosas, quando a morte da sua dama as impedia de se romperem em sua honra, passavam a romper-se exclusivamente pela patria, buscando a morte no desesperar secreto da vida e na ancia mystica da existencia futura.

N'estas hesitações se achava o solitario de Deuchriste,

quando o veio decidir uma carta da rainha D. Leonor, que no seu espirito fez a maior impressão. Nunca na sua vida alguem lhe escrevera tocando mais profundamente as cordas do seu dolorido coração. — A mãe, a viuva, e a rainha, tinham conjugado em uma só as suas differentes eloquencias, despertando em Diogo Alvares os sentimentos de orphão, de prematuro viuvo, e de patriota. Tão profunda foi a impressão, que todas as demais subjugou, e n'uma resolução de suprema força de vontade, arrancou-se d'aquelles logares tão queridos ao seu padecer, animado pela convicção d'um sacrificio, sem duvida premiado em uma existencia futura.

Quando chegou a Lisboa, veio deparar com um espectáculo que mais ainda o confirmou n'este pensamento! Todo o paiz soffria! Desde el-rei até ao mais humilde vassallo, cada um, na sua esphera, se sacrificava ás duras condições do momento! A *fome* estendia por todo o Portugal as suas negras azas, aterrando os mais fortes com a perspectiva do lugubre cortejo da peste e da morte, que ordinariamente a seguiam. E todos se sacrificavam, desde o monarcha, que mais uma vez tinha de abandonar a realisação do seu sonho de passar ás terras d'Africa, a combater os mouros, para mandar antes navios e dinheiro por toda a Europa, a obter pão para os esfomeados, até ao humilde camponez, que vira a ceára perdida de um dia para o outro.

Com esse espirito altamente caritativo que distinguia a fundadora do hospital das Caldas da Rainha, da misericordia, do convento da Madre de Deus, e de tantas outras instituições de caridade, com a agudeza de vistas e a virilidade de animo com que acompanhára o tormentoso reinado do *Principe Perfeito*, e por vezes, nos lances mais difficeis, ajudou o rei seu irmão a governar o leme da não do estado, a rainha D. Leonor entregava-se á execução de urgentes e caridosos expedientes para suavisar a sorte dos esfomeados, quando Diogo Alvares se lhe apresentou.

— Lembrae-vos, infeliz cavalleiro! quantos choram



n'este momento, como vós, a perda de entes queridos, arrebatados pela morte horrorosa da fome, e antes de nos occuparmos dos vossos soffrimentos, ajudac-me a minorar os seus... Fazei de meu secretario.

— A's vossas ordens, senhora! — respondeu Diogo Alvares, a ajoelhar, para escrever o que D. Leonor lhe dictasse, como era do estylo fazerem os secretarios do rei, no despacho.

— Deixemos o ceremonial; assentae-vos n'esse escabello, que melhor ficareis, pois que bastantes ordens tenho a dictar-vos.

E por algumas horas, o improvisado secretario da viuva de D. João II, escreveu documentos da ordem d'esses que andam publicados, em que a rainha D. Leonor, dirigindo-se ás corporações municipaes e outras do paiz, sobre as quaes tinha enorme prestigio, bem como aos administradores das suas propriedades, a todos pedia auxilios, ou dava ordens, com o caridoso fim de soccorrer as populações a braços com a fome.

Terminada a correspondencia, D. Leonor perguntou de subito a Diogo Alvares:

— Não tendes curiosidade em conhecer as Indias do Oriente?

Um pouco surprehendido, o mancebo replicou:

— Senhora! se tornasse a embarcar, preferia antes volver de novo á Terra de Santa Cruz...

— E' pena! Serieis outra vez capitão d'um navio...

— Pertencente ás armadas de Alvares Cabral e de Vicente Sodré, que para ali vão partir?

— Enganaes-vos, cavalleiro! Guardae para vós só, que é ainda segredo de estado, o que vou dizer-vos: uma só armada partirá em breve para a India, sob o commando de D. Vasco da Gama...

— Ah! triumpho pois o sentir geral do povo...

— Assim é. Pedro Alvares Cabral pediu esta manhã a el-rei meu irmão, que o dispensasse da capitania-mór.

— Mas, vinde commigo — concluiu erguendo-se, — são as horas do despacho real, e preciso falar a el-rei antes...

A rainha viuva atravessou, seguida pelo mancebo, a

ala do paço da Alcaçova, em que se alojava provisoriamente, até áquella em que ficavam os aposentos de D. Manoel. Quando passava em uma grande sala de espera, cheia de cortezãos, que a meia voz discutiam o acontecimento que a todos preocupava, o commando da armada a partir, D. Leonor disse a meia voz para Diogo Alvares, indicando-lhe um cavalleiro de imponente figura, que vinha em sentido inverso :

— Eis o descobridor da India!—e demorou o passo, de modo a encontrar-se com elle.

O almirante do mar das Indias comprehendêu, porventura, a sua intenção, pois que em vez de se limitar a parar, inclinando-se á passagem da rainha, como faziam os demais fidalgos, dirigiu-se-lhe e, ajoelhando, beijou-lhe a mão.

Todas as atencções se fixaram n'elles, e com accento que fosse ouvido, D. Leonor disse-lhe :

— Guarde-vos Deus, sr. almirante! Se eu governasse, vós irieis de novo á India, porque no mar vos fez Deus tanta mercê. :

— Depois das mercês de Deus, a maior que tenho recebido são as palavras de vossa alteza...

D. Leonor seguiu para os aposentos do monarcha, mas todos tiveram aquella phrase pela confirmação de boato, que desde a vespera corria com insistencia, de que o descobridor do Brazil, desgostado por el-rei ter repartido em duas divisões a armada, nomeando Vicente Sodré, parente de D. Vasco da Gama, capitão-mór d'uma, se exoneraria, e que o almirante seria então escolhido para commandar em chefe todos os navios.

Depois de se demorar algum tempo a sós com el-rei, D. Leonor assomou á porta d'uma pequena sala contigua, chamando Diogo Alvares.

— A nomeação do almirante vae ser conhecida. Levára as dez náos que se aprestam, e Vicente Sodré irá sob as suas ordens. Mais cinco náos se lhe irão juntar brevemente, sob o commando de Estevão da Gama. Quereis ser um dos seus capitães? Vae castigar o Sa-

morim das offensas que fez a Alvares Cabral... Que melhor occasião podereis ter para illustrar o vosso nome?

— Senhora, é n'isso que menos ponho a minha ambição. Servir a patria obscuramente, com a dedicação e a modestia d'um missionario, é a unica fórma que posso acceitar... Na vida, tudo que hoje ambiciono, é não a passar na ociosidade; mas os sonhos de gloria, esses acabaram por uma vez...

— Quem sabe? mancebo! Não façaes taes protestos, que são incompativeis com a vossa idade... Sois homem de nobre coração, e por muito que tenhaes soffrido, haveis de obedecer ás leis da natureza... Perdestes uma grande affeição, é certo, a de D. Anna; mas é mais do que natural que outra encontreis digna de a substituir...

— Perdão, senhora, mas vossa alteza engana-se... Tenho isso por impossivel...

— Não digaes tal, Diogo Alvares!... Por muito que vos custe a perda que soffrestes, acreditae nas palavras de quem é mestra nas dôres d'esta vida: a vossa é das que o tempo consegue curar... E quem sabe? talvez um dia, quando voltardes, eu vos apresente um *remedio* digno de vós e d'aquella que hoje choraes, — concluiu a rainha sorrindo com intenção...

— Que dizeis, senhora?!—exclamou Diogo Alvares, levemente desgostado...

— Está bem, não vos agasteis com quem tanto se interessa por vós e só a vossa felicidade deseja...

— Perdoae-me, senhora...

— Vejo que é cedo ainda para vos falar d'uma parte dos meus planos que vos dizem respeito: Occupemos-nos do que já se póde resolver... Se não ides á India por capitão d'uma náó, o que pensaes fazer?

— Partir no primeiro navio d'armador para a Terra de Santa Cruz...

— Em um navio d'armador? vós! um cavalleiro!

— Senhora! não é batalhando que ambiciono servir a patria... Se o quizesse fazer, partiria para a India,



como me aconselhaes, e que se trata de conquistar... Em Santa Cruz, outra é a missão que Portugal tem a cumprir. As gentes são naturalmente pacificas, e mais se obterá d'ellas pela doçura do que pela força.—Por muito que deslumbrem os governantes do reino as phantasticas riquezas das Indias do Oriente, acreditaes, senhora! que todo aquelle que, como eu, teve occasião de vêr esse admiravel paraíso terrestre da Terra de Santa Cruz, não póde acreditar que no mundo haja torrão mais predestinado por Deus, para o homem d'elle tirar a riqueza, não por via da guerra, mas pelo trabalho aturado e pacífico de todos os dias, na labutação dos campos... Com quanto la não se tenha encontrado o ouro, que tenta e cega os que vão ás Indias Orientaes, a riqueza e a fortuna estão ali patentes em todos os mil variados productos da terra...

—Acredito, Diogo Alvares... Já se averiguou mesmo, que o páo brazil não é menos valioso para o trafico mercantil do que as ricas especiarias do Oriente...

—E muito d'ellas, senhora, lá se encontram. Acredite vossa alteza, um dia chegará em que se reconheça que muitas são nascidas n'essa outra parte do mundo, a que, como pensava Colombo, e hoje sustenta Vespuccio, e como elle muitos navegadores afamados, pertence a Terra de Santa Cruz.

—Praza a Deus que vos não enganeis, que da confirmação d'essas supposições só virá mais proveito e mais gloria a Portugal... Tambem os Corte Reaes assim pensam, e não só que pelo sul de Santa Cruz se encontrará caminho para o Oriente, mas que para o norte da Europa ha ainda paizes a descobrir... Porque não ides com elles? seria viagem de menos demora...

—Perdôe vossa alteza, mas justamente pretendo sair de Portugal não para viagem de ida e volta, mas para me demorar, fixando-me no paiz descoberto por Alvares Cabral... Com as informações que lá obtiver, auxiliarei os que tentarem a navegação pelo sul para o Levante!



— Que dizeis? Diogo Alvares! — exclamou D. Leonor com visível angustia. — Quereis desterrar-vos? E os vossos amigos? O vosso Minho? pensaes abandonal-os para sempre?...

— Para sempre não, senhora! mas por muito tempo... Asseguro, porém, a vossa alteza, como á minha segunda mãe, que, embora distante, não me lembrarei menos dos amigos e da patria.

Pouco tempo depois, pãtia a grande armada que, sob o commando do almirante do mar da India, se dirigia ao Oriente, a castigar o Samorim, rei de Calicut. Foi solemne e imponente a despedida que el-rei e a cõrte fizeram no Restello a D. Vasco da Gama, mais significativa ainda do que a anterior, muito imponente, de Pedro Alvares Cabral, e do que a primeira para a viagem da descoberta.

Pela tarde, quando o bulicio acabára na margem do rio, e o Restello ficára deserto da multidão de povo de Lisboa que viera assistir á partida da grande frota, a porta da pequena ermida do Restello, já fechada, abriu-se novamente, e um frade da ordem de S. Jeronymo collocou-se no limiar, como se esperasse alguém. No rio, não muito distante da terra, viera fundear, havia instantes, uma náó de armador, tendo largado com pouco panno do ancoradouro de Lisboa, em frente da casa da Mina. De bordo, largou um batel, que veio encalhar na praia defronte da capella de Santa Maria de Bethlem, e Diogo Alvares, saltando em terra, encaminhou-se para o monge ..

— Boas tardes, frei Marcos!

— Seja Deus comvosco, sr. Diogo Alvares!...

— A que horas esperaes sua alteza?

— Não póde tardar... Vae para as tres, que foi a que marcou.

— Justamente ahi vem uma liteira no caminho de Lisboa... Será a rainha?... Até já. — E o cavalleiro, afastando-se da porta da ermida, foi ao encontro da pequena comitiva, que se approximava do lado da cidade.

Compunha-se ella da liteira, conduzida por dois carregadores, seguida por um escudeiro, e atraz d'este outros dois carregadores, para revezarem aquelles.

Quando Diogo Alvares chegou a alguns passos de distancia, as cortinas foram corridas, e D. Leonor ordenou aos portadores que parassem.

—Aguardae-me aqui.—É dirigindo-se ao mancebo: —Vejo que estaes resolvido, Diogo Alvares, a levar por deante o vosso proposito, pois que me esperaes para vos dizer adeus...

—Assim é, senhora! Venho de bordo da náó do armador, que ainda hoje largará para Santa Cruz, onde fui dispôr o meu alojamento.

—E nem mesmo a minha ultima proposta é capaz de vos demover? Tendes o coração morto para o amor?

—Como querieis que me ligasse a essa das vossas damas em cuja affeição por mim me fallastes, se me sinto preso da saudosa recordação d'aquella que perdi? Seria enganar, prometter o que não posso cumprir...

—Mas, ao menos, não faltareis ao que hontem vos disse, não é verdade? Dentro em tres annos voltareis a Lisboa a vêr-me...

—Juro-o a vossa alteza... Só o não farei, se antes a morte me levar, ou caso de força maior a minha vontade tolher... O meu fim é estabelecer-me em um bom porto de Santa Cruz, crear ali uma feitoria, chamando para o meu lado alguns dos degredados que Gonçalo Coelho deixou em varios pontos na sua ultima viagem, dispôr os naturaes a bem receberem os portuguezes que ali aportarem, e cultivar aquelle abençoado paiz, tirando do seu solo as riquezas que encerra, e mandando-as para Portugal...

—Pois bem, anteendo como era inabalavel a vossa resolução, mancebo! fiz o possivel para vos ajudar n'esse difficil e patriotico empreendimento. A bordo da náó, em que ides partir, encontrareis alguns dos indios que as armadas d'el-rei meu irmão teem trazido de Santa Cruz, e que sob as vossas ordens para ali voltam. Já entendem a nossa lingua, já conhecem e apreciam os



nossos costumes, respeitam o nosso nome... Occupae-os na vossa empreza; facilitar-vos-hão as relações com os seus irmãos, entre os quaes vos ides estabelecer... Um especialmente vos recommendo... Carijó se chama. E' christão, e de boa indole... Dedicar-se-vos-ha.



E como o mancebo o olhasse espantado, tomou-o nos braços... (Pag. 87)

— Ah! quanto vos devo, senhora! Bem razão tenho para vêr em vós a minha segunda mãe...

— Sim, Diogo Alvares! dizeis bem... E a minha sorte n'este mundo é esta: serem-me arrebatados successivamentê os que tenho por filhos...

— Não vos affijaes, senhora!

— Deus assim o quer... Cumpra-se a sua vontade.

Entremos, —concluiu commovida, indicando a porta da capella a que chegavam, —a pedir-lhe que, ao menos, a separação não seja para sempre...

Diogo Alvares não teve animo para responder, tão commovida estava a rainha, e tão negros pensamentos eram os seus, despertados por estas palavras.

D. Leonor tomou a agua benta que frei Marcos, de joelhos, lhe apresentou, e com o hissopo aspergiu o cavalleiro. Depois, tomando-o pela mão, dirigiu-se para o altar da Virgem de Bethlem, e, ajoelhando os dois, oraram por bastante tempo ante essa imagem de tanta devoção para os homens do mar, e á qual el-rei D. Manoel fizera o voto de erguer um mosteiro em agradecimento da descoberta da India.

A luz do sol, fugindo e empallidecendo atravez das pequenas ogivas da pobre ermida, chamou a rainha á realidade da vida :

— Ide, Diogo Alvares! O navio só por vós espera...

— Já pedimos bastante a Deus, que nos escutará...

— Parti, que ainda aqui ficarei...

O cavalleiro, mesmo ajoelhado como estava, cobriu de beijos as mãos que ella lhe estendia, dizendo a custo, e esforçando-se por reter as lagrimas prestes a saltarem-lhe dos olhos :

— Deus vos animará, senhora!... Lançae-me a vossa benção...

D. Leonor assim fez, e o mancebo, recebendo na mais recolhida e respeitosa attitude a honra que pedira, ia partir, quando a rainha, erguendo-se de subito, como obedecendo a uma força superior, lhe disse :

— Quero abraçar-te, Diogo Alvares! porque me peza não ter abraçado o meu Afonso na fatal sahida para a Ribeira de Santarem.

Dir-se-hia que não havia ali rainha e vassallo, mas sim mãe e filho, que se uniam n'um apertado abraço de custosa despedida.

— Vae agora na guarda de Deus e da Virgem.

O cavalleiro partiu, e a rainha ajoelhou novamente nos degrãos do altar...

D. Leonor orou por muito tempo, e só de vez em quando tirava os olhos da imagem da Virgem de Bethlehem, para voltar a cabeça a vêr se ainda não partira a náó, fundeada justamente defronte da ermida.

Por fim, em uma d'estas occasiões, viu o navio já coberto de panno, com o ferro suspenso, que principiava a navegar.

— Guiae-o sobre as aguas do mar, Santa Maria de Bethlem! - e feita esta última préce, D. Leonor ergueuse, e sahindo da capella, veio até á beira-mar, como atrahida pelas saudações de despedida, que de bordo lhe fazia Diogo Alvares. . .

A náó distanciando-se interrompeu esta correspondencia, e ainda a rainha se demorava fixando os olhos no navio, que se afastava.

— As margens do Tejo! As margens do Tejo! — exclamou. — Que esta despedida do Restello, não seja para sempre. . . como a da Ribeira de Santarem!

Dir-se-hia que o coração de D. Leonor antevia o horizonte carregado que esperava o cavalleiro.

Poucos foram os dias de bonança na derrota da náó para a Terra de Santa Cruz. Durante ella, não perdera Diogo Alvares um só ensejo de fazer que se lhe affeioasse o indio que a rainha lhe dera por *cicerone*, instruindo-se em conversação com elle, nos costumes das gentes entre as quaes ia estabelecer-se. Pertencia esse indigena á tribu dos goyanazes, felicitando-se o mancebo quando reconheceu não ser de antropophagos. Carijó se chamava, como dissera a rainha, que fizera preceder este nome pelo de Manoel, com o sacramento do baptismo que em Lisboa recebera.

— Senhor! — protestava Carijó ao mancebo, — haveis de gostar dos meus irmãos, que são affeioados aos portuguezes, pacificos e leaes. Vivem em cavernas, e não em bonitas casas como as de Lisboa, mas não comem gente, e só da caça e da pesca se sustentam. Muito podereis ensinar-lhes.



— Sim? Pois estranho que, como já me disseste, Carijó! se não dêem a cultivar a terra e a criar animaes, vivendo em um paiz tão dotado pela natureza!...

— Também agora percebo quantas riquezas deixam de aproveitar, e aprendi-o vendo os campos de Portugal, de que tiraes tantos productos... Se attenderem aos conselhos que por minha boca lhes dareis, enquanto não comprehenderdes a nossa lingua, poderão fazer do nosso paiz um dos mais ricos de Santa Cruz!

Assim, em praticas d'esta ordem, iam passando os longos dias da navegação. Depois de tocar na Serra Leoa, a não seguiu directamente com rumo á Bahia de Todos os Santos. Na vespera do dia em que, segundo os calculos do capitão, se devia avistar a costa, levantou-se um grande temporal. O tempo foi carregando cada vez mais, tornando-se medonho com o fuzilar dos raios, o estampido dos trovões, e a escuridão tenebrosa do horisonte. Apesar de toinadas todas as precauções, e de se ter caçado todo o panno, a não corria em arvore secca, com velocidade extraordinaria, aterrando a tripulação com o perigo imminente de irem dar á costa.

Era impossivel fazer governar o navio, contra a força das ondas e do vento que o impelliam, segundo os calculos dos pilotos, na direcção da terra, que não podia estar longe.

A noite desceu, percebendo-se isso pelo tempo decorrido, e não porque tivesse havido sensível transicção para trevas mais carregadas.

Alta noite, distinguiram-se de bordo uns fogos longinquos, havendo um momento em que a esperança renasceu nos corações, reconhecendo-se que o navio corria ao longo da costa, e a tripulação entoou em côro o *Bemdito*, dando graças ao Altissimo. N'este momento, Carijó approximou-se de Diogo Alvares, e disse-lhe em voz baixa:

— O perigo é maior do que nunca, senhor! Se continuamos a correr n'esta direcção, iremos bater nos recifes de Mairagiquig, os quaes não pôdem estar longe...



— Porque julgas isso ?

— Porque essas fogueiras só as accendem durante a tempestade os tamoyos, que lhes ficam proximos.

Diogo Alvares, conservando a maior serenidade de espirito, foi dar em segredo o aviso ao capitão, e este mandou as possiveis manobras para afastar o navio d'aquelle perigoso rumo.

Houve ainda algumas horas em que a esperanza de salvamento mais animou todos, porque o vento mudou um pouco e o navio obedeceu ao leme, aproando para o mar. Mas, subitamente, recommçou a soprar violentamente do nefasto quadrante que impellia os infelizes a morte certa, ao passo que ia amanhecendo, e, como para maior crueldade da sorte, bastante claro, deixando perceber no horisonte os rochedos que precediam a costa !

No auge da afflicção, fazendo promessas e dirigindo préces ao céo, quantos homens o leme admittia empregavam esforços inuteis para desviar a não do abysmo a que corria... Subitamente, esta mesma esperanza desapareceu : com um ranger sinistro, o leme, assim forçado, quebrou-se, e a não, livre já d'aquelle fraca peia, encaminhou-se para a voragem, com uma impetuosidade medonha.

No ar, retumbavam os lamentos, as préces, as maldições, tudo confundido na confusão d'um terror louco. E já se distinguiam claramente, a poucas milhas, emergindo das aguas, entre o cavado das ondas, os negros rochedos proximos da costa, sobre os quaes o navio se ia despedaçar...

Pretendendo ainda encontrar uma taboa de salvação, a voz do capitão retumbou, com uma ultima ordem :

— Arriar os bateis !

Então, confusamente, n'um turbilhão tumultuoso de competencia, a tripulação arrojou se aos barcos, demorando, em vez de abreviar, o seu lançamento á agua... Emfim, organisou-se este derradeiro expediente, e foi já empunhando machados, e ameaçando de morte os que não respeitassem as suas ordens, que o capitão e



o piloto conseguiram fazer-se escutar para determinar a embarque:

— Vós em primeiro lugar, senhor Diogo Alvares! — disse o capitão; — vindes a bordo como passageiro. . .

— Enganaes-vos, capitão! serei o ultimo a embarcar; e não percaes tempo em insistencias inuteis, que a minha resolução é inabalavel. . .

— Mas é impossivel! . . .

— Respeitae a minha vontade! De contrario, irei buscar a patente do rei, com que venho n'esta não de armador, e que em certos casos me dá auctoridade superior á vossa. . .

— Basta, senhor! Sois um valente mancebo, e honro-me em vos obedecer. Embarquem os mais velhos! — ordenou o capitão . .

A difficil passagem para os bateis, no meio d'aquelle vertiginoso correr do navio, fez-se entretanto depressa, tal era a ancia dos desgraçados em o abandonarem, na certeza de que em breve se despedaçaria de encontro ás rochas.

Um só batel faltava para receber os ultimos foragidos, quando em torno do navio começaram a surgir, nas occasiões em que as vagas mais fundo cavavam, negras pontas de rocha. A costa, e os grandes rochedos, estavam apenas a algumas centenas de braças. . .

— Depressa! Depressa! — exclamou o capitão — estamos já nos recifes! O navio vae bater!

A ordem cumpriu-se, e só ficaram no convez da não, já desprovida d'amurada, que os mastros e vergas cahindo tinham arrazado, o capitão, Diogo Alvares e Carrijó, que não se afastava do lado do cavalleiro.

— Embarcae! Ordenou o mancebo ao capitão. . .

— Quereis deshonrar-me? — interrogou este. — O capitão deve ser o ultimo a abandonar o navio!

— Em nome d'el-rei assumo o commando — replicou Diogo Alvares — abrindo o justilho e mostrando o alvará.

— Obedeço! — respondeu com desespero o capitão.

— Quereis morrer, bem o vejo! — e saltou para o batel.

N'este momento, como para confirmar as palavras do capitão, um choque violentissimo fez parar subitamente o navio, entre o fragor horrivel do casco despedaçando-se; e as ondas, ressentindo o choque, afastaram do navio o fragil batel, envolvendo-o e fazendo-o desaparecer no abysmo das vagas...

— Perdidos! Santo Deus! Perdidos!—exclamou Diogo Alvares desesperado ..

A não, encravada entre as rochas escondidas sob as ondas, e sacudida por ellas, rangia desconjuntando-se. A agua apparecia já pelas escotilhas da segunda coberta, ao passo que o navio se ia submergindo.

— Salvemo nos, senhor!—exclamou Carijó.

— E' tarde,—respondeu Diogo Alvares.

Mas o indio, tomando um cabo, n'um relance, com pericia extraordinaria, passou duas laçadas uma em torno do busto do cavalleiro e outra ao seu proprio tronco.

— Vinde! Mando-vos eu agora, em nome da rainha, a quem jurei velar por vós, ou morrer convosco!

E como o mancebo o olhasse espantado, tomou-o nos braços, como se fôra uma creança, correu para a pôpa da não, ainda sobranceira ás vagas, no seu extremo firmou os pés, e distendendo as jarretas d'aço, salvou com um salto os destroços, que cercavam o navio, e foi cahir no meio das vagas, abraçado ao seu fardo.





VIII

Caramurú !



STAVA escripto que, de todos que iam a bordo da náó, os unicos que do naufragio escapariam com vida, seriam justamente os dois que não tinham já podido tentar a salvação nos bateis.

Estes em breve se tinham despedaçado, como o navio, de encontro aos recifes, de que o mar estava semeado n'aquelle nefasto ponto, para que a tempestade os impellira. Quando o tempo serenou, de quantos naufragos o mar arrojára á praia, dois apenas viviam : Diogo Alvares e Carijó !

Depois de uma lucta medonha com as ondas, o indio conseguira, evitando as rochas, nadar até á praia, rebocando o seu desfallecido companheiro, mas, chegados a salvamento, as forças tinham-lhe faltado emfim, e perdera os sentidos ao seu lado !

Foi o mancebo quem primeiro os recobrou, e depois d'uma oração mental, agradecendo a Deus tel-os salvado, cuidou de socorrer o seu salvador.

Falto de todo o recurso, n'aquella praia em que não apparecia um só habitante, recorreu ao unico meio de que dispunha, friccionando-o energicamente com as mãos, para lhe restabelecer a circulação no corpo inteiriçado e frio de pedra.—Depois de bastante tempo de anciosa espera, começou a cobrar alguma esperança. A forte organização do indio vencía a prostração motivada pela violenta lucta que travára com as vagas, o seu corpo ia adquirindo uma temperatura normal, começando a fazer movimentos inconscientes, sem ainda ter recobrado os sentidos. Diogo Alvares, animado por estes indícios, redobrou de energia nos seus esforços, e d'ahi a instantes soltava um grito de alegria, vendo Carijó abrir os olhos e sorrir-lhe dizendo :

— Se não fosseis vós, senhor ! ficaria dormindo o que nós chamamos : o somno dos afogados.

— Não ! Perdeste apenas os sentidos, em consequencia dos esforços que fizeste para me salvar... Eu é que te devo a vida...

— Pois que, graças ao Céu, as não perdemos, como os nossos desgraçados companheiros, tratemos de as conservar o melhor que pudermos...

— Não será facil, Carijó, assim arrojados a uma costa deserta...

— Deserta, não, senhor ! Antes o fôra...

— Que dizes ?!

— Não vos iludaeis com o facto de não verdes viva alma.—Não devem estar longe indios anthropophagos...

— Deixariamos de ser tragados pelo mar, para sermos devorados pelos homens ?

— Esse perigo existe, pelo menos ; e só pela nossa coragem e empregando os meios que a civilização nos dá poderemos conjural-o

Diogo Alvares olhou com espanto misturado de receio para o seu companheiro na desgraça, receiando que ella lhe tivesse feito perder a razão... Percebeu-o o indio, que accrescentou sorrindo...

— Estou em meu perfeito juizo, senhor, e garanto-vos que, em poucos dias, aqui teremos construido uma



pequena habitação, que tornaremos o mais commoda possível, e que fortificaremos!

— E tendes a varinha magica d'uma verdadeira fada para fazer brotar tudo isso das arcias e das rochas, que são tudo o que nos cerca?...

— E' que não contaes com as aguas do mar!...

— Então?!

— Deixae que a maré baixe, e vereis como poderemos ir, quasi a pé enxuto, até aos rochedos agora cobertos d'agua, em que o navio está encravado.

— Será possível?!

— E' assim a costa n'estas paragens. D'elle poderemos ir tirando quanto contém.. A nossa salvação está apenas dependente d'uma circumstancia...

— Qual?

— Que os indios não appareçam antes de nos termos fortificado e lhes podermos resistir e queiram apossar-se dos despojos do naufragio, antes de nós...

— Mas que havemos de fazer?...

— Por agora, recuperar forças e esperar que o mar desça... Como sempre, depois das tormentas, a agua baixará extraordinariamente... Escondamo-nos nas rochas buscando algum alimento...

— Alimento?!

— Excellente e fortificante... ides comer mariscos de tal virtude, que só com elles vos sustentareis toda a vida.

A segurança, a tranquillidade com que o indio falava, incutia no animo de Diogo Alvares uma crescente confiança. — Demais, a sua fé em Deus, que os salvára do naufragio, era illimitada, e do seu poder estava tendo a prova no espectaculo magnifico da natureza que os cercava, a lembrar-lhe que n'ella havia todos os recursos naturaes dados pela Providencia para o homem viver.

Desapparecera a tempestade, e a bonança succedia-lhe, tornando maravilhoso o scenario que antes era horrivel de vêr, em logar da cerração e das trevas, a luz brilhante do sol magnifico; em logar d'um céu ne-

gro de tons ameaçadores, circumscrevendo um horizonte limitadíssimo, admirava-se agora uma esplendida abobada azulada, de pureza immaculada, a terminar n'uma linha quasi indistincta, em que se confundia com o mar, já adormecido completamente, d'um verde delicadíssimo, que a espaços parecia recamado de lantejoulas, com os reflexos do sol. As mesmas rochas, que se erguiam ao fundo do areal que iam atravessando, já não pareciam negras e tenebrosas, mas brilhantes de palhetas crystalinas; para além d'ellas, um estreito braço d'agua mostrava-se transparente e quieto como um lago, e na margem fronteira começava essa vegetação admiravel das Terras de Santa Cruz, que enthusiasmára o mancebo desde a primeira vez que a vira, expandindo lhe o coração minhoto na contemplação d'um Minho de proporções colossaes. D'ahi chegava o concerto da natureza, nas vozes dos passaros e no murmuro das aguas correntes. E, para cumulo de satisfação, não havia signal em parte alguma de passagem recente de indigenas.

— Paremos aqui, eis um bom ponto de observação.

— Sim. D'esta gruta vê-se o mar, e não somos descobertos da outra margem do rio . . .

— E temos o manjar que vos prometti. Comei e diizei me se alguma vez em Portugal provastes marisco assim?—e o indio arrancou das rochas alguns mariscos cujas conchas destramente abriu . . .

— Parecem ostras, mas enormes e de magnifico sabor, respondeu o mancebo, satisfazendo com delicia as necessidades do estomago, que já o iam incommodando, e de que poderia dizer, como o famoso Bocage escreveu seculos depois em situação parecida:

«Se alguma palavra digo
«E o halito á boca puxo,
«Sobem as tripas e o buxo
«A espreitar se mastigo.»

Sentaram-se os dois companheiros no interior da gruta, e ali proseguiram na sua refeição. De subito,



Carijó, que não deixava de olhar attento para o mar, exclamou radiante :

— O navio! O navio! Começa a apparecer! Olhae!

Diogo Alvares dirigiu a vista para o ponto que lhe indicava, e só passados instantes é que a custo começou a perceber o casco da destroçada não encravada entre as rochas.

— Os meus olhos de minhoto estão para os teus de indio, como as arvores de Entre-Douro e Minho estão para esses gigantes de verdura que se elevam além do rio...

— D'aqui a duas horas, poderemos chegar á não, e se não estiver muito avariada, talvez fiquemos esta noite a bordo .. O mar será de leite por estes dias mais chegados e não a escangalhará mais por enquanto.

Com effeito, assim succedeu. Ao pôr do sol, os naufragos, depois de terem caminhado por entre uma verdeadeira floresta de rochedos ponteagudos, que o mar descendo ia deixando a descoberto, treparam ao cimo d'aquelles em que a não se achava engastada e saltaram para o convez.

Os rombos que o casco soffrera batendo nos recifes, muito numerosos, tinham dado sahida á agua, sendo-lhas por isso facil descerem até aos porões e constatarem que, salva a deterioração causada nas mercadorias, poderiam tirar do navio e aproveitar quanto n'elle havia.

— Precisamos de pôr quanto antes em logar seguro tudo o que encerra este nosso armazem..

— O que chamaes logar seguro?—perguntou o cavalleiro.

— Alguma caverna das rochas, a que o mar não chegue, e cuja entrada facilmente possamos defender dos meus patricios indios, que, mais dia menos dia, por ahi apparecerão...

— Ser-nos-ha difficil luctarmos sós contra numerosas hordas de selvagens.

— Enganaes-vos! Não perdi ainda a recordação do terror que eu e os meus companheiros experimentá-

mos a primeira vez que os portuguezes vieram a estas paragens. Julgámo-los entes sobrenaturaes, em razão dos navios em que andavam sobre o mar, dos instrumentos que tocavam, das armas com que se defendiam, de todos os meios, emfim, que lhes dá o seu adiantamento sobre as demais gentes.

— Felizmente, graças ao céu, temos á nossa disposição de tudo isso, porque este carregamento é completo.

— Armemo-nos antes de tudo, senhor. Jámais devemos andar sem armas, principalmente de fogo.

— A bordo ha um verdadeiro arsenal. A polvora dos barris é que poderá estar humida...

— O sol seccará...

— Mas temos a fina, dos mosquetes, em latas em que a agua não entrou de certo...

— O sol vae baixando. Se o entendeis, ficaremos esta noite de guarda ao navio, evitando que de fóra se veja luz; trabalharemos até á madrugada, a dispôr as primeiras cargas que amanhã transportaremos para terra, depois de termos escolhido o nosso abrigo entre as rochas.

— Approvo a tua ideia, Carijó.

— Também faremos uma visita á despensa, uma vez que Deus nos quer dar, por algum tempo pelo menos, melhores e mais variados alimentos do que os mariscos e a caça que matarmos...

— O sustento é o que menos cuidado me dá... Veríamos, como os naturaes, dos productos d'esta terra, a que a natureza tão liberalmente dotou...

— Mas isso, senhor, não póde ser para já. Enquanto não estivermos fortificados, e não conhecermos, sem sermos vistos, que especies de tribus vivem por estas paragens, seria temeridade arriscarmo-nos para o interior...

— Dizes bem.

Assim, trocando ideias e formando os seus planos, passaram a noite os dois naufragos dispondo as coisas para na manhã seguinte voltarem ás margens do rio

interior, a escolherem o ponto em que se fixariam provisoriamente.

De madrugada, tendo tomado uma boa refeição, e devidamente armados, dispunham-se a partir, quando subitamente Carijó exclamou :

— Que imprudencia iamos commetter !

— Então ?

— Não achaes que um de nós jámais deve abandonar o navio enquanto não estiver descarregado ?

— Mas . . .

— Eu irei procurar o refugio que precisamos, e vós, entretanto, ficareis de guarda ao nosso thesouro . .

— Reconheço em parte a razão do que lembras, mas por outro lado, se nos separamos, mais facilmente poderemos ser victimas, d'uma surpréza dos antropophagos.

— Senhor ! São diffíceis as circumstancias em que nos achamos, e é preciso entregar alguma coisa á sorte, confiando em Deus

— Seja, pois, como dizes . . . Parte, que melhor saberás do que eu escolher o nosso abrigo, e vae na sua santa guarda.

Sahiu o indio do navio, e Diogo Alvares ficou seguindo-o anciosamente com a vista. Sem saber porquê, dominava-o estranha inquietação ; um negro presentimento o assaltava, de que o seu fiel companheiro corria para uma fatalidade, para um grande perigo. E assim esteve por algum tempo, luctando com a tentação de o seguir, e o dever de não abandonar a guarda do navio, de que se encarregára.

Não despregava os olhos da direcção seguida por Carijó, que se distanciava, sumindo-se por entre as rochas, e reaparecendo nos claros de areal que havia entre ellas . . . Ia já a bastante distancia, quando, subitamente, o cavalleiro soltou uma exclamação de terror :

— Os antropophagos ! Está perdido !

E sem pensar em nada mais do que no perigo que o seu companheiro corria, Diogo Alvares lançou a mão ao mosquete que tinha ao seu lado, e saindo da não partiu a correr em seu soccorro . . .

O perigo era effectivamente imminente, porque o pobre Carijó seguia o seu caminho, sem desconfiança, indo no seu encalço os selvagens, que se escondiam entre as rochas, de certo com o fim de só lhe cahirem em cima em ponto apropriado á surpresa.

Em quanto corria, vinha á lembrança de Diogo Alvares a cilada de que resultára a morte d'um valente rapaz, durante a primeira viagem que fizera com Vespuccio. Tambem os antropophagos o tinham seguido escondidos, até que, na sua frente, surgiram algumas indigenas, caminhando para elle com maneiras affaveis, inspirando-lhe confiança, entretendo-o, emquanto as que o seguiam o feriam á traição, pelas costas.

Temia o mancebo vêr esta tactica subitamente empregada contra o seu companheiro, estando elle ainda longe, e por isso, levava o mósquete prompto a disparar, unico meio que tinha de encurtar a distancia que o separava dos inimigos...

Outra, porém, era a intenção dos indigenas. Depois o souberam os dois naufragos. N'aquelle momento, os selvagens achavam-se, acima de tudo, admirados pelo inesperado encontro d'aquelle homem, vestido estranhamente, mas igual a elles na côr e nas feições. A curiosidade, mais do que o proposito de o atacar, os fazia segui-lo, escondidos, para surprehenderem o seu destino, o ponto a que se dirigia, o que vinha ali fazer. Entretanto, Diogo Alvares avançava tão rapidamente, que ao chegarem ao extremo da zona das rochas estava apenas a uma centena de passos dos selvagens, os quaes não suspeitavam que eram seguidos, da mesma forma que seguiam Carijó.

No momento, porém, em que este dava os primeiros passos no areal descoberto, voltou-se, de certo para vêr se d'ali descobria o navio, e, dando com os indios, ficou um momento perplexo e aterrado.

Pela sua parte estes, vendo-se descobertos, trataram de se apoderar do perseguido, cercando-o, em quanto o que mais perto se achava corria para elle, pretendendo lançar-lhe as mãos.

Diogo Alvares, vendo isto, visou o selvagem e disparou.

Ouviu-se a detonação do tiro, o primeiro de certo que retumbava em tal lugar, e o desgraçado, varado por uma bala, como que deu um salto estendendo os braços para o céu, cahindo logo redondamente no chão.

Os que o seguiam, aterrados por aquelle successo imprevisito, e para elles sobrenatural, voltaram-se para o lado de que a detonação partira, descobrindo Diogo Alvares entre a fumarada produzida pelo mosquete, emquanto, como por effeito magico, de entre os arvores e moitas da outra margem do proximo rio, surgia multidão enorme de indios, homens, mulheres e creanças bradando, no auge do espanto e do terror:

— Caramurú!! Caramurú!!

Comprehendeu Carijó, n'um relance; a situação e o que diziam, e approximando-se rapidamente de Diogo Alvares, prostrando-se a seus pés, como se elle fôra um semi-deus, entregou-lhe o seu mosquete, dizendo:

— Estamos salvos! Disparae outro tiro! Já! Já!

Anteviu rapidamente o cavalleiro o que se passava, e apontou o mosquete a um grande albatroz que ia voando, ferindo-o de morte.

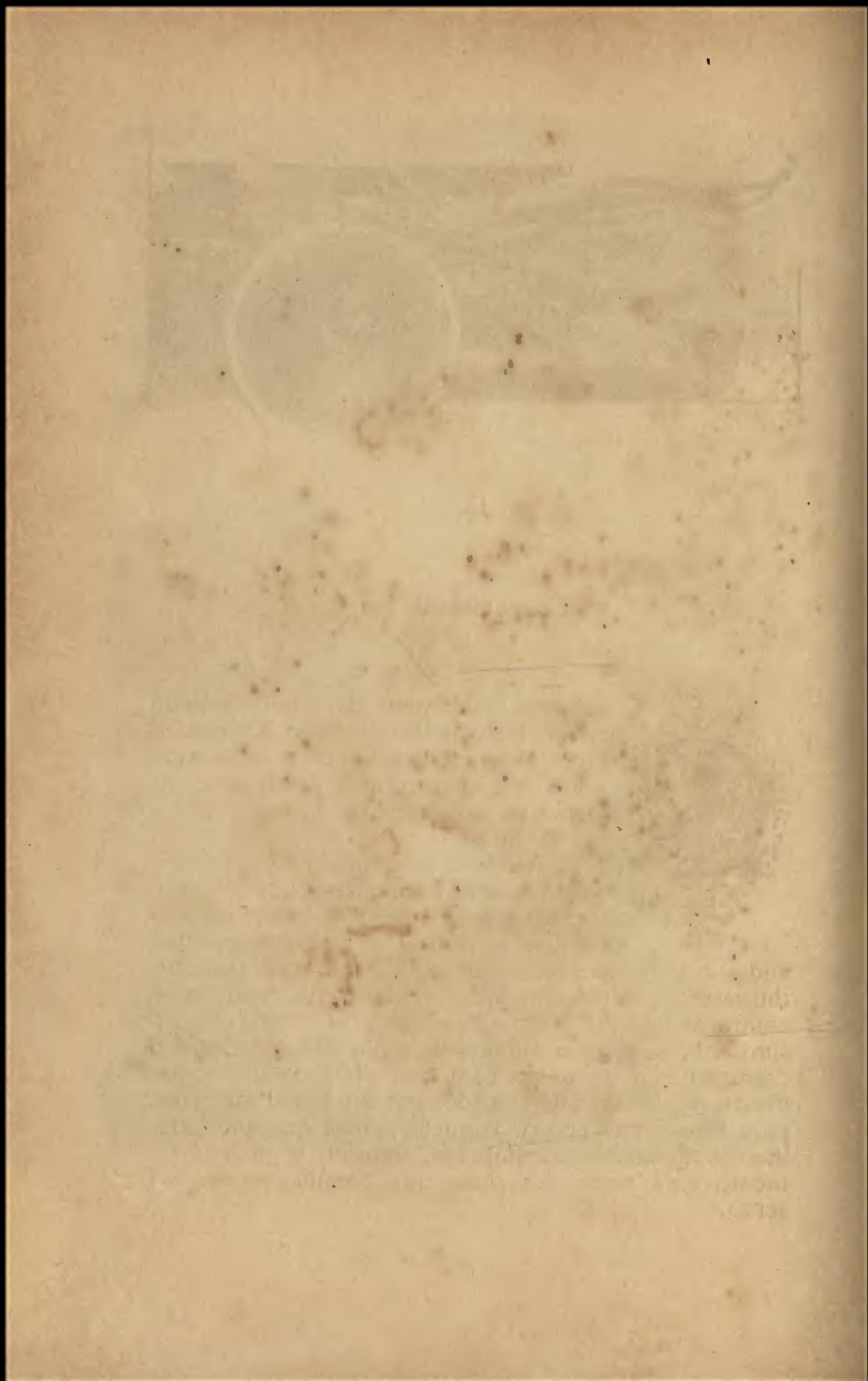
— Caramurú!! Caramurú!! — clamaram novamente os selvagens, com mais accentuado terror supersticioso; e emquanto a multidão não cessava de assim bradar, os indigenas que tinham seguido Carijó, approximavam-se d'este, e imitando os seus movimentos, prostravam-se aos pés do cavalleiro! (1)

— Para estas gentes, sois um ente sobrenatural — disse o indio, ajoelhado, ao mancebo; — fareis d'elles quanto vos aprouver!

(1) Os extraordinarios successos da vida do Caramurú, o fidalgo minhoto Diogo Alvares, que, junto á Bahia, naufragou em 1503, e ali se estabeleceu, são contados por Southey na sua *Historia do Brazil*.



— Caramurú !! Caramurú !! (Pag. 96)





IX

A favorita do rei



ARAMURÚ! «Homem de fogo!» tinham chamado os índios a Diogo Alvares. E entre elles estabeleceu-se a crença do poder sobrenatural que possuía, de exterminar, como quizesse, todos os seres viventes.

Seguindo o conselho de Carijó, revestindo-se de ademanos olympicos, prometteu o mancebo aos indígenas ajudar-lhes a destruir os inimigos com que andassem em guerra, o que elles accetaram com enthusiasmo, pedindo-lhe que á sua frente marchasse contra os tapuyas. Respondeu-lhes o cavalleiro que assim faria, logo que o ajudassem a pôr em segurança o carregamento do navio com que elle e o seu companheiro ali tinham sido lançados por um poder superior, para fazerem a ventura d'aquelle paiz, e que, para melhor os ajudar na sua empreza, transferiria provisoriamente uma parte dos dons que possuía, ao seu fiel servo.

— Em vez d'um «homem de fogo» — disse Carijó aos indios, — dois tereis, promptos a defendêr-vos contra os tapuyas: eu e o meu senhor, se o servirdes com fidelidade.

— Derrote elle os nossos inimigos— respondeu o mais velho dos caciques, reunidos em conselho á roda de Diogo Alvares e Carijó, prostrados em attitude submissa.

— Pergunta-lhes o que motivou a guerra que trazem com os tapuyas— disse o mancebo ao seu companheiro.

Transmittida a pergunta, o chefe respondeu, commovido, com as lagrimas nos olhos:

— Roubaram a minha filha querida, Paraguaçu! aquella a quem, por sua extrema formosura, deramos este nome, que é do nosso rio.

Carijó assim o disse ao cavalleiro, explicando-lhe que Paraguaçu queria dizer: *Rio Grande*.

-- O meu senhor vos promette libertar vossa filha!

— Assim o queira o Poder Supremo, que entre nós o enviou, e feliz serei se unindo-se com ella, crearem uma geração privilegiada, que faça a grandeza d'este paiz.

Rindo transmittiu Carijó a proposta do cacique a Diogo Alvares, aconselhando-o a que se acostumasse já a considerar o velho chefe indiano como sogro...

Caso extranho: o cavalleiro, que deixára o Minho acabrunhado por uma recordação saudosa que ainda em Lisboa não accetára as propostas de um novo enlace, feitas pela rainha sua protectora, agora não sentia essa instinctiva repulsão intima pela ideia de se unir a outra mulher. Não que a lembrança de D. Anna se lhe tivesse varrido da memoria; pelo contrario, estava ahi sempre presente, mas tendo como que uma significação de santidade. Parecia-lhe ser agora para elle um espirito de anjo tutelar, que dos céos o protegia e determinava os seus destinos na vida. E quanto lhe succedia era determinado por esse genio bom. Talvez que no fundo d'este phenomeno psychologico existisse apenas o facto dos instinctos, naturaes no homem na força



da vida, acordarem novamente em Diogo Alvares, ao contacto d'aquella exuberante e magnífica natureza, ao passo que a emoção produzida pelos extraordinarios successos por que ia passando, pelas alternativas de iminentes perigos e miraculosas salvações, apagavam successivamente no seu pensamento a impressão das desventuras soffridas nos seus primeiros amores. E a sua consciencia de cavalleiro, o seu mysticismo de christão, socegavam-se com a idéa de que, a unir-se ainda a qualquer mulher, seria por laços puramente terrenos, e não por essa verdadeira adoração que o ligára a D. Anna, sentimento como que succedaneo das suas crenças religiosas.

Animado por estes pensamentos, tendo largas e profundas vistas, Diogo Alvares comprehendeu quanto poderia ser util para a sua patria tornando-se chefe poderoso dos indios d'aquelles paizes. O amor da gloria reaccendia-se no seu pensamento, e ainda esta idéa se casava com a do seu culto pela recordação da que amára na terra, porque a ella attribuia a missão que lhe fôra destinada, sendo o unico portuguez salvo do terrivel naufragio da náó. Tinha, incontestavelmente, como portuguez e como cavalleiro, um alto destino a cumprir, no seio d'aquelle magnífico paiz, a que fôra arrojado como naufrago, mas a quem a Providencia punha ao alcance os meios de realisar grandes empreendimentos.

Possuido por estas idéas, crente agora no seu destino, Diogo Alvares sentia-se retemperado de tristezas e desalentos. As suas recordações saudosas transformavam-se em melancholia suave: tinha a cumprir na terra uma elevada missão, que era como que o prologo d'essa outra existencia, em que se uniria á que tanto amára. Esta missão era-lhe por ella commetida. Do paraizo ia seguindo a fórma por que o cavalleiro a cumpria, tornando-se digno e merecedor d'essa união, que seria o seu futuro definitivo.

Renasceu no mancebo um entusiasmo da vida, com que o seu companheiro se congratulou, sem deixar de

secretamente o attribuir a uma já nascente paixão por Paraguaçu, essa mulher de cuja maravilhosa belleza os da tribu falavam com uma especie de veneração, e que devia realmente ser extraordinaria, tão superior a qualificavam a todas as creaturas femininas d'aquella raça, geralmente formosa.

Tudo se dispoz, portanto, rapidamente, a fim de sem demora correrem a libertar a filha do velho cacique. Itagybe se chamava este chefe, que pressurosamente fazia executar aos da sua tribu as ordens do Caramurú para pôrem em logar seguro o carregamento da não antes de partirem ao encontro dos tapuyas.

Tomadas estas e outras disposições, puzeram-se em marcha, e passados alguns dias chegavam aos dominios dos seus inimigos, pelo cahir da noite. Prevenindo-se contra qualquer surpresa, os tapuyas seguiam o seu systema de accenderem, pela tarde, em torno do seu acampamento, fogueiras em que lançavam de continuo uma especie de pimenta, a cujo cheiro estavam acostumados, mas que muito incommodava os que não eram d'aquella região, e que produzia um fumo espesso que não deixava approximar o inimigo.

Contra esta estratégia, que já lhe haviam relatado, pensava Diogo Alvares empregar o meio decisivo da polvora. Tiros disparados de longe contra o centro do acampamento, haviam de prostrar subitamente alguns contrarios, e estes, cahidos como feridos por mão de genio invisivel, ao passo que se ouvia a detonação, espalhariam o terror no acampamento. Parecia-lhe facil poder sem receio usar d'este meio, por isso que os espias que Itagybe trazia ás suas ordens, e que tinham vindo enconral-o ao caminho, affirmavam que a captiva sua filha se não achava no acampamento, mas a pequena distancia, em uma habitação especial do chefe tapuya.

Ouvindo isto, acudiu ao pensamento do cavalleiro a idéa de, por um golpe de mão arrojado, a libertar, evitando a effusão de sangue de muitos homens, que já sabia serem apenas cegos instrumentos do malvado chefe tapuya.

Informando-se com o espião, por intermedio de Carijó, veio a concluir que a grande difficuldade a vencer estava em conseguirem atravessar a linha do acampamento inimigo, que defendia aquella habitação do chefe . . .

— Temos toda a noite por nossa; é tempo mais do que necessario — respondia Diogo Alvares ás observações de Carijó, que lhe mostrava a temeridade da tentativa . . . Compensará bem o risco que vamos correr, o podermos attingir o nosso fim, castigando o unico culpado e pondo termo a esta guerra entre povos que viviam como irmãos. Temos visto que só a paixão d'esse temido Mouy, um verdadeiro facinora, por essa pobre rapariga, de que dizem tanto bem, e a que ella não tem querido corresponder, determina esta guerra . . .

— E' fóra de duvida . . .

— E não menos digno de ser poupado é o sangue d'este velho, que deseja libertar sua filha das garras do malvado, do que o dos seus guerreiros, que se dispõem a morrer por uma causa que nada tem com os negocios da tribu, uma vez que Mouy declarou os não atacaria, a não ser que sustentassem o seu cacique n'este pleito . . .

— Tudo isso é confirmado pelas informações dos espias. Segundo é voz geral, o chefe tapuya deu á pobre Paraguaçu um praso que terminará amanhã á noite, para condescender em ser proclamada sua favorita, ou condemnal-a a duro captiveiro, e marchar contra seu velho pae . . .

— E' indispensavel castigar sem demora o infame! — replicou o cavalleiro energicamente, erguendo-se, affirmando-se uma resolução definitiva.

Sem que o reconhecesse, parecia obedecer a uma corrente de attracção para essa mulher de quem todos falavam, com maior elogio ainda de seus talentos e qualidades, do que da sua maravilhosa formosura. Carijó, que bem conhecia já o character do mancebo, via que a sua resolução estava tomada, e que nada o impediria de a pôr em pratica.

— Preparemo-nos bem, Carijó, com as informações dos espias. Vamos pedir a Itagybe para nosso guia um de absoluta confiança, e partiremos alta noite...

— Faça-se como quereis, senhor. . . já que não tenho auctoridade para vos contrariar...

— Deus nos dará meio de vencermos a difficuldade séria que vejo: atravessarmos a linha das fogueiras e a sua fumarada. Conseguido isso, o resultado é certo, e o golpe que vibraremos aniquilando o Mouy, consolidará de vez o nosso ascendente sobre estas gentes...

— E' fóra de duvida. Dizem os espias que a fama do vosso nome e do poder das nossas armas de fogo já corre entre os tapuyas; mas que o seu chefe tem feito propalar que se não trata, como dizem, d'um deus vingador, que vem a libertar a virtuosa Paraguaçu, mas d'um embuste inventado por seu pae para os intimidar.

O velho chefe dos goyanazes agradeceu commovido a Diogo Alvares a dedicação que mostrava pela libertação de sua filha, querendo acompanhá-lo e partilhar os riscos da difficil empreza.

— Não! — lhe observou o cavalleiro. — O golpe pôde falhar, e tudo ficaria perdido, se vós não podesseis em tal caso tentar um derradeiro esforço. Cumpre que fiqueis de atalaya, e que ataqueis o campo fortificado dos tapuyas, quando sentirdes o estrondo das armas que possuímos. Na perturbação causada pelo vosso ataque inesperado, o céu permittirá que libertemos vossa filha...

— Sim, que o teu grande saber e valor restitua a virtuosa Paraguaçu ao carinho de seu velho pae, e ditoso entregarei nas suas mãos e nas tuas o meu poder de cacique dos goyanazes...

A esta promessa, um significativo olhar dirigiu Carijó ao mancebo; este, porém, perturbado, máo grado seu, pelo que ouvia, e como receioso de que o ancião descobrisse esse mysterio que principiava a tomar vulto no seu espirito, replicou:

— Deixemos o futuro, que é mais do que incerto ainda, e cuidemos do presente, dos meios a empregar



para que possa tornar-se realidade, quanto á libertação de vossa filha.

Foram então combinadas as disposições a tomar, e horas depois, alta noite, quando todo o acampamento inimigo parecia repousar, e só velarem os escoltas a



... ahí tendes Paraguaçú! (Pag. 111)

quem estava commettido entreter as fogueiras defensivas, Diogo Alvares e Carijó, precedidos pelo guia, metteram-se a caminho.

Fazendo um largo rodeio, e caminhando por entre denso matto, onde seria impossível passar um corpo numeroso de atacantes, conseguiram dobrar um dos

extremos da linha de fogueiras, dirigindo-se para as cavernas em que o Mouy provisoriamente se acoitara com a sua preza. — Habitar em grutas naturaes, e em verdadeiras tocas abertas no interior da terra, era o costume dos tapuyas, tribu das mais rudes e guerreiras dos indios d'aquellas paragens. Mas ainda para maior precaução, no caso d'um ataque victorioso dos inimigos, fizera o barbaro cacique derrubar as arvores gigantes proximas da caverna, construindo com ellas uma palissada, cingida a estacas no chão cravadas, com fortes filamentos da planta chamada *cipó*.

Se por um lado, porém, esta precaução tornava mais difficil o accesso, por outro, permittiu ao cavalleiro e aos que o acompanhavam approximarem-se sem serem presentidos, e observarem o que n'aquelle verdadeiro antro de feras se passava...

Ardia no centro do recinto uma fogueira, e á sua luz distinguiram a torva e sinistra figura do chefe selvagem, que agitado passeava, como animal bravo em uma jaula, dirigindo animadas falas, acompanhadas de energica gesticulação, á prisioneira, que parecia implorar commiseração.

Entre os dois personagens erguia-se a chamma do brazeiro, illuminando a avantajada estatura do cacique, ao passo que o vulto de Paraguaçu ajoelhada, estendendo para elle mãos supplicantes, se recortava em escuro sobre o fundo brilhante das labaredas.

Sem que a distancia permittisse aos que acompanhavam Diogo Alvares ouvirem e traduzirem as palavras proferidas pelo feroz indio, a sua attitude, os seus gestos, o seu olhar, eram demasiado expressivos, para deixarem a menor duvida ao cavalleiro da sua paixão e sentimentos, repartidos entre as expansões de amor brutal e de impetuosa tyrannia, antevendo bem que ia chegar um momento de perigo supremo para o pudor da mulher, que manifestamente Paraguaçu luctava por salvar dos seus desejos ardentes. Ordenou por isso o cavalleiro ao guia que diligenciasse ir abrindo uma passagem na sebe, por onde podessem correr em soccorro

da victima, e entretanto Carijó, attento, lhe transmittia algumas palavras que mais distinctamente lhe chegavam aos ouvidos, entre as que trocavam o Mouy e a prisioneira.

— Promette-lhe não atacar os goyanazes, se quizer ser sua favorita, — informava-o Carijó. — E' pois verdade o que temos ouvido: só a paixão do Mouy promove esta guerra. Agora, ameaçou-a de morte, se não cede ..

E como a confirmar esta informação, o cacique avançou para a filha do chefe goyanaz com um gesto ameaçador. Instinctivamente, o cavalleiro apontou-lhe o mosquete por uma pequena abertura da palissada, prompto a desfechar.

N'este momento, porém, um incidente imprevisto, que a todos causou a maior impressão, veio suspender o desfecho fatal, imminente. Paraguaçu, no auge do terror e do desespero, arrancou violentamente um adorno que trazia ao pescoço, com os collares de marfim e coral, estendendo as mãos empunhando-o, como se fosse uma arma com que buscasse defender-se. Distinguiram os dois christãos o que era, e Diogo Alvares exclamou attonito:

— Um crucifixo!!

E sem formular outra idéa mais do que a da imperiosa necessidade de salvar a misera, no momento em que o selvagem, depois de uma feroz risada de escarneo e desprezo pelo symbolo sagrado, a que Paraguaçu implorava a salvação, avançou ainda, estendendo as mãos para lh'o arrancar, Diogo Alvares não poude conter-se, desfechando o mosquete; e ao mesmo tempo que o silencio do acampamento era perturbado pelo estampido do tiro, o feroz Mouy cahia aos pés da sua victima para não mais se levantar!

N'este momento, o guia vinha participar a descoberta de uma passagem a poucos passos:

— Depressa! Depressa!—disse o cavalleiro para Carijó; — arrebatemos a desgraçada, antes que dêem por nós...

— E' impossivel, senhor! Já as sentinellas dão rebate. A detonação attrahe-as para aqui. .

— Vinde! — e emquanto atravessavam a sebe, correndo para o lado de Paraguaçu, concluiu: — executaremos o plano ajustado: faremos fogo até que os goyanazes ataquem o acampamento.

Paraguaçu, com a rara penetração do seu espirito, comprehendeu logo que devia a salvação ao *Caramuru*, ao homem de fogo, esse ente sobrenatural de cujo apparecimento nos estados de seu pae correrá já a noticia por todas as tribus do paiz, e debulhada em lagrimas arrojou-se-lhe aos pés a testemunhar-lhe o seu reconhecimento.

Ergueu-a o mancebo com modos carinhosos, proferindo as poucas palavras de goyanaz que sabia capazes de a socegar, e ficou maravilhado com a sua extraordinaria formosura, quando Paraguaçu ergueu para elle os olhos, perguntando-lhe com anciedade por seu velho pae!

O que lhe tinham dito ficava muito áquem do encanto d'aquella creatura! Era um verdadeiro phenomeno, em que a natureza parecia ter concentrado quanto na sua bella raça havia de mais apreciavel. Não era branca, como a dos europeus, a sua pelle, mas não tinha tambem a côr de bronze avermelhado dos indios; era a da mais ideal das creoulas, havia por certo muitas europêas que seriam trigueiras ao seu lado. Os cabellos, que lhe cahiam quasi até aos pés, eram negros como o ébano, e todas as suas fórmãs tinham a pureza correctã d'uma Venus da antiga estatuaria grega. Para mais lhe realçar a belleza, concorrera a anciosa amargura do captiveiro, que a não deixára pensar um momento em fazer a *toilette* propria das mulheres indigenas: a pintura do corpo em desenhos caprichosos de variadas côres, e os complicados penteados guarnecidos de pennas, conservando por traço apenas um saiote das mais finas plumagens verdes de papagaio e de outras aves, tecidas com fios de algodão.

Acabava o cavalleiro de a fazer erguer, pedindo a

Carijó que a tranquillisasse a respeito do cacique seu pae, quando atroaram os ares gritos de guerra! — Era todo o arrayal que se erguia, correndo em soccorro da habitação do chefe atacada.

— Não tardam ahi os inimigos, — exclamou aterrado o guia para Carijó...

— Senhor! disponhamo-nos para a defeza, — observou este ao mancebo.

— Nada mais temos a executar, do que o que foi combinado: enquanto eu faço fogo, carregas tu' o outro mosquete...

— Começae, pois, que elles ahi estão!

O alarido redobrava, medonho, á entrada da caverna, e o cavalleiro só teve o tempo necessario para conduzir Paraguaçu, louca de terror, para um reconcavo da gruta, em que ficava ao abrigo das settas tapuyanas. E logo voltando, desfechou o mosquete, que o indio lhe deu, carregado de metralha, contra o grupo de endemoninhados selvagens que pretendiam entrar na gruta, e para o seu interior disparavam algumas frêchas, que, por felicidade, não attingiram os defensores.

Comprehendeu o cavalleiro que esta falta de pericia, para estranhar n'aquelles atiradores eximios, que com uma frêcha atravessavam as aves no seu vôo, só podia vir do terror supersticioso de que estavam possuidos a seu respeito. Bem se denunciava na algazarra com que reciprocamente pretendiam animar-se, sem comtudo algum tomar a resolução de avançar, embora sacrificando a vida, até lançar as mãos ao inimigo, como era o costume dos indigenas na guerra, e sobretudo dos tapuyas, uma das mais ferozes e rudes entre as tribus indias de Santa Cruz, como o demonstrava o torvo aspecto d'esses verdadeiros demonios, que se agitavam á entrada da caverna, medonhos na sua tez acobreada, com os cabellos rapados desde a testa até meio craneo, os beiços, o nariz e as faces furadas e atravessadas por espetos feitos com ossos de animaes, e o corpo todo pintado ás riscas de variadas côres.



Horriavel foi o resultado do tiro de metralha disparado por Diogo Alvares, derrubando quantos indios se achavam á frente dos atacantes. Tomados de panico, os que se lhe seguiam, lançando-se por terra, passaram a implorar esse ente sobrenatural, repetindo tambem a palavra: Caramurú! Caramurú!! No mesmo momento, porém, ouviu-se o grito de guerra dos goyanazes, que, segundo o plano ajustado, atacavam o campo inimigo mal tinha soado a primeira detonação.

Anteviu o cavalleiro que, nas circumstancias que se davam, muito podia fazer com o seu prestigio para evitar uma inutil carnificina, e quanto lhe convinha mostrar-se clemente, a par de invencivel.

Ordenou, pois, a Carijó que, secundado pelo guia, sahisse soltando o grito de suspensão da lucta, o que este achou arriscado e só veio a conseguir disparando para o ar o seu mosquete, e aproveitando a estupefação que o fuzilar e o estampido da descarga produziam sempre entre os selvagens.

Deu-se então um caso singular: seguindo o seu uso de, como vulgarmente se diz, não conhecerem rei nem roque, os tapuyas só respeitavam como chefe o que na guerra obrava maiores proezas.

Nenhum outro respeito ou affecto os ligava ao chefe. Para elles, o chefe agora era esse terrivel *homem de fogo*, e mal as hostilidades cessaram, rompeu uina unanime grita proclamando-o cacique supremo!

Logo os *pagés*, os feiticeiros da tribu, verdadeiros oraculos em cujos vaticinios os tapuyas acreditavam piamente, e que se distinguiam por uma pequena cabaça pendurada na ponta d'uma frecha, ferindo lume com dois pequenos páos aguçados, accenderam as folhas seccas que as cabaças continham. Depois, aspirando o seu fumo, que breve os embriagou, começaram a dançar proclamando chefe o Caramurú!

Os oraculos pronunciavam assim um decreto a que a tribu só tinha de obedecer.

Carijó punha o mancebo ao facto d'estes detalhes, e Diogo Alvares, instruido como era, reconhecia todo o

alcance do poder moral sobre aquella gente, de que a sorte o revestia.

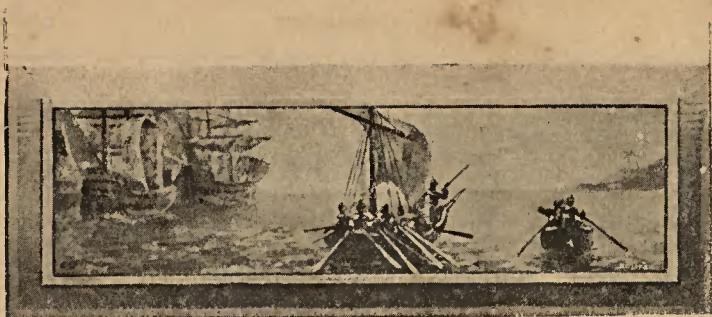
Inteiramente seguro, tanto mais que para elle a vida pouco interesse merecia, e os grandes lances tentavam-n'o, como a todas as almas arrojadas e crentes d'aquelles tempos de fé cavalleirosa, tomando pela mão a prisioneira, sahiu da caverna, dirigindo-se ao centro do arraial, por entre os selvagens, que se prostravam na terra á sua passagem. Ahi encontraram o velho cacique goyanaz, em cujos braços Paraguaçu se lançou, chorando de alegria.

Então os goyanazes, por seu turno, proclamaram a gloria do Caramurú, com as danças e canticos da victoria, ao passo que o ancião seu chefe, dirigindo-se ao cavalleiro e apresentando-lhe aquella a quem chamavam *Rio Grande*, lhe dizia:

— Cumpriram os tapuyas a sua lei, proclamando-te seu chefe. — Devo cumprir tambem a minha palavra: ahi tendes Paraguaçu! Será a tua primeira favorita, e com ella depois da minha morte governarás os goyanazes!

Mal o velho cacique pronunciára estas palavras, que Diogo Alvares comprehendeu pela mimica que as acompanhou, o seu espanto e surpresa attingiram um grau a que não tinham chegado com os maravilhosos casos que lhe succediam, ouvindo Paraguaçu, não em termos de protesto contra a determinação paterna, mas como se desse um persuasivo aviso ao cavalleiro, dizer-lhe:

— Sou christã!



X

O amor de Paraguaçu



ão passados dois annos sobre os acontecimentos que acabamos de descrever.

O Caramurú, assim denominaremos d'aqui por diante o nosso heroe, tem consolidado o seu poder de chefe dos goyanazes, havendo delegado em Carijó o governo da tribu tapuya, assente em dominios distantes d'aquelles em que o fidalgo minhoto se estabeleceu, no sitio denominado *Villa Velha*, que

mais tarde se tornou a séde d'uma importante capitania portugueza, e o germen da futura cidade da Bahia.

N'estes dois annos, a existencia do Caramurú não deixou de ser a de lucta moral, constante, dos seus sentimentos elevados e das suas aspirações de cavalleiro, com os factos positivos da vida, lucta que a sorte parecia ter-lhe destinado em partilha n'este mundo, a par de propicios successos.

No seu coração, disposto pela natureza para se entregar ao amor apaixonado, as recordações ainda vivas



de D. Anna luctam umas vezes, outras parecem irmanar-se e fundir-se no encanto maior da sua vida: o affecto que lhe merece Paraguaçú. Da parte d'esta mulher excepcional, mais captivante ainda pela elevação das suas qualidades, incompreensíveis n'uma filha de selvagens, do que pela sua formosura, ha muito sabe o cavalleiro que existe a seu respeito a mais funda paixão. E não obstante, elle, a quem as exigencias da situação, pela necessidade de não ferir as superstições dos chefes indios, tem obrigado a aceitar por mulheres as suas filhas, dando o ser a uma prole numerosa como as dos patriarchas antigos (1), a Paraguaçú, que todos consideram a sua primeira favorita, só o ligam laços moraes. Assim o velho cacique Itagybe, pae da bella Rio Grande, morrendo, pedira ao Céu que abençoasse aquella união, até ali esteril, com o nascimento de filhos.

A razão d'este verdadeiro phenomeno entre as mulheres goyanazes, tão ferteis na maternidade, era um mysterio só conhecido pelo cavalleiro e pela sua favorita. Provinha d'essa confissão, que deixára attonito o Caramurú, em que lhe disséra ser christã. Era com effeito christã Paraguaçú, christã pelo principio mais respeitavel para os sentimentos religiosos de todo o portuguez d'aquelles tempos: *christã, pela fé!*

Logo que o Caramurú conheceu bastante o dialecto goyanaz para a sós conversar com a formosa creatura, indagou a razão do que lhe dissera, e como viera ter ás suas mãos o crucifixo que sempre trazia ao pescoço, e ao qual implorára a salvação contra o attentado do feroz Mouy.

— Fraca memoria tendes, — lhe respondeu Para-

(1) Southey -- *Historia do Brazil*, v. 1.º, pag. 57. — «Os chefes dos selvagens se reputavam felizes aceitando-lhes elle as filhas para mulheres. Fixou Diogo a sua residencia no logar onde depois se ergueu Villa Velha e bem depressa viu crescer em torno de si tão numerosa progenie como a d'um antigo patriarcha. As melhores familias da Bahia vão entroncar n'elle a sua origem.»

guaçu; — esqueceis um facto que devia lembrar-vos toda a vida!

— Não vos comprehendo!

— Pois não me tendes dito conhecer minuciosamente os detalhes da passagem n'estes paizes do primeiro portuguez que aqui veio?

— Alvares Cabral?

— Esse mesmo!

— E então?

— Não sabeis que na vespera de partir ergueu uma grande Cruz em terra, celebrando a missa, e depois da cerimonia, os seus capitães e os frades distribuíram aos indigenas muitos pequenos crucifixos?

— Sim. Agora me recordo de ter ouvido contar a Nicolau Coelho, em Lisboa, que aos indios de Santa Cruz tinha dado todo o resto d'essas imagens sagradas que levára na viagem da descoberta da Índia.

— Isso mesmo.

— Mas, tenho ideia de que só indios presenciam esse acto...

— Enganaes-vos! Uma só mulher ⁽¹⁾ assistiu, a quem para esse fim deram fatos que lhe incobrissem a nudez. Foi a que me creou, porque, como já sabeis, não cheguei a conhecer minha mãe, — accrescentou Paraguaçu, com a expressão de tristeza que frequentemente havia nas suas palavras.

— N'isso ainda, a sorte nos fez irmãos.

— Irmãos! Irmãos! — exclamou arrebatadamente a india, acordando n'ella a paixão e o ardor dos sentimentos da sua raça. — Sempre essa palavra! a tornar impossivel a nossa união, que eu tenho por decretada por Deus! Por esse Deus que é vosso, que este crucifixo representa, e que eu respeito...

— E' que ainda não estás bem ao facto dos preceitos da sua religião. És christã, Paraguaçu! pela fé com que acreditas no Todo Poderoso, que ahí está repre-

(1) Sout'hey -- *História do Brazil*, v. 1.º, pag. 31.

sentado, e pela confiança com que a Elle tens recorrido nos lances mais difficeis da tua vida. Mas emquanto não receberes o sacramento do baptismo, e um sacerdote não realisar a nossa união perante Deus, seria offensa á sua lei tomar-te por mulher. . .

— Mas tomaes outras da minha raça!—observou Paraguaçú, com visivel ciume.

— Essas não acreditam como tu no meu Deus. . . Sacrifica-te . . . O sacrificio é a offerta mais valiosa que lhe podes fazer. . .

— Será como dizeis. Sei que não sois capaz de me enganar. As vossas palavras confirmam o que a minha mãe adoptiva me dizia ter ouvido aos linguas que traduziam as praticas feitas pelos sacerdotes da armada de Alvares Cabral, emquanto permaneceram n'este paiz. Mas se um dia tiverdes ensejo de voltar á vossa patria, ou se aqui vier un ministro da vossa religião, já o sabeis, se me não tomardes por esposa matar-me-hei. . .

— Para que fazes tão sinistro protesto? E' desnecessario. . .

— Quem sabe? Nunca me quizestes jurar que assim fariéis. . .

— E' inutil um tal juramento, — e o cavalleiro, dizendo isto, confundia-se e enleava-se, na lucta intima que se travava entre o amor que já nutria pela bella *Rio Grande*, e as recordações dos estranhos compromissos tomados consigo mesmo, no desvairamento da sua dôr, pela morte de D. Anna.

— Ah! que ditosa seria — exclamou Paraguaçú — se um dia visse a vossa patria, se pudesse beijar a mão á rainha, que vos quer como mãe!

— Sim! Sim! Portugal está sempre no meu pensamento, como no teu, Paraguaçú! Pede a Deus que breve tenhamos noticias da minha patria, graças aos meios que encarreguei Carijó de empregar.

A patria! Era, a par das suas ainda saudosas recordações, como o Caramurú dizia, o objecto dos seus pensamentos constantes!

Nada mais soubera de Portugal! Havia dois annos que se achava em Santa Cruz, e n'esse espaço de tempo nenhum navio viera á costa. Dispondo de enorme poder sobre as tribus d'aquellas regiões, tendo-lhes ensinado a aproveitar as riquezas d'aquelle paiz, tão dotado pela natureza, tinha a consciencia dos grandes serviços que podia prestar ao seu rei, collocando sob a corôa de Portugal aquellas regiões, e via-se impedido de o fazer por não ter meios de communicação.

Recentemente, ainda este estado se viera tornâr mais desagradavel, redobrando a súa inquietação e o ciume, chamemos-lhe assim, que sentia a respeito da Terra de Santa Cruz, como Paraguaçu sentia pelo seu amor, porque alguns indios de tribus mais distantes tinham vindo participar-lhe que homens christãos, não portuguezes, mas de outros paizes, que o Caramurú conjecturava serem hespanhoes e francezes, andavam em competencia para se estabelecerem em varios pontos da costa.

Foi então que o cavalleiro chamou junto de si Carihó, ordenando-lhe uma exploração aos logares indicados, para averiguar o que se passava, esperando, como dissera a Paraguaçu, anciosamente a sua volta.

Afinal, depois de longa demora, voltou o suzerano do Caramurú, a participar-lhe que em alguns sitios da costa encontrára, entre os indigenas, degredados portuguezes, deixados por navios que ali tinham passado havia bastante tempo, mas que nada mais podiam dizer-lhe senão que d'uma vez tinham avistado navios que lhes pareceram de Castella, mas que não se tinham approximado. Foi ainda assim grande a alegria do Caramurú em saber que, embora distantes e de má especie, existiam compatriotas seus n'aquelles paizes, tratando de se pôr em relações com elles, principalmente para que, podendo chegar á fala com alguma armada que passasse, dessem aviso da sua estada ali.

N'esta situação decorreram alguns annos, nos quaes o Caramurú viu crescer o seu poder e riqueza.

Um dia, quando menos o esperava, appareceu um



enviado de Carijó a prevenil-o de que se não ausentasse para o interior, como muitas vezes fazia, por lhe constar terem sido vistos de terra alguns navios, que, mais para o norte, perto do Cabo de Santo Agostinho, tinham carregado pão brazil, segundo o avisára um d'esses degredados, promettendo-lhe importantes noticias, que por um pratico transmitiria ao Caramurú, mal as conhecesse.

Pouco depois, era o cavalleiro emfim inteirado de factos importantes, que iam assignalando a competencia de portuguezes, castelhanos e francezes, sobre o mar, nas paragens de Santa Cruz, e cujo objectivo eram as riquezas do Oriente e a posse de dominios nas Indias Occidentaes.

Soube que o rei de Castella, com o proposito de tomar posse da costa que Vespucio descobrira sob a bandeira de Portugal, enviara uma armada, com a qual se dava o estranho facto de ter dois chefes: eram Vicente Ianés Pinzon e Juan Dias de Solis. Com o fim utopista de evitar discordias entre elles, pertencia a Solis determinar o rumo a seguir, consultando o camarada e os pilotos. Chegariam os navios á fala todos os dias de manhã e á tarde, e o navio de Solis levaria o pharol. Logo que tocassem em terra, Pinzon assumiria o commando e direcção de todas as operações. Não deviam tocar em ilha ou terra firme que pertencesse ao soberano portuguez.

Passado o Cabo de Santo Agostinho navegaram bastante para o Sul, tomando posse da costa e erguendo padrões formados por cruces. Levantaram-se dissensões entre os chefes, o que os fez regressar a Hespanha. Solis foi encerrado em uma prisão, e Pinzon recompensado. Era a injustiça que triumphava, como tantas vezes succede no mundo, reservando-se o destino mostrar mais tarde, evidentemente, a superioridade dos meritos de Solis.

Entretanto, D. Manoel protestára contra estes actos de posse, que reputára attentorios dos seus direitos e da linha de limites traçada por Alexandre VI para de-



terminar as zonas em que os descobrimentos pertenceriam a Castella e a Portugal.

Descoberto, como estava, o mar do sul, em que Magalhães havia de mais tarde encontrar a passagem do estreito pelo qual daria a volta ao mundo, mandou novamente Fernando o Catholico o afamado navegador, que lançára no carcere, e reconhecendo emfim o seu merito, a uma nova expedição.

Seguiu este até ao rio da Prata, que primeiro tomou por um mar d'agua doce, e convidado pelos naturaes para ir a terra, desembarcou seguido por pouca gente, com o secreto designio de apprehender um indigena que levasse para Hespanha.

Pela sua parte, os naturaes premeditavam trucidar os christãos, e, embuscando-se, cahiram de surpresa sobre elles. Solis foi morto, com os seus companheiros, a golpes de maça, despedidos pelos ferozes selvagens que demoravam então na margem norte do Prata, entre Montevideu e Maldonado, e os seus restos assados e divididos por esses antropophagos.

As náos da sua armada regressaram ao Cabo de Santo Agostinho, carregaram de pão brazil e voltaram a Hespanha.

O rei de Portugal reclamou a entrega d'estes carregamentos e das tripulações, para serem castigadas como contrabandistas, mas chegou a accordo com o rei catholico, mediante a troca dos prisioneiros dos dois paizes por delictos identicos.

A par d'estes successos, que vieram ao conhecimento do Caramurú, foi elle tambem informado de que homens de outra nação, os francezes, igualmente competiam para em Santa Cruz se estabelecerem, frequentando até ultimamente a costa, mais do que os hespanhoes, e entregando-se principalmente á pirataria, esperando no caminho as náos que voltavam da India carregadas de ricas especiarias, atacando-as e saqueando-as.

— Não comprehendendo — observou o Caramurú, ouvindo estas informações — como a este porto não tem vindo navio algum!



— E' porque, antes de aqui vos estabelecerdes, vieram duas náos francezas, julgando poderem tomar posse d'esta bahia, já descoberta pelos vossos irmãos, —lhe respondeu o goyatacaz que viera acompanhando Carijó, para o informar.

— Então ?

— Mas chegou dias depois uma armada de Portugal...

— De Portugal ?!

— Sim! Christovão Jacques se chamava o capitão-mór!

— Ah! Foi na segunda viagem de Vespuccio, em que fiquei no Minho... E o que se passou?

— Encontrou os francezes n'um dos reconcavos da costa, e quiz aprisionar-lhes os navios. Resistiram, acabando por serem mettidos no fundo. Alguns dos vossos irmãos, que ha dispersos mais para o norte, na terra firme do banco de Itamaraca, foram ahi deixados por esse capitão...

— Voltam então os francezes, mas agora por outras paragens?

— Sim. N'este momento, um navio seu está carregando páo brazil, proximo aos dominios da nossa tribu. De perto os tenho visto, indo a nado até junto da náó...

— Vós ?!

— Sou pescador de tubarões! — respondeu o goyatacaz com orgulho...

— Ah! Sois dos valentes que se acercam d'esses terriveis monstros marinhos, offerecendo-lhes como preza a mão armada d'um pequeno páo aguçado nas pontas, em que ficam encravados pela goela, na ancía de vos tragar ?!

— Tenho assim apanhado centenas d'elles, e feito muitos milhares de settas dos dentes com que me queiriam devorar!...

O Caramurú ficou por momentos silencioso, reflectindo. De subito, perguntou ao goyatacaz:

— Irmã como é a vossa tribu dos goyanazes, de que sou chefe, queres prestar-me um valioso serviço?...

— Estou prompto a obedecer-vos, Caramurú!...

— Sereis capaz de levar um presente meu ao capitão d'esse navio francez, convidando-o da minha parte a vir aqui?

— Partirei quando quizerdes...

— Amanhã! Esperae; comvosco irá Carijó, que mais facilmente se fará comprehender por elle...

— Como vos parecer. Só pretendo servir-vos, e assim o desejam todos os goyatacazes, que sabem do vosso poder e virtudes...

— Obrigado, valente pescador de tubarões!... Vae descançar, que de madrugada te porás novamente em marcha.

Despedindo assim o goyatacaz, queria ficar a sós com o seu dedicado Carijó. Logo que o pescador de tubarões se affastou, o Caramurú exclamou com signaes de viva satisfação:

— Creio que, emfim! poderei realisar os meus planos!...

— Que intentaes fazer? senhor!

— Ajustar com o capitão francez levar-me a Portugal...

— Será difficil obtel-o...

— Porque pensas isso?

— Esta ausencia persistente de navios na costa dos vossos dominios, tem para mim o character de propositada! Demais, é conhecido o vosso nome, assim como sabido é que vos chamam o *homem de fogo* e sois christão. Tapuyas, goyanazes, tupiniquins, goyatacazes, guaranys, todas as tribus, emfim, que do norte ao sul habitam as Indias Occidentaes, conhecem e apregoam o vosso nome. Se francezes e hespanhoes, frequentadores da costa, aqui não teem vindo, é porque lhes não convem conhecer-vos ..

— E como explicas que tambem não tenham vindo portuguezes?!

— Os portuguezes, agora, quasi só pensam nas Indias do Oriente e nas suas riquezas...

— Tendes razão! — exclamou o cavalleiro, com um

sentimento de profunda tristeza. — Ouro! Ouro! Eis o que em Portugal se pretende que as náos tragam dos novos paizes descobertos! Sem pensarem que ouro é o que ouro vale, e que tão grande riqueza ha nos productos d'uma terra abençoada por Deus, qual esta de



.. Viva ou morta, acompanhar-te-hei!... (Pag. 125)

Santa Cruz, como nas minas de metaes e pedras preciosas... E' por isso indispensavel que eu vá a Portugal para assim o dizer ao rei...

N'este momento, ergueu-se um dos pannos de riscas variegadas, entretecidos de pennas, obra de artistas indios, que servia de reposteiro a uma das entradas do

recinto da grande tenda do chefe goyanaz, e Paraguaçu entrou, ouvindo estas palavras...

— E eu irei contigo! Verei enfim a tua patria, conhecerei a rainha D. Leonor!

Pareceram estas palavras contrariar o cavalleiro, que nada respondeu, limitando-se a fazer signal a Carijó para se retirar, dizendo-lhe:

— Convoca para esta noite os caciques. Desejo communicar-lhes o meu plano...

O indio christão sahiu... Paraguaçu aproximou-se, affavel, mas timidamente, do Caramurú, e perguntou-lhe anciosa:

— Levar-me-has contigo, sim?

— Não é possível, Paraguaçu!... Mas descança... Em breve voltarei, trazendo de Portugal sacerdote que te baptise e nos case...

A favorita, no auge da maior afflicção, rompeu em pranto, dizendo a custo:

— Assim faltas á tua promessa?!

— E' que são imprevisas e graves as condições em que irei ao meu paiz...

— Se ha perigo, mais uma razão para te acompanhar!— E passando subitamente do estado de abatimento e passividade, ao de uma grande exaltação, acrescentou: — Confesso-te: escutei quanto falaste com o pescador de tubarões e Carijó, e descubro o teu pensamento: não tens, não podes ter confiança n'esses navegadores francezes, talvez corsarios ou piratas, que esperas... Vaes entregar-te nas suas mãos, cegamente, ardendo no desejo de tornar a ver Portugal e servires o teu rei! Ha dez probabilidades contra uma de que te lancem ao mar, ou te levem a França preso, para depois se apossarem do teu poder e dominio... Se queres um conselho meu, digo-te: espera que venham portuguezes! Se persistires em ir com os navegadores de França, ou te acompanharei, ou cumprirei o meu voto, pondo termo á vida!...

E a favorita, como quem disse a ultima palavra d'uma sentença irrevogavel, sahiu da tenda!...

O Caramurú, admirando intimamente mais esta prova da entranhada dedicação da formosa indiana por elle, e a penetração das suas vistas, ficou entregue aos seus pensamentos, que em turbilhão se revolviã, accordando e confundindo as recôrdações dos seus antigos affectos com as circumstancias presentes, as lembranças da patria e o desejo de a servir, com a incerteza e risco do passo que intentava, e no qual tudo podia perder, como lhe dissera Paraguaçu, em lucido ajuizar da situação...

Assim ficou meditando por longas horas.

Mais d'uma vez, Paraguaçu assomou á porta do aposento, para lhe trazer a refeição da tarde, mas não se animou a perturbal-o n'aquella cogitação, que tinha por salutar, e da qual esperava que resultaria o abandono do seu projecto. A noite desceu, e só então o clarão percebido atravez das janellas, o chamou á realidade, lembrando-lhe que estaria já reunido á sua espera o conselho dos caciques.

Assim era, com effeito. A pouca distancia da residencia do chefe, em volta de uma grande fogueira, estavam assentados os caciques goyanazes.

Segundo o uso, entregavam-se já ás libações d'um vinho extrahido de fructas, bebendo todos do cangirão de barro, que passavam de mão em mão, obrigando-se por esta cerimonia a observarem fielmente as resoluções tomadas em commum.

O Caramurú occupou o logar mais elevado, que lhe pertencia, bebendo tambem do cangirão que o mais velho dos caciques lhe veio trazer. Fez-se silencio, e elle assim lhes falou :

— Ha bastantes annos já que me confiastes a auctoridade suprema, bons goyanazes! e reciprocamente tomámos o compromisso de sustentar em Santa Cruz o poder da minha patria. Chegou a occasião de cumprirmos a nossa palavra, procurando eu dar-vos todos os beneficios produzidos pelo estabelecimento definitivo da soberania de Portugal na vossa terra, e vós ajudando-me a sustental-a.



Deteve-se o Caramurú um instante, e logo o mais idoso dos chefes respondeu :

— Quando essa promessa te fizemos, bebemos contigo, como agora, e jámais os caciques goyanazes faltaram ao compromisso tomado solememente. O que é preciso fazer ?

— Respeitar a auctoridade d'aquelle que eu deixar em meu logar, emquanto n'f e affastar de vós para ir a Portugal.

— Serás obedecido. Mas os teus dias, Caramurú! são preciosos para nós, e quizeramos que os não arriscasses sem consultar os *pagés*, para sabermos se serás feliz no que projectas fazer.

— Era esse o meu proposito, e os *pagés* vão ser ouvidos.

Como se tudo isto fossem formalidades já previstas, o cacique mais novo ergueu-se, e, soltando um grito especial, pareceu invocar genios invisiveis. Logo das sombras surgiu um grupo de *pagés*, feiticeiros, homens e mulheres, trazendo cada um espetada na ponta d'uma frecha a *maraca*, imitando cabeça humana, com boca, nariz, olhos e cabello. Accenderam dentro d'ellas as folhas de bétele que continham, e começando a aspirar o fumo que d'ellas sahia, se foram embriagando, e á medida que se embriagavam, começaram a dançar diabolicamente, entre gritos e cantares. Afinal, acabaram por ir cahindo successivamente no chão, e só ficou de pé o que parecia ser o chefe. A este pediu o Caramurú lhe dissesse qual o voto que tinham formado, ao que respondeu :

— Não fazem os goyanazes a guerra por cobiça de riquezas, nem para se assenhorearem de novos paizes. Tu, *homem de fogo!* pensas como elles, e só queres o seu bem, . . . pelo que o nosso deus nos avisa de que serás feliz no teu plano, e que os goyanazes te devem obedecer.

Os caciques ergueram-se immediatamente, prometendo observar o compromisso que iam tomar, e logo a amphora de vinho correu a roda, ficando sellada a



promessa feita por cada um de secundar o projecto do Caramurú.

Só Paraguaçu, quando o cavalleiro voltou á sua habitação, lhe disse sorrindo tristemente :

— A tua religião que me ensinaste, não me deixa considerar esses compromissos grosseiros firmados em crenças barbaras, em que a tua politica te obriga a fingir que acreditas. O que te disse está dito... Viva ou morta, acompanhar-te-hei!...

— Pois quê? recusarás ajudar-me, assumindo o poder, que teu pae nos legou, na minha ausencia?!

— Investi n'elle Carijó. E' homem, e teu fiel servidor. Melhor do que eu póde tomar esse encargo.

Nada respondeu o Caramurú, começando a preoccupar-se seriamente com esta intransigencia da que todos consideravam sua favorita.

Dias depois, um espectáculo extraordinario chamava á costa multidão de goyanazes. A poucas milhas da praia, tinham apparecido pela manhã fundeadas as duas náos francezas que se esperavam.

Profunda impressão causou a vista d'estes navios no cavalleiro, que havia tantos annos se achava inteiramente separado do contacto de europeus. No seu espirito revolviam-se agora um turbilhão de pensamentos elevados, no aneio de voltar á patria a offercer ao rei os valiosos serviços que em Santa Cruz lhe podia prestar, de lhe depôr aos pés todo o seu poder, e de ao mesmo tempo obter para a sua tribu, que lhe queria como a um pae, todos os beneficios da religião christã, e da civilisação de Portugal.

Ardendo n'estes desejos, o Caramurú mandou logo a bordo Carijó, a convidar o capitão a que desembarcasse.

Em breve voltou só, trazendo uma resposta que bastante admirou ao cavalleiro, e que era apenas o inicio das difficuldades que se haviam de oppôr á integral realisação dos seus projectos, convencendo-o successivamente de quanto eram difficeis de cumprir, em razão das competencias que então lavravam entre as na-

ções da Europa, nas Indias do Occidente. Recusava-se o capitão a vir a terra sem que lhe mandassem importantes refens, allegando para isso a morte tragica do navegador hespanhol Solis, que, em identicas circumstancias, se fiára em um convite dos selvagens.

Exasperado, o cavalleiro exclamou :

— Mas ignora o capitão d'essas náos, que eu sou portuguez?!...

— Tem ouvido fallar no *homem de fogo*, sabe que, como chefe dos goyanazes, vos chamam o Caramurú, mas não acreditou nas minhas palavras... Convidavos, se quereis, a ir a bordo; mas o meu parecer, é que deveis desconfiar d'elle como desconfia de vós. Mandae-lhe alguns chefes como refens, e que desembarque.

Assim se fez. Foram para bordo das náos alguns caciques, levando presentes do melhor que havia em terra, e pelo meio dia um batel largou de bordo da capitaina. Quando chegou á praia, o cavalleiro, por mal impressionado que estivesse com a desconfiança do commandante francez, não pôde dominar os impulsos do seu coração, vendo emfim um europeu e christão, e correndo a abraçal-o, disse :

— Deus vos traga aos dominios do Caramurú, que é filho de Portugal, christão como vós sois!

Estas palavras, ditas em hespanhol, que o capitão falava, convenceram-n'o da verdade do que até ali supuzera uma lenda, e affavelmente respondeu :

— Acredito agora que sois europeu como nós, e felicito-me por ter sido o primeiro navegante que a vossos dominios veio. Francisco I de França, meu rei e senhor, exultará quando ao voltar á patria lh'o fizer saber...

Remotamente acordou no espirito do cavalleiro uma impressão desagradavel, ouvindo estas palavras.

Era como um renascimento das desconfianças politicas e dos ardis diplomaticos, usados na vida da côrte, de que havia tanto se achava desacostumado pelo contacto simples e ingenuo dos selvagens. Respondeu pois



ainda, francamente, sem rodeios, como estava habituado :

— Muito respeito o poderoso rei de França, que será, creio, o successor de Luiz XII, que reinava quando a Europa deixei . . .

— Assim é . . .

— Acho natural que lhe deis pressuroso a nova de aqui me ter encontrado, mas deveis saber que estes dominios não são propriamente meus, pois que de ha muito pertencem a el-rei de Portugal, meu senhor ! Para ir á Europa renovar-lhe a minha vassallagem, como chefe de tribus d'estas regiões, conto com o vosso auxilio . . .

— E' impossivel, Caramurú !

— Impossivel ? !

— Sim !

— Como ? ! Pois recusareis a um christão, como vós sois tambem, o serviço de o transportar á Europa no vosso navio ?

— Não ! Não vos recuso tal serviço. Por feliz e honrado me darei, até, em vol-o prestar . . . Mas a par de christão sou francez, e nas condições da politica da Europa n'este momento, que vós ignoraes, mal serviria o rei de França se para o engrandecimento de outro poder, que não seja o seu, na Terra de Santa Cruz, concoissee por qualquer forma !

— Estão por acaso em guêrra os nossos paizes ? !

— Em guerra não, mas em competencia de poder e gloria ! . . . Francisco I de França, meu rei e senhor, costuma dizer com frequencia que não sabe quaes os dominios do mundo desconhecido, seu primo de Portugal lhe deixará para descobrir.

— Ah !

— Não estareis ainda satisfeitos, com as glorias de Vasco da Gama, de Bartholomeu Dias, de Alvares Cabral ? Com as conquistas repetidas na Asia e na Africa ? Do vosso grande banquete de fortuna e poderio, não : cedereis, se quer, umas migalhas para a França de S. Luiz, combatente pela fé e pela cruz, como o Portugal de Affonso Henriques ?

— Os homens são todos irmãos, e Deus creou mundo bastante vasto para que a todos pertença o seu quinhão de gloriosas descobertas. Ha de chegar a sua vez á França, como chegou a Castella e a Portugal...

— O céo vos ouça! Pela minha parte, como irmão estou prompto a servir-vos, comtanto que não prejudique o meu paiz...

— Nada mais desejo do que ser transportado ao meu...

— Isso, não o farei, repito!... Para mim, sois como um naufrago, que encontrasse perdido no mar: levar-vos-hei ao porto a que me dirijo, levar-vos-hei a França... Apresentar-vos-hei ao meu rei, e estae certo que vos não honrará menos do que o faria o rei de Portugal...

— Não duvido, mas antes queria ser posto na minha patria...

— Pois bem, vossa patria é tambem esta Terra de Santa Cruz, que estamos pisando...

— Decerto, pois que é portugueza...

— Não o contesto! Vinde comigo a França.—Sereis recebido por Francisco I, e depois, juro-vos que tornarei a reconduzir-vos aqui aos vossos dominios...

O cavalleiro, ficou alguns momentos silencioso, como a calcular os prós e contras da proposta. Depois, perguntou ao capitão francez:

— E como vos recompensarei?

— Deixae-me carregar as náos de páo Brazil.

— Seja! Vinde. Acompanhae-me á minha habitação, onde sellaremos o nosso contracto bebendo vinho de fructas do paiz, á saude dos nossos reis.

N'essa tarde houve animado festim na morada do chefe dos goyanazes, e quando já noite o capitão francez voltou a bordo estavam tomadas as disposições para no dia immediato começar o carregamento das náos, em que logo correu que o Caramurú embarcaria para ir ao seu paiz!

No meio da alegria geral, porque muito esperavam os indigenas dos beneficios que lhes traria da sua pa-

ria o chefe a que tanto queriam, só a pobre Paraguaçu dava cada vez mais signaes de profunda tristeza.

Inquietava-se o cavalleiro, com aquelle protesto silencioso, e conhecendo-lhe a força de vontade, e a persistencia nas suas ideias, temia que puzesse em pratica a ameaça já feita. Procurou pois novamente convencel-a:

— Paraguaçu — lhe disse — tinha reconsiderado, e estava disposto a levar-te comigo a Portugal como desajavas. .



Então, estendido junto a uma árvore, com a cruz da espada entre as mãos... (Pag. 146)

Um relampago de alegre esperança passou nos olhos e no semblante da india, que exclamou:

— E então?

— Mas não vou a Portugal e sim a França, onde pouco me demorarei... Em breve estarei pois novamente ao teu lado...

Novo abatimento e desespero se apossou da formosa indigena:

— Demasiado sei as razões porque o francez te não leva á patria... Maior é o perigo que vaes correr...

Quem sabe se te lançarão em uma masmorra, para mais facilmente tomarem posse dos teus domínios?!

— Razão de sobejo para ficares, e na minha falta te socorreres ao poder do rei de Portugal... Mais tarde ou mais cedo virão aqui navios seus...

— Porque os não esperas, então? Não tens esperado tantos annos?

— O tempo urge, os acontecimentos tem se precipitado na Europa. Em França facil me será conhecer bem e avaliar quanto se passa, e se não obtiver que Francisco I me envie a Portugal, facil me será ao menos escrever d'ali a D. Manoel e á rainha D. Leonor!... Conforma-te pois, Paraguaçu, com os meus desejos...

— Não! Persistes no teu proposito!... persistirei no meu!...

Por muitos dias, enquanto o carregamento dos navios avançava, andou o cavalleiro luctando comsigo mesmo sobre o que deveria fazer. Não lhe passava pela mente que as palavras de Paraguaçu representassem mais do que uma ameaça para o intimidar, forçando-o a leval-a comsigo, e teria cedido, se agora não comprehendesse realmente que ia correr grande perigo de não ser restituído aos seus estados. Não duvidava da boa fé do capitão francez, mas sabia que uma vez chegado a França o seu destino não lhe pertencia, mas á vontade do monarcha, ou melhor ao sabor dos interesses da politica, para os quaes a vida, e mais ainda as conveniências, d'um homem, nada são.

Resolveu pois, de accôrdo com o navegador francez, partir sem Paraguaçu dar por isso, dando a Carijó as devidas instrucções para a socegar e fazer conformar-se com o facto consummado. Tratou com o capitão indemnisal-o do resto do carregamento indo tomar páo Brazil na costa em que demoravam os tapuyas, a quem déra Carijó por cacique, e assim tudo combinado, certa noite em que se levantára máo tempo, afastando qualquer ideia de que os navios pudessem partir, ergueu-se por horas mortas, e dirigindo-se a uma pequena en-

seada onde tudo estava preparado para a fugida, embarcou em uma almadia ou piroga, que os remadores indigenas logo fizeram vogar em direcção ao pharol da não, que brilhava a distancia, entre as trevas nocturnas.

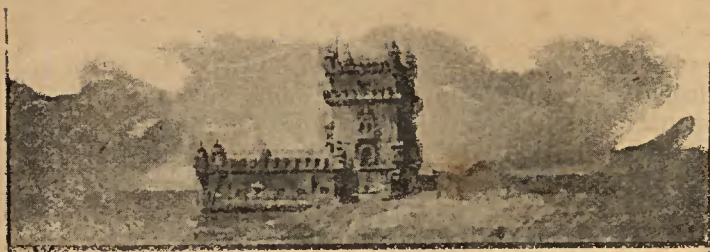
Logo ás primeiras remadas, ouvira o Caramurú, sentado á pôpa da embarcação, e acábrunhado com uma especie de remorso d'aquelle passo com que correspondia á dedicação de Paraguaçu, o choque como de um corpo cahindo na agua. Mas não deu maior attenção, julgando ser um jacaré. Passados instantes, porém, sentia gelar-se-lhe o sangue nas veias, reconhecendo a voz de Paraguaçu, pedindo soccorro . .

O instincto da conservação levára a desgraçada, lutando com a morte, a denunciar a loucura que commettera lançando-se ao mar para seguir a embarcação. (1)

Por ordem do cavalleiro alguns remadores se atiraram ao mar, e a custo, apesar da sua dextreza de nadadores, conseguiram salvar a bella e apaixonada india, que já se debatia com a morte.

Teve o Caramurú este tragico successo por um castigo e um aviso do céo, contra o seu procedimento, resolvendo seguir o destino que lhe indicava a Providencia, e trazer Paraguaçu a França e recebê-la ahi por esposa.

(1) Southey—Historia do Brazil, vol. I, pãg. 53.



XI

Na côrte de França



URANTE a viagem para a Europa, nas conversações quotidianas com o capitão da não, ficou o Caramurú inteirado dos successos occorridos em Portugal, em tantos annos que da patria não tivera noticias. Conheceu todos os factos gloriosos do reinado do monarcha *Venturoso*, e o fastigio a que chegára o seu poder; por isso, quando chegou a França, acostumado já á ideia d'aquella boa estrella que brilhava para a sua patria, e cujos reflexos esplendidos esperava fazer convergir para a Terra de Santa Cruz, sua patria tambem de adopção, foi muito desagradavelmente impressionado pela noticia da morte d'el-rei D. Manoel, a quem seu filho D. João III acabava de succeder no throno. De começo, porém, o honroso e affavel acolhimento que recebeu na côrte de Francisco I, não lhe permittiu fixar-se no caminho que aquelle inesperado successo lhe faria seguir.

Foi levado á côrte do rei de França, n'esse momento

estabelecida no historico castello de Blois, em cujos vidros o monarcha voluvel um dia escreveu com um diamante: *Souvent femme varie, bien folle est qui s'y fie.* Francisco I podia falar como mestre em questões de volubilidade, como rei essencialmente dado a aventuras, e a sonhos phantasticos de gloria, nascidos da sua primeira victoria em Marignan, e que por erros e imprudencias cavalheirosas o levariam mais tarde ao desastre de Pavia, do qual havia de escrever a sua mãe, Luiza de Saboya, e sua tutora politica, póde dizer-se; que tudo se perdera menos a honra!

O faustoso monarcha, não gostava de residir na sua boa cidade de Paris, cujos burguezes lhe eram mediocremente sympathicos, mas sim nos castellos da provincia, hoje em Emboise, amanhã em Saint-Germain en Laye, em Ancenis, em Angers, em Blois. Ahi desenvolvia um fausto espantoso, ahi resolvia campanhas contra os suissos, conquistas na Italia, guerras ou alianças com Carlos V, e até cruzadas contra os turcos, para que pedía a benção do papa Leão X, e o concurso dos reis de Inglaterra e de Castella. Já tivera demandas com o rei de Portugal por causa de invasões, não guerreiras mas commerciaes, nos seus dominios das Indias do Occidente, e não deixava de lhe sorrir a ideia de alargar os seus proprios dominios pelas novas partes do mundo descobertas, uma vez que por conveniencias da sua politica até promettia estados áquelles de cujo concurso precisava, como a Lourenço II, de Medicis, sobrinho do papa, que fizera casar com uma sobrinha do conde de Vendôme, e que se apossára do ducado de Urbino.

O capitão da não era amigo e partidario politico do almirante Bonnivet, o ministro de Francisco I, e chefe d'uma das duas facções que disputavam o favor real e o ascendente sobre o rei, competindo com a que tinha por cabeça dirigente a propria rainha mãe, de quem era parcial o chanceller Duprat que governava as finanças e a justiça, como o almirante os negocios externos e a guerra.

Incomparavelmente mais precioso do que todos os

possiveis carregamentos de páo Brazil, julgou o fino politico, o presente que o capitão lhe trazia ña pessoa d'esse cavalleiro portuguez, tornado chefe e verdadeiro rei de tribus indias de Santa Cruz, calculando bem como faria valer, aos olhos de Francisco I, a aquisição de um tal alliado, que suppunha capaz de esquecer a patria, pondo o seu poder ao serviço da França.

Foi n'este estado d'alma que recebeu o Caramurú, para captivar o qual usou de toda a finura e gentileza de que era capaz:

— Se a litteratura e a galanteria o não tivessem quasi feito perder o costume das funcções sacerdotaes, havia de ser o famoso abbade de Brantôme, meu amigo, que eu convidaria para celebrar o vosso consorcio, com a gentil princeza india que vos adora ..

— Grande honra seria para nós, senhor almirante!

— Maior vos está reservada por el-rei...

— Conheço já por tradição a bondade de sua alteza...

— Logo que volte a Paris, o que será em breve, de-seja el-rei Francisco I que o vosso casamento se realize, servindo-vos de padrinho, bem como a rainha...

— Não sei como agradeceremos a sua alteza tamanha honra...

— Não vos faltará meio de vos mostrardes reconhecido, pondo o vosso poder e prestigio ao serviço da França em Santa Cruz...

Desagradavel impressão causaram estas palavras do ministro ao cavalleiro, que respondeu:

— Dar-me-hei por feliz em o fazer, conciliando a minha gratidão com a lealdade que devo á minha patria e ao meu rei.

Sorriu o fino almirante, percebendo que andára demasiado, com os seus modos faceis de cortezão.

— Ah! vós peninsulares, castelhanos e portuguezes, sois admiravelmente ciosos da vossa honestidade patriotica... Socegae que vos não pretendo corromper...

— Quando chegar a Portugal, senhor! estae certo que farei todo o possivel, para que D. João III, occu-

pando Santa Cruz, como deve, considere especialmente o commercio, e os filhos d'esta nobre França, cuja civilisação me espanta, e que tão honrosamente me acolhe...

— Ah! Pensaes ir a Portugal?—perguntou distrahi-damente Bonnivet.

— Decerto! Não vos parece natural, senhor?

— Naturalissimo, cavalleiro! Mas, com franqueza vol-o digo, para vos poupar o dissabor de vêrdes recusado um pedido vosso por el-rei, e a Francisco I o de vol-o recusar: não faleis em tal por agora...

— Porque, senhor almirante?

— Porque, confidencialmente vol-o digo, estão muito escuros n'este momento os horisontes da Europa, e o que á primeira vista vos parece tão simples, complica com assumptos da mais alta importancia: Esperae, vos digo como afeiçãoado vosso, que já sou...

— Beijo-vos as mãos...

— Gozae, gozae um pouco as doçuras da vida na côrte de França. Bem o merece um illustre cavalleiro, como vós, ha tantos annos desterrado em paizes semi-barbaros. Casae-vos com a formosa princeza que vos acompanha, deixando-a educar-se na sociedade franceza, em que por sua belleza e qualidades se tornará distincta, e esperae o ensejo conveniente de servirdes ao mesmo tempo o paiz em que nascêstes, aquelle em que sois verdadeiro rei, e esta França, que, na pessoa de el-rei, meu senhor, e na d'este seu humilde servo, vos recebe de braços abertos...

Os sentimentos revelados n'esta primeira audiencia que ao Caramurú concedia o ministro de Francisco I, eram os que tinham de predominar em toda a sua longa permanencia n'este paiz.

O rei e a rainha foram extremamente affaveis e benevolentes para com elle e para com Paraguaçu, a quem escolheram o nome de Catharina, por ser o da rainha de Portugal, com que foi baptisada poucos dias antes do seu consorcio com o Caramurú. Entretanto, as condições da politica ambiciosa e irrequieta de Fran-



cisco I haviam de promover ao chefe dos goyanazes e tapuyas uma demorada residencia em França sem poder regressar a Santa Cruz, e sem tambem o deixarem seguir para a sua patria. Assumptos mais importantes ainda para o rei de França, mas determinados por principios identicos das suas vistas politicas, a emulação e inveja pelos successos e glorias dos outros soberanos, faziam-n'o esquecer momentaneamente as competencias com seu *primo de Portugal*, com respeito ás Indias do Occidente, para, a respeito não só das mesmas Indias, mas do predominio na Europa, mais ainda se exasperar com os successos do seu *primo de Castella*, o poderoso Carlos V, seu victorioso competidor na candidatura á corôa d'Allemanha.

Corriam, não obstante, para o imperador e rei, tempos bastante difficeis, com a agitação religiosa promovida na Allemanha pelas doutrinas propagandistas de Luthero, ao passo que a Hespanha em parte se achava ainda rebellada contra elle, contestando o seu direito á acceitação d'aquelle throno. Não se animára, ainda assim, Francisco I a declarar-lhe guerra, porque a despeza o obrigaria a renunciar aos seus prazeres e fausto, mas não perdia occasião de o incommodar por mil diversas maneiras, auxiliando o rei da Navarra, com quem o imperador se achava em luta, e dando tambem concurso aos senhores da fronteira allemã, contrarios a Carlos V, como Roberto de la Mark, duque de Buillon e senhor de Sédan.

Por estes motivos, o Caramurú foi ficando esquecido entre a agitação dos acontecimentos, e vivendo na côrte, passou a ser olhado como hospede permanente.

Esta situação tinha para elle encantos, que, sem o fazerem esquecer Santa Cruz e Portugal, o levavam a esperar com socego a occasião oportuna de, como lhe dissera o almirante Bonnavet, se resolverem os negocios que interessavam ás suas duas patrias, e entretanto a França ia tomando no seu coração um lugar assignalado.

Ao contacto da civilização d'aquelle paiz, Paraguaçú, por quem o cavalleiro, depois que a recebera por es-



posa, se achava absolutamente enamorado, enriquecia-se aos seus olhos com o maravilhoso encanto que a sua excepcional intelligencia e dotes do coração, cada dia mais demonstravam, convertendo-se em dama de tanta superioridade como fôra D. Anna.

Havia momentos em que o cavalleiro, que, de começo, sentia como que um pequeno remorso, ao vêr o amor que lhe merecia a sua joven esposa apagar um pouco essa recordação que tinha por um dever, de certo modo se justificava aos proprios olhos, capacitando-se de que era o espirito da que fôra objecto da sua primeira paixão que se achava encarnado na mulher a quem agora adorava.

E o que mais contribuia para afervorar este culto, era o reconhecer como Paraguaçú, assimilando todos os principios vantajosos do meio para que fôra transportada, d'esse outro, tão differente, em que nasceria, a ingenuidade ao mesmo tempo simples e perspicaz, que lhe fazia avaliar com justiça o viver da côrte, e aproveitar d'elle o que tinha de bom, sem se deixar invadir pelo que tinha de máo.

A galanteria para com as damas, não se considerava culpa, antes pelo contrario, na sociedade em que Francisco I era o exemplo a seguir, e assim, os mais experimentados adoradores tinham procurado discretamente render homenagens á que chamavam a *Formosa Rio Grande*, acabando sempre por reconhecerem a austeridade das suas virtudes, substituindo a paixão pelo respeito. Rindo, Paraguaçú era a primeira a relatar ao marido cada novo auctor de madrigaes que lhe eram dirigidos, sob a fórma de homenagens de admiração, tão correntes nas galantes festas da côrte, e no Caramurú revivia então o minhoto não isento de ciume, que lhe respondia:

— Se não fôra o meu grande empenho em conseguir o que desejo para bem de Portugal, partiria sem demora para Santa Cruz...

— Tens medo que me roubem ao teu amor?

— Não! Conheço bem quão leal e virtuosa és...

mas, por muito que admire a França e a sua civilização, esta vida corrupta da côrte, que somos forçados a frequentar, desgosta-me soberanamente...

— Nem tudo é máo n'ellas... Deves reconhecê-lo. Também temos encontrado damas e cavalleiros das mais solidas virtudes... O teu amigo Bayard, por exemplo!

— Ah! o bom cavalleiro Bayard! como todos lhe chamam. Esse não é homem, e quasi um santo. Quanto me faz lembrar o que em Portugal se dizia do príncipe D. Affonso, que todos consideravam mais um anjo descido do céu, do que propriamente um homem.

— Que noticias ha d'elle? Quando voltará á côrte?

— Mandou-me dizer que breve regressará do seu castello de Grenoble. Estes rumores de guerra, que se tem ouvido, hão de trazer para o lado de Francisco I o cavalleiro a quem chamam: *sem medo e sem mácula*... Tomára já que venha; conto com a sua protecção, que me prometteu, para destruir as duvidas estudadas, e demoras astuciosas do almirante Bonnivet em me deixar seguir para Portugal...

— E se t'ò prometteu, não deixará de o fazer...

— Seguramente. Bayard é para mim a personificação da honra, da justiça e da lealdade. Lembra-me a inteireza de Affonso d'Albuquerque, e a candura do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Com effeito, pouco depois, tornando-se imminente a guerra com o imperador da Allemanha, em razão da alliança de Francisco I com Henrique VIII da Navarra, a côrte veio para a capital, e o Caramurú encontrou-se com o bom cavalleiro Bayard, no historico palacio real *des Tournelles*, no momento em que elle, chegando de Grenoble, se apeava no pateo de honra em que mais tarde o rei de França Henrique II seria ferido mortalmente pelo conde de Montgomeri, em um torneio.

Bayard, o cavalleiro sem medo e sem mácula, era uma das figuras notaveis da côrte de Francisco I, e a par do condestavel de Bourbon, que depois lhe seria traidor, dos seus mais afamados capitães. Era grande

o seu valimento, de que pouco uso fazia em razão da integridade de character que o distinguia, e o afastava systematicamente dos enredos da côrte. Contrahira, porém, Bayard, sincera affeição pelo cavalleiro portuguez, interessando-o a série das suas aventuras, applaudindo do coração a tenacidade patriotica com que, reconhecendo as honras de que em França era objecto, se escusava a retribuil-as, faltando ao que devia á sua patria, e assim lhe promettera interessar-se com o rei para o deixar seguir para Portugal.

Alto, forte, de avantajada estatura, Pedro Terrail, senhor de Bayard, com a sua longa cabelleira e a sua espessa barba negra, realisava o typo d'uma d'essas naturezas de contraste, em que a doçura da fala, do olhar e das maneiras, temperam com uma expressão de bonhomia e affabilidade um aspecto physico de rusticidade e dureza. Ia para os cincoenta annos, e desde muito novo se tornára celebre nas campanhas dos precedentes reinados de Luiz XII e Carlos VIII.

Regosijando-se por o vêr finalmente, não perdeu o Caramurú o ensejo de lhe lembrar a sua promessa.

— Sabeis, sr. de Bayard! como anceo por vêr novamente a minha terra, o meu rei, e aquella que tanto me queria, a rainha D. Leonor. . .

— Comprehendo bem esses vossos sentimentos, amigo, depois de tão longa ausencia da patria, em que aquella que vos estimava como filho vive ainda, julgando-vos decerto morto, e farei por vos obter o que desejaes, como já vos prometti. . .

— Se quizesseis falar ao almirante Bonnivet. . .

— Falar-lhe-hia, decerto, se fosse apenas almirante, isto é, homem de guerra. . . Mas é tambem, e principalmente, político, especie que detesto. . . Porém hoje estarei com o rei, e contaes que breve irei vêr-vos e vos darei noticias do que com sua alteza passar a vosso respeito. . .

E o bom cavalleiro Bayard, entregando as rédeas do cavallo ao escudeiro que o seguia, dirigiu-se para a escada d'honra do palacio, onde de braços abertos o es-

peravam innumeros cavalleiros, alegres por revêrem o bravo dos bravos, que apparecia na côrte mal se começava a ouvir som de guerra... Francisco I accedera a que André de Lesparre, irmão da condessa de Chateaubriand, sua favorita e parenta do rei da Navarra, levantasse, nos termos do tratado feito em Noyon, um corpo de seis mil gascões, que invadiria aquelle reino, disputado a Carlos V. O sr. de Lautrec, irmão da mesma favorita, juntar-se-hia a esse corpo com trezentas lanças, e Bayard, devendo acompanhal-o, antes de partir para a campanha veio despedir-se do Caramurú e dar-lhe a sua resposta:

— E' natural — disse — que á conquista da Navarra se sigam outras emprezas contra o poder de Carlos V. Por este motivo, mais do que por competir com seu primo de Portugal vosso rei, Francisco I deseja reservar a sua acção nas Índias Occidentaes, em que pôde vir a ter necessidade de se medir com os hespanhoes...

— Nada conseguiste, pois, senhor de Bayard?...

— Não se pôde dizer isso; mas não obtive tambem o que mais desejavaes: poder seguir para Portugal...

— Então?

— Tudo o que alcancei, foi que el-rei ordenasse ao almirante Bonnavet que vos dê todos os meios de, querendo, voltardes novamente aos vossos estados; mas directamente de França, em navio que, segundo as suas instrucções, ali vos irá desembarcar...

Acabára o *bom cavalleiro* de pronunciar estas palavras, quando vieram entregar uma carta ao Caramurú. Abriu-a este, e percorrendo-a com os olhos fez-se excessivamente pallido, dando signaes da maior commoção...

— Que tendes? — lhe perguntou Bayard, assustado.

— Oh! Será possível? — exclamou afflicto o cavalleiro portuguez, falando consigo mesmo...

— Mas o que ha? — interrogôu novamente o heroe, receiando que aquella carta annunciasse alguma d'essas perfidias tão frequentes então, alguma ordem de prisão contra o Caramurú, sob um motivo futil, orde-



nada por Bonnivet, para não satisfazer a concessão por elle obtida.

— Lêde — exclamou o Caramurú, desorientado, estendendo-lhe a carta. — Preciso sair já, — continuou, buscando a espada, que começou a afivelar.

Bayard correu com os olhos o papel, e depois lançou-o com desprezo ao brazeiro que ardia na alta lazeira de marmore da sala.

— E' uma denuncia infame! — e como visse o Caramurú disposto a sair, tomou-lhe o passo, dizendo: — Mas o que ides fazer, cavalleiro? Não vêdes que vos deshonraes, dando ouvidos a tão indigna denuncia?!

O Caramurú deteve-se, hesitando. O seu grande amor por Paraguaçu, sobresaltado por uma delação anonyma de que n'esse momento ella estava realisando uma entrevista com um mancebo a quem frequentemente, dizia-se na carta, falava de manhã na egreja proxima de S. Diniz, em que todos os dias ouvia missa, acordava os seus sentimentos ardentes de peninsular e minhoto, desvairando-o o ciume, sem o deixar pensar serenamente. . . Felizmente, o bom cavalleiro Bayard, o prototypo da honra, da dedicação e da generosidade, estava ali para o aconselhar. . .

— Vossa esposa, meu amigo! é, não duvideis um só momento, a mais virtuosa de todas as mulheres. Algum galanteador despeitado com o seu desprezo, terá forjado esta vil denuncia. . . Não vos deshonreis dando-lhe ouvidos. . .

— Mas lembrae-vos que dizia poder eu mesmo certificar-me immediatamente. . .

— Seria procurando fazel-o que vos deshonrariéis. A confiança ou é sem limites, ou não vale nada. . . Supponde mesmo que chegaveis á basilica de S. Diniz, e que vicis vossa esposa falando com um homem! Acreditaes na palavra de Bayard: eu, se estivesse no vosso logar, e que isso me succedesse, nem assim acreditaria que essa conversação fosse criminosa. . . Paraguaçu não é uma mulher como as demais. . .

— Tendes razão, cavalleiro, — respondeu o Cara-



murú, cahindo de todo em si, e atirando o chapéu e a espada para cima d'uma alta cadeira de espaldar.

N'este momento, a porta abriu-se, e Paraguaçu, radiante de alegria e formosura, entrou, e fazendo encantadora venia ao bom cavalleiro Bayard, abraçou e beijou ternamente o marido.

— Então, sr. de Bayard! trazeis-nos boas novas? Podemos emfim seguir para Portugal?...

— Não, infelizmente...

— Ah!

— O mais que nos permitem é voltarmos para Santa Cruz — respondeu o Caramurú, dirigindo ainda, instinctivamente, um olhar prescrutador a Paraguaçu, a surprehender a impressão que esta noticia lhe causava...

— E porque não partiremos? se é impossivel irmos á tua patria!...

— Convem pensar maduramente .. Esperar mais algum tempo. Deixar vêr o que dá esta campanha da Navarra, para que ainda hoje parto. Póde mudar a face dos negocios, e as relações d'el-rei meu senhor com seu primo de Castella, reflectindo-se na sua politica nas Indias do Occidente, em que estão vossos domínios. Esperae, vos digo! e ficae na guarda de Deus, que breve sabereis noticias minhas, se os da Navarra me não derem fim á vida.

E o bom cavalleiro Bayard, beijando a mão a Paraguaçu, despediu-se abraçando o cavalleiro portuguez.

Logo que elle saíu, a formosa goyaneza, fechando todas as portas da sala, chamou junto de si o marido, dizendo-lhe com ares mysteriosos:

— Tenho grande nova a dar-te...

— Sim?— respondeu o Caramurú intrigado, passando-lhe pelo espirito que alguma coisa ia ouvir relacionada com a denuncia que recebera...

— Esta noite virá aqui, incognito, um joven abbade... a quem conquistei!...

Absolutamente intrigado com esta extraordinaria declaração, o cavalleiro a custo balbuciou:

— Gracejas? ou deliras? Paraguaçu!

— Nem uma nem outra coisa. Falo-te muito a sério, e estou em meu perfeito juízo...

— Não percebo...

— Vaes perceber. Ouve-me, porque ha dias ando em um verdadeiro martyrio, com receio que descobrisses o que tenho feito e o interpretasses mal, e ao mesmo tempo hesitando em te dar conhecimento da empreza que tentei, sem ter o seu exito assegurado... Custou-me a convencer o abbe, desconfiado e teimoso como teu patricio que é!...

— Meu patricio?!

— Sim. Hoje á noite, quando tiver passado a ronda dos suissos, e os sinos tiverem tocado o *couvre feu* (4), receberemos a visita d'um joven portuguez chamado Pedro Fernandes Sardinha, que em breve terminará os seus estudos de theologia, voltando a Lisboa. Toda a semana tenho levado a contar-lhe a tua vida, a pô-lo ao facto do que é a nossa terra, e a convencil-o de que se incumba da missão que secretamente lhe deres para el-rei de Portugal e para a rainha D. Leonor...

Cahiu o cavalleiro de joelhos ante a esposa, beijando-lhe as mãos reconhecido, no auge da alegria, reconhecendo a causa da infame denuncia, e não se atrevendo a confessar-lhe que um instante a desconfiança entrára no seu espirito.

— Oh! vale tamanho agradecimento tão pequeno serviço?

— Não é pequeno, é enorme! Conheces como aneio por fazer saber a D. Leonor que sou vivo, e ao rei D. João, seu sobrinho, que deve quanto antes occupar effectivamente os seus dominios de Santa Cruz...

— Pois esta noite conhecerás esse teu patricio, que se encarregará da missão que lhe deres, mas que só aqui virá muito raras vezes, porque tem medo de se

(4) Toque que n'aquelle tempo convidava os habitantes a entrarem em suas casas, em razão da pouca segurança das ruas durante a noite.

comprometer, sabendo como, a par das honras e ofertas que em França nos fazem, somos vigiados, e nos tem não só impedido de irmos a Portugal, mas até sequestrados do contacto com os raros portugueses que ha em Paris.

— Assim é, com effeito. Somos uns verdadeiros prisioneiros, encerrados n'este carcere dourado que se chama a côrte...

— Pois encarrega esse mancebo de quanto deve fazer na tua patria, e acceitemos a concessão obtida pelo bom cavalleiro Bayard, voltando quanto antes a Santa Cruz.

— Concordo com a primeira parte do que dizes, não com a segunda. Devemos, já agora, esperar mais algum tempo, como o bom cavalleiro disse, e vêr o que dão os acontecimentos.

Assim fizeram.

N'essa noite, largamente se entreteve o Caramurú com o joven licenciado seu patricio, o primeiro com quem se avistava em França, dando-lhe uma extensa carta para el-rei D. João III, e outra para a rainha D. Leonor, á cautella, receiando, por haver uma terceira pessoa que desconfiára das suas entrevistas com Paraguaçu, que suspeitas de ordem politica se levantassem a tal respeito, impedindo os de se tornarem a encontrar.

E bom foi que assim fizesse, porque em poucos dias o joven Sardinha recebeu ordem de voltar a Portugal.

Para desviar suspeitas, deixou-se ainda o Caramurú ficar em Paris, esperando o nascimento do filho que Paraguaçu lhe ia dar. Esta grande alegria havia porém de ser annuviada pela triste noticia, que então correu, da morte do valoroso cavalleiro *sem medo e sem mácula*.

A guerra tinha decorrido, e continuava, com fortuna vária para Francisco I e Carlos V, até que as intrigas em que ardia a côrte de França pelas competencias dos partidos dirigidos por Luiza de Saboya e pelo condestavel de Bourbon, determinando o processo inten-



tado contra este, em que lhe fôram confiscados bens que o rei doou desde logo a sua mãe, levaram o condestavel a atraiçoar o rei, passando para o lado dos hespanhoes. Então amiudaram-se os revezes de Francisco I, que haviam de ir até á sua derrota e prisão depois da batalha de Pavia, e entre elles se contou a retirada de Bonniwet da Navarra para Romagnano, em que Bayard encontrou morte gloriosa.

O seu pagem da lança chegou pouco depois á côrte,



O ferro envenenado produziu morte quasi repentina (Pag. 160)

carregado de lucto, e da sua boca ouviu o Caramurú a narração d'esse acontecimento, que ficou memoravel na historia: acossado pelos suissos, victoriosos já, o almirante Bonniwet collocára-se na retaguarda do exercito, posto de honra em que fazia frente aos inimigos que o perseguiam; mas ferido por uma bala, teve de ser substituido por Vandenesse, irmão de la Palisse, logo posto como elle fóra de combate. Foi então que o heroico Bayard tomou o commando da retaguarda, obrando prodigios de valor, ora investindo com os suis-



sos, que obrigava a recuar, ora reunindo as rotas fileiras do exercito francez, para que a retirada se não convertesse em fuga e derrota.

Uma bala o feriu mortalmente, quebrando-lhe a espinha. Cahindo, ordenou aos seus que o abandonassem e seguissem na marcha, e estendido no chão, junto de uma arvore, só cuidou de encommendar a alma a Deus, orando com a cruz da sua espada, que se quebrára na lucta, erguida nas mãos. Chegou á frente dos inimigos o réprobo condestavel de Bourbon, que se apiedou da sua sorte.

— Não vos apiedeis de mim -- lhe disse Bayard -- que expiro honrado; sou eu que me compadeço de vós, vendo-vos combater o vosso rei, a vossa patria e o vosso juramento!

As lagrimas corriam dos olhos do Caramurú, ouvindo narrar o fim glorioso do seu dedicado amigo.

Depois da sua morte, parecia-lhe achar-se inteiramente isolado em França, e assim, invocando a concessão que lhe obtivera, embarcou com Paraguaçu e o filho na primeira não que do Havre partiu para as Indias do Occidente.





XII

As capitânicas do Brazil



ô passado bastante tempo depois de ter regressado aos seus estados, recebeu o Caramurú resposta ás cartas que enviára para Portugal.

Por instancias da rainha D. Leonor, veio uma não correr a costa do Brazil, já assim chamado em razão da preciosa madeira que d'ali sahia, mas quanto á occupação effectiva da antes denominada Terra de Santa Cruz, o governo de Portugal não pensou desde logo n'ella.

Estabeleceram-se, comtudo, mais frequentes communicações, os dominios do Caramurú começaram a ser regularmente visitados por armadas que faziam o caminho da India, e se elle não veio a Portugal, como tencionava e a rainha lhe pedia, foi porque o encargo dos seus dominios se ia tornando cada vez mais trabalhoso, á medida que, auxiliado por elementos de civilisação vindos do reino, e da França, que não esfriava as suas instancias junto do chefe goyanaz, fundava no-

vas povoações, armando-as e fortificando-as. Por outro lado, a saúde de Paraguaçu, por quem desejava fazer-se acompanhar a Portugal, resentira-se desde que voltára de França, dando-lhe cuidado até pelos seus dias. Mais tarde, porém, a reiteradas instancias do Caramurú, á medida que via outras nações adeantando-se no commercio com as Indias do Occidente, o governo de Portugal resolveu enfim empregar o systema de occupação que seguira nos Açores e Madeira, dividindo a costa em capitánias hereditarias, com alçada criminal e civil, concedendo-as com direitos de jurisdicção illimitados, a quem dispozesse de meios para ali empregar.

Exultou o Caramurú por vêr realisada a sua antiga aspiração, não calculando os máos resultados que produziria, por desconhecer ao mesmo tempo a differença das condições d'aquellas ilhas desertas, comparadas a uma região povoada como era o Brazil, da mesma forma que não sabia quão prejudiciaes elementos de colonisação eram esses que em Santa Cruz se iam estabelecer, educados no absolutismo auctoritario e na exploração dos indigenas, característicos da dominação portugueza no Oriente.

Logo no estabelecimento da primeira capitania, concedida por D. João III a Martin Affonso de Sousa, teve o Caramurú de intervir, para serenar os selvagens que occupavam o paiz no dominio concedido.

Este fidalgo portuguez, depois de examinar detidamente a costa perto do rio que chamou de Janeiro, por ali ter chegado n'este mez, proseguindo para o sul até ao Prata, foi dando aos logares que percorria o nome do dia em que ali chegava.

No desejo de civilisar as tribus d'essas regiões, que o rei de Portugal ia agora conceder, em prazos da extensão de cincoenta leguas cada um, governados por um capitão, entendeu o Caramurú, a troco do auxilio da sua influencia sobre os indios, pedir a coadjuvação dos portuguezes que ali se iam estabelecendo, na obra da civilisação dos selvagens.

Pouco depois de chegar Martim Affonso de Sousa, percebeu Paraguaçu a inclinação d'este por uma formosa indiana, filha do proprio Caramurú e de uma d'essas favoritas que fôra obrigado a ter nos primeiros tempos do seu estabelecimento em Santa Cruz, quando os caciques receberiam como offensa o repudio das mulheres de sua familia que lhe offereciam.

A polygamia era o privilegio dos caciques, e não podera elle, sem perigo para o seu prestigio, derogar essa prerogativa. Mas agora, estava decidido a estabelecer o casamento entre os portuguezes e as mulheres do paiz.

— Cavalleiro! — disse pois o Caramurú ao chefe da capitania — tenho-vos prestado e continuarei a prestar-vos todo o meu auxilio, mas desejo que me honreis nos que de mim descendem...

— Prompto estou a fazel-o: muito devo ao Caramurú, chefe prestigioso dos goyanazes e tapuyas, em quem não deixo de vêr por isso Diogo Alvares, portuguez e cavalleiro!...

— Bem está. Usemos pois de franqueza: sei que vos agrada uma joven, neta de um cacique da tribu Pagé, e assim chamada, como sua mãe.

— Não o nego...

— E' minha filha.

— Vossa filha?! Ignorava-o... Podeis acreditar-o...

— Não me offendeis pretendendo-a; pelo contrario...

Mas o que se torna necessario é que nós, europeus, demos o exemplo contra a polygamia, tomando esposas, segundo a nossa religião... Pensae se não tendes repugnancia em acceitar Pagé por mulher legitima... De contrario deixae de a cortejar.

— Nenhuma duvida tenho, sabendo que lhe corre nas veias o vosso sangue...

— Guardo a vossa palavra, e de hoje em diante vos considero como filho...

Abraçaram-se os dois cavalleiros, e d'ali a dias um dos sacerdotes que Martim Affonso trouxera de Portugal, celebrava o seu consorcio com essa filha do Caramurú...



Infelizmente, o genro do chefe respeitado pelas tribus indias, chegava a Santa Cruz eivado dos vicios de que enfermava a dominação portugueza no Oriente: a dureza para com os naturaes e a sede de riquezas. Assim, contra a opinião do Caramurú, fez uma exploração para o interior, na direcção do sul, á busca de minas de ouro, na qual nada mais conseguiu do que travar luctas com os indigenas, em que perdeu mais de oitenta homens.

A par d'isto, era Martim Affonso trabalhador dedicado da terra, e a elle se deve a introducção da canna doce no Brazil e a sua cultura. Assim, o Caramurú ainda por muito tempo contemporisou com as suas ambições, aliás muito excedidas pelas dos portuguezes chefes de outras capitánias que se tinham estabelecido, e que por seu procedimento estavam preparando uma sublevação dos indios, que o Caramurú previa, e que alarmado prophetisava para Portugal nas suas queixas ao rei e á rainha D. Leonor.

Perdera-se aquella tranquillidade paradisiaca dos tempos em que o Caramurú era o unico chefe christão dos selvagens; e estes, atacados nos seus preconceitos, costumes e bens, pelos europeus, levantavam-se contra as suas prepotencias á mão armada, e comquanto materialmente respeitassem o Caramurú, era contra elle que mais se queixavam, por ter promovido o estabelecimento dos chefes das capitánias.

A Paraguaçu e a Carijó, como sendo da sua raça, principalmente se dirigiam, para que o levassem a emendar o seu erro, banindo do Brazil os patricios. Creára-se, portanto, uma situação impossivel para o Caramurú, e para sua esposa, partilhando esta ao mesmo tempo as angustias dos seus irmãos de raça, e as do marido como chefe. A vida intima da virtuosa goyaneza passára a ser um tormento moral constante, que lhe minava a saude e a existencia. Os da sua raça accusavam-n'a por não exercer effectivamente o seu ascendente sobre o esposo, no sentido de serem attendidas as suas reclamações; e os portuguezes chamavam-

lhe *franceza* e fanática, em razão do vivo ardor da sua fé christã que a levava a preferir entre os portuguezes os sacerdotes, com quem convivia, encarecendo-lhes a superioridade dos costumes que observára em França, sobre esses da vida do Oriente portuguez para ali transplantada, que julgava ser peculiar a Portugal.

Tal era a situação, quando o Caramurú teve de deixar por algum tempo os seus dominios, a fim de ir serenar os animos das tribus entre as quaes acabava de se estabelecer um fidalgo portuguez, que na India prestára relevantes serviços.

Tupinambá se chamava essa tribu, que tendo successivamente expulso da região conhecida por: *o reconcavo*, os tapuyas e os tupinaes, a occupava quando foi doada como capitania a Francisco Pereira Coutinho. Serenou a influencia do Caramurú as primeiras repugnancias dos tupinambás contra o seu estabelecimento, e para mais cordeaes tornar as relações entre indigenas e portuguezes, necessarias ao desenvolvimento das plantações e á laboração dos engenhos, que era urgente, partiu resolvido a propôr a Coutinho e a um seu irmão, o casamento com duas das suas descendentes.

Uma noite, na ausencia do Caramurú, vieram annunciar a Paraguaçu a chegada d'um *pagé* tupinambá, que lhe trazia noticias do esposo. Recebeu-o immediatamente.

— Chegaes do *reconcavo*, bom *pagé*?

— Sim, virtuosa *Rio Grande*. Hontem deixei o Caramurú, quando o sol rompia...

— Caminhastes pois sem descanso. Deveis estar fatigado...

— Assim foi preciso, para vos trazer importantes novas.

— Que ha pois? — interrogou Paraguaçu inquieta.

— Preciso de ficar a sós comvosco, para vos transmitir as instrucções de vosso esposo...

Estranhou a india o tom e maneiras mysteriosas do *pagé* tupinambá, e sobresaltada como andava, havia muito, com as ameaças anonymas e as prophcias sinistras dos feiticeiros a seu respeito e dos que amava,

fez signal a Carijó para sahir do aposento em que se achavam.

— Falae agora, *pagé!*...

— Deixae que, antes, vos dê este signal que o Caramurú me entregou para confiardes em mim.

E entregou-lhe um anel, dos que os indios faziam com péquenas barras d'ouro torcidas, que Paraguaçu reconheceu como do esposo.

— E' pois grave o que tendes a dizer-me? — interrogou cada vez mais sobresaltada...

— Bastante! O Caramurú ordena-vos que toméis vosso filho, e que altas horas da noite partaes commigo a enconral-o... onde nos espera...

— Mas o que determina tão estranha resolução? quando, pelo contrario, me recommendou todo o cuidado na sua guarda aqui, e a maior vigilancia quanto aos negocios do paiz!

— E' que está imminente uma invasão dos terriveis cahetés! Guiados pelo feroz Tabyra, seu chefe, propõem-se destruir as capitania portuguezas!

— Valha-nos o céu!

— Sabeis como é sagaz e ardiloso esse guerreiro; que grandes talentos militares possui; como sabe espiar os acampamentos, e chegar até junto dos seus maiores inimigos, como eu cheguei junto a vós, formosa Paraguaçu!...

Uma suspeita acordou no pensamento da esposa do Caramurú, ao lembrar-lhe o desconhecido as proezas phantasticas d'esse chefe terrível, famoso pela ousadia com que se disfarçava para surprehender as suas victimas, e receiosa respondeu:

— Seja como fôr, não partirei comvosco.

— Ficae, pois, se não quereis obedecer ao que é vosso senhor! mas cumprirei as suas ordens levando-lhe o filho! — e sem mais detença, o desconhecido dirigiu-se ao berço em que dormia a creança...

— Parae! — exclamou energicamente Paraguaçu, atterrada com a resolução do *pagé*, que se lhe tornava cada vez mais suspeito.

Elle, porém, não se deteve...

— Quem sois? dizei! — tornou ella, tomando-lhe o passo.

— Creança! E's tu? fraca mulher! que pretendes deter Tabyra? — respondeu o sinistro guerreiro, sorrindo ferozmente, e arredando-a violentamente para se approximar do berço...

Então, n'aquella creatura tão formosa e delicada, que a educação convertera na mais branda e submissa das mulheres, explodiu de repente essa resolução e coragem indomitas da sua raça, que já uma vez a fizera lançar-se ás ondas, arriscando a vida para seguir o Caramurú. A christã fervorosa, para quem era sagrada a vida do seu semelhante, desapareceu, e só ficou a mãe, a selvagem india, defendendo um filho. Foi um relampago, na decisão intelligente, a sua resolução! Não tentou uma lucta desproporcionada, em que succumbiria! Correu a uma panoplia, das que guarneciam as paredes d'aquella sala e arsenal do Caramurú, e tomando uma pistola, aperrou-a, desfechando-a contra Tabyra, que cahiu redondo, no momento em que estendia os braços para a creança adormecida...

A' detonação, seguiu-se o apparecimento do fiel Carijó, aterrado, emquanto, vencida pela emoção, Paraguaçu perdia os sentidos.

Avisado do tragico acontecimento, voltou apressadamente o Caramurú aos seus estados, e por bastante tempo foi obrigado a descurar os negocios do governo, passando os dias junto de Paraguaçu, tratando-a da doença que a accommetteu, em resultado da commoção recebida.

O seu espirito, tão lucido até ali, ficou profundamente abalado, e raros momentos havia em que a não dominavam os terrores de christã pelo sangue que vertera, e o delirio da perseguição. Nas horas em que discorria lucidamente, o assumpto obrigado dos seus pensamentos e das suas palavras, era as recommendações ao esposo sobre a fórma por que havia de fazer educar o filho, pondo-o quanto antes em logar seguro.



Paraguaçu tinha a idéa fixa de que cedo inorreria e o Caramurú, victimas do rancor que entre os povos de Santa Cruz cada vez mais se ateava contra os europeus, em razão das prepotencias e rigores dos portuguezes estabelecidos nas capitánias, e dos hespanhoes nas suas feitorias. Constantemente chegavam á pobre Paraguaçu as queixas e representações dos seus irmãos, pedindo-lhe para influir no esposo a fim de tomar elle mesmo a direcção d'um movimento insurreccional que banisse d'aquelle paiz os europeus; e ultimamente recebera positivamente uma intimação ameaçadora, recordando-lhe que a morte de Tabyra pedia reparação, e que se ella a não desse aos indios, como sua irmã que era, impedindo esses casamentos projectados para breve entre duas filhas do Caramurú e os dois Coutinhos chefes de capitánias, os seus dias estavam contados.

Tão profunda impressão causou esta ameaça no espirito já abalado da esposa do Caramurú, que chegou a fazel-a vacillar no apoio mais seguro em que até então confiára, a fé christã, e a entregar-se aos preconceitos da sua casta. E a par d'isto, ainda redobrou de instancias com o esposo.

— Abandona esse projecto de novas allianças entre portuguezes e indigenas... Não muda isso os sentimentos nem de uns nem de outros, que parecem cada vez mais oppostos.

— Depois das intimações e ameaças que temos recebido, seria dar uma prova de fraqueza, que nos perderia...

— Perdidos creio bem que estamos já!... A tua auctoridade, indiscutida antigamente, é hoje desacatada, até por alguns chefes das tuas tribus, e não vem longe o dia em que rebentará a rebellião geral, annunciada desde a fatal morte de Tabyra...

— Ah! vens com os teus incessantes remorsos... Não tens de que os ter! Como christão t'ó digo: defendeste a vida de teu filho, como te cumpria.

— E não o estaremos nós também condemnando



agora? Se não sustas esta aversão contra os teus irmãos europeus, como poderá teu filho ser um dia aceite por chefe em teu lugar? Afasta-o quanto antes d'aqui, enquanto não desaparece esta animadversão; procura desvanecel-a, e entretanto, fal-o educar em sentimentos diferentes d'esses que os cavalleiros e soldados do Oriente teem manifestado aos naturaes d'este paiz, que eram submissos e bons, que por forma bem diversa te acolheram, e sob as tuas ordens viveram tantos annos, tendo pelo Caramurú essa verdadeira adoração que vae perdida já!...

— Confio em Deus que tudo ha de encaminhar para melhor. Já não póde tardar a não que espero do reino, trazendo as ordens e providencias que pedi a el-rei, como pedi á rainha que me enviasse pessoa de sua confiança a quem entregasse o nosso filho para lh'o levar e ser por ella educado.

— Sim! E se eu morrer antes d'isso, não te esqueças do que tanto te tenho recommendado: que elle seja creado junto á virtuosa D. Leonor, enquanto joven; mas que, logo que chegue á adolescencia, vá completar a sua educação na França, esse paiz que tanto admiraste, que tão carinhosamente nos recebeu, e do qual porventura nos teria vindo maior felicidade, do que da tua patria, não porque Portugal valha menos, mas porque só para Santa Cruz manda os despotas e tyrannos educados na má escola do Oriente...

Não respondeu o Caramurú, ficando pensativo e concentrado na ideia de que a esposa dizia uma grande verdade... Passados instantes, ella accrescentou:

— Praza a Deus que melhores tempos aguardem o nosso filho, e que bem educado em Portugal e na França, depois de ter visitado o teu solar do Minho em que nasceste, inspirado nas virtudes domesticas e no amor do trabalho de teus irmãos minhotos, possa vir governar as tribus indias, suas irmãs por sua mãe!...

Assim, n'estas alternativas de esperanças e desalentos, ia passando o tempo. Mas Paraguaçu reconhecia que não abrandava a aversão dos naturaes, porque as

exacções dos europeus eram cada vez maiores. Um facto deploravel veio ainda complicar a situação. Em uma das ilhas pertencentes á parte da costa em que ficava a capitania dos Coutinhos, proxima de Villa Velha, chamada *Ilha do Medo*, foi morto pelos europeus o filho d'um chefe indigena.

Passou então a ser considerada como um verdadeiro repto, lançado aos indigenas, a não desistencia do projecto do Caramurú de unir duas filhas suas aos Coutinhos, e redobram junto de Paraguaçu mais vivas instancias e mais positivas ameaças. Tamanha era a perturbação em que o seu espirito foi lançado, que, nas vespersas do dia marcado para a cerimonia, a infeliz retrogradou ás idéas fetichistas que a religião christã e a civilisação lhe tinham feito repudiar. Na ausencia do Caramurú, quiz consultar os oraculos do culto indigena, e estes confirmaram-lhe a prophcia de grande desventura proxima.

Quando o esposo chegou, não poude conter-se e envergonhada lhe fez essa confissão.

— E és tu, Paraguaçu! tão ferverosa christã, que te entregas a taes puerilidades?!

— Tens razão; fiz mal n'essa ridicula consulta...

— Póde ser que os *pagés* se não tenham enganado, porque de facto uma nova tenho a dar-te, que não sei se deva classificar de triste ou de agradavel...

— Então?

— Avisam-me das capitancias do Norte ter ali chegado uma náó do reino que me traz o enviado da rainha D. Leonor...

— Ah! quer dizer, chegou o momento de nos separarmos do nosso filho, — exclamou Paraguaçu, rompendo em pranto...

— Não é o teu mais ardente desejo que o colloquemos por agora fóra do alcance dos perigos que aqui dizes correr?

— É! E embora me custe, terei forças para consumir o sacrificio...

-- N'esse caso, logo que esteja livre dos trabalhos



relativos à capitania dos Coutinhos, que se está organisando, e celebrados que sejam os seus casamentos, trataremos da partida do nosso filho para Portugal.

Tudo se dispoz n'esta conformidade, e apezar dos surdos rumores de descontentamento, cada vez mais pronunciados nas tribus indigenas, prepararam-se grandes festas para o dia dos esponsorios dos dois irmãos e cavalleiros portuguezes.

Para impressionar, como era uso, os indios com o aparato das ceremonias do culto christão, armou-se um altar no meio da floresta, em que um sacerdote diria missa antes de celebrar o matrimonio.

Nunca houvera tamanho enthusiasmo festivo.

Chegavam de todos os lados tribus, conduzidas pelos seus caciques, as quaes acampavam ao redor de Villa Velha e passavam os dias e as noites em canticos, danças e folguedos.

Preparavam as mulheres, em vasos de barro, o licor com que se beberia á saude dos nubentes, enquanto torciam a *mussurana*, ou extensas cordas, d'um apuro especial, com que compunham grinaldas que passavam d'umas a outras arvores. Faziam os principaes personagens a *toilette* antecipada para a cerimonia, cobrindo o corpo com gomme, em que pegavam pennas unidas, das mais variadas côres. Outros compunham fios de plumas com que revestiam a *yvarapenne*, ou a clava das festas de gala.

Disponham-se as talhas com o vinho de mandioca, preparado a rigor, para ser servido quente em malgas, que os homens viriam receber cantando e dançando.

O aspecto de Villa Velha tornára-se o mais animado e pittoresco possivel, tamanha era a diversidade de tribus que alli se viam representadas, desde os tupinambás, de longos cabellos soltos ou cuidadosamente trançados, até aos guaranys e maguás, cujo luxo consistia na cuidada pintura do corpo e do rosto, em listas e desenhos das mais vivas côres, e aos aymorés e tupis, cuja elegancia estava na magnífica pelle e brilhante plumagem côr de laranja do peito de *tucano*, que gru-

davam nas faces, usando o cabello cortado rente na linha das orelhas e comprido na parte posterior do craneo, prendendo cocares de brilhantes plumas, que lhes cahiam sobre os hombros como um cabeção.

Novas tribus chegavam constantemente; e de continuo se via indios que depois de se estenderem no chão, com o ouvido encostado á terra, annunciavam á approximação de outras, que conheciam pela marcha percebida a grande distancia, e logo centenaes de indigenas subiam velozmente até os cumes das mais altas arvores a saudarem os que ainda se não descobriam no horisonte, com grita atroadora.

Quão facil teria sido aos europeus, se procedessem por fórma mais humana, captar as boas graças e trazer á completa submissão estas gentes, naturalmente doces e propensas a deixarem-se levar por faceis encantamentos. Fôra preciso decerto bastante excesso de prepotencias e tyrannias, para levar a esse estado de revolta latente, que o Caramurú temia, estas tribus, que os sacerdotes christãos catechisavam entrando nas povoações com um crucifixo alçado, e seguidos por meninos de côro que entoavam a ladainha, e que a pouco trecho os indios seguiam encantados, como elles mesmos encantavam as cobras com os sons das suas rudes flautas.

Chegou a vespera do dia marcado para o consórcio dos Coutinhos com as filhas do Caramurú, e quando a noite desceu, no acampamento dos cahetés, tribu de que fôra chefe o terrivel e audacioso Tabyra, victimado por Paraguaçu quando lhe quizera raptar o filho, e que recentemente, com geral surpresa, viera pedir paz e trazer presentes ao Caramurú, passava-se um estranho espectaculo, que o poria de sobreaviso se o tivesse conhecido.

Estavam em volta do fogo reunidos em conselho diversos caciques de varias tribus.

— Leval-a-hemos viva, para que nossas mulheres se divirtam com ella, e servirá de *Kavy-pepibe!* — propoz um cacique caheté.

Queria isto dizer, que essa a quem se referiam, decerto Paraguaçú, seria morta e comida, porque estes índios eram antropophagos, por ocasião da festa chamada «dos bebados».

— Não! — exclamou uma mulher de estatura colossal, da tribo vinda do território distante de Paguana, e conhecida pela denominação de *Amazonas*, por isso que, quasi inteiramente despidas, apenas trazendo um saiote, e usando longos cabellos cahidos pelas costas, faziam a guerra como os homens. — Não! — repetiu ella — deve morrer como ferida pelo raio, como Tabyra morreu!...

— Mudaste de plano? — perguntou um cacique da tribo dos urtuasés, limitrophe da *Mansão do Sol*, como se chamava o paiz habitado pelas *amazonas*.

— Porque o dizcis? — perguntou arrogante a india guerreira.

— Ouvi que era vosso desejo apanhal-a viva, para lhe cortar o seio direito, como a vós mesmas fazeis em novas, e obrigal-a depois a fazer a guerra ao vosso lado, por castigo...

— Seria incapaz de combater! — respondeu com desdem a amazona; — tal não pensámos jámais.

— O mais justo — volveu de novo o chefe caheté — é que consultemos a *maraca* e ella decretará a sorte de Paraguaçú.

— Seja — responderam os chefes de varias tribus.

Então, começaram todôs o acto, dançando o *aprasse* em honra da *maraca*. Chama-se assim este fetiche ou symbolo da sorte, entre os índios, como o fructo do mesmo nome, uma especie de grande abobora, de que era formado. Era um oraculo familiar das tribus brazileiras, variando, porém, d'umas para outras.

Seccavam ellas essa casca da abobora, e d'esta cabaça faziam, como já dissemos, uma imitação da cabeça humana, por cuja boca falavam os seus oraculos ou *pagés*, pretendendo annunciar o futuro. Dentro lhe mettiam estas tribus, pedras e seixos, que, agitando-a, faziam soar, qual matraca, e abrindo-lhe olhos, pondo-

lhe dentes e cabellos das victimas immoladas, adornavam-n'a com vistosa corôa de pennas vermelhas de *goaraz*. Cada homem tinha a sua *maraca*, e todas as dos chefes indios presentes foram, terminada a dança, dispostas em circulo, começando os selvagens a cantar, pedindo-lhe a sua prophécia, enquanto escravos prisioneiros serviam constantemente em vasos de barro a bebida chamada *kaavy*, com que se iam embriagando.

De subito, no meio da bacchanal, um *pagé*, ou feiticeiro caheté, saltou para o meio do circulo formado pelos chefes, agitando a sua *maraca*, dançando e gesticulando como um possesso até cahir extenuado no chão. Fez-se logo silencio, e todos aguardaram que recuperasse os sentidos aquelle a quem a *maraca* inspirára, e pela boca do qual falaria.

— Paraguaçu deve morrer como tu disseste, amazona! — proferiu o *pagé* dirigindo-se á guerreira india, — de morte repentina!

— Quem lh'a dará? — perguntou o chefe caheté.

— Tu mesmo! que representas o assassinado Tabyra! . — respondeu o *pagé* agitando a sua *maraca*.

Todos o imitaram, e um matraquear ruidoso, acompanhado por umas voltas de *aprásse*, terminou a consulta, entre canticos de agradecimento ao oraculo.

O successor de Tabyra cumpriu á risca a sua sinistra missão, e o Caramurú, que, havia muitos annos, admirára um dia nos jardins do paço de Santos-o-Velho, em Lisboa, a pericia com que uns indios trazidos de Santa Cruz a D. Manuel, na sua presença despediam com o arco setas que iam cravar-se em pequenos bocados de cortiça que o Tejo arrastava na corrente, sem jámais errarem a pontaria, e que depois tantas proezas vira d'este genero, foi victima indirecta de tal dextreza.

No dia seguinte, quando o consorcio dos cavalleiros portuguezes concluia, e se iam a retirar para a morada do chefe goyanaz, uma seta partida d'uma eminencia distante, em que se achava reunida a tribu dos cahetés, veio ferir mortalmente Paraguaçu. O ferro enve-



Assim o manda esta creança, hoje chefe de goyanazes
e tapuyas! (Pag. 177)

nenado produziu morte quasi repentina, prostrando a desgraçada, que ao exhalar o ultimo alento só poude dizer ao esposo :

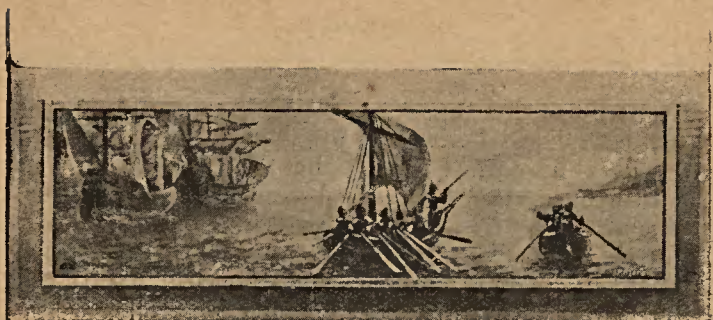
— Salva o nosso filho!

O Caramurú, louco de dôr e desespero, cahia tambem por terra, abraçado ao corpo de Paraguaçu, a quem pretendera amparar, vendo-a ferida e vacillante.

Levantou-se medonha confusão, e os cavalleiros portuguezes iam lançar-se, á frente dos goyanazes, sobre as tribus traidoras, que, soltando gritos alegres de victoria, se encaminhavam precipitadamente para as matas proximas, quando o Caramurú, levantando-se e cobrando animo, sereno mas imperioso os deteve.

— Esperae! que não é este o momento nem o lugar do castigo! — Depois, ajoelhando, beijou o cadaver na testa, dizendo. — Serás obedecida, Paraguaçu!... e depois... vingada!





XIII

A vingança e a morte do Caramurú



Ovoto de Paraguaçu expirante, recomendando ao esposo a salvação do filho, como que foi ouvido pelo céu: na tarde mesmo d'aquelle nefasto dia, surgiu defronte de Villa Velha a não portugueza em que vinha o enviado de D. Leonor, a quem o Caramurú poderia confiadamente entregar o filho para ser levado a Portugal.

Agora, mais ainda do que a sua educação, fazendo-o abandonar os seus estados, tinha o chefe goyanaz em mira subtrahil-o a algum novo acto de vingança das tribus hostis aos europeus, e a elle em especial, por os auxiliar no estabelecimento de capitánias em Santa Cruz.

Esta animadversão, convem dizel-o, não era exclusivamente contra os portuguezes. Do norte ao sul, do oriente ao occidente, nos domínios portuguezes, como nos castelhanos, da mesma forma que ao desembarcarem francezes em qualquer parte da costa, as nume-

rosas tribus selvagens das Indias Occidentaes umas vezes recebiam os europeus amigavelmente, outras fingiam fazel-o, para d'ahi a pouco, traiçoeiramente, os exterminarem. Por seculos subsistiram estas alternativas registadas na historia da America do Sul, e assim como no tempo a que se refere a nossa narrativa houve uma época em que algumas das tribus de Santa Cruz se levantaram contra o proprio Caramurú, outras hostilizaram diferentes chefes descobridores castelhanos, como Gonzalo Pizarro, quando buscava o *El Dorado*, Orellana, e Irala, que logrou chegar até aos confins do Perú, na contra costa sobre o Pacifico.

Entretanto, reconhecia o chefe dos goyanazes a injustiça e ferocidade da vingança exercida na pessoa de Paraguaçu, victima innocente dos desmandos e exações praticadas contra os indigenas pelos portuguezes das capitánias, e falando com o enviado da rainha, dava largas á sua dôr e á sua indignação.

Hans Stade se chamava o mensageiro, allemão nascido em Hamburgo, no eleitorado de Hesse, que em busca de fortuna embarcára na Hollanda em uma frota mercante que a Setubal vinha carregar sal. Ali buscára a protecção da rainha projectando ir á India, mas tendo partido já as náos d'esta carreira, e vendo D. Leonor, pelas recommendações que trazia e pelo trato que com elle teve, ser um bom homem, merecedor da sua confiança, estimou encontrar n'elle pessoa idonea para de seu mando ir a Santa Cruz, não só buscar o filho do cavalleiro, mas ajuizar da situação, e imparcialmente, como estrangeiro, lh'a relatar, uma vez que os do conselho do rei, ás representações do chefe goyanaz, contestavam com as razões allegadas pelos governadores das capitánias para justificarem os seus rigores contra os indios.

— Assim, não tereis duvida, ao regressar ao reino, em me deixar a maior parte da artilheria?

— Está ás vossas ordens, pois que a rainha me ordenou que vos dêsse todo o auxilio, e venho encontrar-vos em apertadas circumstancias.

— Sim! A guerra é agora inevitavel. Quando mesmo não abrigasse no coração o desejo de vingar o assassinato da minha pobre Paraguaçu, fortemente abalado ficaria o meu prestigio, e em risco a existencia dos europeus, se, pelo menos as tribus que aqui vieram como amigas e depois commetteram essa infame traição, não fossem castigadas...

— E ficam distantes?

— Algumas leguas para o norte...

— Preparae, pois, a vossa expedição, e vinde comigo por mar, que ainda tenho que fazer em Santa Cruz antes de regressar ao reino...

— Não voltaes directamente a Portugal? — perguntou o Caramurú, inquieto pelo que respeitava á conducção do filho.

— Voltarei, desde que me encarregue do vosso herdeiro: para isso aqui toquei novamente. Mas tenho ainda que ir á capitania de Duarte Coelho, em Pernambuco, a entregar-lhe os degredados que trago...

— Degredados! Degredados! — exclamou o Caramurú exasperado. — Eis a gente que de Portugal mandam para civilisar os indios! Degredados, ou cavalleiros e soldados acostumados á vida dissoluta do Oriente. Eis porque eu mesmo me vejo a braços com uma rebellião, d'esses indios pacíficos que por tantos annos me respeitaram como pae!...

— Tendes razão, cavalleiro! Não entendem, desgraçadamente, outra coisa os do conselho do rei; e não lhes serve de exemplo o que se tem passado nas Indias do Oriente, onde grandes capitães, como D. Francisco d'Almeida e Affonso d'Albuquerque, se teem visto nas maiores difficuldades para manter com honra o dominio portuguez...

— Quando quereis seguir para a costa de Pernambuco?

— Quanto antes. Amanhã, se podeis embarcar...

— E' impossivel! Preciso, pelo menos, uma semana para dispôr as minhas tribus e as que me são fieis, a seguirem por terra á capitania de Duarte Coelho,



onde nos reuniremos para marcharmos sobre os cahetés...

— Esperarei...

— Além d'isso, tenho de reunir os mais idosos caciques, e escolher tres, que ficarão encarregados do governo, pois desejo deixar em segurança meu filho a bordo da vossa não, ao cuidado do meu fiel Carijó.

— Aproveitarei esta semana para desembarcar parte do carregamento que a rainha vos manda, e que, por vir nos ultimos porões, sótencionava fazer na volta de Pernambuco...

Com effeito, no dia seguinte, começou a descarga da grande quantidade de fazendas, armas, materiaes de construcção e munições, no valor de muitos milhares de cruzados, presente verdadeiramente real, que D. Leonor mais uma vez enviava ao seu filho adoptivo, para desenvolver a sua nascente povoação.

Dias depois levantaram ferro as duas não, e passada breve navegação costeira, dobraram o cabo de Santo Agostinho, e entrando no porto de Pernambuco, encontraram Duarte Coelho, chefe da capitania, prestes a sahir em soccorro do visinho estabelecimento portuguez de Iguaraçú, que os indios acabavam de atacar, instigados pelos aguerridos cahetés, esperando que a sua capitania fosse tambem atacada, porque o proposito attribuido aos selvagens era seguirem devastando todos os engenhos, plantações e feitorias de que as capitancias se compunham, até levarem a ruina e a morte aos proprios dominios do Caramurú.

— Prestae-me, pois, auxilio, — dizia Duarte Coelho aos recém-chegados, — que o vosso interesse, como o meu, nos aconselha a determos a onda de barbaros prestes a esmagar-nos...

— Nenhuma duvida tenho em vos acompanhar á guerra, porque o meu designio era marchar só com os meus contra os cahetés...

— E vós, Hans Stade! — accrescentou o chefe da capitania, — não podereis tambem ajudar-nos com alguma gente de desembarque, principalmente artilheiros?

— Artilheiro sou eu mesmo, e com a maior satisfação desembarcarei uma parte da tripulação e bombardas, com que vos acompanharei... Mas não depende isso de mim só...

— Não vindes por capitão-mór da armada? — perguntou, admirado e descontente, Duarte Coelho.

— Sim, mas trago encargo especial, e não posso dispôr de mim sem auctorisação do chefe da Villa Velha...

— Compreendo-vos e agradeço a vossa attenção — obtemperou o Caramurú. — mas tudo se remediará. Podereis vir connosco e parte da vossa gente, e deixaremos Carijó com meu filho a bordo das náos. Se a sorte das armas nos fosse contraria, seguiria n'ellas para Portugal.

Ajustado este plano, com a maior brevidade ultimaram todos os preparativos, e pelo anoitecer do dia seguinte marcharam para Iguaçu, onde chegaram de madrugada.

Estavam o engenho e respectiva feitoria edificados em plena matta, sobre uma angra que entra a duas leguas pela terra dentro. Guarneciam-n'a noventa europeus e trinta escravos, sendo um negro e todos os restantes indigenas. A tão pequeno numero de defensores, atacava um exercito de indios, composto de varias tribus, que não contava menos de oito mil homens.

Nenhuma fortificação havia, a não ser uma palissada, feita pelos portuguezes, á imitação d'aquellas com que os indios defendiam os seus acampamentos. Se alguma coisa tinha até ali obstado a que fossem esmagados pelos numerosos sitiantes, era o terror de lhes infundiam algumas raras peças d'artilheria, collocadas em varios pontos d'essa fraca linha de defeza.

Quando chegaram as forças do Caramurú e dos que o acompanhavam, tinham os indios acabado de construir dois grosseiros baluartes de troncos d'arvores, dos quaes disparavam settas, abrigados das descargas dos canhões, e percebia-se que andavam cavando poços, para de surpresa chegarem junto da praça improvisada.



Reuniram-se em conselho os chefes para deliberarem, porque, em vista da falta de mantimentos, era preciso ou tomar a offensiva e romper o cerco, ou usar d'algum ardil para obter viveres; demais, agora que tinham chegado consideraveis reforços, se por um lado a situação melhorava, peiorava por outro, em razão de haver muitas mais boccas a sustentar.

Resolveu-se, pois, uma sortida para a alvorada seguinte, e o Caramurú, escolhido para general em chefe, assignalou aos Coutinhos, que haviam chegado com as suas gentes, os pontos por onde tentariam envolver o campo inimigo, enquanto elle e Hans o atacariam pela ala opposta, ficando Duarte Coelho no centro, defendendo a palissada. Entretanto, no campo contrario não se tomavam menos disposições para a lucta, precedendo-a as cerimoniaes usadas entre os indios. A cada momento os velhos dirigiam aos moços as exhortações dos ritos:

— Lembrae-vos do exemplo que nos deixaram nossos paes! Elles pelejavam, conquistavam, matavam e devoravam os contrarios!...

— Nós faremos como elles! — respondiam os novos.

— Soffreremos que o inimigo, que antes não podia supportar o nosso aspecto, venha agora bater ás nossas portas e nos traga a guerra a casa?

— Não! Não! — respondiam os novos, batendo nas espadas e nos quadris.

O entusiasmo ia crescendo, porque entre os indios todos os discursos acalorados eram acompanhados de grandes movimentos.

— Cahetés! Margaiás! Túpiniquins! Saíamos! Matemos! Comamos!

E os chefes ordenavam ás diversas *tábas* das tribus os pontos a que deviam dirigir o ataque.

De subito, ouviram-se, partindo da retaguarda do campo indio, altos gritos de lamentação, como se uma grande fatalidade houvesse succedido.

Chegou o seu echo ao acampamento christão, e o Caramurú disse para Hans:

— São reforços que chegam ao inimigo. E' costume dos selvagens saudarem com lamentos e prantos a chegada de amigos.

Eram duas tribus mais que chegavam, a dos xarayés, notavel porque além de usarem as mulheres o labio inferior furado, e d'elle pendente como brinco a casca d'uma fructa enorme, especie de cabaça, era a unica de Santa Cruz em que os homens deixavam crescer o bigode; e a dos guaranys, os mais aguerridos e orgulhosos de todos os indigenas, especie de verdadeiros patricios entre os selvagens das Indias do Occidente.

Logo que chegaram, conferenciaram os chefes das tribus, Akindar Miri, cacique dos guaranys, Uvatile, o feroz successor de Tabyra na chefatura dos cahetés, e Iëppipo Wassú, o autocrata dos xarayés.

— Antes de amanhecer, — disse Uvatile — com a minha guarda atravessarei o rio, buscando rodear o campo inimigo. A minha tribu seguirá nas trevas que ainda reinarão, ao som dos instrumentos.

E dizendo assim, indicava um grupo numeroso de guerreiros collocados por detraz d'elle, armados de arcos e frexas, e grandes escudos forrados de pelle de anta. Uns traziam na mão buzinas, outros umas trombetas feitas de compridas cabaças, outros ainda umas flautas compostas com fracções de ossos dos inimigos devorados por elles.

— Pois que tudo assim está disposto — accrescentou Iëppipo Wassú — dizei-me em que ponto devo collocar os meus.

— Occupareis os bosques densos, que um meu cacique vos indicará, e ahí esperareis o inimigo, quando já vencido e disperso, pretender encontrar no matto a salvação. Convém que recolhamos aos nossos lares levando bastantes prisioneiros, que immolaremos em honra dos nossos que os estrangeiros nos teem morto.

— Saiam pois a terreiro as *maracas!*—concluiu com auctoridade Akindar Miri, — e depois de termos escutado os seus avisos e prevenções sobre o combate que vamos travar, recolhamos-nos por algum tempo em nós

mesmos, para *sonhar!* e pedir aos nossos deuses farta colheita de prisioneiros.

Assim fizeram, e ás diabolicas e vertiginosas danças dos *pagés*, embriagados até cahirem repetindo as consultas dos oraculos, succedeu no acampamento um silencio de morte, enquanto aquelles milhares de selvagens ali reunidos se entregavam a essa contemplação intima, a que chamavam *o sonho!*

Passado algum tempo, começaram a ouvir-se, partidos de pontos diversos do campo, sons especiaes de trombetas e buzinas. Eram os chefes que se consultavam, usando d'este systema secreto para precisarem o momento proximo de avançarem.

Se no campo fronteiro se não conhecia a cifra d'esses signaes mysteriosos, sabia-se qual era o seu fim, e o Caramurú fez partir por toda a sua linha de defeza a ordem de estar álerata.

Na escuridão que ainda reinava, Uvutili ordenava aos selvagens sarigues e tocambús, que realisassem as suas proezas de amphibios. Lançaram-se estes ao rio, nadando e fazendo avançar na sua frente as pequenissimas canôas, que lhes serviam de escudos contra os tiros inimigos, para o atravessarem.

Mas não eram menos finos os ouvidos dos goyanazes, do que dissimulada esta navegação, pois logo nas trévas sibilaram fréchas, cujo mergulhar na agua mais se distinguia do que o marulhar da arremettida inimiga.

Pouco demorou esta primeira phase silenciosa do combate. Foi alvorecendo, e os orgulhosos guaranys, rompendo as hostilidades, fizeram-n'o, pelo contrario, estrepitosamente, acordando as suas trombetas e atabales os echos dos montes e os recessos da floresta. Avançaram estes, destemidos, do seu campo, retezando a corda de *tocon* dos seus arcos de madeira preta ou vermelha, despedindo nuvens de fréchas, trazendo a tiracollo a arma de pau chamada *macana*, especie de pá de dois gumes, pesada como uma verdadeira acha d'armas.

Do acampamento inimigo, os europeus começaram

a responder com fuzilaria, enquanto do lado contrario os cahetés faziam fogo á sua moda, despedindo contra as habitações da feitoria setas que, incendiando-se no ar, pegavam fogo onde quer que cahissem. Eram uns verdadeiros foguetes de guerra.

Dentro em pouco, o ardor da lucta chegou a confusão dos combates corpo a corpo. Uma parte dos indios conseguira avançar até junto da palissada, e ahí combatia com os europeus e indigenas seus alliados, ao passo que n'outros pontos, portuguezes, goyanezes e tapuyas tinham invadido o campo das tribus indias e ahí faziam grande mortandade.

Foi no meio d'esta lucta encarniçada, que um indio, tendo derrubado um cacique goyanaz, approximando-se do Caramurú lhe disse :

— Caramurú! se me tomas por cacique em lugar d'esse que acaba de cahir, indicar-te-hei aquelle que matou Paraguaçú...

— Aceito! Eis o penhor da minha palavra! — respondeu o Caramurú, abaixando-se para tomar o turbante empenachado do cacique morto, que lhe entregou.

— Segue-me, sem receio, que te não conhecem.

— Seguir-te-hei ao inferno para vingal-a!

— Perto está, e poderás derrubal-o com um tiro da tua arma.

O Caramurú deu alguns passos seguindo o indio, mas entretanto a reflexão e a desconfiança prevaleceram sobre a sua sêde de vingar-se, fazendo-o perguntar-lhe :

— Só a ambição te faz traidor?!

— Não! Mas o desejo de vingar-me, tambem, esse desejo que te leva, Caramurú, a seguires-me, sendo ainda ha pouco teu inimigo.

Tinham-se afastado um tanto do ponto em que mais rija ia a peleja, e chegado a uma pequena eminencia. De repente, surgiu d'entre as espessas moitas um troço de ferozes cahetés a cuja frente vinha o chefe Uvati.

— Ah! tendes o que arrojou a setta envenenada que



matou tua esposa! — exclamou o indio mostrando-o ao Caramurú.

— Traidor! — uivou medonhamente Uvatili—, e com um golpe terrível de *macaná*, prostrou o novo cacique goyanaz.

— Vingá-nos, Caramurú! — exclamou este cahindo.

O seu voto foi cumprido: antes que Uvatili tivesse tempo de attingir o Caramurú com repetido golpe de *macaná*, este disparou o mosquete, e o chefe caheque cahiu, para não mais se levantar.

Os selvagens que acompanhavam Uvatili precipitaram-se sobre o Caramurú. Tendo o mosquete descarregado, era-lhe impossível prolongar uma lucta tão desigual com numerosos inimigos, mas ainda assim, brandindo-o agora como se fôra uma acha d'armas, antes que o tivessem attingido com as lanças ou *macanás*, alguns derribou. Um, porém, conseguiu feril-o em um braço com uma comprida lança. O sangue que foi perdendo, obrigou-o a affrouxar a violencia dos seus ataques, e tendo de passar a defender-se apenas, diminuindo a rapidez dos seus movimentos, um indio com mão certa lhe atirou de longe o *tocon*, comprida e delgada corda fortissima, com que laçam e deteem um cavallo na carreira, e com que agarram os inimigos que desejam colher com vida.

Enlaçado pelo pescoço, prestes a ser asphixiado, perdendo sangue pela grande ferida que recebera, o Caramurú succumbia, no momento em que, attrahidos pelo tiro que tinham ouvido no campo das hostes contrarias, e notando a falta do chefe dos goyanazes, Hans, seguido por alguns d'estes, appareceu em seu soccorro.

— Não o matemos! Não o matemos! Guardemol-o para o devorarmos! — exclamavam enthusiasmados os ferozes cahetés antropophagos, precisamente no momento em que Hans chegava.

Disparou este o mosquete carregado de metralha sobre o grupo dos indios, e o effeito foi assombroso, porque bastantes cahiram feridos. Muitos, porém, ainda rodeavam o Caramurú, e Hans comprehendeu que não



podia repetir sobre elles as descargas dos mosquetes carregados que os goyanazes traziam, pelo risco de o ferir. Exhortando-os pois a libertarem o chefe, exclamou:

— Salvemos o Caramurú, ou morramos com elle!

Travou-se uma lucta desesperada, por que muito inferiores em numero eram os goyanazes.

Conseguiram, porém, unindo-se, formar um pequeno quadrado, cujas frentes se defendiam por fórma a ter o inimigo em certa distancia, e no centro do qual o Caramurú, passados instantes, logrou, apesar do seu abatimento, desenhensilhar-se das laçadas com que já o tinham envolvido.

— Caramurú! Caramurú! — repetiam em torno os indios cahetés, enfurecidos por verem escapar-lhe a preza, invocando esse titulo sobrenatural de «homem de fogo», que fazia a grande força do chefe dos goyanazes e tapuyas.

Como a justificar essa reputação, o cavalleiro, reunindo n'um ultimo esforço todas as forças de que era susceptivel, tornando o pequeno quadrado em um baluarte humano, começou descarregando os mosquetes que tomava das mãos dos indios, em quanto Hans e outros goyanazes com as suas compridas lanças, de junco e madeira, com pontas de osso afiladas, impediam os cahetés de se approximarem.

Assim foram batendo em retirada heroica, e percorrendo a distancia que, no seu ardente e desvairado desejo de vingar a morte de Paraguaçu, o chefe goyanaz temerariamente avançara, internando-se no massiço das forças inimigas.

Dentro em pouco a lucta tomava para os europeus e seus alliados indigenas melhor aspecto. Os Coutinhos haviam rechassado os guaranyes em varios pontos, e as tribus que viam estes afamados guerreiros vencidos, perdiam a força moral, e batiam em retirada para o interior da grande floresta proxima.

Comtudo, a batalha prolongou-se ainda por bastante tempo, e o seu resultado final seria duvidoso, se não



sobreviesse um facto extraordinario e imprevisto, que, se por um lado veio dar definitivamente a victoria ao exercito do Caramurú, por outro, lançou-o na maior inquietação. Com assombro geral, começou a sentir-se troar artilheria de grosso calibre, e a choverem sobre o campo inimigo granadas, que explodiam lançando a morte e o pavor em quem jámais vira o effeito d'essa terrível chuva de fogo, que os índios acreditam cahida do céu. E pouco depois, dobrando uma apertada curva do extremo da angra, sobre que assentava a povoação de Iguaraçú, iam surgindo, como uma apparição phantastica, primeiro os topos dos mastros, depois o velame e por fim os cascos das náos, que tinham ficado em Villa Velha!

— Carijó! Meu filho! — exclamou o Caramurú empallidecendo mais e vacillando —, Deus os trouxe para me despedir d'elles! — e desmaiou, prostrado, pelo excesso dos esforços que fizera n'aquella defeza desesperada.

Eram mortaes as feridas que o cavalleiro recebera, e conhecendo bem que o seu fim se approximava, todo o seu cuidado se concentrou na transmissão do poder e dominio ao seu herdeiro, sem prejuizo de o fazer seguir para Portugal a educar-se.

Fez pois reunir os chefes, e tendo ao seu lado Carijó, disse-lhes:

— Vamos partir para a nossa *tába* de Villa Velha. Receiando não chegar lá com vida, desejo que reconheças aqui mesmo por vosso chefe o que é meu filho e de Paraguaçú! embora creança ainda!

— Em muitas das nossas tribus, — respondeu o mais velho dos caciques, — é costume, quando o chefe morre batalhando, escolher para seu successor o que mais provas deu de bravura, ainda que seja o mais novo. O teu sangue de guerreiro destemido, não se desmentirá no que é teu filho, como se não desmentirá o sangue indio que tem da virtuosa Rio Grande, que todos cho-



ramos. Creança embora, promptos estamos a reconhecer-o por chefe.

O filho do Caramurú veio então, trazido por Carijó, ao centro do circulo formado pelos caciques, e logo correu a roda o vaso de barro cheio de vinho de fructas de que todos beberam, e elle em ultimo lugar, recebendo assim o juramento de fidelidade. Depois, ordenou-se a marcha.

O Caramurú queria exhalar o ultimo suspiro na sua povoação, queria fazer d'ella entrega solemne a Carijó, para ficar governando enquanto o seu herdeiro estivesse auzente na Europa.

— Mas não virieis melhor por mar em uma das náos? — diziam-lhe.

— Não! Quero voltar a Villa Velha marchando com os goyanazes e tapuyas victoriosos. Quero que elles conduzam sob as minhas vistas meu filho, já reconhecido seu chefe, á *tába* que lhe pertence. Hans, irá esperar-nos com as náos.

Assim se fez, e pela tarde os navios começaram descendo novamente o rio, e atravessando a angra sahiram ao mar, a tornejear a costa até Villa Velha, emquanto por terra, deixando a capitania de Iguaraçú, o exercito victorioso do Caramurú, levando o filho d'este na frente sobre um palanquim sustentado por goyanazes e tapuyas, era seguido por uma especie de maca feita de ramos d'arvore e d'uma rede de *cipó*, na qual ia deitado o vencedor, mortalmente ferido.

Era uma estranha marcha triumphal, porque era ao mesmo tempo um cortejo funebre!

Os indios entoavam os seus cantos de regresso victorioso á sua *tába*, emquanto alguns sacerdotes christãos, rodeando o leito ambulante do Caramurú, recitavam as orações com que a religião assiste aos que estão em artigos de morte.

Marchou-se sem descanso, e pelo cahir da tarde do dia immediato entravam em Villa Velha.

O Caramurú sentia proximo o seu fim, e dava graças a Deus por ter o feito chegar com vida ao seu dominio.

— Agradecei-lhe, com o acto de misericórdia que vos aconselhei, — disse-lhe um dos sacerdotes...

— Não sei, padre! se o devo fazer... Irei talvez ferir os preconceitos dos índios, a quem desejo deixar a minha memória venerada, respeitando a meu filho...

— Pela boca de teu filho, que é um innocente, ouvirás a vontade de Deus! a sua palavra, que é toda amor da humanidade e perdão aos desgraçados! — E o sacerdote, chamando a creança, perguntou-lhe:

— O que achas que se deve fazer a esses desgraçados prisioneiros que ahí veem?

— Mandal-os para os seus, por quem choram, — respondeu o innocente.

— Será feita a vossa vontade, meu Deus! — exclamou o Caramurú.

Foram chamados os caciques, e o cavalleiro disse-lhes que era aquella a vontade da creança, já reconhecida chefe...

— Cumpra-se! — responderam estes sem hesitar.

Um clarão de alegria brilhou no semblante do Caramurú em que a morte se ia já pintando.

Foram trazidos os prisioneiros, e o seu cacique, arrogante, como quem está prompto ao fim que o espera, disse altivamente:

— Os bravos morrem valentemente no paiz dos inimigos. Vossa foi a victoria, e tendes-nos nas mãos! Anipla é a nossa patria, e povoam-n'a guerreiros que não deixarão de vingar a nossa morte!...

— Enganaes-vos! Estaes livres, podeis regressar á vossa *tába*! Assim o manda esta creança, hoje chefe de goyanazes e tapuyas!

A terra que se tivesse aberto aos pés dos guaranys e cahetés prisioneiros, não lhes teria causado maior espanto! E foi preciso que os caciques vencedores lhes tirassem os laços de *tocon* que os ligavam, e lhes deixassem franca sahida, para acreditarem o que ouviam.

Então, esse germen de docilidade que existe sempre no homem, ainda o menos culto, e esse apreço da vida, que não deixa de abrigar tambem o coração ainda o



mais destemido, acordaram na alma d'aquelles rudes selvagens, que se prostraram aos pés da creança, roçando as frentes na terra, em signal de reconhecimento.

Foi este espectáculo sublime, o ultimo que o cavalleiro admirou tendo ainda consciencia do que o cercava, e que lhe deixou um sorriso de esperança e alegria suave estampado no rosto! Foi essa a expressão que acompanhou as palavras incoherentes que começou a proferir, n'essa confusão em que a natureza como que lança o pensamento do homem, quando a Deus apraz, talvez, fazer esquecer successivamente ao espirito humano esta vida, preparando a sua transicção para a outra.

— Ridentes paizagens do Minho! Portugal! Portugal! — foram as suas ultimas palavras. . .

— Erguei-vos e retira-vos em silencio! Não canteis os vossos *apresses* — disse baixinho a creança, já orphã, aos prisioneiros. — Não acordeis o Caramurú, que dorme e sonha com a outra nossa patria. . . Portugal!

Com effeito, Diogo Alvares, o minhoto, o cavalleiro christão, adormecera no seio da morte.

FIM DA PARTE PRIMEIRA



PARTE II
A INDEPENDENCIA DO BRAZIL

I

A aprendizagem liberal



ANTEVE-SE na geração de Diogo Alva-
res, o fidalgo minhoto, de que a sorte
fizera o chefe indio Caramurú, a dis-
posição por elle estabelecida a res-
peito de seu filho, ao mandal-o para
Portugal a fim de ser educado, e sendo
observada fielmente, e perpetuada pe-
los seus descendentes, que se honra-
vam em serem chamados os Caramu-
rús, os senhores do solar minhoto de
Deuchriste passavam, segundo essa tradicção de fami-
lia, a infancia no Minho, depois iam instruir-se em

França, e por ultimo partiam a exercer a sua actividade no Brazil, em que possuíam extensas propriedades e commercio, provindos do estabelecimento do seu famoso antepassado em Villa Velha, proximo da Bahia, cidade da qual as principaes familias eram do seu sangue.

Em tres seculos decorridos, o dominio portuguez no Brazil mantivera-se, apesar de todas as vicissitudes da mãe patria, que, por muitos annos encorporada na monarchia hespanhola, logrou, não obstante as ambições de inglezes, hollandezes e francezes, não ser desapossada da Terra de Santa Cruz, descoberta por Cabral.

Copiosa foi a série de acontecimentos que n'esse longo periodo se deu, e a historia do Brazil relata.

Entre elles são notaveis: a expedição ingleza de Lencastre; as ambições dos hespanhoes pela conquista d'esse sonhado paiz em que o rei todos os dias se cobria de pó de ouro, e por isso chamado *El Dorado*; a primeira rebelião de Fernandes Vieira contra o jugo hollandez; o dominio geral dos jesuitas, de que o padre Antonio Vieira foi ali figura principal; a descoberta do ouro em Minas Geraes; depois as novas ambições dos francezes, que deram as expedições de Duclerc e Dugain Trouin em 1710, sonhando a realisação da *França Antartica*; a descoberta dos diamantes em 1729; mais tarde as medidas do marquez de Pombal, creando as companhias do Maranhão e do Grão Pará; a guerra de 1762, quando a França se alliou á Hespanha contra a Inglaterra; e, finalmente, a conspiração de Minas Geraes, organisaada por José Joaquim da Silva Xavier, mais conhecido pelo *Tiradentes*, influenciado pelo exemplo da emancipação das colonias inglezas da America, precisamente no mesmo anno de 1789, em que na Europa explodia o movimento gigante da revolução franceza.

Quando na capital da França se deram esses memoraveis acontecimentos, achava-se ali a educar o morgado de Deuchriste, tambem chamado Diogo Alvares, como o seu antepassado, mas por toda a gente conhe-



cido por o Caramurú, pois que este nome ficára designando os senhores do velho solar minhoto.

Fôra companheiro d'estudos de José Bonifacio de Andrade e Silva, um dos futuros heroes da emancipação do Brazil.

Tinham-se dado os successos da revolução franceza, que foram grandiosos, e de certa maneira justificados pelas razões amontoadas no passado e pelas legitimas aspirações do futuro, que a nova sociedade formuláva, e o joven Caramurú, dotado de grande intelligencia, embora creado no Minho, em atmospherá de principios bem diversos, se era aristocrata pelo viver e costumes, era liberal pela finura intellectual e pela grandeza d'alma. Ninguem venerava mais do que elle a Deus, mas não confundia o divino com o profano. Entendia que se podia ser bom christão sem jurar cegamente em todos os artigos do direito divino, e applaudindo no intimo do coração os votos da soberania nacional, enthusiasmára-se com as imponentes primeiras manifestações da democracia: as sessões da constituinte, o juramento do jogo da péla e a tomada da Bastilha.

Tinha seguido com interesse os successos da tentativa revolucionaria do Tiradentes, no Brazil, procurando estabelecer uma republica, animado pelo exemplo da emancipação das colonias inglezas da America do Norte.

Successos identicos na patria e no paiz que então habitavam, formavam e esclareciam os espiritos dos dois jovens para as idéas liberaes; mas quando chegou a epoca do *terror*, não podendo transigir com os seus excessos sanguinarios, deixaram Paris, indo o Caramurú acompanhar o seu amigo, que aproveitava o ensejo para na Italia proseguir os estudos de naturalista de que o governo portuguez o encarregára, por proposta da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Em Napoles tinham entretido estreitas relações com essa mulher extraordinaria, descendente de portuguezes e nascida em Roma, Leonor da Fonseca Pimentel, poetisa e erudita, cerebro poderoso, que, então, dedicada á realza, foi bibliothecaria da rainha das Duas Sici-

lias, e por fim havia de tornar-se a alma da revolução de Napoles e morrer no cadafalso, martyr da liberdade!

Esta permanencia na formosa cidade do mar Tyrreno formára um capitulo amoroso da vida do joven Diogo Alvares. Apaixonára-se, mais ainda pela grande alma do que pela formosura, de Leonor da Fonseca Pimentel, que então era casada, e cuja honestidade soubera conter sempre no limite de profundo respeito os adoradores ainda os mais perdidos de amor.

Tinham os dois jovens portuguezes voltado a França, agora que Paris era de novo habitavel sob o regimen facil e divertido do directorio, enthusiasmando-os a gloria nascente de Napoleão, a cujas homericas victorias iam assistindo.

Estava-se no anno VI da republica, ou 1798 da era christã.

Paris offerecia um grandioso e memoravel espectaculo n'aquelle dia, um dos mais notaveis da historia de França: a recepção official, pelo directorio, de Napoleão, regressado victorioso da campanha da Italia, arrancada á Austria pelo tratado de Campo Formio, que negociára, e de cuja ratificação era portador.

O Caramurú e José Bonifacio dirigiam-se ao Luxemburgo, para assistirem a essa maravilhosa solemni-
dade republicana, com a curiosidade enthusiastica de corações novos e espiritos elevados, abertos á admiração das grandes conquistas da humanidade.

Quando iam chegando perto do formoso palacio construido por Debrosse para Maria de Médicis, o Caramurú soltou involuntariamente uma exclamação de contentamento:

— Ah! eis a nossa formosa patricia! — e indicava ao seu amigo uma menina de deslumbrante belleza, que, acompanhada por um homem de meia idade, se approximava.

— Quem será?! Que é portugueza, não me resta duvida, depois d'aquelle citação que lhe ouvimos fazer a outra noite no theatro...



— Eu inclino-me a que seja filha do Brazil. . . Assim o indica a sua formosura especial e a pronuncia.

— Talvez não. . . Pareceu-me antes pessoa deshabituada de fallar o portuguez.

Já iam entrando no palacio, e o cavalheiro e a sua gentil companheira encaminharam-se para os amphitheatros reservados ao corpo diplomatico.

— Ainda hoje procurarei saber do nosso ministro quem são. Deve conhecê-los, uma vez que foram convidados para aquella galeria. . .

— Bem! bem! -- observou José Bonifacio, em tom de conselho. — Toma conta com os enthusiasmos do teu coração, meu ardente Caramurú! No amor, como nas ideias politicas, desconfia sempre dos teus primeiros impetos.

— Ah! vens com a moral do costume. . .

— Não esqueças o teu romance de Napoles, assim como o teu fanatismo por esta revolução franceza e os seus homens, que estão longe de ser amaveis para com. . . Portugal.

— A culpa é dos seus estadistas, que tem deixado o paiz submettido á tutella ingleza. . .

— O futuro dirá qual de nós tem razão. . .

Temperado pelo convivio constante das sciencias naturaes, em que era profundo, José Bonifacio era uma especie de mentor do seu amigo, cuja minima credulidade e extrema fogosidade entusiasta, só viam o lado fascinador e bellô de quanto o cercava.

— Com que intenção magnificante tem o directorio preparado esta recepção de Bonaparte! . . . Como tudo isto é grandioso e imponente! — dizia extasiado ante a maravilhosa decoração da entrada monumental do Luxemburgo, em que a solemnidade se ia realizar.

— Concorde! E' magnifico na verdade! Mas, ouviremos logo os discursos de Talleyrand, do general e de Barras, e d'elles concluiremos, com verdade, até que ponto é sincera esta manifestação. . .

— Acreditas nos ciumes do directorio pela gloria de Napoleão?!

— Pois que duvida?! E mais ainda: acredito na finura com que elle apparenta essa modestia que todos lhe notam... Não lêste o que os jornaes dizem da sua attitude hontem no ministerio dos estrangeiros?

— Não, — respondeu o Caramurú, distrahido, a dirigir ardentes olhares para a tribuna do corpo diplomatico, em que appareceu a supposta brazileira.

— Bem! Não ouves o que digo... E's todo olhos para a tua nova conquista.

— Então? —olveu o Caramurú desculpando-se. — Dize lá...

— Envoltas na sua modesta, o general tem já as maneiras calculadas d'um rei. A sala do ministerio estava cheia de gente anciosa por vêr e apertar a mão ao heroe, mas elle, entrando, silencioso e modesto, a ninguem se dirigiu a não ser a Bougainville, o celebre navegador, para o felicitar pela sua viagem á volta do mundo... Elle! o modesto! só a esse distinguiu!

O Caramurú não respondeu, tão presos tinha agora o espirito e os olhos na admiração de quanto via.

O espectáculo era, com effeito, imponente! De distancia a distancia, trophéos magnificos formados de bandeiras tomadas pelos exercitos de Napoleão, destacando sobre o tecido das tres côres nacionaes, que forrava as paredes.

Apinhada nas galerias, toda a alta sociedade de Paris, brilhante nos trajos caracteristicos das modas requintadas do directorio. Musicos e coristas collocados em diversos pontos, entoando canticos nacionaes, e que logo fariam ouvir o hymno composto expressamente por André Chenier para esta solemnidade. Ao fundo, sobre um grande estrado, formavam os membros do directorio, na frente do altar da patria, e vestidos á romana. Rodeava-os uma assistencia brilhante, de generaes, ministros, embaixadores, membros dos dois conselhos, magistrados, guarnecendo os degraus d'esse vasto amphitheatro, que era um verdadeiro throno, sobre o qual se elevava o altar da patria, de que os directores, com as suas tunicas, lembravam os sacerdotes.



D'este espectáculo fascinador o Caramurú só desviava os olhos para contemplar a sua formosa patricia. No meio da anciedade geral, ouviu-se ao longe as bandas marciaes entoarem a Marselheza, e pouco depois a artilheria, formada proximo do palacio, salvava annunciando a chegada ao Luxemburgo do vencedor de Arcole, de Rivoli de Montenotte e de tantas outras batalhas.

— Eil-o ! Eil-o ! — exclamou o Caramurú, indicando ao seu amigo a figura franzina de Napoleão, que appa-



— Ah ! eis a nossa formosa patricia ! (Pag. 182)

recia, acompanhado por Talleyrand, causando a admiração geral o seu rosto pallido, de feições correctas, como a effigie de uma moeda antiga, em que destacava o seu olhar agudo, de aguia.

— Viva a republica ! Viva Bonaparte ! — gritou a multidão.

Acalmada a emoção geral, Talleyrand começou um breve e habil discurso, pondo em relevo os meritos e talentos de Napoleão, que apresentou como isempto de ambições.



— Que tal é o receio que os directores teem da competencia que lhes póde fazer Bonaparte, que não fazem senão apregoar como sua virtude principal; a modestia das suas aspirações pessoais! . . .

— E' que na verdade as suas grandes concepções e planos são todos no interesse exclusivo da patria. . .

— Has de ser toda a vida creança! — replicou José Bonifacio.

Escutemos. Vae fallar o general.

— O que dirá?! Attenção! — concluiu o Caramurú, todo attento ao que o heroe ia proferir.

No meio de um silencio religioso Napoleão, em um tom firme e peremptorio, não fez um discurso, mas, em breves periodos, estabeleceu proposições dizendo:

«Cidadãos!

«O povo francez para ser livre tinha de combater os reis.

«Para obter uma constituição fundada sobre a razão, havia dezoito seculos de preconceitos a vencer.

«Vós e a constituição do anno III triumphastes d'estes obstaculos.

«A religião, o feudalismo, a realza teem ha vinte seculos governado a Europa; mas a paz que acabaes de estabelecer, marca a era dos governos representativos.

«Conseguistes formar a grande nação cujo vasto territorio só é circumscripto pelos limites que a natureza lhe poz.

«Fizestes mais. As duas mais bellas partes da Europa, out'ora tão celebres pelas artes, pelas sciencias e pelos grandes homens de que foram berços, vêem com as maiores esperanças o genio da liberdade elevar-se do tumulo dos antepassados.

«São dois pedestaes sobre que os destinos vão collocar duas poderosas nações.

«Tenho a honra de vos entregar o tratado assignado em Campio Formio, e ratificado por sua Magestade o imperador.

«A paz assegura a liberdade, a prosperidade e a gloria da republica.

«Quando a felicidade do povo francez se firmar em melhores leis organicas, a Europa inteira tornar-se-ha livre.»

Estrondosas acclamações retumbaram, acolhendo a curta peroração do libertador.

— Então?! não admiravel o que disse?!—perguntou o Caramurú ao amigo.

— Admiravel, é, decerto, como theoria, e fino como progamma politico, apezar da apregoada modestia... Olha, agora ahi lhe vae responder a rapoza velha de Barrás! Ouçamos...

De facto, n'aquelle momento, o presidente do directorio, e já previsto contrario de Bonaparte, começou um longo e diffuso discurso, em que seguiu tambem o caminho de pôr em evidencia a modestia e simplicidade do heroe, lamentando, porém, com finura, que não estivesse presente para o festejar o seu camarada Hoche, outro general illustre da republica, cujos serviços pôz tambem em evidencia, e que era o rival supposto de Napoleão.

E por fim, fazendo-se echo da opinião preparada pelo directorio, para afastar de novo Bonaparte de Paris e da politica activa, propunha que elle fosse colher novos louros na expedição contra a Inglaterra.

— Ora aqui tens a moralidade do caso: Napoleão é um homem excepcional, modestissimo, grande patriota, mas... querem-n'o a distancia do governo!...

— Depois discutiremos esse ponto,—replicou o Caramurú um tanto abalado nas suas convicções.—Deixa-me agora dar attenção ao hymno do Chenier.

— E á tua bella, tão attenta como tu ás harmonias.

— Estás hoje de bom humor!

— E tu, entre Deus e os anjos,—tornou sorrindo José Bonifacio ao Caramurú a um tempo enlevado na musica e dirigindo apaixonados olhares para a gentil menina, que tambem não tirava os olhos d'elle.

— Deixa que não me faltaré tempo para voltar ás durezas da vida, pois como diz o poeta: as horas de prazer voam ligeiras...



— Bem! Pódes sonhar á tua vontade...

Emquanto o hymno se executava, dois militares afamados, Joubert, o heroe do Tyrol, e Andreossy, um dos mais celebres officiaes da artilheria republicana, approximaram-se de Napoleão, trazendo a bandeira magnifica, de seda, cheia de inscrições em letras de ouro, contendo todos os feitos do exercito de Italia, e que ao mesmo exercito offerencia o directorio, celebrando a terminação da campanha.

Fallaram ainda estes officiaes, que depois apertaram a mão a Barras; e quando este, a seu turno, veio saudar Bonaparte, os membros do directorio, n'um movimento, estudado ou espontaneo, lançaram-se successivamente nos braços do heroe.

— E' a peça final!—commentou José Bonifacio...

Novas acclamações romperam por todo o recinto, as musicas tocaram de novo a Marselheza, troaram os canhões, e no meio de saudações delirantes, Napoleão fez a sua retirada solemne.

— Então? Então? Qual é a tua impressão de tudo quanto vimos?—perguntou o Caramurú ao seu companheiro. — Mas vem depressa! quero seguil-a a casa — e referia-se á desconhecida beldade.

— E' que, como diz o proverbio francez: *quem muito abraça, pouco aperta*. Não é grande, creio bem, a amizade do directorio por Napoleão, a quem abraça, mas nem por isso a França, deixará de se lançar nos braços d'este, mais dia menos dia, e veremos o que elle faz, — respondeu José Bonifacio seguindo o apressado amigo.

— Ainda bem! respondeu o Caramurú, sem perder de vista a escada das tribunas — e concluiu, com alegria— Ah! eil-a que desce!... Chegamos a tempo.

— Ainda mal, digo eu: Napoleão quer mais guerras, e ao nosso paiz o que convem é a paz; Bonaparte é dos vultos preponderantes menos affectos ao nosso ministro plenipotenciario Antonio de Araujo. Olha! justamente elle ahi desce tambem... Lá se encontrou com a tua futura...



— Veremos que noticias ha esta noite das negociações. Irei á legação...

— Tu queres saber noticias mais e a respeito d'aquella gente...

N'essa noite, com effeito, não deixou o Caramurú de ir visitar o ministro portuguez, e d'elle soube que a gentil menina que o interessava era effectivamente portugueza, nascida no Brazil.

— E' orphã,—disse-lhe o ministro.—Seu pae morreu, coronel de um regimento mandado de Portugal a requisição de Mendonça Furtado...

— O irmão do grande Sebastião de Carvalho, que foi capitão general do Maranhão e Pará?

— Exactamente. Quando se tratava da delimitação das fronteiras com a Hespanha. Morto elle, por pedido da poetisa napolitana, Leonor Pimentel... sua parenta.

— Ah! são parentas? — interrompeu o Caramurú, impressionado ao ouvir citar essa mulher por quem já se apaixonára tambem.

— Sim. Sebastião de Carvalho, abriu uma excepção á lei, e permittiu que a menina, que hoje viu no Luxemburgo, viesse educar-se no convento de Chellas; e agora, vae a Italia agradecer á sua parenta esse obsequio...

D'ahi a dias n'um grupo de membros da colonia portugueza, em que se achava D. Manoel de Mascaranhas, tio da formosa patricia que o Caramurú cortejava, e a quem já fôra apresentado, discutiam-se os engrandecimentos da França, a ruptura das negociações de Lille com a Grã-Bertanha, e a difficeis circumstancias em que se achava Portugal, que até ali tergiversára, não tendo ratificado o tratado negociado por Antonio de Araujo, o qual o directorio já mandára sair de Paris, e que só extra-officialmente obtivera a concessão d'um praso de demora, que estava a expirar.

Sabia-se a má vontade de Napoleão a respeito de Portugal, e as intrigas movidas contra o ministro portuguez por Barrás e Talleyrand.

— Praza a Deus que tantas glorias possam emfim ser dignamente rematadas com a paz.



— Esperemos que sim! — replicou o Caramurú. — Ainda ante-hontem estive com o nosso embaixador, que tem as melhores esperanças na proxima ratificação do tratado entre a França e Portugal. Muito interessa elle ao nosso Brazil. Antonio d'Araujo conseguiu uma grande victoria a respeito dos territorios que nos eram contestados na America...

— Sim. Tambem m'o repetiu.

— Condição não menos importante é que entre a França e Portugal se observe reciproca neutralidade.

— Ah! se tudo isso se realisasse, poderia emfim Portugal respirar, e dedicar-se em socego a reparar tantas desgraças soffridas, e a fazer emfim prosperar o Brazil! — exclamou José Bonifacio.

— Bem o precisa esse tambem... Sem paz interna não será possivel reparar os estragos das luctas com os francezes, e acabar com esse estado latente de inquietação e desconfiança entre a colonia e a metropole, que já deu a primeira tentativa separatista, na louca revolução tentada pelo Tiradentes...

— E a clemencia da rainha não baixará, finalmente, sobre os que ainda estão deportados por esse delicto?

— E' duvidoso. Infelizmente, as idéas reaccionarias accentuam-se cada vez mais em Portugal; é isso que me conserva afastado da patria, de que já estou ausente ha tantos annos.

N'este momento, acercou-se do grupo um outro filho illustre do Brazil, Manoel de Arruda Camara, que igualmente seguia, como José Bonifacio, o estudo das sciencias naturaes pensionado pelo estado. Trazia na mão uma carta, cuja leitura lhe deixára carregado o semblante.

— Noticias de Lisboa? — perguntou-lhe o Caramurú.

— Sim, meu amigo... e desagradaveis para os que vivemos em França...

— Então?

— O ministro Luiz Pinto de Sousa Coutinho parece decididamente curvar-se ás imposições da Inglaterra.

— N'esse caso, a situação de Antonio de Araujo aqui, jnncto do directorio, torna-se insustentavel.

— Bem difficil é ella já. Ainda hontem o nosso representante m'o disse na legação com amargura: passou o dia marcado para a troca das ratificações, o directorio convidou-o a sair de Paris, declarando rotas as negociações, e sò por attenção pessoal para com elle, lhe concedeu o mez de espera que perdeu.

— Mas de Lisboa o que informam?

— Que o tratado se não ratificará. Reina ali o terror depois que se romperam as negociações de Lille entre a França e a Gran-Bretanha. Receia-se que de novo a guerra se accenda, e a Hespanha, dominada pela republica, deixe os seus exercitos entrarem em Portugal.

— Faz bem Luiz Pinto! não haja duvida, em facilitar a Napoleão o fazer da Península teatro das suas victórias como tem sido a Italia — accrescentou o joven Caramurú.

— Se nos ouvissem falar assim em Portugal, longe de nos chamarem patriotas, ter-nos-hiam por *jacobinos*.

— Tal é a desorientação que lá reina, que dizer a verdade francamente, é ser considerado traidor...

— Pouco se me daria...

— Ainda bem que vos noto essa disposição de espirito, para que vos não incommodeis com as admoestações que, supponho, por recommendação de vossos parentes, o nosso ministro está encarregado de vos fazer...

— A mim?! — respondeu altivamente o Caramurú.

— A vós mesmo... Hontem me pediu Antonio de Araujo para vos dizer que o procureis.

— Ainda hoje o irei vêr.

— Serão, como d'outras vezes, receios dos paes da vossa futura esposa de que a alma se vos perca n'este convivio das *bas bleus* do directorio...

No dia immediato, o Caramurú procurou o representante de Portugal. Foi encontral-o doente, de cama, occupado a pôr em ordem documentos officiaes e cartas particulares, muitas das quaes, depois de as ter lido,



mandava inutilisar por empregados da legação que lhe assistiam.

— Sêde bem vindo, meu amigo,—disse-lhe Antonio de Araujo.

— Ignorava que V. Ex.^a estivesse doente, sem o que teria já vindo informar-me do seu estado...

— Isto não vale nada... Resultados do excesso de trabalho e dos cuidados em que ando, graças á desorientação da nossa gente de Portugal,—respondeu o ministro com modo apprehensivo.

— Não se ratifica o tratado?—animou-se o Caramurú a perguntar.

— Perdôe-me pedir-lhe para não falarmos em tal,—replicou o diplomata com visível amargura.—Por mais acostumado que esteja a conter os meus sentimentos, n'esta espinhosa tarefa de representante de uma nação fraca e mal dirigida, difficil me é conservar animo sereno quando a tal respeito falo com portuguezes de confiança...

— Comprehendo como deve ser angustiosa a sua situação...

— Em Portugal não se tem uma idéa, sequer approximada, da tempestade imminente sobre a nossa terra, que longe de conjurar, só fazem por attrahir... Quando a quizerem afastar será tarde... Bem o tenho dito a Luiz de Sousa Coutinho. Mas falemos do que importa... O tempo urge, e não convem que vos demoreis aqui... Poderia resultar-vos algum incommodo...

— O que pretende V. Ex.^a dizer?—retorquiu com interesse o Caramurú, vendo a apprehensão do embaixador.— Terão por acaso fundamento os boatos que tem corrido das desconfianças do directorio a respeito de V. Ex.^a?

— Sei quanto me sois dedicado, sr. Diogo Alvares.

— Chame-me V. Ex.^a, sem cerimonia, Caramurú, como toda a gente...

— Bem vos fica honrar-vos de usar esse nome!... Pois muito particularmente vos digo que tudo devo esperar... Talleyrand e os seus collegas são capazes de

tudo... A politica e a diplomacia, n'estes tempos, não olham os meios, e só attendem aos fins...

— Comprehendo, comprehendo, — e o Caramurú e o ministro trocaram um olhar de intelligencia que era um commentario aos sabidos presentes de barras d'ouro do Brazil, com que o negociador portuguez arrancára as condições favoraveis do tratado.

— O tempo urge, repito. Preciso acabar de pôr em ordem papeis importantes, e estar prevenido para o que der e vier. Chamei-vos para vos entregar estas cartas da vossa familia, vindas com grande recommendação na mala official, e para mais uma vez, a pedido de vossos parentes, vos aconselhar a que vos não deixeis perverter pelas idéas jacobinas...

— Tal preocupação vae-me parecendo monomania...

— E' que não fazeis idéa do estado dos espiritos em Portugal... A reacção campeia mais livre do que nunca...

— Por isso não volto para lá, apesar das recommendações...

— Mas lembrae-vos da vossa futura esposa.

— Que eu apenas vi, sequer... Um casamento que outros trataram por mim!

— Uma santa menina, cheia de amor por vós, e de boa fé, segundo affirmam...

— E eu acredito...

— No vosso caso, antes iria para o seu lado, procurar encaminhal-a para as sãs idéas e esclarecel-a...

— Ahi está v. ex.^a a exercer o seu papel de diplomata, cumprindo discretamente o encargo de me convencer, que lhe deram.

— Não! Como amigo! por minha inspiração vos falava. Mas lêde; lêde, e retiraе-vos, não tenhaes algum dissabor... O terreno da legação, que pizaes, não é seguro n'este momento...

Emquanto o Caramurú se afastava para o vão d'uma janella, a abrir as cartas que o embaixador lhe entregára, este continuou pondo em ordem os seus papeis.

O Caramurú estava prestes a findar a leitura da carta da sua futura esposa, que, como elle dissera, lhe era quasi desconhecida, pois se tratava d'uma combinação de familia, e que parecia causar-lhe grande impressão, quando subitamente entrou o mordomo, com o semblante afflicto de quem é portador de grave noticia:

—Sr. ministro! veem prender a v. ex.^a!

Antonio de Araujo, embora sciente d'uma parte das intrigas contra elle urdidas por Jorge Pope e Viscovi, dois especuladores do *demi-monde*, de quem se servira como agentes, para comprar com muitos milhares de cruzados, influentes politicos que facilitassem a negociação do tratado de paz, recebeu um grande choque, mas logo recobrou a serenidade de animo.

—Fazei entrar as auctoridades.

O mordomo sahiu, e entretanto o ministro mandou levar e queimar immediatamente os papeis rasgados. Depois, muito sereno, esperou recostado no leito.

Passados momentos, entrou um agente do ministro da policia Sotin, que, inclinandó-se, leu o seguinte mandado de captura:

«Ministerio da policia geral da republica franceza — Liberdade-Igualdade-Fraternidade. Paris, 8 de Nivose, anno 6.^o da republica. O directorio executivo, em virtude do art. 145.^o da Constituição, e considerando que o sr. Araujo de Azevedo, ex-ministro plenipotenciario da rainha de Portugal em França, é indiciado de ter durante a sua residencia em França conspirado contra a segurança interna, e especialmente de haver urdido uma trama, por meio da qual se pretendia comprometer alguns dos membros do governo; determina que o dito Araujo d'Azevedo seja preso, que se ponham os sellos nos seus papeis, em todos os seus moveis, ouro e prata, depois de separados aquelles dos ditos papeis que puderem parecer suspeitos, e que sejam immediatamente remettidos ao ministerio e a policia geral. Ordena a todos os executores de mandados de justiça que conduzam sem demora o dito Araujo de Azevedo ao Templo, na Communa de Paris, e ao director d'esta

casa de detenção que o receba, tudo em conformidade com a lei;

Encarrega a qualquer commandante da força publica que preste auxilio em caso de necessidade para a execução do presente mandado de prisão :

Os ministros da policia geral e da justiça, cada um no que lhe toca, executem a presente resolução, que não se imprimirá. Conferido com o original. O presidente do directorio executivo, Barras.

Pelo directorio executivo, o secretario geral Lagarde. Está conforme. O ministro da policia geral Sotin.»

— Estou de cama, como vêdes; não posso acompanhar-vos.

— Sinto dizer-vos, senhor! que tenho de cumprir esta ordem, sem attender a observações de qualquer natureza que sejam.

— Muito bem! Vou vestir-me e seguir-vos-hei, depois de ter lavrado o meu protesto contra esta violação do direito e de todas as leis e principios de cortezia, que hoje mesmo farei distribuir ao corpo diplomatico.

- Como entenderdes, — limitou-se o agente a dizer.

D'ahi a pouco, o ministro, tendo lavrado o seu protesto dirigido a Talleyrand, despediu-se dos compatriotas, e seguiu para o ministerio da policia, sendo n'esse mesmo dia encarcerado na prisão do Templo.

Decorreram bastantes mezes, em que todos os portuguezes residentes em Paris seguiram com anciedade os azares das negociações com a França, e as reclamações para ser posto em liberdade o ministro.

Desgostoso com taes successos, dizia o Caramurú a José Bonifacio :

— Com a fraqueza com que os nossos estadistas se estão deixando humilhar por todos os gabinetes estrangeiros... qualquer dia deixo a Europa e vou estabelecer-me para sempre nas minhas terras do Brazil...

— N'isso farias bem... Entretanto, convence-te, não nos fica mal sahirnos de Paris... como te é recommendado pelos teus parentes...

— Onde querias tu ir agora continuar os teus estudos?

— Em Napoles. Desejo avistar-me com a nossa erudita compatriota Leonor da Fonseca Pimentel...

Ouvindo pronunciar este nome, o Caramurú ergueu-se de repente, como tomado de forte emoção, e, desconfiado, interrogou:

— E convidas-me para isso?!

— Porque não? — respondeu José Bonifacio naturalmente, sorrindo. — Só se ainda receias ser outra vez assaltado pela tua antiga paixão...

O Caramurú ficou alguns momentos absorvido nos seus pensamentos; depois, como quem toma uma resolução, concluiu:

— Estou persuadido que estás feito com os meus, para me experimentarem...

— Eu?!

— Ou então, é grande força do acaso. Hoje és tu que me incitas a tornar a vêr Leonor Pimentel; hontem era esta carta que recebi da minha futura mulher. Lê este periodo... — e deu-lhe a carta.

— «Tanto não tenho já ciumes, como julgas, que te peço voltes a Napoles, a dizer da minha parte a Leonor, que lhe faço inteira justiça, e sou sempre a sua amiga dedicada e admiradora do seu talento.»

— Não será estranha coincidência?...

— Provaria isso que tua prima, falando-te como um livro aberto, te diz coisa que não destôa do meu conselho de amigo... Essa experiencia de ti mesmo, tambem eu a julgo opportuna.

— Pois seja. Vamos a Napoles. Será uma ultima estancia d'esta peregrinação atravez da Europa, que o Caramurú, meu antepassado, impoz aos seus descendentes, e que essa minha creancice de ha um anno em Roma tem feito prolongar, em razão das coisas assombrosas que foram dizer em Lisboa. Vamos a Napoles! — concluiu entusiasmado.



I

No mar Tyrreno



VELEIRA barca franceza *Jeanne d'Arc* deixára, havia tres dias, o porto de Marselha, seguindo a sua curta derrota para Napoles.

Seguiam n'ella, como passageiros, o Caramurú e José Bonifacio. Do dialogo que, á ré, sobre a coberta, entretinham, concluia-se que a bordo vinham tambem D. Manoel de Mascarenhas e a sobrinha.

— Como tu conseguiste saber que viriam n'este navio! — dizia o naturalista em tom admirativo. — E's realmente perito em questões de namoro.

— Estás completamente enganado! Não fiz a menor indagação, para embarcar no mesmo transporte.

— Foi então obra do acaso?! — replicou sorrindo o incredulo José Bonifacio.

— Decerto! A não ser que os papeis se tenham invertido, e que em lugar de eu ser o indagante, fosse o indagado...

— Como ?

— Nas ultimas vezes que nos encontrámos em Paris, foi D. Manoel quem me perguntou : quando e em que navio tencionavamos seguir de Marselha para Napoles!...

— E' celebre ! Haverá aqui trama ? — concluiu ironico o estudante. — Quererá a sua formosa sobrinha fazer-te quebrar esse historico compromisso de casamento que tens em Portugal, arrebatando-te a essa noiva que é para ti quasi um mytho, porque desde que sahiste, creança ainda, do Minho, nunca mais a viste ?

— Ahi vens tu com gracejos. Isto, é apenas mais um episodio amoroso na minha vida, e que não tem importancia...

— Como o de Napoles, não é verdade ? Pois acautela-te, que Leonor Pimentel está agora viuva, e podes novamente apaixonares-te ; o que vale é que este teu novo romance fará diversão ao antigo .. E's um homem fadado para amores!...

— Não sejas indiscreto... Cala-te, — atalhou apressado o Caramurú, vendo surgir, quasi repentinamente, ao seu lado, d'uma escotilha, como appareição magica, a formosa brasileira, seguida pelo tio.

— Bons dias, meus senhores. Vejo que são marinheiros, que se dão bem com o mar, — disse-lhes sorrindo.

— Não admira ! Ha muito que viajamos...

— V. ex.^a é que me admira, — observou amavel o Caramurú ; — em geral as senhoras incommodam-se com o balanço, e a *Jeanne d'Arc* marcha bem, mas salta sobre as ondas como uma corça...

— Até me faz bem este baloiçar constante. De noite, embala-me e faz-me dormir melhor ; de dia, não me incommoda e dá-me excellente appetite, o que em terra nem sempre tenho.

José Bonifacio afastára-se, entretanto, com D. Manoel, para a prôa, d'onde o capitão da barca, com um oculto, interrogava attento o horisonte.

— V. ex.^a estava talhada para esposa d'um marinheiro... Poderia passar toda a vida embarcada.

— Deus me livre! Gosto das viagens por mar, uma vez por outra... Mas trocar o elemento solido pelo liquido, permanentemente, isso não! Lá diz o proverbio: por terra anda a rapoza...

— Pois sinto... Já pensava em me fazer marinho... Era uma probabilidade...

— Ah! recomeça com os seus galanteios de Paris... Já esqueceu o meu sermão e os meus conselhos?...

— Então? se a sympathia que v. ex.^a me deve, é mais forte do que todas as sensatas considerações...

— Não, não é esse o motivo... mas o que lhe dizia o seu amigo quando eu surgi d'aquella escotilha, como figura de theatro d'um alçapão. Elle bem lh'o disse: o sr. Diogo Alvares...

— Chame-me v. ex.^a Caramurú. Prefiro-o...

— E' um predestinado para lances amorosos. Não lhes pôde resistir, e por isso não attende aos conselhos que lhe dei. E' o caso: *chassez le naturel, il revient au galop*...

— E até aqui mesmo, á vista d'essas formosas costas da Italia, paiz da arte, da poesia e de amores; sobre este mar de idyllios, que vamos atravessando; a bordo d'esta esbelta embarcação, cujo nome recorda um dos mais admiraveis typos de mulher, entusiasta e digna de todos os preitos e homenagens, v. ex.^a quer que eu vença esta tendencia do meu coração, levado naturalmente, bem o sei, para adorar tudo que é digno de ser adorado, como v. ex.^a...

— Cuidado! sr. Diogo Alvares, com as suas invocações... Estamos brincando, como creanças, convenho, mas nem brincando se toca em venerandas imagens: Jeanne d'Arc é um d'esses entes intermedios entre a humanidade e a divindade, que não pôdem ser chamados para desculpa de peccadilhos, e só como exemplo de virtudes superiores. Jeanne d'Arc era o typo da lealdade... Lembro-lhe este nobre dever. Recorde-se da sua noiva de Portugal... Não esqueça que vae a Napoles em romaria de contricção, e exame de consciência, para averiguar se lhe passou de todo essa ou-

tra paixão pela minha amiga, a grande poetisa Leonor Pimentel...

N'este momento, ouviu-se um tiro distante no mar, e logo depois o capitão dizendo da ponte para os passageiros que, na coberta, de oculos assestados, observavam o horizonte :

— Não ha duvida! São as esquadras de Nelson e do marquez de Niza, que se encontram e saúdam.

— Se andam por estes sitios, graves successos se terão dado nas Duas Sicilias.

— Quando aqui estive, ha um mez, era cada vez maior a perseguição contra os patriotas. No castello de Sant'Elmo já não cabiam mais prisioneiros.

— Pobre Leonor! Tremo por ella! E nós aqui a brincarmos a seu respeito. Queira Deus que não vamos assistir em Napoles a tristes acontecimentos.

— Tambem o receio, — respondeu o Caramurú, arrancado por momentos ás suas paixões. — Estou curado a respeito de amor por ella, mas tenho-lhe verdadeira amisade, e sei que vive nos maiores perigos depois que se tornou a alma da revolução, como redactora do *Monitor de Napoles*.

— Se nós conseguissemos arrancar-la d'ali e trazel-a para Portugal.. Isso sim, isso seria empreza digna de si e de mim, e na qual não teria duvida em nos associarmos...

— E porque não?! Sou um escravo de v. ex.^a.

— Escravo?! E' incompativel tal situação com um patriota! Basta que seja meu alliado...

— Serei o que v. ex.^a quizer, comtanto que lhe mostre a minha dedicação ..

— Pois á noite esboçaremos um plano. Agora, veja: as esquadras approximam-se, e parecem até dirigir-se para nós.

— Olá! O que nos quererá o inglez, para me estar pedindo a bandeira? — exclamou o capitão com o oculo dirigido para os navios inglezes.

— Sabeis a condição com que tomei passagem no vosso navio, estando, póde dizer-se, novamente decla-

rada a guerra entre a republica e a Grã-Bretanha, depois que se romperam as negociações de Lille, — disse D. Manoel.

— Perfeitamente, senhor! E cumprirei o que vos prometti, embora me custe. Descançae, que não sereis incommodado.

— N'esse caso, o que tem de ser, seja. Olhae, d'um dos navios inglezes deitaram um escaler ao mar. .

— Pois não teremos de receber a sua desagradavel



A veleira barca franceza *Jeanne d'Arc* (Pag. 197)

visita! — E com surpresa dos demais passageiros, que não sabiam das condições estabelecidas entre o fidalgo e o capitão, para o caso de encontrarem navios de guerra inglezes, este mandou içar a bandeira portugueza.

— Muito bem! Muito bem! — exclamou novamente o tio da formosa brazileira, — poderemos seguir o nosso caminho sem sermos incommodados. Os nossos allia-dos portam-se correctamente. . . Lá voltou já o escaler para o navio. . .

— Os nossos alliados! — disse com accentuado desdem a sobrinha. — Tomára não ouvir falar em tal gente...

— Não sabes o que dizes, Margarida!... Se não fossem os inglezes, o que teria já sido de Portugal e do Brazil?... Estavamos nas mãos dos francezes ha que tempos...

— O que equivale a dizer que as nossas patrias se acham entre Scylla e Charybdes — observou o Caramurú approximando-se.

— Ah! V. Ex.^a, é tambem anglophobo como Margarida...

— Bem! agora são os seus patricios, sr. D. Manoel — exclamou o commandante, — que deitam uma embarcação ao mar. A esses é que não podemos deixar de receber, desde que arvorámos a sua bandeira.

— Decerto! Decerto! E estae seguro que nos tratarão bem, e nos deixarão seguir para Napoles. Na esquadra do Marquez de Niza tenho não só muitos officiaes conhecidos e amigos, mas até parentes.

— *A' la bonne heure*, — replicou o commandante. — Vou mandar arriar a escada de portaló,—e afastou-se para dar as suas ordens.

Emquanto Margarida e o Caramurú reatavam o seu interrompido dialogo, D. Manoel, chamando de parte José Bonifacio, que, estranho a quanto se passava, lia attentamente um livro, disse-lhe confidencialmente:

— Tinha graça que se encontrasse a ronda com a justiça... no alto mar...

— Não percebo, — respondeu o sabio, mal disposto por se ver perturbado nos seus estudos...

— Lembra-se da nossa ultima conversa em Paris?

— A respeito do outro pretendente á mão de sua sobrinha?

— Sim! Meu sobrinho tambem... Primo d'ella... E' isso mesmo...

— E então?

— E' tenente d'uma das fragatas da esquadra do Marquez de Niza...

— Perfeitamente... E depois?

— Não tinha graça, que fosse elle quem viesse n'esse escaler?

— Seria uma fortuna... para lhe tirar essa paixão. Permitta V. Ex.^a que lhe diga: a sr.^a D. Margarida tomou muito a serio os seus antigos compromissos...

— Infelizmente! Infelizmente! — murmurou entre dentes o fidalgo. Mas immediatamente, mudando de expressão e com o maior contentamento, exclamou: — Pois é elle! Não ha duvida! Parecia que o coração m'ò adivinhava...

— Elle quem?! — perguntou Margarida approximando-se.

— Teu primo! O nosso Alexandre! E' o official que vem no escaler!

— Pois digo-lhe que tem artes magicas para ser massador! Nem sequer no mar deixa de nos perseguir!

— E tu! continuas, como sempre, a ser o mais desobrigante possivel para com elle... Queira Deus te não venhas a arrepender... Bem me entendes...

Só terei que me queixar de mim...

Mas D. Manoel já a não ouviu, porque todo era olhos para o escaler, que se achava já pertíssimo, e com o qual trocava animados signaes.

D'ahi a pouco, abraçava orgulhoso o tenente da marinha portugueza, mal este punha o pé no convez da *Jeanne d'Arc*, e com ufania o apresentava ao Caramurú e a José Bonifacio:

— Meu sobrinho Alexandre de Mascarenhas! — e trocados os cumprimentos, concluiu: — Isto é que se chama um feliz accaso!

— Não tanto accaso, como pensa, meu caro tio. Recibi ha dias em Napoles a sua carta annunciando-me o dia da sua partida de Marselha, e a precaução com que viajaria em navio francez; e por isso, vendo a *Jeanne d'Arc*, que tanto nós, como os inglezes, bem sabiamos não ser portugueza, arvorar a bandeira azul e branca, tive suspeitas de que o conduzia, e pedi para

vir no escaler, com a esperança de o encontrar e á
prima, que não vejo!... Estará incommodada?...»

— Não! Não tarda ahí, — e D. Manoel a custo disfarçava o seu mau humor por a sobrinha se ter retirado.

— Onde se dirige a esquadra?

— Andamos cruzando. A' manhã ou depois voltaremos a Napoles.

— Ah! então lá nos encontraremos...

— Sim, mas não lhe aconselho a que se demore. Aquillo está por lá muito agitado.

— Então?!

— Os jacobinos, os taes patriotas napolitanos! não querem ter juizo... apesar da licção que receberam depois da capitulação...

— Desculpe V. Ex.^a que o interrompa, — observou o Caramuru, com o sentimento previsto de quem se dirigia a um inimigo politico e a um rival em amor — foi um logro, uma traição de Nelson, que prendeu e fez julgar os que, fiados na sua palavra, se tinham embarcado com o fim de emigrarem para França...

— Ora! na guerra, como guerra! — respondeu o tenente...

— Perdão! não é tanto assim, e exulto por que ao menos o nome de Moreira Freire não figurasse na capitulação violada pelo rei Fernando das duas Sicilias, já que a complacencia do nosso governo deixou que tropas portuguezas se juntassem a esse famoso exercito do cardeal Ruffó, o exercito chamado da Santa Fé, de que fazem parte os grilhetas de Panedigrano, e os salteadores de Mammone e de Fra Diavolo!

— Vejo que o sr. Diogo Alvares está saturado das ideias predominantés em França. Não admira, vivendo n'esse paiz ha bastantes annos. Conhecemo-nos ha um instante, e por isso não posso aconselhal-o como amigo; mas desejaria, se m'ó permittisse, fazer-lhe, como patricio, uma prevenção...

— Ouvil-a-hei...

— Em Napoles, para onde se dirige, não exponha

com tanta franqueza, a toda a gente, essas ideias... Seria arriscado...

— Mas, não digo senão a verdade!...

— Póde ser, não discuto, porque não costumo discutir os principios que, como militar, tenho obrigação de combater...

— E eu direi a v. ex.^a que, se fosse militar, não defenderia causas que não podesse discutir... Passou o tempo do homem combater cegamente, sem saber se as ideias que defende são ou não justas...

-- Também isso é possível, e também não discuto... São modos de encarar as coisas. O que não invalida a prevenção que lhe fiz .. Por expender no *Monitor Napolitano* idéas como essas, ainda estes dias estive para ser preza a nossa patricia, e parenta afastada, Leonor da Fonseca Pimentel.

— Preza! Leonor! Um tamanho talento e uma tão grande alma! Seria mais uma cobardia d'esses reis, seus antigos amigos! — exclamou Margarida, que chegava.

— Oh! minha prima! disse o tenente, admirado com a inesperada intervenção. — Como está exaltada! Sinto notar os progressos que as suas idéas fizeram em Paris ..

— E eu estimo até muito que as note, para conhecer que são cada vez mais diferentes das suas...

— Linda forma, na verdade, de receberes o Alexandre, que aqui veio só para nos ver...

— Não é tanto assim, meu tio voltou o official, despeitado com aquelle acolhimento. — Trago encargo a cumprir junto do capitão d'este navio, e como não posso demorar-me, permittam que vá tomar as suas declarações.

E afastou-se seguido pelo tio, em quanto Margarida, consternada, dirigindo-se ao Caramurú com uma intimidade effusiva, que elle não deixou de notar, lhe disse:

— Leonor corre perigo!... Agora mais do que nunca precisamos unir os nossos esforços para a arrancarmos a tal situação...

— N'isso, como em tudo, o meu coração só pode estar ao lado de V. Ex.^a a combater pela mesma causa...

— Deixemos o coração de parte, por agora —, replicou Margarida sorrindo. — Das nossas razões, frias e socegadas, é que precisamos, para lhe valer.

— Mande V. Ex.^a... eu obedecerei...

— Não!... Antes de chegarmos a Napoles teremos tempo de formar um plano... Leonor é um espirito muito elevado, mas especialissimo... O sr. Diogo Alvares deve sabel-o... Creio que a conhece intimamente... Ouvi até dizer que foi já um dos seus apaixonados... — concluiu com um risinho motejador...

— Quer castigar-me recordando-me essa creancice?

— Creancice?! Mas foi hontem! pôde dizer-se... Porque não julgarei creancice tambem os protestos que me faz?

— Desde então tenho pensado muito; tenho-me transformado; e pela primeira vez, quer v. ex.^a me acredite ou não, reconheço que encaro o amor a sério...

— Sim?! — replicou incredula, sorrindo...

— Tanto a sério, que a todos os momentos penso na fórmula, digna e razoavel, de romper esse compromisso que tenho desde creança, com uma outra creança tambem, que não me conhece, pôde dizer-se, como eu a não conheço, porque tudo foi tratado por nossas familias... E' o que farei em chegando a Portugal.

— Ah! estimo vêr a lealdade com que deseja proceder... Em Portugal nos veremos algum dia, e saberei o que conseguiu...

— Ser livre decerto, para lhe poder offerecer o meu nome... Aceital-o-ha então?

— Veremos... Isso ainda vem muito longe... Agora é na pobre Leonor que devemos pensar.

N'este momento, sahia o tenente da camara do capitão. Viu que a prima ainda estava conversando com o Caramurú, e despeitado disse ao tio, que o seguia:

— Não me irei despedir, para a não incomodar... Os seus planos, meu tio, vão-se pela agua abaixo...

— Não! Não! e não! — replicou D. Manoel. — Assim

que chegar a Nápoles, sob um pretexto qualquer, voltaremos para Lisboa. Porei termo a esta correria, em que condescendi para fazer a tal experiencia que ella dizia. . .

— Experiencia que, diga-se a verdade,—observou o tenente com visivel despeito,—parece ir-lhe sahindo ás mil maravilhas. . . .

— Eu cá estou para lhe pôr impedimentos. . .

— Deus queira que seja mais feliz do que até agora! . . .

E apertando a mão do tio e, abraçando-o, desceu a escada de portaló, e só do escaler, quando este já vogava afastando-se da barca, cumprimentou a prima e o Caramurú, encostados á amurada.





III

A martyr napolitana



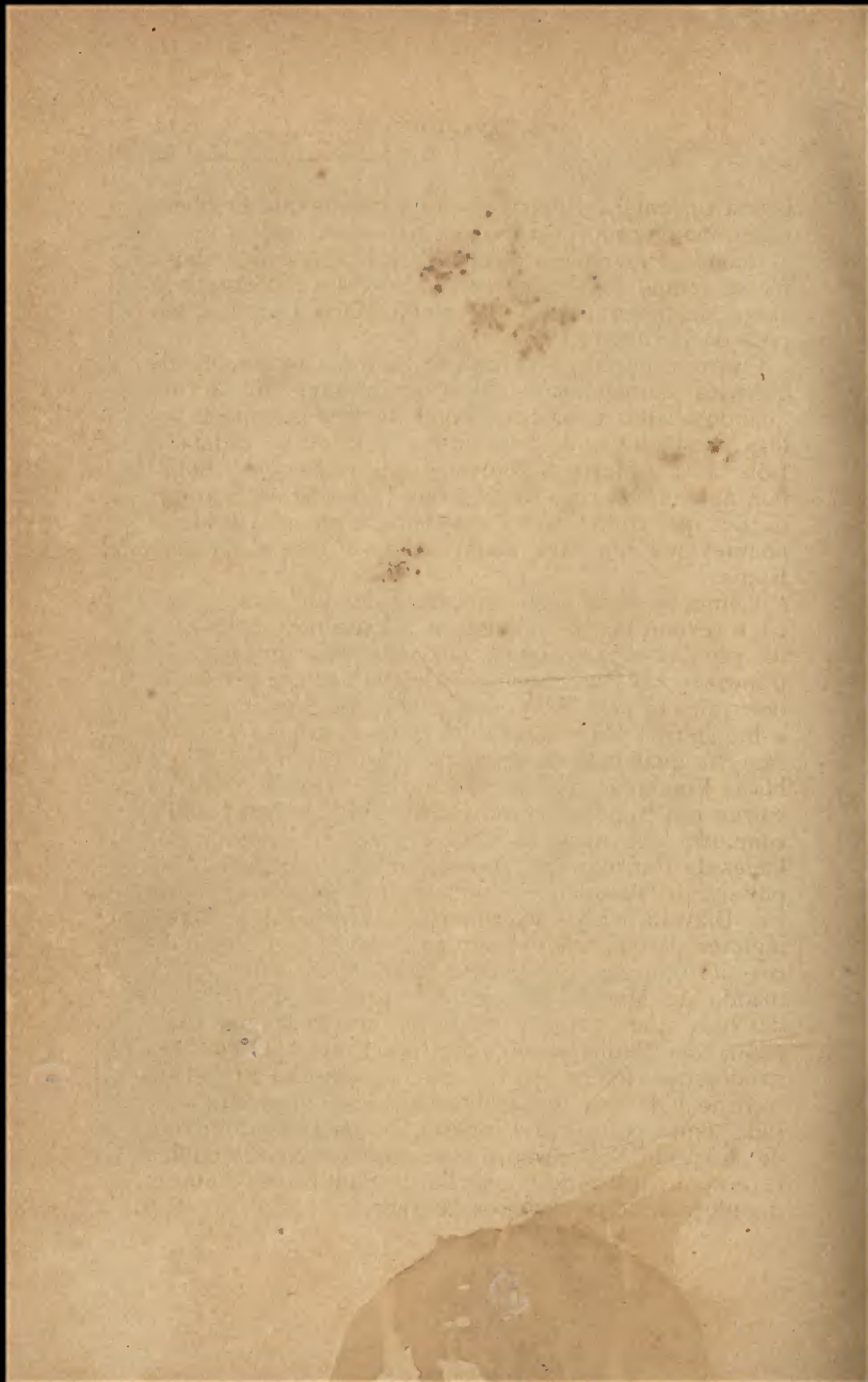
ONVÉM mostrar a situação que se dava em Napoles. A dois passos da França, o movimento das idéas liberaes da grande revolução de 1789, fizera-se ali repercutir, casando-se com as naturaes aspirações que abrigava o reino das Duas Sicilias, e que, germinando ainda por meio seculo, daria mais tarde a unidade italiana. Quando, pois, a revolução explodiu em França, o rei Fernando IV achou a occasião opportuna para eximir as Duas Sicilias á tutella do pontificado, e não quiz pagar a contribuição de sete mil ducados que annualmente dava ao papa.

Todo o povo o applaudiu, e Leonor da Fonseca Pimentel, uma das mulheres mais talentosas de Napoles, filha de portuguezes de Beja, que havia annos se tinham ido estabelecer em Roma, poetisa e profunda conhecedora de todas as sciencias, com a sua inspirada



-- Coragem ! Deus espera-vos no céo ! (Pag. 221)





penna sustentára e defendera este movimento de libertação, inaugurado pela monarchia napolitana.

Leonor Pimentel era uma liberal convicta, embora n'esse tempo fosse uma palaciana, pois que exercia o cargo de bibliothecaria da rainha Maria Carolina, esposa de Fernando IV.

Quando, porém, a revolução franceza se lançou nos excessos demagogicos e nas crueldades do *terror*, quando abateu a realeza, depois de ter destruido as velhas prerogativas da aristocracia, e levou ao cadafalso Luiz XVI e Maria Antonieta, o rei de Napoles, Bourbon aparentado com os da França, poz-se ao lado das nações que combatiam a republica, e renegou as ideias liberaes que admittira, congraçando-se com a côrte de Roma.

Começou uma lucta intestina, de que veio a brotar a revolução de Napoles, e a existencia ephemera da republica partenopêa, auxiliada pela entrada dos francezes nas Duas Sicilias, e depois a contra revolução determinada pela alliança da monarchia napolitana com a Inglaterra e as nações que, como Portugal, a seguiram, na qualidade de chefe da opposição feita á republica. Foi então que o chamado exercito da *Santa Fé* entrou em Napoles, commandado pelo cardeal Ruffo e composto dos mais variados elementos, como os grilhetas de Panedigrano, que o general inglez Stuart expulsára de Messina, os salteadores de Mainmone e de Fra Diavolo, russos schismaticos, turcos, protestantes inglezes destacados da esquadra de Nelson e catholicos portuguezes igualmente destacados, sob o commando de Moreira Freire, da esquadra do marquez de Niza, que seguia a do almirante inglez na campanha do Mediterraneo, contra a França. O rei Fernando, que fugira para a Sicilia, voltou á capital, e, incitado pela rainha Carolina, ligada por estreita amizade com a embaixatriz ingleza Emma Lyona, amante do almirante Nelson, lançou-se nos excessos da contra revolução, atulhando o castello de Sant'Elmo, e outras masmorras, de prisioneiros liberaes.

Leonor da Fonseca Pimentel, que enviuvára em 1795, entrou com ardor na lucta politica, e, rompendo os antigos laços que a uniam á côrte, tornou-se a alina e a musa da revolução. Foi quem escreveu a *Marselhesa Napolitana*, e redigia com extraordinaria vehemencia o *Monitor de Napoles*, no momento em que segue a nossa narrativa. A sua existencia e a sua liberdade corriam o maior risco, e a todo o momento se esperava contra ella um acto de violencia, que a lançasse no carcere onde jaziam tantos milhares de patriotas.

O castello de Sant'Elmo, a prisão Marmetina e o castello Nuovo regorgitavam de prisioneiros politicos, que summariamente eram julgados pelo tribunal constituido no convento de Monte Oliveto, e que funcionava na grande sala do refeitório, para o effeito guardada de preto, com um grande crucifixo collocado na parede, por detraz do estrado do presidente, e rodeado por trophéus das armas dos Bourbons de Napoles e de Hespanha.

O processo corria breve; todos eram condemnados, e, com a mesma sina fatal dos que, no tempo da senhoria de Veneza, tinham a desventura de atravessar a celebre *ponte dos suspiros*, os patriotas que entravam n'aquella sala do segundo andar de Monte Oliveto, passavam d'ali para a *Vicarie*, onde os esperava o oratorio, ultima estação antes do cadafalso.

Tal era o horror da situação em Napoles, e D. Manoel dizia mal á sua vida por ter consentido n'aquelle desejo da sobrinha de se encontrar com Leonor da Fonseca Pimentel. Os dias d'esta mulher celebre estavam contados. Vulto proeminente da revolução, o seu grande talento e as suas grandes qualidades de caracter tinham feito da sua pessoa um symbolo popular. Era nova, pois contava trinta e tantos annos, e depois que enviuvára, a dôr e o lucto em que vivia lançaram-n'a fanaticamente na lucta politica, apaixonada pelo ideal da emancipação do povo, e com a esperanza intima, que lhe sorria, de encontrar na morte gloriosa da martyr politica o termo dos seus soffrimentos de

viuva. Tinha, pois, a fé dos que já descontam a morte, como um allivio das desventuras da vida.

O povo adorava-a, fazia d'ella o seu idolo. Os seus artigos do *Monitor Napolitano*, vibrantes, escriptos com uma inspiração de poeta, que rivalisava com o grande Metastasio, e com um vigor que nenhum outro pamphletario da republica partenopêa attingira, eram devorados pelos patriotas sedentos de liberdade e cegos de furor contra as exacções de Nelson, do cardeal Ruffo e dos seus sicarios, fieis cumpridores do programma de violencias e perseguições com que os reis Fernando e Maria Carolina tinham voltado a Napoles, trazidos pelo almirante inglez, depois da sua fuga ao rebentar a revolução. E assim, Leonor Pimentel, alegrando-se sinceramente por conhecer Margarida e por tornar a vêr o Caramurú, recusava obstinadamente o convite que lhe faziam para abandonar o movimento politico e vir com elles a Portugal.

— Seria um acto de fraqueza indigno de mim, — dizia-lhes — desertar a causa que jurei, e pela qual estou disposta a morrer!

— Mas, bem o sabeis, — observou-lhe Margarida — é uma causa irremediavelmente perdida.

— Embora! o sangue dos martyres que vae correndo no cadafalso, não será perdido, e cimentará a liberdade futura d'este povo.

— Tão nova! — dizia-lhe o Caramurú — bella e cheia de meritos e virtudes, maior e melhor seria o vosso destino em outro paiz, no qual, sem o sacrificio da vida, pudesseis igualmente trabalhar pelos principios liberaes.

— Esta é a minha patria!...

— Vinde connosco, e se vos desagrada a reacção que em Portugal se accentua, passareis commigo ao Brazil, essa terra virgem, em que mais cedo ou mais tarde, a liberdade despontará brilhante...

— Creio-o bem! E vós dois! novos, amantes e apaixonados, sois bem a personificação d'esse futuro ridente que espera a antiga Terra de Santa Cruz. Tra-

balhae pela sua emancipação, e será esse o melhor preito que prestareis á minha memoria.

— Vindes sempre envolvendo os nossos negocios particulares com a causa da liberdade, — observou-lhe Margarida. — E comtudo, sabeis a situação delicada em que se acha o sr. Diogo Alvares, com o seu compromisso de casamento em Portugal. . .

— Ora! — observou a poetisa com um riso incredulo, perdendo por momentos o seu rosto a expressão de tristeza inspirada, que lhe era habitual. — Qualquer dia vereis como eu tenho poder para desfazer esse compromisso, como desfíz essa paixão que por mim sentiu. . . Quereis que o faça?

— Não! não! — atalhou Margarida, receiosa, dirigindo a Leonor Pimentel um olhar profundamente significativo, que o Caramurú surprehendeu, e o deixou intrigado.

— Dir-se-hia — não poude elle deixar de observar — que tendes receio de que assim se esclarecesse a situação. Pezar-vos-ha mais romper com os sonhados projectos de vosso tio, do que a mim me custará quebrar esse historico compromisso com os meus parentes do Minho e de Lisboa?!

— Vêde o que são os homens! — disse Margarida para a escriptora. — Injustos em amor, como em politica; desconfiados, e arrogando-se já direitos quando ainda são pretendentes. O sr. Diogo Alvares já me accusa. . . E, não obstante, eu ainda nem sequer tomei compromisso algum a seu respeito. . .

O Caramurú ia desculpar-se, mas n'este momento chegou D. Manoel, que vinha buscar a sobrinha, e que muito contrariado se mostrou por ali o encontrar.

— Ainda vos demoraes em Napoles, sr. Diogo Alvares? . . .

— De certo! porque m'o perguntaes? . . .

Contente com a franca resposta, D. Manoel replicou:

— Pois nós partimos brevemente. . .

— Brevemente?! — exclamou attonita Margarida.

— Sim. Negocios importantes me chamam a Lisboa.

Com sacrificio, como sabes, aqui me tenho demorado, sempre na esperança de que a nossa parenta—e designava Leonor Pimentel—ouvisse a razão, deixando a perdida causa dos seus amigos patriotas, que lhe ha de custar cara, para seguir a Portugal os parentes, seus amigos tambem... Mas visto que nada conseguimos, e que as coisas cada vez se complicam mais, resolvo partir... Já somos vistos com suspeita...

—Minha querida Margarida,—interrompeu Leonor Pimentel, n'um d'aquelles movimentos espontaneos do seu character varonil:—é preciso que obedeças a teu tio sem uma réplica, e que não procures mais vêr-me. O que diz é verdade. A minha frequencia é perigosa.

—Eu não queria dizer tanto,—observou D. Manoel, surprehendido e pezaroso.

—Mas digo-o eu, porque é a verdade... A'manhã, hoje ainda, talvez, serei preza. Estou avisada, e não fugirei... O meu nome figura n'essa lista fatal que o rei tyranno apresentou a Nelson ao voltar a Napoles!... Déste-me já a maior prova de amizade que me era possível ter n'estes ultimos dias que passo no mundo, de que partirei sem saudades nem tristezas; e a lembrança da tua dedicação consolará as minhas ultimas horas, de tantas miserias e torpezas que a humanidade me tem revelado... Segue o teu destino, que deve ser risonho, se tiveres fé e energia para o cumprir... Margarida!

—Terei!... Espero-o em Deus...

—E vós, meu amigo!—continuou a poetisa dirigindo-se ao Caramurú,—voltae tambem ás vossas patrias, tendes lá mais e melhor que fazer do que em Napoles, onde pela causa da liberdade só devem ficar os que por ella teem de morrer... Lá o sol ainda não se ergueu e chama á acção e á lucta os que devem viver para vencer!... Ide tambem...

—Não! minha senhora! Felizmente, não tenho em Portugal negocios urgentes, como o sr. D. Manoel de Mascarenhas... E, felizmente tambem, não tenho tutor a quem obedecer... Ficarei, pois, para vos assistir até á derrota completa ou á victoria, e decerto fazendo-o

não desmerecerei nem serei esquecido, por aquelles dos nossos amigos que são forçados a deixar-vos.

— Podeis crel-o! — exclamou com desassombro e determinação Margarida apertando-lhe a mão para se despedir; e com intenção, concluiu para Leonor Pimentel — Meu tio reconhecerá ainda, que não foi tão inutil, como suppõe, esta viagem que o forcei a fazer.

O proposito de D. Manoel foi, porém, modificado pela marcha dos acontecimentos. A esquadra do Marquez de Niza teve ordem para continuar seguindo as operações de Nelson no Mediterraneo, e portanto julgou mais conveniente demorar-se em Napoles, onde o sobrinho vinha com frequencia renovar as suas tentativas de pretendente junto de Margarida, e sorria-lhe a idéa por elle suggerida de obterem passagem no seu navio para regressarem a Lisboa. Contava o dedicado tio que esta frequencia a bordo coroaría a obra de afastamento e quasi reclusão em que tinha a sobrinha do convívio com o rival de Alexandre. Com effeito, Margarida não tornára a ver Leonor Pimentel, que fôra preza dias depois da visita que relatamos e só clandestinamente conseguia escrever e falar raras vezes ao Caramurú.

Excusado é dizer que, com tal afastamento e contrariedades, longe de diminuir, augmentára a paixão dos dois.

Assim decorreu algum tempo, até que os jornaes deram uma nova fatal: d'ahi a dias, Leonor Pimentel seria enforcada com outros conspiradores, na praça *del Mercato*. Margarida, a esta noticia terrivel, resolveu-se a dar um passo que muito lhe custava, o de acceitar favor dos que já considerava seus contrarios politicos, o tio e Alexandre, que, em relações estreitas com os chefes das forças portuguezas então em Napoles, lhe offereciam obter o perdão de Leonor, renunciando ella ás suas idéas. Seria um golpe de effeito contra os patriotas, arrancar-lhe aquella figura genial da poetisa napolitana. Margarida, para esse effeito excepcionalmente libertada da especie de clausura em que a tinham, poude falar com o Caramurú e apresentar-lhe o alvitre.

— Conheço bem, — respondeu-lhe este — não só o alcance político d'essa proposta, mas a obrigação em que vós mesma ides ficar, para com os que nos são adversos; mas a nossa dedicação pela infeliz condemnada deve estar acima de todas as considerações... Hoje a visitarei na prisão, e farei por a convencer.

A que horas ides vê-la?

— Ao cair da tarde. E' quando me facilita, a occultas, a entrada o carcereiro que compreii...

— Ah! quanto vos arriscae Diogo Alvares! Tremo constantemente por que sejaes descoberto e prezo tambem... O odio cada vez é mais vivo da parte dos tyrannos...

— Infelizmente, esse perigo está a acabar. Depois de amanhã Leonor deixará de existir; estou certo que rejeitará o perdão que lhe offerecem.

— Queria pedir-vos um favor, — disse Margarida reciosa.

— Dizei...

— Peza-me do coração não ver ainda uma vez a nossa amiga, não me poder despedir d'ella... Se não tivesses duvida, hoje que estou menos vigiada, sahiria para ir comvosco...

— Ah! é impossivel, Margarida! Attentae na situação em que estamos... Não somos parentes... Amamos-nos. Ha conveniencias a guardar... Esse passo seria interpretado em vosso desabono... iria redobrar os rigores do vosso tio...

— Que importa isso?... Mais alguns incommodos n'estes annos que ainda me faltam para ser maior, e fazer a minha vontade!... eis tudo... Consenti no que peço... Seria um desgosto, quasi remorso de toda a minha vida, deixar de vêr Leonor n'estes angustiosos dias... Queria unir as minhas supplicas ás vossas, para que accite o perdão que lhe offerecem.

— Serieis, bem o conheço, muito mais eloquente e persuasiva conselheira do que eu, mas nem assim transijo com as considerações que vos expuz... Pedi a vosso tio que vá comvosco...

— Isso sim! Mais facilmente entraria na jaula d'um leão, do que nas prisões atulhadas de patriotas... A paixão politica converteu-se n'elle em aversão, que o leva a uma especie de loucura... Tornou-se os mais exaltados dos *bianchi*!...

— Ha ainda outra pessoa que vos poderia acompanhar...

— Quem?

— Vosso primo! — respondeu o Caramurú n'um rasgo de generosidade...

— Ah! é realmente grande a vossa alma, Diogo Alvares! porque assim pondeis o dever e a dedicação acima do amor por mim, convidando-me a acceitar o braço do vosso rival para chegar até junto d'essa pobre martyr da liberdade...

— Ora! Não vos arrebataria, creio bem...

— Decerto! Mas, com franqueza vol-o digo: valho bem menos do que vós, porque tudo faria menos isso...

— Deixae-me então ir só, e inspirado pelo amor que vos tenho... Sabendo quanto desejaes salvall-a, elle me dará a eloquencia que me falta...

Ao cahir da tarde d'esse dia, o Caramurú exgotava, com effeito, todas as suas razões para convencer Leonor Pimentel a que acceitasse o perdão que lhe offerciam; ella, porém, oppunha a mais formal recusa. O seu espirito, elevadissimo, ia-se já librando a essas regiões superiores ao amor da vida, e ao instincto da conservação, que faz a loucura sublime que ha na dedicação dos verdadeiros martyres pelas grandes ideias. Começava a ser essa mulher extraordinaria, que, acima dos mais corajosos e convictos patriotas, havia de espantar o povo de Napoles pela serenidade, e pela grandeza* sobrehumana, de que deu provas no cadafalso.

— Não me faleis em acceitar o perdão! Seria confessar-me culpada e transigir com os reprovados principios dos tyrannos do povo...

— Mas o povo, está, póde dizer-se, com elles...

— Que importa?! Se está illudido pela ignorancia? O verdadeiro dever dos apostolos d'uma grande ideia,



é morrerem por aquelles mesmos que, por defeito de entendimento, não estão no caso de avaliar a verdade que os beneficia!...

— Se o não fazeis por amor á vida... fazei-o por amor dos que vos são dedicados... por mim!... por Margarida!...

— Tudo farei pela vossa felicidade, menos isso...

— Sabeis que, pondo de parte todos os preconceitos e conveniências, queria vir aqui só commigo, para vos convencer?...

— Ah! Não me admira... Era mais um acto de força de vontade, de elevação de sentimentos, de dedicação ás suas idéas, n'essa crença, que Deus, que vos protege, Diogo Alvares! vos fez encontrar na nossa orphanidade, para um dia vos ser companheira dedicada e vos amparar na vida... Devo-lhe a maior das provas de confiança que tenho recebido n'este mundo, e é dever meu retribuir-lh'a, agora que d'elle estou prestes a partir... Dae-me a vossa palavra, meu amigo! de que guardareis para vós o que vos vou dizer, e que respeita ao compromisso que tendes contrahido em Portugal...

Dizei senhora! — respondeu Caramurú, muito impressionado.

— Socegae! que não se trata de uma má nova, de uma dificuldade mais, anteposta ao vosso amor... E', pelo contrario, a antecipação d'uma alegria que terieis só mais tarde, ao regressar á patria...

— Então! Dizei... Dizei!... No meu espirito tem por vezes começado a esboçar-se uma suspeita... a que não tenho querido dar ouvidos... porque seria demasiada felicidade...

— Qual era?

— Não vol-o direi. Fallae vós... antes... ☹ que icis revelar-me?

— Não! — continuou Leonor sorrindo, levada pela sua dedicação, alegre d'aquelle sublime sentimento do bem e da felicidade dos que amava, que lhe fazia esquecer as angustias da morte proxima, — sempre quero

ver até que ponto sois innocente em amor, vós que um dia fostes meu apaixonado...

— Pois então dir-vos-hei: que esta viagem de Margarida a Napoles; o nosso encontro em Paris; as palavras mysteriosas que por vezes lhe tenho ouvido; a fôrma, ora submissa, ora independente, com que fala ao tio a respeito do seu direito a escolher o homem de quem acceitar o nome; os seus gracejos sobre esse compromisso de casamento que tenho em Portugal, tomado por parentes, quando creança ainda, e com uma outra creança, que desde muitissimos annos não tornei a vêr, tudo isto me tem feito suspeitar...

— O quê?

— Oh! não pôde ser! Seria demasiada ventura...

— Vamos, coragem, continue...

— Que Margarida fosse essa creança...

N'este momento, ouviu-se um tilintar de ferros. Era o carcereiro que se approximava:

— Tendes que vos retirar, senhor! Veem lêr a sentença á prisioneira. Esta noite entrareis no oratorio da Vicaria.

— Aceitae o perdão, Leonor! — exclamou o Caramurú, cahindo de joelhos...

— Não! Aceitae vós o meu ultimo abraço.—E Leonor Pimentel, erguendo o mancebo e, abraçando-o, disse-lhe ao ouvido: — advinhou o vosso coração: Margarida! é essa creança com quem ha muito tendes o casamento ajustado...

Quarenta e oito horas depois, na praça del Mercato a martyr da liberdade napolitana subia ao cadafalso. Tinham-lhe destinado uma forca mais alta, e a multidão hurlava selvagem, no odio inconsciente da ignorancia, e na brutalidade curiosa d'um insulto na hora derradeira ao pudor d'essa mulher, tão virtuosa como bella, graças á altissima forca em que o seu cadaver ia ficar dependurado, e na que o prostituiriam os olhares impudicos da população.

Leonor Pimentel quiz falar ao povo, para pedir o respeito do seu corpo, mas a turba abafou-lhe a voz, gritando:

— *Viva il ré!*

Sorriu a martyr d'aquelle côro entusiasta que a ignorancia escrava entoava a tyrannia escravizadora, e quando a onda do delirio passou, volvendo á realidade da angustiosa situação, illuminou-se-lhe o rosto de uma alegria extraordinaria, de uma expressão de sympathia e reconhecimento indefiniveis, vendo uma mulher do povo, muito embuçada n'um véo, despregal-o, ao subir as escadas do cadafalso, tirando um rico alfinete de ouro, que lhe offereceu, indicando-lhe que pregasse o vestido, de modo a não serem profanadas as suas fórmãs pelos olhares da multidão.

O véo abriu-se, e Leonor Pimentel exclamou:

— Margarida!—lançando-se-lhe nos braços, e cobrindo-a de beijos.

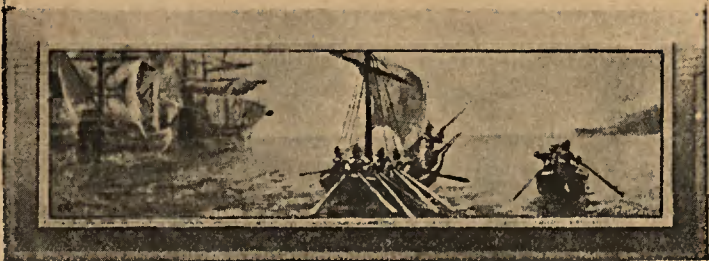
— E' uma patriota!—uivou a populaça, ameaçadora. —Abaixo! Abaixo!

Um homem sahiu então d'entre o povo, e subindo tambem ao cadafalso, beijou a mão da martyr, dizendo-lhe:

— Coragem! Deus espera-vos no céu! Os que mais vos amam, estarão perto de vós na terra até ao ultimo momento. —Depois, dando o braço a Margarida, quasi desfallecida, amparou-a ao descer a escada do cadafalso; e entretanto, dominando com o olhar a multidão ameaçadora, o Caramurú exclamou:— Somos portuguezes! e parentes da condemnada!

O povo, n'um d'esses momentos em que a paixão das turbas é dominada pela coragem d'um homem! calou-se, abrindo-lhes passagem. Entretanto, o carrasco cumpria o seu dever, no meio d'um silencio verdadeiramente de morte!





IV

No convento de Chellas



MARGARIDA infringira as ordens expressas do tio, commettendo a imprudencia de sahir sósinha para assistir aos ultimos momentos de Leonor Pimentel.

Fizera-o levada por uma d'essas impetuosidades do seu caracter varonil, independente, despido de preconceitos, tendo uma ideia demasiadamente elevada da dedicação e da amizade, para se excusar a tal sacrificio.

Diogo Alvares, reconhecendo-a quando subira ao cadafalso para dar o alfinete a Leonor Pimentel, puzera-se ao seu lado para a defender em caso de necessidade.

E ella exultára por d'ali voltar pelo braço do homem em quem via já o seu futuro esposo.

Foi justamente esta circumstancia, e o ver como os acontecimentos se precipitavam, contrariando as suas vistas pessoas a respeito do futuro da sobrinha, que mais exasperou D. Manoel de Mascarenhas, quando soube do ultimo incidente da tragedia da praça *del*



Mercato, em que o Caramurú e Margarida haviam figurado.

D. Manoel era parente da sua pupilla por parte de seu pae, enquanto o Caramurú era primo d'ella por parte de sua mãe, filha da Bahia, e pertencente a uma das mais consideradas familias da cidade brasileira, descendente, como tantas outras, do fundador de Villa Velha.

D. Manoel, porém, amava como filho seu sobrinho Alexandre de Mascarenhas, empenhando toda a sua influencia de tutor para fazer esquecer a Margarida esse antigo compromisso, tomado não tanto por ella, mas por outros parentes seus e do Caramurú, quando ainda creanças, de se casarem. Fôra assim ajustado o enlace de dois entes, que depois haviam de separar-se por muitos annos, e do qual o mancebo durante muito tempo quasi se não lembrára, mas que Margarida tomára sempre a sério, em razão do seu character especial, perseverante e concentrado.

O tio permittira-lhe, pois, esta viagem em que, sem que o Caramurú a reconhecesse, desejára observar as suas frequentes paixões, esperançado em que d'esta fórma a sobrinha perderia as illusões, e facilmente se desligaria de tal compromisso, accetando por marido Alexandre, como elle desejava.

A sua amizade pelo tenente levava-o a querer vê-lo partilhar a grande fortuna que Margarida possuía. N'estas condições, era muito especial a situação em que respectivamente se achavam tio e sobrinha. Elle, como tutor, conhecendo-lhe o genio energico e a força de vontade, deixava-a fazer livremente quanto queria, comtanto que não fosse no assumpto que mais o interessava, o do seu casamento.

N'este ponto, só transigia no que lhe parecia convir-lhe. Mas da liberdade que lhe deixava no restante, Margarida contrahira o habito d'uma quasi absoluta independencia, incompativel com a sua qualidade de menor, que só d'ahi a alguns annos attingiria a maioridade.

D'estas circumstancias, nasceu um verdadeiro con-



ficto, em seguida ao incidente da execução da martyr revolucionaria, por isso que D. Manoel reconheceu que, longe de se desfazer o compromisso que havia entre Margarida e o Caramurú, desde creanças, d'essa aproximação, em que consentira, resultára o contrario do que esperava: um novo amor mais ardente, agora que se reconheciam. Alarmado, lançou-se nos meios violentos, pensando com elles atalhar o perigo.

— A imprudencia que acabas de commetter, — dissera elle á pupilla, — mostra-me como tenho feito mal em permitir todas as tuas phantasias...

— Não o comprehendo, meu tio, não sei a que phantasias se refere!

— Esta ultima, para não fallar do resto .. Consenti em te tirar do convento, para vires fazer esta inopportuna viagem!...

— Inopportuna?! E' isso que chama phantasia? De-sejar conhecer e avaliar, por mim mesma, a verdade do que me diziam a respeito d'aquelle com quem devia unir-me um dia?!...

— Bastava que o fizesses quando fosses senhora da tua vontade... Entretanto, em vez de te acabares de educar nos bons principios religiosos do recolhimento de Chellas, vieste beber estas disparatadas idéas do jacobinismo, que lavram por todos os paizes da Europa...

— Ufano-me em as partilhar! digo-o francamente, sem por isso deixar de ser a christã temente a Deus, que as religiosas de Chellas educaram, e das quaes guardo as melhores recordações. O amor da liberdade não me faz odial-as, como o tio odeia os patriotas liberaes. Dou a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar...

— E's quasi outra Leonor Pimentel a falar! Deus lhe perdôe, que ella e esse jacobino exaltado, no qual infelizmente persistes em vêr o teu futuro marido, deram-te realmente volta ao juizo! Mas sei as responsabilidades que a teu respeito sobre mim pezam, e, custe o que custar, farei por te repôr nos sãos principios...

— Faça o que quizer, meu tio! mas observo-lhe que



não tem o direito de desacatar a memoria d'essa martyr, nem as convicções d'um homem sincero e honrado, como é Diogo Alvares.

— Bem! Bem! Não discutiremos. Em obras, que não em palavras, está o remedio do mal.



— Salvo! exclamou a pobre menina com alegria (Pag. 235)

E não tardou D. Manoel em metter mãos á obra. Margárida foi prohibida de tornar a falar ao Caramurú, nos poucos dias em que o tio dispôz tudo para voltarem a Portugal, a fim de a enclausurar novamente no convento de Chellas. Apenas pôde enviar-lhe uma

carta, ás escondidas, por José Bonifacio, na occasião de se despedirem, contando-lhe o futuro de difficuldades que os planos e vistas do tio lhe preparavam, mas protestando-lhe que seria fiel ao seu compromisso.

E' escusado dizer que o Caramurú se dirigiu tambem logo para Lisboa, disposto a combater esses planos por todas as fórmãs.

O tempo foi decorrendo. Margarida, rigorosamente vigiada, ao passo que recebia assiduas visitas do tio, frequentes vezes acompanhado pelo sobrinho, trajando o vistoso uniforme de marinha, esmerando-se os dois em lhe fazerem a côrte, por systemas diversos e proprios das suas respectivas posições, nem licença tinha para comparecer na grade, quando se realisavam esses torneios poeticos, conhecidos pelo nome de outeiros, tal era o receio de que entre os poetas que vinham glosar os motes das freiras e recolhidas, o Caramurú se acercasse do convento. Mal sabiam elles que, a despeito de todas as suas vigilancias, entre os dois se mantinha seguida correspondencia, e que por via d'esta se iam cada vez identificando mais os seus sentimentos de liberaes convictos, ateando o amor que se professavam. Como em todas as verdadeiras e elevadas paixões, o soffrimento e a dedicação dos sacrificios, exaltava-os e attrahia-os. E o espectaculo que os destinos da patria iam mostrando era demasiado apropriado para mais vivos tornar esses sentimentos.

Estava-se em 1803, e tinham-se dado os tumultos do mez de julho no Campo de Ourique em que o regimento de Gomes Freire de Andrade e soldados da Legião do Marquez de Alorna tinham lavrado protestos desejando modificações liberaes no governo então existente e accentuadamente reaccionario. Estes generaes eram justamente os que, durante a desastrosa campanha de 1801 tinham salvo a honra do exercito portuguez contra os francezes e os hespanhoes alliados, que invadiram Portugal.

Em Traz-os-Montes, Gomes Freire resgatára os re-



vezes soffridos pelo exercito portuguez na campanha do Alemtejo.

O joven Caramurú, tendo chegado do Brazil, para onde seguirá de Portugal pouco depois dos successos de Napoles, sentindo referver-lhe no peito a indignação pelas humilhações successivas que a patria soffria, como joguete das conveniencias da Inglaterra, e vexada constantemente pela França e pela Hespanha, suas inimigas, fôra d'esses poucos bravos que no Uruguay, sob o commando de José Borges de Castro, tinham arrancado ao dominio hespanhol as Sete Reducções. Em seguida, voltando a Portugal servira sob as ordens de Gomes Freire d'Andrade, cujas idéas liberaes o attrahiam, e agora, quando começavam a pronunciar-se nos horisontes nacionaes, com as violencias de Lannes, embaixador de Napoleão, os futuros vexames e oppressões da invasão franceza sentia revoltar-se-lhe o animo contra a fraqueza do governo portuguez, que chegara até demittir o director da alfandega, Pina Manique, em virtude das reclamações do embaixador, por aquelle o não deixar desembarcar o carregamento d'um navio, directamente para sua casa, sem ir á alfandega!

E o governo e a côrte, harmonisando o seu proceder pelo character fraco do principe regente, acceitavam toda a especie de humilhações do embaixador francez, que levava a insolencia até apresentar-se no paço perguntando simplesmente: se *monsieur du Brésil!* estava em casa.

Não obstante os duros tempos que se ia atravessando, havia uma tal inconsciencia publica, que permittia nas classes elevadas e nas suas alliadas naturaes, a despreoccupação que se entretinha com folguedos e divertimentos, no meio dos acontecimentos em que se jogava o futuro e a independencia do paiz. A Inglaterra e a França, ameaçando-se reciprocamente, declaravam como represalia apropriar-se do continente portuguez e das suas colonias, como melhor lhes conviesse; e entretanto em Portugal folgava-se, e entre as festas mais

características distinguíam-se os outeiros poeticos, nos coutos e grades dos conventos.

Era difficil n'esses tempos a posição dos liberaes de boa fé, e ao mesmo tempo patriotas, como era o Caramurú, porque a nação ia-se extremado em dois partidos: um de ideias avançadas, defendendo os principios da revolução franceza; outro, de conservadores e mesmo de reaccionarios. N'este, enfileiravam-se os que seguiam a politica dos inglezes; n'aquelle, os que admiravam a obra da França moderna, de que Napoleão era o deus. Mas era esta França, e não o espirito e os principios da revolução, que vexava Portugal. Não obstante, eram cegos a paixão e os odios que estes sentimentos provocavam, e deploraveis as consequencias que produziam, quando reflectidas nas discordias de familia.

Era justamente isto, o que se passava na contenda que entre os parentes liberaes e os parentes reaccionarios de Margarida ia travada a respeito do seu casamento. Desde que, em um assumpto d'aquella ordem, se tinham manifestado os antagonismos de principios que dividiam a sociedade portugueza, tudo era permitido, todos os meios e todas as violencias desculpaveis.

A ultima coisa em que pensavam os que desejavam vêr Margarida casada com o Caramurú, e os que ardião por a vêr casada com Alexandre de Mascarenhas, era no amor ou na indifferença que ella pudesse sentir por um ou por outro. Estes, desejavam a victoria do official de marinha porque eram, como elle e como D. Manoel, inimigos fígadaes dos chamados jacobinos; aquelles, desejavam a do Caramurú, porque commun-gavam nos seus principios.

Entretanto, o tutor, tendo pelo seu lado a auctoridade e a lei, desesperado com a resistencia passiva da vontade de ferro de Margarida, lançára-se sem pejo no caminho dos rigores violentos. A clausura da pobre menina no convento de Chellas, ia-se convertendo em uma verdadeira prisão, que, para ser consentida, bastava a invocação do argumento de que o tio, um ho-

mem de sãos principios, a queria salvar da união com um jacobino.

No convento, pois, em que, segundo a tradição, florescia o galanteio amoroso, que se ostentava liberrimo nos famosos torneios poeticos, em que os vates e peraltas apaixonados glosavam os motes das freiras e noviças, estava, como em carcere privado, uma joven desligada de qualquer voto religioso, pelo crimê de guardar a fé d'um compromisso da infancia e de amar um homem de idéas avançadas. E emquanto as conspicias e sizudas lançavam das grades para os namorados, olhares, motes e confeitos, ella, que era livre, não podia receber uma carta do homem que amava, nem assistir a essas festas em que o poderia vêr.

Era isto o que se passava, mais uma vez, na tarde em que nos achamos. Emquanto no pateo do convento, cuja porta aberta de par em par, dera livre entrada á chusma dos poetas e ao publico, guloso d'estes divertimentos, o outeiro proseguia com a maior animação, Margarida, reclusa na sua cella, não sabia o que pensar d'um estranho e mysterioso aviso, que uma criada, recentemente admittida no convento, n'essa manhã lhe dera, dizendo-lhe que se preparasse, pois á hora da festa receberia uma visita de quem mais amava no mundo.

— Não comprehendo o que me dizeis, — respondeu Margarida, desconfiada de que seria alguma nova intriga armada pelo tio, para avaliar o estado do seu espirito, ou fazel-a commetter imprudencia que explicasse novos rigores.

— Nada mais posso dizer-vos, senhora! mas virei prevenir-vos.

Quando ia entardecendo, Margarida, concentrada nos pensamentos que o aviso da creada lhe despertára n'aquelle dia, sentia, máu grado seu, uma especie de tristeza por vêr que nada de imprevisto vinha quebrar a quietação do encerro em que se achava, ao passo que lhe chegavam aos ouvidos as palmas e o alegre borborinho da festa que ia no convento. Ter-se-hia

contentado até em vêr chegar as figuras desagradaveis do tio carrasco e do pretendente odioso, realisando ironicamente o acontecimento de que recebera aviso. Foi em meio d'estas impressões, que a mesma creada lhe bateu á porta da cella :

— Dá licença ? minha senhora !

— Entre.

Com modos excessivamente mysteriosos, fechou a serviçal a porta, dizendo-lhe :

— Não tarda ahí...

— Quem ?

— O sr. Diogo Alvares...

— Enlouqueceu ? !...

— Estou em meu perfeito juizo... Foram amigos seus e de v. ex.^a que me fizeram entrar para o serviço do convento...

— Repito que não comprehendo nada do que me diz — respondeu Margarida, anciosa, entre o receio d'uma cilada da parte do tutor, e uma vaga esperança, se fosse verdade o que ouvia.

— Dentro em pouco v. ex.^a se convencerá... Não sabe que é uso n'esta casa fazer a porteira vista grossa, quando está alguma recolhida ou freira doente, e deixar entrar qualquer parente para a vêr em logar do moço que lhe traga recado ?...

— Sei ! E depois ?...

— Pois vae repetir-se o caso que n'este convento de Chellas se deu quando aqui estava prisioneira, como v. ex.^a, com sua mãe e irmã, no tempo do Pombal, a famosa poetisa D. Leonor d'Almeida, hoje marquezia d'Alorna...

— O que foi ?

— Estando a marquezia doente, apresentou-se a saber d'ella o filho D. Pedro ; e como n'esse momento chegasse o aguadeiro que servia a casa, o fidalgo tirou-lhe o barril, e, carregando com elle, entrou em seu logar e foi vêr a mãe.

— Tem graça...

— Mais graça achará v. ex.^a, quando aqui chegar,

embrulhado em esfarrapada capa de poeta, em lugar do medico chamado para uma recolhida, o sr. Diogo Alvares...

— Volta ao seu gracejo d'esta manhã?!

— Falo tão a sério, — respondeu a criada, indo á porta a escutar, — que ousou dizer a v. ex.^a que já lhe sinto os passos. .

Com effeito, ouviu-se andar de homem, que se aproximava, e Margarida, ansiosa, entre a esperança e o receio, a custo respondeu:

— E' talvez meu tio...

— T'arrenego! *Abrenuntio!* — retorquiu a creada no momento em que batiam de leve na porta. — Veja! Veja quem é! — concluiu ella abrindo.

Margarida soltou um grito de alegria, reconhecendo o Caramurú.

Abraçaram-se carinhosamente os dois entes que tanto se queriam, e que, embora separados havia tanto tempo, se consideravam unidos já pelos mais indissolueis laços, os do matrimonio.

— Como estás formosa, Margarida! Os algozes que nos separam, e que ha annos, desde Napoles, me impedem de te vêr, não teem, graças a Deus, logrado com os tratos que te impõem murchar a expansão da tua saude e belleza... Mas que cuidados ella me tem dado!...

— E a mim?! Faltarem-me as tuas cartas, no momento em que me annunciavas que te alistáras e ias seguir com o exercito ás ordens de Gomes Freire...

— Foi quando o teu digno tutor descobriu a maneira por que nos correspondiamos.

— Valeu-me isso o ser transferida para esta cella, que habito só, e privarem-me da companhia das outras meninas, cujos parentes se encarregavam de me fazer chegar as tuas cartas...

— E dizem-se bons christãos!...

— Agora só vejo algumas das freiras graduadas, reaccionarias fanaticas, em quem meu tio deposita a maior confiança... Passo a minha vida como verdadeira pri-

sioneira, só podendo sahir d'este quarto para a sala proxima, onde nunca vou porque era certo encontrar alguma d'essas odiosas creaturas...

— O que me dizes, Margarida! varre os ultimos escrupulos que ainda influiam no meu espirito, vindo aqui para te fazer um pedido...

— Dize, Diogo; por certo não serás capaz de me propôr coisa que não deva fazer...

— Receio que não approves o meu plano... Bem sei que é romper com as considerações sociaes; mas, na guerra como na guerra; os excessos de que estás sendo victima, os meios empregados para contrariarem a nossa união, o que ainda ha instantes ouvi a teu tio...

— A meu tio?! Falas-te-lhe?!

— Deus me livre! — exclamou o Caramurú com expressão de repugnancia, — mas estive a dois passos d'elle, no couro do convento, quando começava o outeiro...

— Para que te arriscaste d'essa maneira?!...

— Ora! estava disfarçado com estas compridas barbas, e estes oculos, e muito bem embuçado n'esta rôta capa de poeta de má sorte, como na verdade é a minha, com quanto não verseje ..

— E que lhe ouviste?

— Falava com o sobrinho, com o teu apaixonado pretendente. Dizia-lhe que d'aqui a um anno, quando sejas maior, espera que cederás a certo meio, em que deposita absoluta confiança, e cases com elle.

— Faz bem! No dia em que eu fôr maior! N'esse dia, que espero como o de verdadeira libertação, verá como se transfôrma esta minha passividade, com que tenho soffrido todas as suas violencias...

— E' muito arriscado, embora mais digno de elogio, confesso-o, esse plano que traças... O meu, o que te venho propôr, será mais sujeito a criticas, mas é mais seguro.

— E vem a ser?

— Fugires agora, simplesmente, comigo...

— Ah! isso não...



— Duvidas de mim? Tudo tenho preparado. Amanhã casaremos, e em seguida embarcamos para o Brazil. Comtigo, ou só, vou partir para lá... não posso continuar aqui...

— Ameaça-te algum novo perigo?!—perguntou Margarida commovida...

— Nem mais nem menos do que até agora... Mas este espectáculo que o paiz offerece, é incompativel com os meus sentimentos. Esta fraqueza da reacção ante as pressões e os insultos estrangeiros; este aviltamento continuo da nossa dignidade nacional, que ora se curva ante inglezes, ora ante francezes, que, uns, nos ambicionam para colonia na Europa, e outros para gratificação á Hespanha, ou para elevar mais um throno a algum parente ou general de Napoleão, é-me insupportavel! A aversão que já vae lavrando contra Gomes Freire, o campeão liberal que melhor tem sustentado a honra e o brio das armas portuguezas, tudo me arrasta invencivelmente para o Brazil, esse paiz que mostra querer ser livre, que o ha de ser, e onde talvez não tarde a ir-se refugiar a monarchia portugueza, no dia em que se vir finalmente abandonada pelos falsos amigos d'hoje... Vem comigo, segue-me, Margarida, a essa outra patria, que é tamhem a tua e a minha!...

— Não! Já agora deixa-me consummar o sacrificio... Vae tu! Segue o destino que o dever e a fidelidade aos nossos principios te impõem. Será mais um anno de separação, mas ninguem terá nada que nos lançar em rosto no dia, que então chegará, de legalmente nos unirmos...

— E entretanto, ficas entregue nas mãos de despotas que não hesitam nos meios para conseguir os fins! e que menos escrupulos terão, á medida que se approximar o momento da lei te eximir á sua tutela!...

— Não o receies, como eu o não temo tambem. Poderão incommodar-me, fazer-me soffrer... Mas arranjar-me a approvação dos seus planos, jámais!...

N'este momento, a criada entrou precipitadamente no quarto:

— Retirae-vos quanto antes, meu senhor! Um dos vossos amigos, o sr. José Bonifacio, que deixastes a vigiar D. Manoel de Mascarenhas, viu-o falar mysteriosamente com o intendente da policia Pina-Manique, que foi esperar á entrada do convento, e que logo fez cercar o edificio por aguazis... Suppõe que vos descobriu e sabe que estaes aqui...

— Valha-nos o céo!—exclamou Margarida aterrada.
— A que perigo te vieste expôr! Se te prendem!...

— Socega! Tenho a retirada segura... Acompanha-me, Margarida, como te peço... Aqui tens mais uma prova de que empregarão os ultimos excessos para nos separarem definitivamente... Reflecte emquanto é tempo...

— Não! Deixa-me até ao fim ter confiança em Deus, e proceder por fórma que sempre possa trazer a cabeça erguida...

— Escrupulisas, quando hoje não ha escrupulos, nas idéas e na conducta dos que nos guerreiam.

— Embora! Quero ser tua mulher, pela minha energia e pela minha força de vontade, impondo-me ás suas violencias, e não pelo caminho dubio e tortuoso d'um rapto...

— Fugi, sr. Diogo Alvares! Fugi!—exclamou, entrando novamente no quarto, a criada, que fôra saber o que se passava.

— Bem! O que ha?—perguntou o Caramurú.

— E' certo que fostes descoberto. Vem ahi o sr. D. Manoel com as auctoridades...

E a criada, abrindo a porta, com receio de mais se comprometter, fugiu para o lado do corredor opposto áquelle em que se ouvia já o marchar dos aguazis.

○ Caramurú fechou a porta á chave

— Ainda uma vez, Margarida, fuja-mos... E' tempo...

— Não! Salva-te, peço-t'o!—implorou afflicta.

— Vem! Estão ahi os nossos amigos,—replicou elle abraçando-a e arrastando-a para a janella, da qual perguntou:—Estaes ahi?

— Sim! iça a escada!

— Vem, Margarida! Não confies n'esses infames!

— Confio em Deus! Foge! De joelhos, t'ó peço!—
proferiu a pobre menina afflicta — ouvindo baterem á porta.

— Que Elle nos proteja!... A' sua guarda te deixo.

— Içae a escada, despachae-vos, que é noite,—repetiram de fóra algumas vozes.

— Não é preciso! Vou só!—E o Caramurú, beijando as mãos a Margarida, quando já tentavam arrombar a porta, transpoz a varanda, e pendurando-se d'ella, deixou-se cahir na cerca do convento.

— Salvo! — exclamou a pobre menina com alegria, sentindo o affastar-se com os que o esperavam.

— Abri! Abri! Margarida!—repetia entretanto, exasperado, D. Manoel, emquanto os que o acompanhavam forçavam a entrada da cella.

Em vez de lhe obedecer, a reclusa, com uma força que só a excitação nervosa lhe podia dar, arrastou uma pesada commoda contra a porta, dizendo com satisfação:

— Não entrarão tão cedo!...

E com effeito, travou-se uma lucta desesperada, na qual fez todo o possível por lhes demorar a entrada no quarto, em que contavam prender o Caramurú. Finalmente, cahiu extenuada, quando a porta cedeu, passado bastante tempo.

— Ah! Consequiste demorar-nos emquanto o jacobino se escapava! Mas não tem duvida! Esperam-n'ó as prisões de S. Julião da Barra, mais dia menos dia, como a ti a reclusão e a penitencia até que tenhas juizo...

— Por ter juizo, meu tio! não serei já amanhã a mulher de Diogo Alvares. Mas sel-o-hei, estae certo! d'aqui a um anno, quando senhora da minha vontade!





V

A fuga real para o Brazil



Logo seguida á aventura passada no convento de Chellas emquanto as freiras e recolhidas ouviam da grade os versos inspirados dos poetas repentistas, desenvolveu-se contra o Caramurú, como era proprio do tempo, e da influencia de que D. Manoel dispunha, uma verdadeira perseguição, que só, propositamente, abrandou para o deixar escapar-se, diziam os seus contrarios, para o Brazil, onde na verdade ia cumprir os deveres a que o chamavam a sua tradição de familia, e as suas idéas. Respirou o tutor despotico de Margarida, julgando ver-se por esta fórma livre, por muito tempo, da presença do competidor perigoso nos planos em que a respeito da sua mão se achava empenhado a favor do sobrinho. Ia este voltar ao Tejo com a esquadra do Marquez de Niza, e esperava que, livre da presença do rival preferido, lograriam fazer que Margarida o esquecesse. Por isso, se jactava falando com José Bonifacio a respeito da partida do Caramurú:



- Foi o que lhe valeu !...
— O quê ?
— Pôr-se a salvo para o Brazil !... senão !...
— V. ex.^a está laborando n'um erro.
— Como ! não partiu ?!... —perguntou receioso...
— Partiu... mas não se pôz a salvo... Partiu, porque chegára á idade em que, seguindo a tradição estabelecida na sua familia, os Caramurús vão tratar de desenvolver as suas propriedades no Brazil... Mas voltará, esteja v. ex.^a certo, quando fôr a occasião opportuna...
— Veremos... Veremos...
— Entretanto, vae trabalhar para si, para a familia que deseja crear, e para a liberdade da segunda patria...
— Faz muito bem !... Aqui, comprehendo que não pudesse exercer essas valiosas aptidões de jacobino...
— Ainda mal, para o paiz e para nós todos...
— Ainda bem ! digo eu...
— Talvez v. ex.^a se arrependa do que diz, mais cedo do que pensa...
— Parece-lhe ?! — respondeu ironicamente D. Manoel.
— Estou certo. Não vem longe o dia em que todos soffreremos os resultados da reacção em que nos vamos demorando, quando por toda a Europa se propagam as idéas avançadas...
— Por toda a Europa, não !... Apenas pelos sitios em que pretende mandar esse famoso heroe theatral, chamado Bonaparte !...
— Que mais dia menos dia invadirá este paiz e lhe dará a lei. . E talvez então v. ex.^a, e os que tanto mal querem á liberdade, tenham de se abrigar á sua sombra...
— Em França ?! Era o que faltava !
— Não ! no Brazil...
— Ahí volta o sr. José Bonifacio com o estafado e ridiculo *juízo do anno que vem*, dos bordas d'agua politicos !...
Esta prophecia, a despeito do comico que D. Ma-

noel de Mascarenhas, na sua filuacia reaccionaria, lhe attribuia, veio a cumprir-se. O tempo passou, e emquanto o Caramurú ia ganhando no Brazil grande prestigio e ascendente entre os patriotas, que por todas as fórmas procuravam fazer seguir na importante colonia normas liberaes, que eram um protesto contra a politica de reacção e fraqueza, seguida em Portugal pelos governos absolutos de D. João VI, chegou a dura lição da invasão estrangeira, vendo-se a côrte portugueza forçada a deixar a metropole, buscando refugio n'aquella importantissima possessão da America. Negros se mostráram então os horisontes para as combinações abrigadas na mente do tutor de Margarida. Achava-se em apertada conjunctura, n'um verdadeiro dilemma: ou ficar em Portugal, e sujeitar-se a todos os incommodos e perigos da invasão, ou seguir com a côrte para o Brazil, onde esta ia ser hospeda da liberdade, que allí despertava. O instincto da conservação, é, porém, o mais forte dos sentimentos humanos, e prevalece sobre todos os calculos de interesse, e sobre as paixões mais accesas.

Quando, pois, o hesitante D. João VI, tendo por largos annos seguido a titubeante politica de successivas affirmativas, ora a favor da Inglaterra, ora inclinando-se para a França, sua inimiga, se viu forçado a curvar-se a todos os dictames de Napoleão, ao dirigir-se a marchas forçadas sobre Portugal o exercito invasor de Junot, tentando, n'um ultimo excesso de fraqueza, sustar a tempestade que se approximava, lhe mandou por embaixador o marquez de Marialva, que não pôde ir além de Madrid, porque Junot estava já no coração de Portugal, correu por todo o reino uma confusão e receio medonhos, e no terror do contacto e das exacções dos francezes jacobinos, a côrte, especialmente, soltou o grito de: *salve-se quem puder!* E a este grito geral, só fez opposição a rainha D. Carlota Joaquina.

Tal era a colera e desgosto com que o povo assistia áquella fuga da côrte, que grande parte dos nobres fugitivos, temendo represalias, embarcou de noite, ás es-

condidas, para bordo da numerosa esquadra composta das náos *Príncipe Real*, em que ia a família reinante, *Rainha de Portugal*, *Príncipe do Brazil*, *Meduza*, e muitos outros navios.

D. Manoel foi dos que se puzeram a salvo, arrastando consigo Margarida, em cujo coração combatiam os mais encontrados sentimentos. Por um lado, repugnava ao seu animo varonil aquella fuga vergonhosa, deixando Portugal e o povo abandonados á mercê do inimigo; por outro, sorria-lhe a idéa de tornar a vêr o Brazil, em que nascera, e onde se achava o homem que amava, no desempenho de uma missão patriótica, que sabia ir cumprindo elevadamente. Ainda poucos dias antes de embarcarem tivera a confirmação d'esta idéia, que a enchia de esperança e de alegria, pelo seu antigo e dedicado amigo Antonio de Araujo, o embaixador, que fôra, de Portugal em Paris, a cuja prisão assistimos no tempo do Directorio.

Vulto de grande influencia na côrte, e conselheiro dos mais ouvidos por D. João VI, fôra a elle que D. Manoel se dirigira na difficuldade de obter passagem na esquadra, em que toda a gente queria fugir. E Antonio de Araujo viera assistir ao final da ultima tentativa feita pelo tutor, para conjurar o perigo que via imminente aos seus projectos, n'aquella debandada para o Brazil, que lhe salváva a vida, mas que o mettia, por assim dizer, na boca do lobo, com relação ao rival do sobrinho.

Chamou, pois, Margarida, em um dos dias proximos da partida, e com grande solemnidade lhe falou:

— Conheces, tão bem como eu, as perigosas condições em que somos obrigados a deixar Lisboa.

— Pois não corramos o perigo, e fiquemos, como tanta gente da classe media e do povo, que tambem fica!...

— Ahí começas com os teus jacobinismos... Assim não nos entendemos... Vamos para o Brazil, porque o nosso dever é acompanhar a côrte.

— Que foge... N'esse caso, se entende cumprir um dever, não se queixe, meu tio!...

— Eu não me queixo! O que desejava, apenas, era prevenir os perigos que esta ida para terras distantes e desconhecidas, tem para ti, uma senhora nova, acompanhada e atida só a um velho como eu!...

— Ah! Não tenha o menor receio. No Brazil nasci, e lá tenho decerto muitos e bons amigos, tão dedicados como os de Portugal — accrescentou com intenção, — que me assistiriam se por acaso, que Deus não permitiria, o tio me faltasse de repente...

Muito desconcertado pelo que ouvia, D. Manoel a custo avançou:

— Sim, mas entretanto melhor era que embarcasses n'uma situação social mais definida, e mais garantida, pela assistencia de teu marido...

Margarida, que havia muito percebia o ponto a que o tutor queria chegar, e que já se não encolerisava com as suas insistencias, que temia cada vez menos, contentou-se em sorrir, respondendo:

— Não comprehendo...

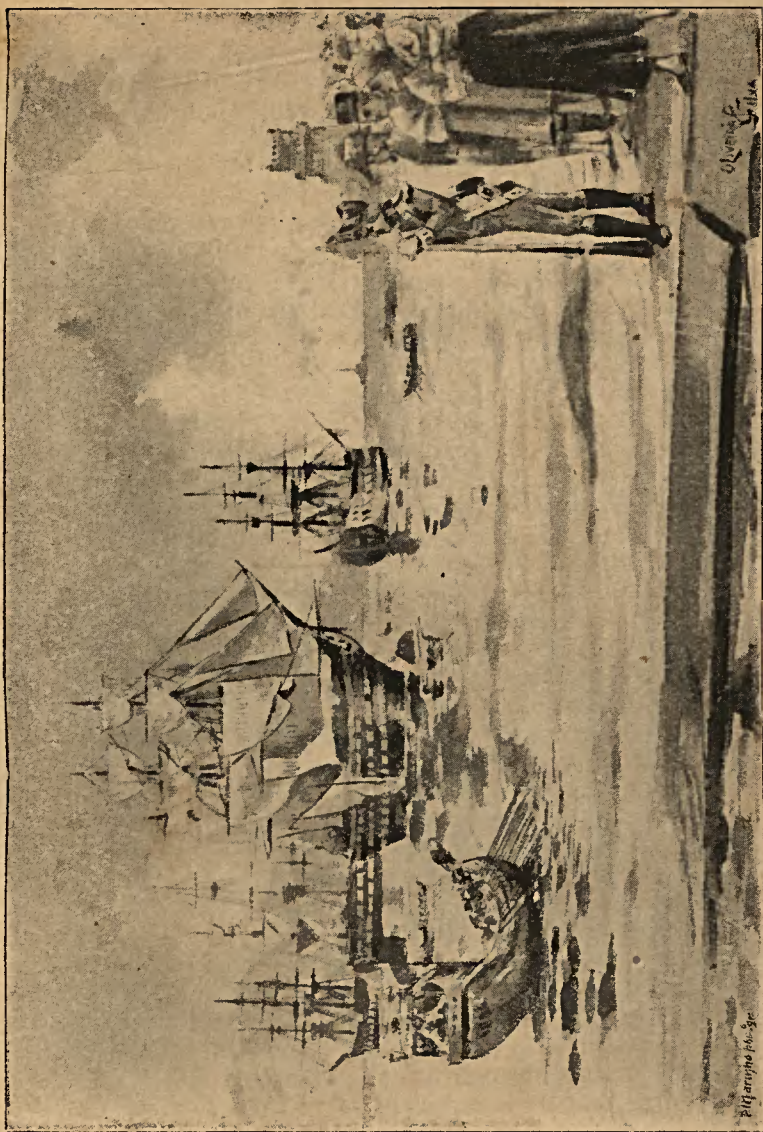
-- Fazes-te desentendida... Melhor do que ninguem percebes o que eu quero dizer, visto que embarcaremos no *Voador*, em que está de guarnição teu primo Alexandre de Mascarenhas...

— E o que tenho eu com isso?...

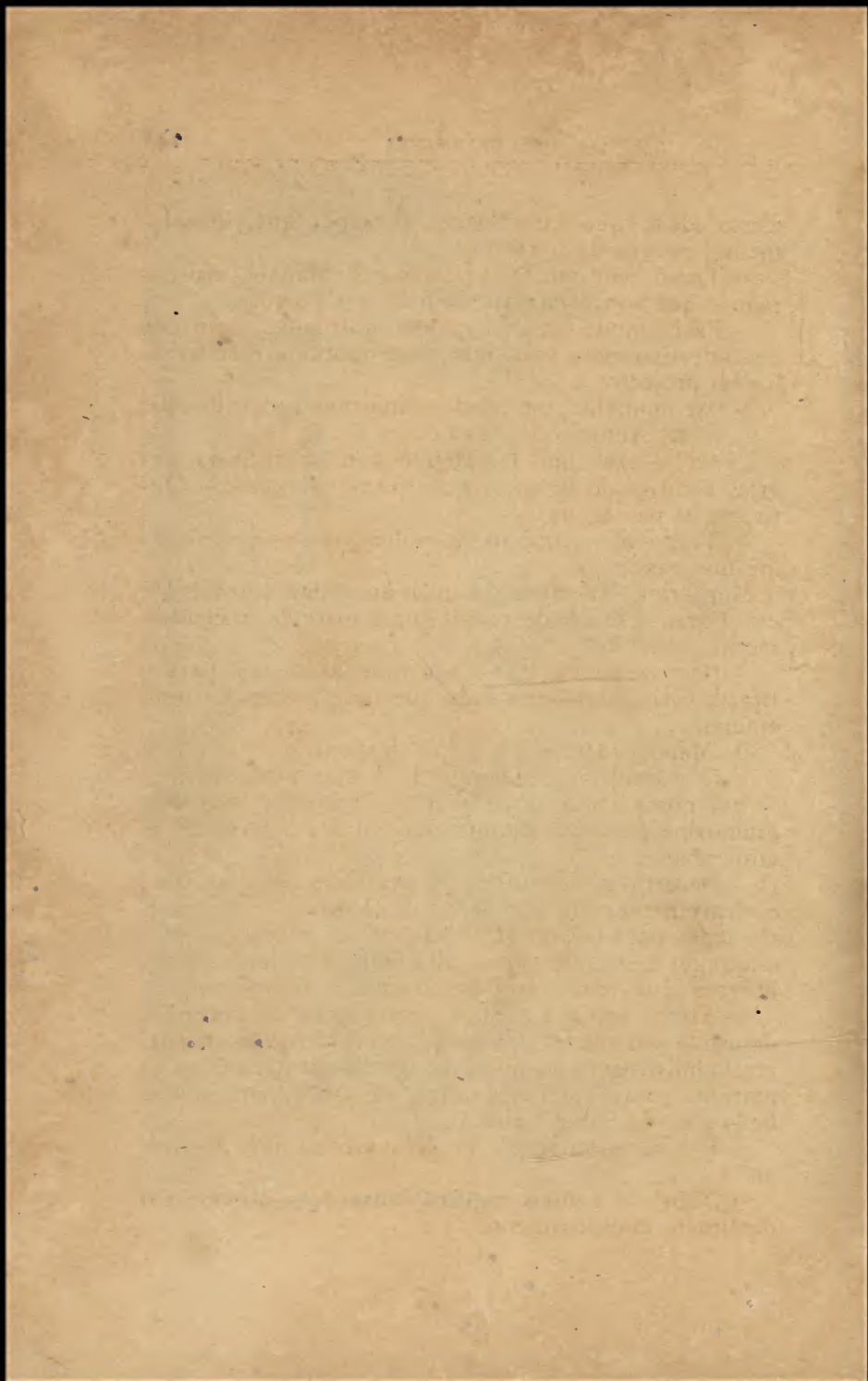
— E' sempre melindrosa a bordo a situação d'uma senhora a quem um official do navio faz a côrte, como toda a gente sabe... Melhor era então, que fosses já na qualidade de sua mulher...

Margarida, sem se alterar, revestiu-se d'um aspecto muito sério, para lhe dizer:

— Meu tio! Sabe que, desde o incidente de Chellas, tenho pela minha parte, e para fugir a discussões desagradaveis e inuteis, evitado de lhe falar no inabalavel projecto de casar com Diogo Alvares, logo que possa dispôr de mim. Esse prazo não vem longe. Vamos, além d'isso, para o Brazil, onde elle está; vamos por vontade do tio, não porque eu o tenha induzido a fazel-o. Por todos estes motivos, já vê que não pôde haver nada mais descabido e inopportuno, do que insistir



Poucas horas depois, o embarcadouro em Belem apresentava um quadro para sempre memoravel (Pag. 245)



n'essa ideia, que eu cheguei a suppôr que, sensatamente, puzera de parte...

— Tanto não puz! — exclamou D. Manoel, exasperado — que sou capaz até de ficar em Portugal...

— Faria muito melhor, como portuguez, sem por isso adeantar nem mais um passo quanto a esse irrealisavel projecto...

N'este momento, um criado annunciou á porta da sala:

— O sr. Antonio de Araujo.

— Ah! — exclamou D. Manoel com accentuada alegria, e dirigindo-se ancioso ao recém-chegado. — Obtiveste as passagens?

— Trago-vos as ordens de embarque — e apresentou-lhe uns papeis.

Margarida, apertando a mão ao antigo embaixador em Paris, não poude conter-se, e sorrindo maliciosamente, observou:

— Bem vê, meu tio! o seu empenho em ir para o Brazil, é ainda mais forte do que o de me casar como entende...

D. Manoel mordeu os beiços despeitado:

— O nosso amigo Antonio de Araujo incommodou-se por nossa causa vindo aqui... Era dever meu perguntar-lhe pelo negocio em que me fez o favor de se empenhar...

— Decerto! — concordou Margarida sempre ironica; e alegremente, concluiu para o diplomata: — Vamos então todos para o Brazil! Excellente occasião de v. ex.^a empregar a sua influencia para realisar as largas vistas liberaes que tem a respeito d'aquelle grande paiz...

— Ah! v. ex.^a é a melhor procuradora da patriótica demanda em que o Caramurú, permitta que assim chame familiarmente ao nosso amigo Diogo Alvares, e os patriotas seus correligionarios, se empenham n'esse bello paiz de Santa Cruz...

— E que admiração?... Não sou eu filha do Brazil?!...

— Filha... e mais alguma coisa.. — observou o diplomata maliciosamente.

— O quê?

— Noiva é que eu diria! se não tivesse receio de fazer zangar seu tio...

— Minha sobrinha é já, póde dizer-se, senhora da sua vontade... Disporá o seu futuro como entender... Eu tenho-a aconselhado como a consciencia me diz... Mais nada...— respondeu D. Manoel apparentando indifferença.

— O futuro a Deus pertence,— observou Margarida, occultando mal a sua satisfação por vêr como o tio ia batendo em retirada; e concluiu para Antonio de Araujo: — Temos então que embarcar amanhã?

— Ao meio dia devem estar v. ex.^{as} a bordo...

— Então tratemos dos ultimos arranjos, que não ha tempo a perder...

— Convenhâmos,— observou o estadista finalmente,— que a v. ex.^a a *fuga* da côrte para o Rio de Janeiro, não deixa de lhe causar uma certa alegria...

— Sou pupilla... acompanho o meu tutor... Se elle quizesse ficar, ficaria da mesma forma contente...

— Sim— murmurou a meia voz D. Manoel, conduzindo á porta o seu amigo,— é o caso da raposa com as uvas...

Na manhã seguinte, muito cedo, no meio da balburdia em que tudo e todos andavam, e da commoção que no povo causava aquella verdadeira fuga da familia real, Antonio de Araujo veio encontrar D. Manoel, fazendo-lhe uma communicação, cujo primeiro effeito foi aterral-o...

— Já não póde ter logar a vossa ida no *Voador*.

— Como?! Ficaremos em Lisboa! quando toda a nobreza vae com o rei?!

— Não é isso. Ireis em outro navio.

— Do mal o menos. Em qual vamos, pois?

— No momento de embarcar vol-o direi, porque depende ainda de varias circumstancias. E até logo, que tenho immenso que fazer.

— A que horas se parte?

— Não sei ao certo; esperae-me em Belem, onde embarcará a familia real.

D. Manoel, preocupado com o arranjo das malas, que por todos os lados ali estavam abertas na propria sala, n'essa confusão que ia por muitas centerias de casas e palacios da capital, em que as familias da alta sociedade, aterradas com a marcha dos francezes invasores, se preparavam para fugir, esqueceu-se de acompanhar o diplomata na sua retirada. Em compensação, esperava-o na sala contigua Margarida, a quem elle disse a meia voz :

— Está conseguido o que v. ex.^a desejava.

— Sim ?

— Não irão no *Voador*, e v. ex.^a fará a viagem livre da côrte assidua e importuna de seu primo.

— Ainda bem.

— Mas não é só isso... Tenho agradavel nova a dar-lhe...

— Então ?

— Iremos todos, o que não quiz dizer ainda a D. Manoel, na propria não *Principe Real*, em que vae o regente, a rainha mãe, e o infante D. Pedro...

— Ah!

— Foi este ultimo que, tendo conhecimento do vosso romance, e verdadeira sympathia pelos liberaes do Brazil em geral, e em particular pelo vosso futuro esposo, o Caramurú, como familiarmente lhe chama, a meu pedido se empenhou com o commandante da esquadra, Manoel da Cunha Souto Maior, para nos dar alojamentos na sua propria não...

— Quanto favor devemos a sua alteza ..

— Tereis muitas occasiões de lh'o agradecer, e o Caramurú de lhe prestar bons serviços, pois vamos animados de ardentes desejos de realisar grandes reformas que façam do Brazil o paiz adeantado que deve ser.

Poucas horas depois, o embarcadouro em Belem apresentava um quadro para sempre memoravel.

A multidão apinhava-se sobre o vasto lamaçal em



que o terreno junto ao caes fôra convertido pelas chuvas torrencias dos dias anteriores.

Estava-se em novembro, e um frio rigoroso de começo do inverno, bem como o tempo carregado, accentuavam o tom desolador d'aquelle momento historico, em que uma rainha victima da loucura, um regente timorato, e uma côrte egoista, partiam para o exilio voluntario, abandonando o reino á mercê dos estrangeiros invasores, emquanto o povo assistia contristado a partida dos seus reis, e ainda tinha abraços, lagrimas e soluços para os despedir, cuidando mais de lhes mostrar dedicação e amisade, do que de evidenciar a angustia e o receio pelo abandono em que o deixavam!

Chegou primeiro o principe regente D. João, como sempre afastado de sua mulher, a princeza D. Carlota Joaquiná. A confusão em que tudo andava era tal, que não havia no caes personagens que o aguardassem. Sahiu do coche acompanhado pelo infante de Hespanha, e o povo recebeu-o com lamentos e prantos, tomando-o nos braços, para assim o levar á galeota real, por sobre umas pranchas, que dois cabos de policia, unicas auctoridades presentes, estendiam por cima do lameiro. Partiu a galeota em direcção á não *Principe Real*, e pouco depois chegava D. Carlota Joaquina com os filhos.

A princeza, as infantas e o infante D. Miguel, com as damas, embarcaram tambem em outra galeota para a não *Rainha de Portugal*. Em terra, rodeado pelo povo, de que depois tantas vezes se havia de acercar nos dias historicos e gloriosos da sua vida, no Brazil e em Portugal, ficou o infante D. Pedro d'Alcantara, esperando a avó, a rainha D. Maria I.

Fôï quando esta chegou, acompanhada por duas damas, que se deram as scenas mais pungentes.

Com essa irritação da loucura, que se rebella contra as vontades extranhas que se lhe impõem, a magestade louca recusava-se a caminhar, e protestava em altos gritos, dizendo-se roubada, arrastada ao supplicio, conduzida ao cadafalso!

No animo do povo, esta grita desordenada da rainha

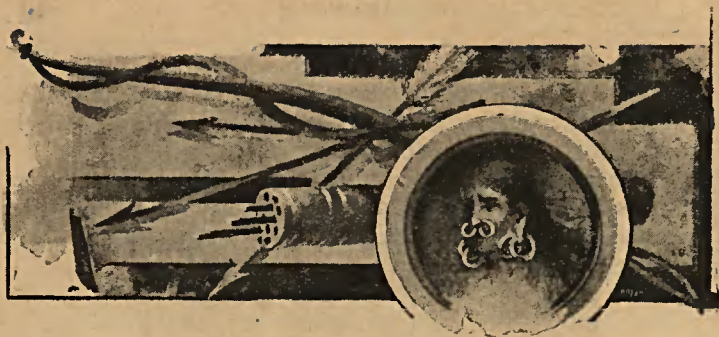


era antes considerada como acto consciente, resultado dos factos que se davam, como um protesto da sua vontade contra essa fuga e abandono do reino, que a realza consummava n'aquelle momento. E por isso, corren voz de que a rainha tinha recobrado n'esses instantes a razão, pensando mais sensatamente do que a multidão dos fidalgos que se diziam em seu juizo.

Não foram os protestos e a grita da pobre rainha louca que detiveram a armada portugueza conduzindo os reis e os aristocratas fugitivos. D'ahi a pouco levantava ferro, para ser saudada, primeiro pelos tiros de polvora secca das náos inglezas surtas no Tejo, que salvavam festivamente, vendo em pratica o conselho do embaixador inglez, e para, a seguir, ser alvejada pelos tiros de bala da propria fortaleza de S. Julião da Barra, que Junot, o general francez da primeira invasão, lhe mandava disparar.

E esta emigração politica em grande, este exodo no Brazil, haviam de ser passos gigantes para o engrandecimento e futura independencia da antiga Terra de Santa Cruz.





VI

Sonhos realizados



ESTABELECIMENTO da côrte portugueza na sua colonia da America foi pelo regente notificado ás potencias, adduzindo como causa da fuga de Portugal a invasão franceza; e d'aqui, em represalia, derivou ser um dos primeiros actos do governo, creado no Rio de Janeiro, a conquista da Guyana franceza. A par d'isto, tomaram-se algumas medidas que augmentaram a prosperidade do Brazil, como foi a abertura dos seus portos ao commercio estrangeiro, ao passo que a categoria de côrte, a que a capital brazileira passava, pedia a criação de estabelecimentos superiores de ensino, e a divulgação da imprensa. Estes factos, conjugados com o exemplo das colonias hespanholas da America libertando-se da tutella da metropole, e aspirando a maiores garantias liberaes, estabeleceram no Brazil um conflicto latente, de principios, entre a monarchia que ali fôra abrigar-se, e que era sempre absolutista, e as idéas predominantes no paiz, que eram avançadas.

Felizmente, uma alta individualidade, a do filho do príncipe regente, o infante D. Pedro d'Alcantara, estabeleceu o traço de união entre esses dois princípios; e quando D. João VI occupou de direito o throno, em



— Oh! Meu caro tio! Mal sabe a felicidade que me dá? exclamou Margarida abraçando D. Manoel (Pag. 255)

que havia muito se assentava de facto, seu filho, tornado príncipe herdeiro, tinha já a aureolar-lhe o nome a reputação de espirito superior e avançado, que o fez naturalmente donatario da corôa do Brazil, quando o

rei de novo voltou a Portugal, successor indicado primeiro pela força das circumstancias, e depois consagrado pela revolução. Esse movimento liberal levou, entretanto, alguns annos, e foi-se fazendo gradualmente pela politica habil de D. Pedro, que, livrando o rei seu pae das sérias difficuldades em que muitas vezes se achava para transigir com os principios liberaes, soube ir-se rodeando dos patriotas brazileiros, e d'alguns portuguezes liberaes, que, como o Caramurú, tinham desertado de Portugal antes da côrte, não, como ella, fugindo aos incommodos da invasão franceza, mas por não poderem supportar a reacção absolutista que no reinado de D. Maria I se accentuára contra as tendencias liberaes da anterior administração do grande marquez de Pombal.

D'este estado de coisas, derivára a realisação dos planos a que Antonio de Araujo se referira, falando com Margarida na vespera de deixarem Lisboa. O Caramurú tornára-se um dos entusiastas do principe D. Pedro, e este, novo como elle, comprehendera, a par das suas ideias politicas, os sentimentos do seu coração, e fizera-se paladino da victoria d'esses antigos amores entre a sobrinha de D. Manoel de Mascarenhas e o joven patriota. Esta clientella partidaria que se creára, levou Antonio de Araujo ao ministerio, pela morte do conde das Galvéas, e, dando satisfação ás aspirações dos liberaes brazileiros, o primeiro acto da sua administração foi elevar o Brazil á categoria de reino, unido ao de Portugal e dos Algarves, o que acabava com a sua posição de simples colonia, dando-lhe todas as garantias da metropole europêa.

Foi este um acontecimento faustoso, seguido em breve por outro não menos feliz: o ajuste de casamento entre o principe D. Pedro e a archiduqueza d'Austria, Maria Leopoldina. Fôra o marquez de Marialva encarregado de ir como embaixador a Vienna d'Austria desposar a princeza por procuração, e o principe, querendo testemunhar ao Caramurú o seu affecto, mandou-o chamar dias antes da embaixada partir.

— Diogo Alvares, quero dar-te uma prova de sympathia que me deve a tua pessoa e o teu character, e da conta em que tenho os serviços que me tens prestado e ao Brazil. . .

— Mais do que tudo, me recompensam as palavras de vossa alteza. . .

— E' bem que attendas um pouco ao teu futuro, e á tua propria felicidade, que esqueccis um tanto, dedicado de preferencia á felicidade e ao futuro d'esta patria adoptiva . . Sabes que vou casar-me. . . Tu casarás tambem na mesma occasião. . .

— Mas. . . Senhor!

— Porventura não achaes ainda que seja tempo? Queres esperar e Margarida, pelos cabellos brancos? Já attingiu, como queria, a maior idade. . .

— E' certo, meu senhor. . . Mas tendo-me dito generosamente que, agora, já senhora da sua vontade, mais lhe agradaria obter o voluntario assentimento do tio, e contando com isso, estimaria que addiassemos o nosso enlace para o fim d'este anno. . .

— Tens excessiva boa fé, Diogo Alvares, e convém que sem demora esclareças uma situação, que, como teu amigo, me dá que pensar. . .

— Quer Vossa Alteza que suspeite dos sentimentos de Margarida?

— Não! por Deus! que ainda mais confiante, em tudo e em todos, é do que tu mesmo! . . Mas, para te fallar com inteira franqueza, tenho conversado muito a teu respeito com Antonio de Araujo. . .

— Mais uma graça, meu senhor!

— Tem vindo isso, por varios motivos, á discussão, quando nos temos occupado das tentativas da reacção para restabelecerem o Santo Officio no Brazil. . .

— Mas, esclarecei-me, senhor! o que sabeis? . . — interrogou o Caramurú inquieto.

— Saber, nada sabemos, por ora. Mas suspeitamos e procuramos esclarecer-nos. . . Faze outro tanto.

— Farei, decerto, meu senhor. . .

— Comtudo, não te assustes. . . Maiores difficuldades

temos vencido... E, dê por onde dér, espero que, como te disse, casarás quando eu casar; e como demonstração publica do apreço em que te tenho, Diogo Alvares! irás como aggregado á embaixada do marquez de Marialva a Vienna d'Austria, e acompanharás para o Rio de Janeiro a minha noiva...

—E' insigne a honra que vossa alteza me concede, — respondeu commovido o Caramurú, beijando a mão do futuro imperador do Brazil.

— Não merece menos a dedicação que tens mostrado ao lado dos patriotas brazileiros, pela causa do progresso e da liberdade d'este reino... Vae, e faz o que te disse, enquanto te preparas para seguir para a Europa a encontrar-te com o embaixador.

N'essa mesma noite, o Caramurú foi, como de costume, falar com Margarida. Tendo já attingido a maioridade, e senhora, portanto, das suas acções, D. Manoel comprehendera que a unica esperança que ainda lhe restava de realisar os seus planos, era não fazer opposição aberta á sua vontade.

Iria demorando o casamento, sob pretextos diversos, tendo um plano reservado; ou esperando novo acaso propicio que o viesse ajudar, contando mesmo que pudesse surgir na lucta de interesses e paixões em que o Caramurú andava envolvido, por via das suas ideias politicas. Não fazia porém difficuldades materiaes á correspondencia dos namorados, comquanto seguisse attento e dissimulado a marcha das suas relações, e falando da sobrinha com os seus affeioados muitas vezes dizia:

— Por enquanto não ha perigo, occupam-se mais do que chamam: *a liberdade do Brazil*, do que de negocios de coração...

O Caramurú nunca mais falára a D. Manoel, desde os acontecimentos de Napoles, mas quasi diariamente se encontrava com Margarida em casas de pessoas da alta sociedade estabelecida no Rio. Contou-lhe, portanto, o que o infante lhe dissera, accrescentando:

— Parece-me, com effeito, que é tempo de concluirmos os nossos negocios particulares ..

— Quando casa sua alteza? — perguntou Margarida, parecendo bastante apprehensiva.

— Ainda este anno, logo que o embaixador volte de Vienna com a archiduzesza...

— Está bem... até então, espero que tudo se resolverá...

— Mas, não te comprehendo, Margarida! Agora que és maior e senhora da tua vontade!... de que póde estar dependente a tua resolução, a não ser d'ella?...

Margarida ficou pensativa e silenciosa, o que muito estranhou o Caramurú...

— Não respondes! Que motivo póde haver?

— Motivo não ha... Apenas desejo meu de esclarecer o assumpto...

— Fala sem rodeios, como sempre tens usado comigo. Francamente, desconheço-te!... Reticencias, meias palavras, agora que és livre!... espantam-me — replicou o Caramurú começando a exaltar-se...

— Socega, por Deus t'ó peço!... Não estamos em lugar proprio para tratarmos, como é necessario, a questão grave que ambos temos o dever de apurar... A'manhã á noite te esperarei... como de costume... Sim?

— Irei... Quero saber que mysterio é este!...

No dia seguinte, entendeu Margarida, dispondo-se para a entrevista que devia ter com Diogo Alvares, consultar antes o tio quanto ao extranho caso que, havia dias, a trazia sob penosa impressão.

— Tenho que o ouvir, meu tio, sobre um assumpto muito grave...

— Agradeço-te a attenção, uma vez que és já senhora das tuas acções... De que se trata?

— Do meu casamento!

E dizendo isto, Margarida fixava attentamente os olhos nos de D. Manoel, pretendendo descobrir as suas mais reservadas impressões.

— Conheces as minhas ideias; mas, repito, és agora senhora da tua vontade... Com quem pretendes casar, é inutil perguntar-t'ó... Sabes que não sympathiso com

o Caramurú, unicamente pelos seus principios... mais nada.

— E' que tambem eu hesito agora...

— Sim?! E que razão tens?—perguntou D. Manoel com um vislumbre de esperança renovada...

Margarida, sem responder, tirou subitamente d'algi-beira um papel, e estudando-lhe a expressão do rosto, disse a D. Manoel:

— Esta carta que recebi... Leia! Se não é verdade o que ahi se diz, representa a maior das infâmias!...

— Mas o que é?—insistiu o fidalgo com a maior naturalidade...

— Leia!... Leia!...

D. Manoel leu em voz alta:

«Amigos dedicados aconselham a V. Ex.^a que, antes de casar, averigue se não existirá entre si e o Caramurú um parentesco que torna o casamento impossível. O pae de V. Ex.^a quando esteve no Brazil, commandando um dos regimentos da guarnição do Pará, durante o governo do irmão do marquez de Pombal, Mendonça Furtado, para se proceder á demarcação das fronteiras, achou-se envolvido em uma aventura amorosa, em que o supposto pae do Caramurú attentou contra os seus dias.»

— Oh! isto é infame! Volvidos tantos annos, quem será o miseravel que se lembra de reviver essa vil calúnia?!—exclamou D. Manoel, amarrotando o papel que tinha nas mãos...

— Mas então? meu tio! houve um qualquer incidente entre meu pae e o de Diogo Alvares?...

— Não, descança, e tenho as provas d'isso...

— Sim?

— Dar-t'as-hei... E só te digo que suspeito de que lado partiu esta inaceitavel maneira de combater um adversario politico...

— De quem desconfia? diga-me...

— Não, não quero fazer juízos temerarios. Deixa-me guardar para mim o que pódem ser infundadas suspeitas... Este meio que vejo empregar, menos para im-

pedir o teu casamento, do que para lançarem no desespero um inimigo político, revolta-me por tal forma, que não quero, nem por sonhos, embora indirectamente, beneficiar de tal obra... Sabes quanto me tenho oposto a que te unas ao Caramurú...

«Pois bem, em vista d'esta infame aleivosia, sou eu que te digo: casa com elle!...

— Oh! Meu caro tio! Mal sabe a felicidade que me dá! — exclamou Margarida abraçando entre lagrimas D. Manoel...

A' noite, como estava ajustado, o Caramurú veiu junto da varanda do jardim do palacete.

— Será agora occasião de me explicares as extraordinarias palavras que hontem te ouvi?...

— E'! Mas não serei eu que t'as explicarei...

— Quem, então?

— Meu tio, que está aqui a meu lado, e que te pede para entrares em sua casa.

Na escuridão da noite, não foi possível ver o enorme espanto que se pintou no rosto do Caramurú, mas traduziu-se elle nas suas palavras...

— Gracejas, Margarida! Teu tio é o mais irreconciliavel dos meus inimigos!...

— E' injusto, sr. Diogo Alvares! tem outros muito mais para temer... E' justamente isso que lhe quero provar. Suba, — concluiu D. Manoel, que descera e abria uma pequena porta do jardim.

Quando chegados a uma sala, o fidalgo fechou a porta, e convidando o Caramurú a sentar-se disse-lhe:

— Professamos ideias contrarias, e politicamente nunca seremos amigos. Mas assim como a grande familia portugueza se acha dividida em avançados e reaccionarios, assim pôde haver um tio reaccionario d'um sobrinho liberal... Sel-o-hei...

— Mas a que feliz successo devo a mudança que vejo nos sentimentos de v. ex.^a a meu respeito?

— Ao facto de não querer beneficiar d'um ataque aleivoso dos seus inimigos. Leia, lhe digo, como Margarida me disse esta manhã.

O mancebo percorreu com os olhos, ancioso, o papel que D. Manoel lhe dera, e fazendo-se excessivamente pallido, exclamou indignado:

— Isto é não só infame, mas insensato!... Jámais ouvi a menor referencia a semelhante facto...

— Foi effectivamente uma calumnia que inventaram, no tempo em que seu pae e o pae de Margarida habitavam no Brazil. Seu pae era partidario acerrimo da politica de Pombal, de quem era irmão e representante o governador do Maranhão e Pará, Mendonça Furtado. Achou este empenhado em uma guerra sem tre-goas com os jesuitas.

— Ah! presinto d'onde vem o golpe...

— Meu irmão, coronel d'um regimento vindo de Portugal para sustentar a auctoridade do governador, cumpriu o seu dever de militar, sem cuidar de politica e era amigo intimo do Caramurú d'esses tempos.

— Assim o ouvi sempre!

— E eu tambem! — accrescentou alegremente Margarida.

— Querendo desunil-os, e promover discordias, uma vez que o coronel ia sendo victima d'uma traiçoeira embuscada, inventaram um romance em que faziam d'elles rivaes, accusando seu pae d'esse attentado... Tenho aqui as cartas em que meu irmão me contou toda essa vil intriga, que agora quizeram reviver contra si... Eis o que nos fará amigos, não politicamente, mas como parentes que seremos...

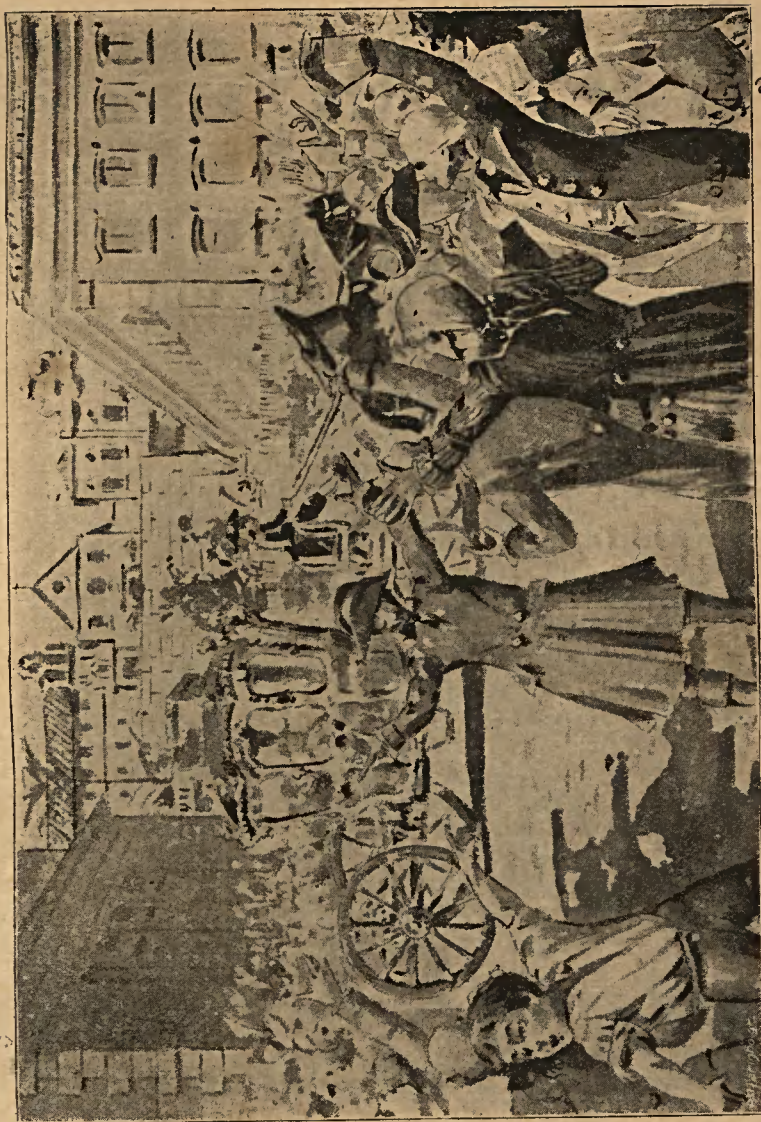
— Consinta que lhe aperte a mão agradecido, sr. D. Manoel, como áquelle a quem nunca desejei senão bem.

— Vel-os felizes é agora o meu maior desejo. Tu, — continuou, dirigindo-se a Margarida, — sei que lhe queres, tanto quanto é possivel...

— Foi o que sempre lhe disse, meu tio, desde pequena... — respondeu Margarida, no auge da alegria, abraçando o ex-tutor.

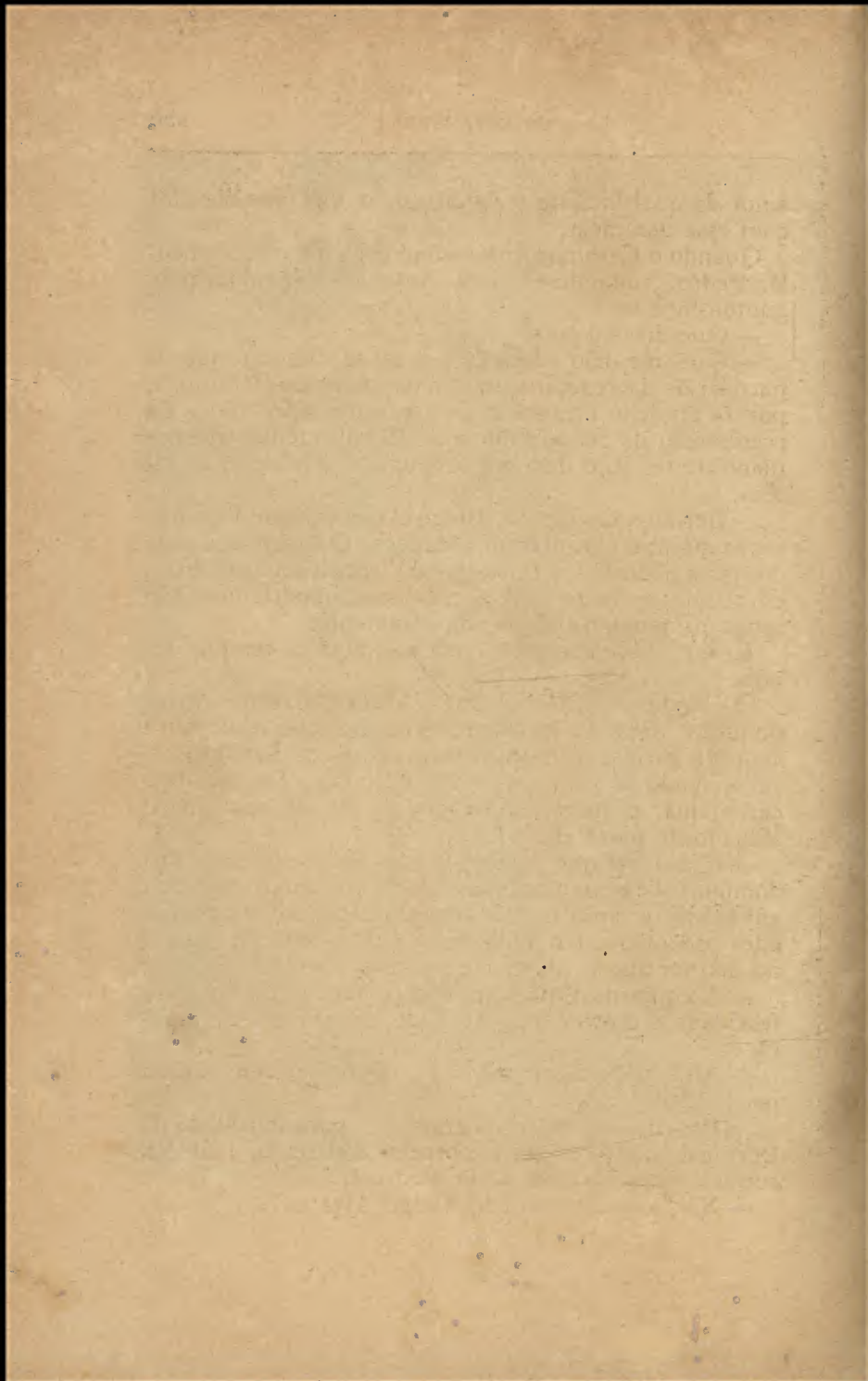
— Sei-o! Sei-o bem! Que elle te retribua sempre, querendo-te como quer á sua deusa, a liberdade, por





O rei apparecia de carruagem acompanhado pelo principe (Pag. 266)





amor da qual lhe iam fazendo passar um máu bocado, com essa denuncia...

Quando o Caramurú narrou ao principe o succedido, D. Pedro, voltando-se para Antonio de Araujo, perguntou-lhe :

— Que dizes a isto ?

— Que me não admira: é o agradecimento que os partidarios da reacção queriam dar ao nosso Caramurú, por se ter feito um dos mais acerrimos adversarios da readmissão do Santo Officio no Brazil, medida que me ufano de ter feito decretar ao augusto pae de vossa alteza.

— Deixa-os connosco, Diogo Alvares ! que lhes não permitiremos levantarem a cabeça. O Brazil será cada dia mais liberal !... Parte para Vienna, como te disse, e quando voltares haverá successos importantes, não sendo o menor o dos nossos casamentos.

Assim succedeu, com effeito, algum tempo depois.

Os esponsaes de D. Pedro d'Alcantara com a archiduezza Maria Leopoldina d'Austria, e do Caramurú com Margarida, realisaram-se com poucos dias de intervallo, sendo os principes seus padrinhos. Terminada a cerimonia, o futuro imperador do Brazil, tomando o afilhado de parte, disse-lhe :

— E' natural que desejes ir mostrar a tua mulher os dominios d'esse teu antepassado, o Caramurú chefe de goyanazes e tapuyas. Vae descansar algum tempo das lides patrioticas, em Villa Velha, para estares prompto no dia em que te chamar e precisar de ti...

— A corôa do Brazil, senhor ! pertencer-vos-ha, para felicidade d'este povo, mais cedo do que era de esperar...

— Ah ! não digas tal !... Deus avivente meu pae ! ..

— Por muitos e largos annos... para felicidade de Portugal, que o chama, e precisa d'el-rei D. João VI, como o Brazil precisa de D. Pedro I.

— Não sonhes acordado, Diogo Alvares !...

— Não estão realizados já, com o casamento, uma parte dos nossos sonhos? senhor!

— Estão! com effeito...

— Creia-o vossa alteza: depois de uma, outra paixão; depois do coração, o cerebro; depois do amor, a independencia da Terra de Santa Cruz!





VII

O regresso a Portugal



Como o príncipe D. Pedro lhe dissera, o Caramurú fôra mostrar a sua mulher os domínios herdados de seus maiores, perto da cidade da Bahia, da qual Margarida era oriunda, e entretido com negócios importantes nas suas fazendas de Villa Velha, demorára-se por mais tempo do que tencionava, esperando aviso do príncipe a chamal-o novamente para o seu lado. Foi ali que teve conhecimento dos dois importantes successos que, ao mesmo tempo quasi, se deram no Brazil e em Portugal, e que foram o verdadeiro prefacio da revolução de 1820, que havia de estabelecer na antiga metropole, definitivamente, o novo regimen da monarchia liberal, e que repercutindo-se na tambem antiga colonia da America, agora erigida em reino, determinaria a sua independencia.

Foram esses successos: a conspiração liberal contra o governo absolutista e vexatorio da regencia, que em

Lisboa ficára representando a realza ausente no Brazil, e que deu em resultado as execuções dos martyres da patria, no Campo de Sant'Anna, e a de Gomes Freire d'Andrade junto á Torre de S. Julião da Barra, e a revolução de Pernambuco, motivada mais pelo exemplo das colonias hespanholas pretendendo emancipar-se da auctoridade da metropole, do que, como se propalou, por justas queixas contra as preterições soffridas nas promoções dos postos militares pelos filhos do Brazil, em proveito dos nascidos em Portugal. Tanto um como outro d'esses movimentos foram suplantados, mas não deixaram de ter consequencias, que logo se começaram a fazer sentir. Em Portugal, foram ellas o tornarem-se cada vez mais vivas as accusações contra a regencia, e mais instantes as supplicas a D. João VI para que regressasse ao reino, onde já não havia occupação franceza que justificasse a ausencia da côrte; e no Brazil, o desgosto por vêr partir a realza, e d'ahi a consequencia natural, da aspiração a elevar uma realza sua propria, a monarchia brasileira, na pessoa do principe real D. Pedro, que se havia creado um verdadeiro partido, pela fórma por que sempre interviera junto de seu pae em favor das aspirações liberaes do Brazil.

D. João VI, porém, fraco e incapaz de arrostar com as difficuldades, valia-se do filho para as conjurar, mas, passada a crise, afastava-o dos negocios do estado, positivamente.

Tal era a situação, quando o Caramurú foi de novo chamado para o lado do principe, cujo espirito esclarecido de politico antevia os importantes successos que se approximavam.

Chegou o Caramurú ao Rio de Janeiro, precisamente em um dia memoravel: D. João VI acabava de convocar a toda a pressa o conselho de ministros, por causa da noticia da revolução de 1820, trazida ao Rio de Janeiro pelo bergantim mercante *Providencia*.

Emquanto o conselho deliberava, em uma sala dos aposentos do principe D. Pedro, entretinha-se este com

o Caramurú e José Bonifacio a respeito dos acontecimentos.

— E' para lamentar — dizia o ultimo — que el-rei não chamasse vossa alteza a assistir ao conselho...

— Acatemos sem commentarios as resoluções de sua magestade...

— Por certo, meu senhor! — observou o Caramurú, — mas seria absoluta cegueira não reconhecer que vossa alteza é a unica pessoa capaz de bem aconselhar el-rei n'estas condições, e de o coadjuvar na crise em que a realza se acha, aqui e em Portugal mesmo.

— Lá estão no conselho, o conde dos Arcos, liberal como nós, e Villa-Nova Portugal, conservador intransigente, para, entre as suas idéas differentes, el-rei optar pelo que melhor lhe parecer. Espereamos. Entretanto, este nome de Villa Nova, traz-me á memoria Villa Velha, os teus dominios de que chegas, Diogo Alvares!... Lá o que se pensa?...

— Que sua magestade, mais dia menos dia, terá de regressar a Portugal, e que vossa alteza é aquelle a quem Deus destinou para subir ao throno do Brazil independente...

O principe sorriu-se, como se esta perspectiva futura lhe não desagradasse, e respondeu:

— Vem longe ainda, e é bastante duvidoso, esse futuro... Mas tu, Diogo Alvares, que és portuguez, como eu, não te sentes um tanto melindrado no teu amor proprio com a idéa do Brazil se emancipar de Portugal?

— Não, meu senhor! Nasci no Minho e quero a Portugal como filho, mas o Brazil tem sido, ha trez seculos, para mim e para os meus antepassados, uma outra patria! Diz-me a razão que devo querer tanto a um como a outro; e diz-me o conhecimento das condições d'ambos, que a melhor maneira de se engrandecerem e ajudarem reciprocamente, é vivendo como irmãos, sim, mas livres e independentes.

— E vós que pensaes? José Bonifacio.

— Que o Brazil é grande de mais para colonia de



Portugal, e Portugal metropole pequena de mais para ter o Brazil por colonia!... Unidos pelos laços do sangue e dos interesses politicos e commerciaes, poderão, independentes, cada um, coadjuvar-se muito melhor...

N'este momento, a chegada do conde dos Arcos veiu interromper a conversação.

— O que se decidiu no conselho?...

— El-rei tomou a resolução de censurar como illegal o procedimento da regencia, que transigiu com a revolução; de ordenar que em Portugal se convoquem as côrtes, não constituintes, para approvarem a reclamada carta constitucional que a revolução pede, mas pelo systema antigo; e que vossa alteza parta immediatamente para a Europa.

— Cumprirei, como sempre, as ordens d'el-rei meu pae; mas sinto vêr que sua magestade não mede todo o alcance dos acontecimentos...

— Tambem assim lealmente lh'ó representei no conselho... El-rei espera a vossa alteza...

— Vou já receber as suas ordens, — respondeu o principe; e como n'este momento chegassem mais alguns patriotas brasileiros, visivelmente descontentes com a resolução annunciada, tomando o Caramurú á parte, disse-lhe: — Convence-os que el-rei é que terá de regressar a Portugal! Mas se eu tiver de ir, Diogo Alvares, conto contigo para me acompanhares, pois será difficil a nossa tarefa... Não te custará deixares agora tua mulher?

— O dever está em primeiro logar, meu senhor...

— Assim é. Elle me chama agora ao pé de meu pae, que eu bem quizera vêr seguir francamente o caminho que a revolução liberal lhe indica...

Os acontecimentos vieram logo dar razão ao modo de vêr do principe, e mostrar como impossiveis as hesitações de D. João VI, ora aferrado ás prerogativas absolutistas, ora tremente e receioso, deixando correr tudo á revelia, atemorizado nos momentos criticos com o espectro de Luiz XVI levado pela revolução ao cadafalso.



Chegou ao Rio de Janeiro o conde de Palmella, que veio expôr bem claramente a el-rei como as idéas liberaes faziam caminho em Portugal, e como seria perigoso querer deter o movimento, já victorioso, da revolução de 1820. Foi, portanto, sustada a partida do príncipe, enquanto el-rei, como dissera, pensava maduramente no que havia de fazer.

Os acontecimentos, porém, não deram lugar a pachorrentas reflexões. O proprio movimento de Portugal communicára-se a todas as ilhas adjacentes e ás suas colonias, e fazia-se já sentir tambem no Brazil, mais disposto ainda do que ellas para essa nova ordem de idéas. Mas, depois d'um novo conselho de ministros, o rei persistiu no seu proposito, promulgando decretos n'esse sentido. O conde de Palmella, vendo o perigo para que a monarchia corria, deu a demissão, e os patriotas, quando o rei insistiu em mandar para Portugal o príncipe, em quem punham todas as suas esperanças, romperam na insurreição do Rio de Janeiro.

No auge do terror, D. João VI valeu-se, como de costume, da popularidade do filho.

D. Pedro, rodeado pelos seus mais fieis partidarios, dirigiu-se ao ponto em que se achavam os regimentos sublevados em armas e o povo amotinado, impondo-se-lhes pela sua coragem.

— O que desejaes?—lhes perguntou!

Foi um dos chefes do movimento, o advogado Macamba quem respondeu:

— Queremos a demissão dos ministros reaccionarios, e que el-rei jure promulgar a constituição que as côrtes de Lisboa fizerem.

— Sim! Sim! Eis o que desejamos — bradaram em coro o povo e a tropa.

— Esperae em socego a resolução d'el-rei, a quem vou transmittir o que pedis...

E o príncipe retirou-se, aclamado pelos insurrectos.

Como sempre, D. João VI transigiu em face do perigo. Foi demittido o ministerio e nomeada uma situação liberal em que entrava o publicista Silvestre Pi-

nheiro, um dos mais respeitados patriotas, o conde da Louzã, Monteiro Torres e Ignacio Quintella, e prometteu jurar a constituição.

D. Pedro, leal como filho e príncipe, quiz fazer reverter para a corôa de seu pae e rei, a ovação entusiastica de que foi alvo, quando veio trazer aos insurrectos a resposta ás suas reclamações.

— Agradeço-vos do coração! Não é a mim, porém, mas a el-rei, que deveis acclamar.

E dirigindo-se ao paço, venceu D. João VI a que sem demora se apresentasse ao povo.

D'ahi a pouco, o Rocio do Rio de Janeiro apresentava um espectáculo extraordinario! O rei apparecia de carruagem, acompanhado pelo príncipe, e a multidão, em onda tumultosa, gritando entusiasticamente, saudava-o com vivas e acclamações, e tirando os cavallos ao coche, levava-o triumphalmente ao paço, e ali, erguendo nos braços o rei, subia as escadas até o depôr na primeira sala, voltando á rua a acclamar-o.

— Apparecei-lhe novamente, senhor!— disse então o príncipe.

D. João VI, repartido entre o terror e o contentamento, chorando como uma creança, e impellido pelo filho, chegou á varanda do paço, e d'ahi renovou as suas promessas, que o povo acolheu com novos e entusiasticos vivas.

E não obstante, passadas varias scenas de hesitações d'el-rei, parecidas com esta, D. João VI, aterrado com o contacto da revolução liberal que se pronunciára junto a si, resolveu partir para Portugal.

A primeira impressão no povo, foi de espanto e dôr. Mas os patriotas brasileiros, pondo novamente as esperanças no príncipe, que ficava, definiram então o principio da independencia brasileira, que até-ahi se confundia com o principio liberal.

Para o Caramurú e Margarida estes acontecimentos acarretavam mais um sacrificio.

— El-rei parte amanhã. Em Lisboa vão reunir-se as côrtes que farão a constituição para Portugal e para o

Brazil. D. Pedro e os meus amigos querem que eu siga os acontecimentos na Europa, para de tudo os informar...

— N'esse caso acompanhar-te-hei...

— Não! Peço-te que fiques...

— Mas não tencionavamos ir a Portugal depois de casados visitarmos juntos o nosso Minho?...

— Esses planos, são infelizmente irrealisaveis, por agora, e queira Deus que se não tornem mesmo para sempre impossiveis, — respondeu o Caramurú com accentuada tristeza. E vendo a admiração que ás suas palavras se traduzia no rosto da esposa, concluiu:— Nunca pensei, Margarida! que a minha fé liberal viesse a trazer-me tão graves sacrificios...

— O que queres dizer?...

— A missão que o principe me confia, e que já agora cumprirei, porque não quero renegar os meus principios, ha de ser mal vista em Portugal por todos aquelles para quem a liberdade não seja um ideal superior a quaesquer outras ideias... Uma terão elles que hão de antecipar a essa...

— Qual?

— A ideia da patria...

— Começo a perceber... Receias as rivalidades entre o amor patrio portuguez e o amor patrio brasileiro...

— Exactamente!... Esse nobre egoismo, se assim se lhe pôde chamar, esse amor proprio de metropole e colonia, despertou já... Portugal fez a revolução pedindo a carta d'uma nova constituição, e o Brazil emitta o mesmo voto pedindo-a igualmente... Estão n'este ponto d'accordo... Mas quando Portugal reclâma os seus direitos de metropole e pede que o rei volva á sua antiga côrte, o Brazil protesta, receiando que, perdida a sua qualidade de côrte, volte a ser considerada colonia...

— Mas D. Pedro fica?!...

— E para quê? Não nos illudamos... Os destinos historicos teem de cumprir-se... Por mais leal que o

príncipe se queira conservar para com seu pae, o Brazil só vê n'elle um rei que fica, no lugar do rei que parte... Em Portugal, vê-se isto tambem; e quando amanhã, nas côrtes constituintes encarregadas de preparar a constituição, os deputados brasileiros pedirem para a sua terra as mesmas garantias que Portugal obteve, no espirito do legislador, o amor proprio despertará ciumento, e recusará essas franquias, cuja consequencia natural seria a emancipação da antiga colonia ..

— Mas não as concedendo,—observou Margarida com a sua natural perspicacia,—a minha patria tomal-as-ha... Far-se-ha independente!...

— Ah! estás tu proferindo a realidade do futuro, leal e espontaneamente, como filha do Brazil, apesar de minha mulher... E' uma consequencia de factos historicos, que tem de dar-se...

— Mas, embora independentes, os dois paizes, viverão unidos pela amizade de irmãos...

— De certo .. Porém... mais tarde, quando a reflexão vier e animos tiverem serenado... Por agora, no calor dos affectos patrios, e no ardor das paixões politicas, predominarão más vontades e despeitos de parte a parte... Eis o que tornará mal vista dos portuguezes a missão que eu, filho do Minho, vou exercer, em Lisboa...

— Mais uma razão para querer estar ao teu lado. .

— E soffreres, como eu, sem resultado util, porque todos comprehenderão que os deputados brasileiros pugnem pelos direitos da sua patria; ninguem comprehenderá, porém, que eu, portuguez, lá esteja como uma especie de procurador da causa da independencia d'esta terra. . .

— E porque não recusas essa missão?...

— Pela mesma razão porque o príncipe não poderá um dia recusar a corôa do Brazil...

— Antevejo-a...

— Porque eu sou o representante do Caramurú, o primeiro colono portuguez, que no Brazil se estabeleceu, como elle é o representante da monarchia que ao



descobrir a Terra de Santa Cruz, tomou o encargo de a civilisar e engrandecer... Antes de tudo, está esse dever a cumprir... A historia nos fará justiça mais tarde... Por agora, só devemos contar com o sacrificio que faz todo aquelle que, embora conscio de que bem procede, sabe que será mal visto...

Acabando de assim dizer, o Caramurú ficou tristemente concentrado. Margarida, abraçando-o carinhosamente, disse-lhe :

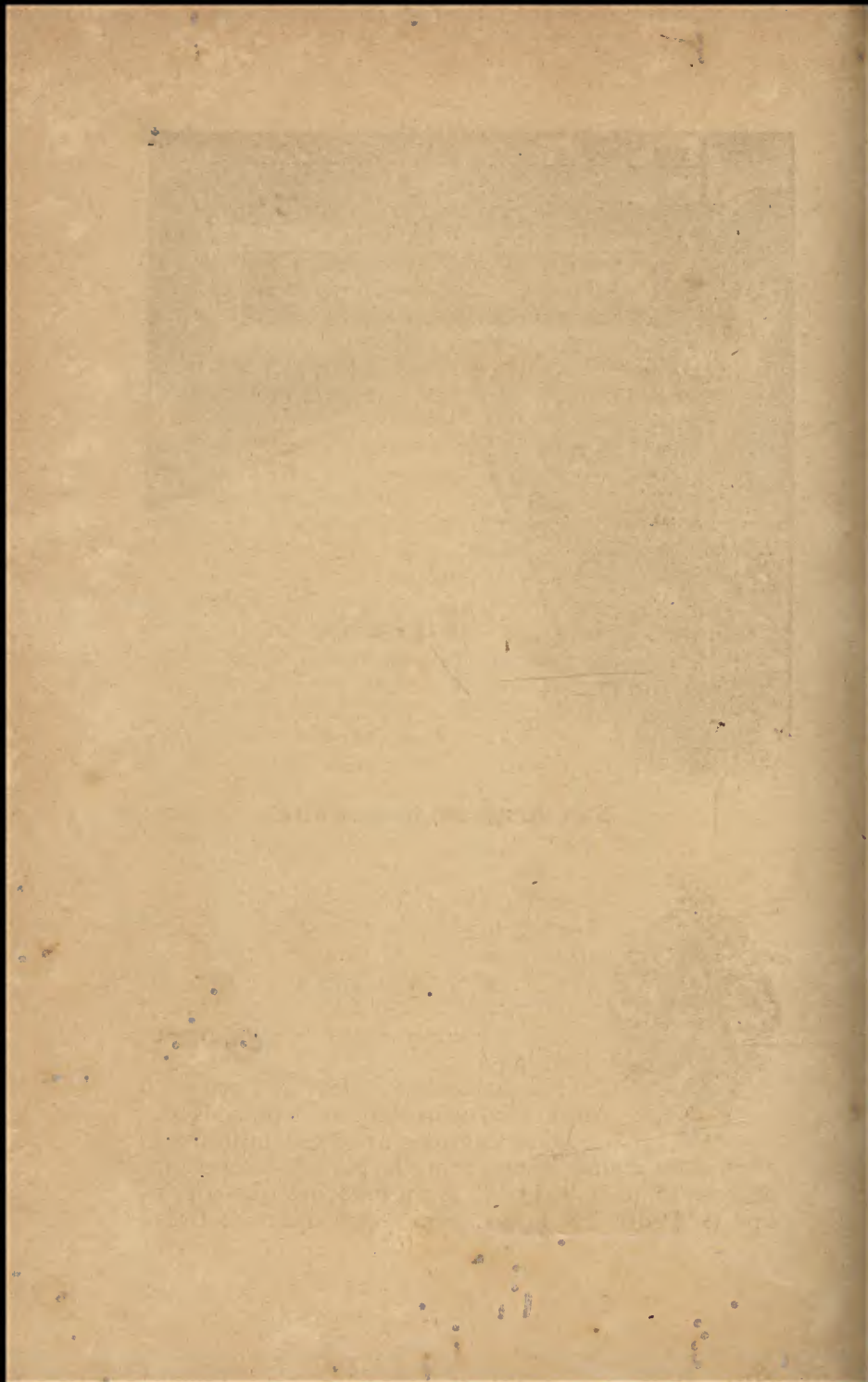
— Consola-te com a ideia de que, uma vez cumprida essa ultima parte da tua missão de liberal sincero, terás na Villa Velha, fundada pelo teu glorioso antepassado, e em mim, como descendente d'essa formosa Paraguaçu que tanto o amou, uma outra patria e o amor da familia para te compensarem.

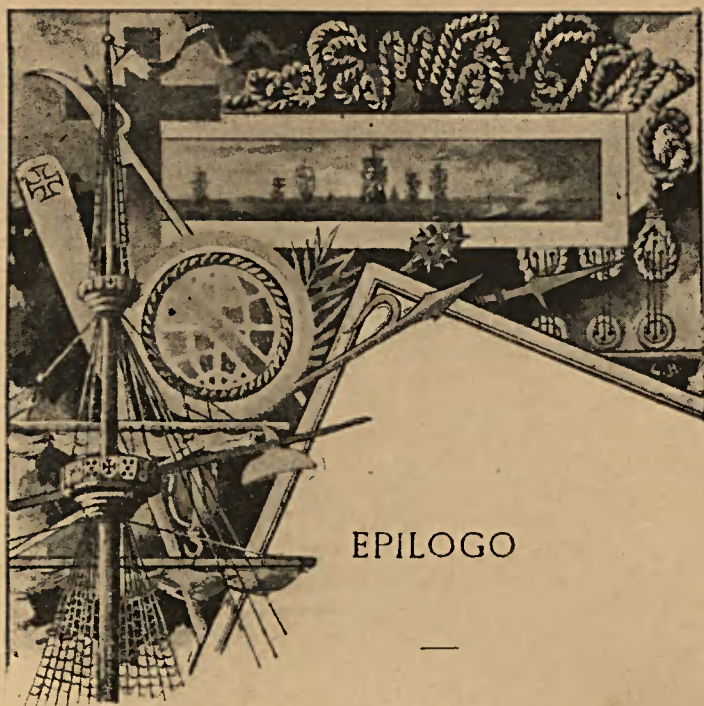
— Sim! Será essa ideia que ha de tornar menos doloroso o adeus que vou dizer ao Minho em que nasci.

D'ahi a dias, quando a côrte partiu, D. João VI despediu-se do principe seu filho com umas palavras equivalentes, na significação, ás do Caramurú a sua esposa:

— Bem vejo que o Brazil não tardará a separar-se de Portugal,—disse o rei, quasi em segredo, a D. Pedro, dando-lhe o ultimo abraço, e concluiu:— N'esse caso, se não puderes conservar-me a corôa, guarda-a para ti e não a deixes cahir em mãos de aventureiros.

FIM DA PARTE SEGUNDA





EPILOGO

Nas margens do Ypiranga



As previsões do Caramurú não só foram confirmadas pelos factos, mas a realidade passou ainda além d'ellas, dilacerando-lhe positivamente o coração, na amargurada e espinhosa tarefa que o príncipe o encarregára de cumprir em Portugal.

Emquanto os políticos de Portugal o viam com máus olhos, os deputados brasileiros enviados ás côrtes constituintes mostravam-se desgostados com elle, por não fazer triumphar junto de D. João VI, as reclamações que o príncipe D. Pedro lhe dirigia, para serem dadas ao Brazil

as garantias que pedia, e d'esta maneira conjurar a separação imminente.

As côrtes, porém, ao passo que recusavam todas as propostas dos deputados brasileiros, iam mostrando accentuada má vontade contra o príncipe, que, aliaz, nas suas cartas para o rei seu pae, mostrava sempre absoluta fidelidade, e só forçado pelos acontecimentos, e pelas hostilidades dos liberaes portuguezes, veio a transigir com o movimento separatista do Brazil.

Foram particularmente angustiosos para o Caramurú os dias em que assistiu ás agitadas sessões em que se discutiu a constituição, nas quaes Borges Carneiro, Moura, Ferreira Borges e outros oradores notaveis do partido revolucionario de 1820, travaram pugna acirrada com os representantes brasileiros, Bueno, Vergueiro e Antonio Carlos de Andrade e Silva, que defendeu calorosamente seu irmão José Bonifacio, agora retirado no Rio de Janeiro, das accusações feitas á sua vida politica quando exercera o cargo de inspector da segurança no Porto. Antonio Carlos, com os olhos fitos no Caramurú, que, da galeria, lhe agradecia comovido a defeza do seu amigo e do príncipe D. Pedro, acabou sustentando solemnemente que o Brazil não se queria separar de Portugal, preferia a união sincera dos dois estados, mas reclamava a liberdade inteira, e havia de conseguil-a, *apezar de todos pezares!*

Mais dolorosa para elle do que a sessão em que os deputados brasileiros declararam não assignarem a constituição e se retiraram da camara, escrevendo depois Antonio Carlos e Costa Aguiar o seu protesto em Falmouth, só foi a despedida ao seu querido Miinho.

Prestes a retirar para o Brazil, comprehendendo que o preço da sua dedicação sincera e desinteressada aos principios liberaes, seria talvez o exilio na America por todo o resto da sua vida, o Caramurú quiz rever os sitios em que passára a infancia, d'onde partira havia tantos annos, no cumprimento da sua tradição de familia, a educar-se em Paris, seguindo depois para o

Brazil, com a aprendizagem liberal feita na França revolucionaria. Percorreu ancioso essa mesma estrada que, prolongando-se pelas formosas margens do Lima, ia a Santa Martha e Deuchriste, parou n'esse angulo do caminho, historico na vida do seu famoso antepassado, o primeiro Diogo Alvares que se estabelecera em Santa Cruz, quando ao regressar da viagem com o navegador florentino Americo Vespuccio, fôra á pressa cha-



O antigo solar dos Caramurús achava-se convertido em um montão de ruínas (Pag. 274)

modo por D. João Telles, e d'ahi percebera as luzes dos cirios que acompanhavam o enterro da sua noiva, a virtuosa D. Anna!

Apertou-se-lhe o coração com essa lembrança das desventuras que, no passado como no presente, parecia serem a recompensa mandada pelo destino aos actos de dedicação e sacrificio prestados pelos do seu sangue

á patria. Passou adiante, esporeando o cavallo, como a fugir a um sonho máu, e d'ahi a pouco, o espectáculo que tinha ante si levava ainda a maior auge a sua amargura: o antigo solar dos Caramurús achava se convertido em um montão de ruínas! Passará por elle a onda destruidora da invasão franceza, que deixára assignalada com o destroço das balas e do incendio, uma especie de ironica saudação, de odio e irreverencia, á morada do fidalgo portuguez, que pondo de parte os preconceitos de raça, se convertera aos principios da França liberal.

— Triste sina a da liberdade! que por toda a parte só póde ser implantada á custa de mortes e ruínas! Nem tu escapaste! adorado solar dos meus antepassados!

Assim disse o Caramurú, com as lagrimas a correrem-lhe pelas faces; e passados momentos de triste contemplação, arrancou-se d'alli, indo embarcar a Vianna, com destino ao Rio de Janeiro.

Não encontrou lá D. Pedro, que fôra a S. Paulo, n'essa peregrinação de apaziguamento das insurreições que se iam succedendo em todas as provincias do Brazil, á medida que se conheciam os factos passados nas constituintes de Lisboa.

A princeza, com quem Margarida, que apenas tivera o tempo de abraçar, ficára, encarregou-o de ser o portador d'uns despachos vindos de Portugal, e que, em razão dos successos já conhecidos, deviam ser de excepcional importancia.

Chegado a S. Paulo, soube que o principe se achava nas margens do formoso rio Ypiranga, e para ali partiu, á redea solta.

Foi encontrár o futuro imperador rodeado por um grupo de amigos dedicados, e consolando-se das amarguras que lhe iam na alma, com a contemplação d'aquella maravilhosa paizagem da America, n'esse convívio da grandiosa natureza, joia do reino que o destino lhe offerecia, ao par que acontecimentos politicos lhe dilaceravam o coração de filho.



Aquelle cavalleiro, approximando-se em vertiginosa carreira, atrahiu as atenções do príncipe e dos que o acompanhavam.

—Diogo Alvaros! Chegaste enfim! — exclamou D. Pedro, no momento em que o Caramurú, atirando-se abaixo do cavallo, se lhe lançava aos pés dizendo:

— Melhor fôra, não voltar jámais! do que ser portador de tristes novas! . . .

— Estou preparado para tudo! — respondeu o príncipe, rompendo com mão trémula o sello real do despacho.

Fez-se um silencio de morte, enquanto o futuro imperador, empallidecendo, percorria com os olhos o fatal papel. Leu-o segunda vez, e então, as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos. Por algum tempo não pôde articular palavra; depois, a custo disse aos que o cercavam:

— E' a primeira vez que el-rei meu pae me trata com tamanha dureza, duvidando da minha lealdade! N'estes seus decretos, annulla a convocação dos procuradores das provincias brazileiras; exige a responsabilidade dos ministros por mim nomeados; da junta de S. Paulo, e dos signatarios da representação de Janciro, e ordena-me completa submissão ás deliberações das côrtes de Lisboa. . .

Dizendo isto, entre abatido e colerico, o príncipe ficou estudando a impressão produzida nos que o rodeavam.

Na indignação que em todos os rostos transpareceu, leu elle os decretos do destino a seguir, ao passo que o seu animo varonil, feito para mandar e não para obedecer, para a lucta e não para o desanimo, para a liberdade e não para a servidão, reagia contra a dôr e a submissão filiaes.

N'um movimento arrebatado e convulso, tirou o chapéo, e arrancando o laço portuguez arrojou-o ao chão, bradando:

— Independencia! ou morte!



O Caramurú, instinctivamente, ia levantar o laço, mas um brado geral de entusiastica approvação repetiu o grito do principe!

Só elle ficou silencioso, e com voz tremula, accedendo-se de D. Pedro, e beijando-lhe a mão, disse:

— Permitta vossa alteza que me retire a Villa Velha, onde me chama o socego da familia. O Brazil declarase independente! A minha missão terminou.

D. Pedro abraçou-o sem dizer palavra. Em todos que o cercavam não houve um protesto, mas antes signaes de approvação, quando José Bonifácio, tomando-lhe o passo, lhe disse abrindo-lhe os braços:

— Liberaes como ambos somos, abracemos-nos quaes irmãos, n'este momento solemne em que a Providencia decreta a independencia da minha patria, como irmãos devem ser para sempre Portugal e Brazil!

Pouco tempo depois d'este dia memoravel, o Caramurú seguia a cavallo com Margarida o caminho das suas propriedades de Villa Velha, em que ia residir.

— Ao approximar-me da nossa casa da Bahia, lembra-me, Margarida! o triste estado em que a invasão franceza deixou o meu pobre solar de Deuchriste... Mal as dissensões entre brasileiros e portuguezes se acalmem, irei ao Minho fazel-o reedificar...

— E terás para isso um magnifico architecto; que te recommendo...

— Quem? esse artista italiano que em Lisboa se me apresentou com uma recommendação tua para lá o deixar ir passar algum tempo?

— Exactamente...

— Mas que mania era aquella do homem? Deuchriste estava longe de ser um modelo, um typo, de arte architectonica.

— Mas não deixava de ser: um solar característico do Minho...

— Lá isso era! e dos mais bellos, como a paizagem que o rodeava... Que saudades tenho d'esses sitios distantes da patria...

— D'alguma fórma as attenuaremos, — respondeu Margarida, sorrindo mysteriosamente.

A estrada seguia entre maravilhosa vegetação, da esquerda, e da direita, sobre altas penedias sobranceiras ao littoral...

— Olha, lá estão os negros recifes da costa, em que naufragou o primeiro Caramurú, que se estabeleceu em Villa Velha!... Estamos proximos... D'aquella volta da estrada, a que vamos chegar, e que me lembra o ponto sobranceiro ao Lima de que se avista Santa Martha e depois Deuchriste, já veremos a nossa casa...

— E se a não encontrasses? ou se a encontrasses arruinada, como a do Minho? que dirias?...

— Ah! seria demasiado rigor da sorte!... Nem brincando quero pensar em tal...

— Pois não brinquemos, e prepara te para isso muito a sério. Não quiz dar-te mais cedo essa desagradavel noticia.

O Caramurú, entre inquieto e intrigado, fitava Margarida. N'aquelle momento, porém, chegavam á volta da estrada, e Diogo Alvares recebia tal commoção, que fazia estacar subitamente o cavallo.

— Mas endoideci?! ou estou sonhando?! — exclamou elle, voltando alternadamente os olhos da paizagem para a esposa.

— Nem endoideceste, nem sonhas! Eu é que commetti uma loucura pretendendo transplantar para aqui o teu adorador Minho...

— E conseguiste-o, Margarida! Parece que tiveste ao teu dispôr a vara magica de um verdadeiro genio.

Na dedicação do seu amor pelo Caramurú, a esposa, lendo nas suas cartas a dôr que lhe causára a ruína do

solar de Deuchriste, encarregára um architecto italiano de o vêr e reconstituir, e depois fizera edificar esse castello minhoto em Villa Velha.

— Só o que não consegui, foi obter em pouco mais d'um anno, carvalheiras e castanheiros como os do Minho... Mas lá estão plantados... Elles crescerão.

— Sim! — respondeu-lhe commovido o Caramurú, apertando-lhe a mão — como n'este canto d um Minho brasileiro, hão de crescer os nossos filhos!



INDICE DAS GRAVURAS

	Pag.
Pedro Alvares Cabral.....	7
— Vamos, Gaspar de Lemos, comece a vossa narrativa...	17
— Sois o mancebo que me fez entregar uma carta de D. João de Telles? ...	33
— Deixae-me vêr o que diz João da Nova.....	57
— Eis as bodas que me esperavam!.....	65
— Voltae por esse caminho á côrte.....	73
E como o mancebo o olhasse espantado, tomou-o nos braços!	81
— Caramurú !! Caramurú !!.....	97
.. ah! tendes Paraguaçú!.....	105
Viva ou morta, acompanhar-te-hei!.....	121
Então, estendido junto a uma arvore, com a cruz da espada entre as mãos.....	129
O ferro envenenado produziu morte quasi repentina.....	145
Assim o manda esta creança, hoje chefe de goyanazes e tapuyas!.....	161
— Ah! eis a nossa formosa patricia!.....	185
A veleira barca franceza <i>Jeanne d'Arc</i>	201
--Coragem! Deus espera-vos no céo!.....	209
—Salvo! exclamou a pobre menina com alegria.....	225
Poucas horas depois, o embarcadouro em Belem apresenta va um quadro para sempre memoravel.....	241
— Oh! Meu caro tio! Mal sabe a felicidade que me dá! exclamou Margarida abraçando D. Manoel..	249
O rei apparecia de carruagem acompanhado pelo principe.	257
O antigo solar dos Caramurús achava-se convertlido em um montão de ruinas.....	274

liv. Wald. Torres Cabral
emp. - 129/59
#137.

AOS V DIAS DO MEZ DE ABRIL DE MCM
SE ACABOU DE IMPRIMIR ESTE LIVRO COMMEMORATIVO
DO CENTENARIO
DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL
NA
IMPRESA DE JOÃO ROMANO TORRES
LISBOA



